BIBLIOTECA VERDADE E VIDA
1

OBRAS COMPLETAS
de
D. FR. BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, o. p.,
1514-1590

Volume primeiro

CATECISMO OU
DOUTRINA CRISTÃ E PRÁTICAS ESPIRITUAIS

15.ª edição

1962
ED. DO MOVIMENTO BARTOLOMEANO

Catecismo

OBRAS DE
D. FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES

1. Catecismo ou Doutrina Cristã (15 edições e 3 traduções)
2. Stymulus Pastorum (22 edições e 1 tradução)
3. Compendium Spiritualis Doctrinae (11 edições e 4 traduções)
4. Summa Conciliorum Omnium (in *Opera omnia,* Roma, 1731-1735)
5. Annotationes in Davidicos Psalmos (ibid.)
6. Collecta ex gestis in Concilio Tridentino (ibid.)
7. Petitiones quas in Concilio Tridentino facere intendebat (ibid.)
8. Itinerario de Braga a Trento (ibid.)

Inéditas :

9. Annotationes in I^am^ Divi Thomae
10. Annotationes in I-II^am^ Divi Thomae
11. Annotationes in II-II^am^ Divi Thomae
12. Annotationes in III^am^ Divi Thomae
13. Scripta super IV Sententiarum
14. Variae Considerationes ad Praedicandum
15. Tractatus De Potestate Papae
16. Tractatus De Trinitate
17. Tractatus De Superstitionibus
18. Puncta Tangentia Iura et Casus Conscientiae
19. Annotationes in Hieremiam et alios Prophetas
20. Variae Sententiae ad Sacram Scripturam pertinentes
21. Doctrinae et Regulae Mensae Religiosae
22. Introductio ad Veram Sapientiam
23. Collationes Spirituales Centum et Quinquaginta
24. Considerações Espirituais para resistir às Tentações
25. Tratado de Práticas Devotas para os Prelados quando dão Ordens
26. Epithome Chronicorum Mundi
27. Compendium Historiarum Ecclesiasticarum
28. Epítome das vidas dos Sumos Pontífices
29. Compêndio Geral das Histórias de Espanha
30. Compêndio dos Reis de Aragão
31. Breve Relação dos Reis de Portugal
32. Epistolário (mais de cinquenta cartas)

BIBLIOTECA VERDADE E VIDA
1

OBRAS COMPLETAS
de
D. FR. BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, o. p.,
1514-1590

Volume primeiro

CATECISMO OU
DOUTRINA CRISTÃ E PRÁTICAS ESPIRITUAIS

15.ª edição cuidada pelo
Cónego ARLINDO RIBEIRO DA CUNHA

1962
ED. DO MOVIMENTO BARTOLOMEANO
DEPOSITÁRIA:
Verdade e Vida, Fátima

Apresentação

No IV centenário do Concílio de Trento, o melhor dom que o Movimento Bartolomeano podia oferecer a Braga, a Portugal e à Igreja, era a prenda que agora temos nas mãos: — O *Catecismo ou Doutrina Cristã* do Venerável D. Fr. Bartolomeu dos Mártires.

O autor não só foi protótipo de pastores de almas na Arquidiocese de Braga e em todo o Portugal, mas, graças à sua magnífica acção tridentina, conta-se entre os grandes Prelados de toda a história da Igreja pelo seu saber, pela sua virtude e pelo ardentíssimo zelo apostólico que lhe abrazava a alma.

Foram estes excelentes predicados que o levaram a escrever a presente obra para instrução doutrinal e formação espiritual da grei bracarense. Ele, que visitava assìduamente todas as paróquias desta então vastíssima Arquidiocese, por mais afastadas que estivessem ou difíceis que fossem no acesso, queria continuar sempre presente em toda a parte com a sua doutrina e a sua exortação de pastor. Para isto, que considerava grave obrigação pastoral, é que ele, como nos diz, escreveu este **Catecismo.**

Mas a obra foi mais longe na sua projecção do que era a intenção do Venerável Arcebispo. Pelo seu valor doutrinal, e seguro critério pastoral que presidiu à sua realização, o Catecismo de D. Fr. Bartolomeu em breve se tornou o grande Catecismo de Portugal onde todos iam beber a sã doutrina. A forma exortatória em que está escrito, faz com que os fiéis achem na sua leitura, simultâneamente com a boa doutrina, o estímulo para o bem e consolação para suas almas.

Bem apresentada e reconstituindo o texto da primeira edição impressa em Braga sob o zeloso olhar do Venerável autor, esta 15.ª edição é de flagrante oportunidade neste IV centenário do Concílio de Trento e utilíssima para a formação dos fiéis na presente conjuntura de restauração doutrinal e espiritual em que se encontra a nossa sociedade cristã.

Bem hajam quantos devotaram os seus cuidados para que esta obra voltasse a aparecer e agora revestida de todos os requisitos que o seu grande valor reclama.

Sucessor nesta Igreja Primacial de tão ínclito Arcebispo é com verdadeira alegria que apresentamos, como se Nossa fora,

aos Nossos fiéis e à Igreja esta obra pensada e realizada com a finalidade única de evangelizar as almas.

Aos Rev.dos Párocos, para quem foi directamente escrita, e a todos os fiéis, a quem vai dirigida esta preciosa e clara exposição doutrinal, recomendamos vivamente a sua leitura e, mais do que leitura, a sua meditação.

As grandes verdades da Fé, da Moral e da Vida Cristã são eternas e sempre actuais e, nesta obra, escrita há quase quatro séculos, ainda se apresentam impregnadas daquela unção e zelo ardente com que o cognominado «Arcebispo Santo» soube apresentá-las aos fiéis. Essas verdades ditadas por um coração ardente e escritas pela mão de um sábio, que era «santo», aceitam-se melhor e penetram mais profundamente na vida. E o Cristianismo é vida.

Braga, 6 de Julho de 1962.

† ANTÓNIO, ***Arcebispo Primaz***

Introdução

Não é fácil apresentar uma obra como o Catecismo ou Doutrina Cristã de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires.

O autor, a obra em si mesma e as circunstâncias e fim para que se escreveu seriam assunto de grande interesse para uma longa e erudita dissertação. Esta apresentação não tem tais aspirações e nem o espaço que nos consentem o permite.

Do autor não diremos nada, nem sequer do seu crédito doutrinal, que aqui viria muito a propósito estudar, visto tratar-se de uma obra doutrinal — Catecismo ou Doutrina Cristã. Esse estudo não vem aqui porque se há-de fazer quando os escritos teológicos de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires se publicarem e que virão a constituir uns dez ou doze volumes como o presente. Aí é que será indispensável essa apreciação.

Nesta obra propôs-se o autor «ordenar a seguinte doutrina acomodada (...) qual convém à gente popular para os trazer a algum conhecimento e amor de Deus. E por isso — *explica* — não quis multiplicar autoridades nem trazer doutrinas de Teologia escuras e difíceis de entender» (1).

Apesar desta intenção, a obra saiu tão segura, profunda e erudita como quem a ler atentamente achará. Em D. Fr. Bartolomeu a sua simplicidade e espontaneidade são admiráveis. A doutrina e o seu complemento de sabor espiritual são-lhe tão conaturais que ele nem dá por isso. Adivinha-se nesta obra singela na forma, como escrita para ser ouvida e entendida por gente simples, mas sublime na sua simplicidade, como emanada de um espírito zelosíssimo das almas, um profundo conhecimento teológico. As sínteses doutrinais, vazadas em moldes e expressões acessíveis aos mais simples, são modelares na sua candura.

O autor era um pedagogo difícil de igualar. Profundo no pensamento, ordenado nos conceitos, expressivo nos termos, diáfano na linguagem, opor-

(1) CATECISMO, Proémio, pág. 5.

tuno nos assuntos, vigoroso mas simultâneamente afável e melífluo na expressão oferece-nos nesta obra um instrumento aptíssimo e completo para a instrução e formação cristã das almas.

O sábio, zeloso, enérgico e intransigente lutador, que os Diários do Concílio de Trento e a correspondência dos Padres nos revelam, aparece nesta obra plenamente realizado e harmonizado com o seu espírito de piedade e fulgurante santidade que as mesmas fontes do Concílio e a admiração de quantos trataram com ele nos transmitiram (2).

Repetimos que não pretendemos alongar-nos aqui na consideração das qualidades do autor, mas fazer apenas uma breve apresentação da obra quanto ao seu género didáctico e situá-la no tempo assim como nas circunstâncias em que se escreveu e publicou. Finalmente aludiremos à sua projecção pastoral desde o século XVI, em que foi escrita, até nós e, especialmente, à sua oportunidade à luz da realidade cristã hodierna.

OS CATECISMOS — *Quando hoje soa aos ouvidos a palavra* catecismo *acode à mente desprevenida a ideia de um folhetinho vulgar, contendo formas estereotipadas de doutrina que as crianças gravam na memória. Nada mais alheio ao sentido etimológico da palavra e até ao uso e sentido clássico que se lhe dava no século XVI. A esse conjunto de fórmulas chamava-se simplesmente* «doutrina cristã» (3) *e o livrinho designava-se mais comummente por* Cartilha *e até* Cartinha (4).

Para D. Fr. Bartolomeu, como para o século XVI em geral, Cate-cismo *conservava o seu sentido etimológico de «ensino oral».*

---

(2) O saber e a energia de D. Fr. Bartolomeu andaram, nas notícias de Trento, sempre a par com a sua piedade, santidade e zelo. Egídio Foscarari, bispo de Modena, à chegada do Bracarense a Trento fala dele como dum prelado «*rico de due gran splendori : di una rarissima vita esterna (...) e di grande e rara erudizione*». Os Cardeais Legados escrevem ao Papa que o Bracarense foi feito «*arcivescovo per la dottrina e buone qualitá sue*». O Arcebispo de Zara escreve por sua vez que D. Fr. Bartolomeu «*parló lungamente e sempre con gravissima forza e pietá, come quello che é dotto e religiosissimo prelato*» e, aludindo a outras fogosas intervenções do Bracarense, diz que o fez «*con molta pietá e zelo come suole fare sempre*»; *Uomo dotto e di santissima vita...* O Cardeal Paleotto apresenta-o como «vir magnae sanctitatis et religionis...»

(3) Cfr. *Constituições Sinodais* das dioceses do Algarve (1554), Tit, IX, cap. XII e XIII; Funchal (1585), Tit. XII, Const. 6; Goa (1568), Tit. XIV, const. 5; Lamego (1563), Tit. XIII, Const. XV, etc.

(4) Em 1561 apareceu em Braga a «*Da Doctrina Christam / com alguas orações & o Rozayro de Nossa Senhora*». Em oito fólios de vinte e quatro linhas o livrinho disse tudo ! Outra obrinha deste género, de primorosos recursos pedagógicos, se publicou em Braga em 1568 sob o título : «*Cartilha que ensina a ler, em que vem o Símbolo e o modo de ajudar à missa em latim e algumas orações em portugues, em prosa e verso, ccm uma solfa de cantiga para fixar a memória e curiosidade dos mininos, com dois alfabetos, hum figurado, outro de letras*».

D. João de Melo no Algarve, D. Luís de Figueiredo no Funchal, etc. publicaram suas «*cartilhas*». D. João Soares em Coimbra chamou-lhe «*Cartinha...*»

Efectivamente Catecismo *deriva do grego* Katecheô *que, literalmente, significa* ressoar, fazer eco, *e, em sentido derivado, passou a significar o ensino oral. No Novo Testamento aparece com relativa frequência o verbo grego empregado nesta significação* (5) *derivando-se daí a palavra* Catecúmeno *que era o não baptizado a quem se ministrava só o ensino oral. Este ensino, por sua vez, designou-se de* katechesis. *Aos baptizados explanava-se mais a doutrina pela pregação e, ainda com a mesma comunhão de raiz, chamou-se, à doutrina ampliada,* Catecismo.

Esta doutrina cristã tomou a sua primeira forma escrita mais notável na Didachè *e através dos séculos conheceu na sua apresentação as formas literárias mais variadas.*

É preciso esperar pelo século VIII para nos aparecer uma exposição da doutrina cristã por perguntas e respostas.

Na Idade Média adopta-se, por vezes, o diálogo entre vários interlocutores que vão esclarecendo as verdades da Fé e da Moral em tom de conversa amena.

No século XVI aparecem as três modalidades literárias, mas o género de vazar a doutrina cristã numa exposição ordenada e, em parte, em forma homilética, leva uma grande vantagem aos outros dois, embora o processo de perguntas e respostas, em obras mais breves, seja cultivado por teólogos tão eminentes como Domingos de Soto (6), *e a exposição dialogada entre vários interlocutores apareça em obras célebres como a de João de Valdés* (7).

Nos tempos mais próximos do Catecismo que agora apresentamos, o decreto tridentino sobre a pregação (8) *imprimiu ainda mais aos Catecismos a forma preferìvelmente homilética, mesmo nos capítulos de intenção primordialmente doutrinadora. É o que acontece com a obra de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires.*

Os Catecismos do século XVI recolheram uma rica herança de longas experiências pedagógicas do ensino ao povo cristão.

Essa metodologia vinha-se processando principalmente a partir da Alta Idade Média. S. Ouen (683) chama a atenção para a doutrina sacramentária, insistindo na riqueza do baptismo, ao recolher as lições de S. Elói. S. Bruno de Wurzbourg (1054) enriquece a Disputatio Puerorum, *impròpriamente atribuída a Alcuíno, com o comentário ao Credo, ao Pater e ao Símbolo de S. Atanásio. Hugo de S. Vítor, por sua vez, no seu* De Quinque Septenis *realçou a importância do conhecimento das sete virtudes e dos sete vícios capitais, assim como dos sete Dons do Espírito Santo. Os opúsculos IV, V, VIII e XIV da edição de Paris (1884) das obras de S. Tomás de*

---

(5) Cfr. Act. Ap. 18, 25; Luc. 7, 4; I Cor. 14, 19.

(6) *Summa de Doctrina Christiana,* 1554.

(7) *Dialogo de Doctrina Christiana...»* Edc. de Marcel Batallion. Coimbra, 1925.

(8) *Canones et Decreta Concilii Tridentini,* sess. V, cap. 2.

Aquino constituem uma verdadeira súmula dos pontos fundamentais da doutrina cristã.

Os autores do século XVI aproveitaram em sínteses harmoniosas esses elementos e o Catecismo obedece, quase invariàvelmente, a um esquema tripartido: uma primeira parte dogmática, fundada na exposição do Credo; uma segunda parte moral, ocupando-se dos Mandamentos, virtudes e pecados e, finalmente, uma terceira parte em que se consideram os meios para alcançar a salvação eterna, explicando os Sacramentos e a oração no comentário do Pai Nosso.

O ideal da pregação renovada em Trento levou a anexar, por vezes, a essas exposições doutrinais, uma série de homilias sobre as festas litúrgicas principais celebradas na roda do ano e alguns panegíricos de Santos de ancestral devoção popular, «porque — *como escreveu Fr. Luís de Granada — parecia cousa imprópria das festas principais do anno ler esta commum doctrina sem dizer cousa alguma que armasse com o mystério da festa e que deesse conta ao povo do q aquelle dia a Ygreja celebrava*».

Por conseguinte, Catecismo, *muito para além de um repositório de simples fórmulas a decorar, designa uma exposição oral desenvolvida da doutrina cristã aos baptizados.*

SOB O SIGNO DA HERESIA E DA IGNORÂNCIA — *A Igreja no século XVI, entre outras dificuldades não pequenas, teve de dar batalha a duas terríveis pragas: a heresia e a ignorância religiosa.*

Uma ordem de carácter doutrinal, qual a Ordem Dominicana, a que pertencia D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, não podia ficar indiferente perante tais problemas da Igreja. Por isso o trabalho apologético, no Norte da Europa, e o doutrinal, por toda a parte, não foi para os Dominicanos o resultado de um zelo esporádico e individual de alguns frades zelosos da sã doutrina e da glória de Deus, mas sim uma empresa apostólica de que a própria ordem tomou consciência e fez questão nas assembleias mais autorizadas do seu governo quais foram os Capítulos Gerais de Valhadolid (1523), Roma (1525 e 1530) e Lião (1536) os quais expressamente deram orientações e preceitos para resistir e combater as novas doutrinas.

LUTA À HERESIA — *Os professores dominicanos de Colónia, ainda antes daquelas orientações superiores, tinham influído poderosamente para que esta universidade fosse a primeira a condenar Lutero em 1519. O dominicano Hoogstraten, catedrático universitário, abriu nesse*

---

(9) Cfr. LUIS DE ALMEIDA BRAGA, in Introdução, *O Humanismo de D. Jerónimo Osório* de Aubrey Bell — pág. LXXXIV, ss.

mesmo ano, violenta polémica contra Lutero no seu «Cum Divo Augustino colloquia contra enormes atque perversos Martini Lutheri errores».

Tais lutas perderam o carácter de isolamento quando as Ordenações dos Capítulos Gerais transformaram a Ordem Dominicana num verdadeiro acampamento anti-herético. Conrado Kollin, Eustáquio Sichem, João Faber, Mensing, Miguel Vehe, Ambrósio Starch, Pedro Ranch, Cornélio Von Sneck, Agostinho von Getelen, Fennemann, Necrósio, João Heim, Pedro Sílvio, João Fabri Heilbronn, Jorge Neudorfer, João Burchard, Tilmano Smeling, Pedro Hutz,João Fisher e tantos outros dominicanos foram na cátedra, no livro e no púlpito acérrimos defensores da ortodoxia.

Página brilhante, que ilustra a todas, foi a refutação da Confessio Augustana *feita por Burchard, Dietenberger, Kollin, Hug, Vehe, von Getelen e Messing com outros teólogos insignes.*

Mais afastados do foco da heresia, mas mais próximos da pedra de toque da ortodoxia — Roma —, tomaram brilhantemente a defesa da Fé controversistas italianos da envergadura de Caetano, Ambrósio Catarino, Isidoro de Insulanis, Tomás Radino, di Todisco, Francisco Silvestre Ferrariense, Jerónimo de Monópoli, Vicente Giaccari, Giacomo Nachianti, Miguel Ghislieri — fututro S. Pio V — Pedro Bertano, Jerónimo Muzzarelli, etc.

Na França a polémica só mais tarde se impôs com o Calvinismo.

Espanha e Portugal tinham salvaguardada a Fé pela Inquisição, esse «coco de niños y espantajo de bobos», *no dizer de Menendez y Pelayo, que, em todos os séculos da sua existência, conservou a verdadeira Fé com muito menos sacrifícios de vidas do que as consumidas em poucos meses no Norte da Europa com as Guerras de Religião, ou as sacrificadas só na Inglaterra a breve trecho para impor o erro e escravizar-lhe as consciências* (9). *O Dominicano, Fr. Jerónimo de Azambuja, falando no Concílio de Trento, afirmava com galhardo portuguesismo : «A Fé está firmíssima no Reino. Raros são os pontos do orbe em que os embusteiros não vomitem veneno sobre os dogmas; em Portugal porém, graças à Divina Providência e aos cuidados do nosso cristianissimo Rei, não há sequer uma faúlha da heresia luterana que enche o mundo»* (9a).

COMBATE À IGNORÂNCIA — *Na Península Ibérica a grande campanha não foi contra a heresia mas contra a ignorância : ilustrar a Fé e ensinar aos baptizados a doutrina e o caminho da salvação. Universidades, pregadores e* Catecismos, *foi a esplêndida floração da Ordem Dominicana em Espanha e Portugal no século XVI. Autores de Catecismos foram os Dominicanos Pedro de Soto (1549), Filipe de Menezes*

(9a) C. T., I, p. 536 cit. pelo prof. José Sebastião da Silva Dias in *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal,* I, p. 166.

(1554), Domingos de Valtanás (1555), Bartolomeu Carranza de Miranda (1558), Frei Luís de Granada (1559), que o publicou em Portugal numa linguagem portuguesa tão castiça como o seu puro Castelhano, e D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, cuja obra, no seu género, foi incomparàvelmente superior a todas.

O mais grave, no aspecto de ignorância religiosa, é que não se tratava de uma ignorância apenas dos fiéis. O mal minava os próprios pastores. Por isso, a maior parte desta literatura dos Catecismos, *não é destinada directamente aos leigos cristãos, mas aos seus pastores. Como o fará o Concílio de Trento, estas obras podiam dirigir-se directamente «ad parochos» e, de facto, embora com outras expressões, é isso o que quase todas declaram na sua apresentação ao leitor ou justificação de se escrever.*

A ignorância crassa do clero paroquial e até religioso não era infecção exclusiva da Península. O mal era geral.

Em Itália o bispo Dominicano Leonardo de Marinis escreveu a S. Carlos Borromeu os trabalhos que passava a ensinar os rudimentos de doutrina aos próprios clérigos e queixava-se que, para tal empreendimento, não encontrava entre eles nem um só cooperador (10). *Homério de Bonis teve de suspender um sacerdote de celebrar missa porque era tão rude que não foi capaz de aprender a fórmula da consagração* (11).

A gigantesca obra de Erasmo, com toda a reserva que o espírito do autor nos merece, é, no entanto, um veemente clamor denunciando a ignorância religiosa que assolava a Europa. Também ele escreveu o seu Catecismo.

No Norte da Europa, embora a polémica contra os hereges absorvesse as melhores e primeiras atenções, a necessidade de doutrinar os rudes e os clérigos na verdadeira Fé era premente. De Herman de Wied, eleitor de Colónia, grande personagem eclesiástico, diz-se que celebrara a missa apenas três vezes em toda a vida e que não sabia o latim.

É significativa a preocupação do Imperador Fernando I, mandando em 1551, à Universidade de Viena e à Companhia de Jesus fazer um catecismo cujo fruto vingado apareceu em 1555 na celebérrima obra de S. Pedro Canísio (12).

---

(10) *«Sono sforzato ad atendere a insegnare li primi elementi della doctrina christiana alli mei chierici, non havendo in quella città niun prete, ne scolare ne regolare che sia atto ad aiutarmi.* (in TACHI-VENTURI, *Storia della Compagnia de Gesú in Italia, Roma,* 1930, I, p. 29).

(11) *«Li preti non confessano, non havendo studiato; et fu privato uno della Messa l'anno passato che mai ha potuto imparare a dire* Hoc est Corpus, *sempre ha deto* Hic...» (in TACHI-VENTURI, op. cit. I, p. 31).

(12) *Summa Doctrinae Christianae,* 1555.

O CATECISMO ROMANO — *O mal era tão geral e a necessidade tão urgente que está bem justificada a constante preocupação que um concílio universal, da importância do que se realizou em Trento, consagrou à composição de um Catecismo. A obra saiu digna do Concílio que a decretou e dos homens que a estruturaram.*

O Catecismo Romano, *decretado pelo Concílio de Trento* ([13]) *e elaborado por uma comissão de quatro teólogos — Múzio Callini, Arcebispo de Zara e Bispo de Terni e os Dominicanos Egídio Foscarari, Bispo de Módena, Leonardo de Marinis, Arcebispo de Laceana e o português, Fr. Francisco Foreiro, considerado por todos o* spiritus rector *da elaboração da obra — e publicado em 1566 pelo papa dominicano S. Pio V, é um dos frutos mais saborosos do Concílio. Este Catecismo mereceu através dos tempos os mais elevados encómios nomeadamente dos papas Clemente XIII, Leão XIII, S. Pio X e Pio XI. É ele um marco miliário na literatura catequística da Cristandade e o termo não só de uma estupenda exactidão e segurança doutrinal atingida no Concílio de Trento, mas também o apogeu de uma longa e riquíssima produção doutrinal de Catecismos em toda a Igreja.*

COSTUMES — *Quando a inteligência quebra, os costumes afundam-se com ela. Não devemos espantar-nos dos escândalos que por cá nos relata a história quando na Lombardia a condenação dos clérigos era proverbial* ([14]).

É tendo em conta essa situação, conhecida da história, que temos de situar o caso português e, concretamente, o da Arquidiocese de Braga para a qual D. Fr. Bartolomeu compôs expressamente o Catecismo.

INSTRUÇÃO RELIGIOSA — *O plano de instrução religiosa ministrada aos fiéis em Portugal no século XVI é uma herança rudimentar que lhe legara o século XV mas que se conservou e resistiu quase intacta durante muitas décadas.*

O Arcebispo de Braga, D. Luís Pires, nas suas Constituições Sinodais *de 1477, lamentando a negligência dos pastores e a ignorância dos fiéis, recomenda um programa de instrução doutrinal que perdurará todo o século XVI e boa parte do século XVII* ([15]).

Seria fastidioso enumerar pormenorizadamente como aquele programa doutrinal, que o pároco devia ensinar «à estação da missa» a todo o povo,

---

([13]) *Catechismus ex Decreto Concilii Tridentini ad Parochos Pii V. Pot. Max. iussu editus,* (escudo) *Romae in aedibus Populi Romani apud Paulum Manutium MDLXVI cum privilegiis Pii V Pont. Max et Philippi Hispaniarum Regis per universam Regni Neapolitani ditionem.*

([14]) Era o provérbio: *«Si vuoi andare all'inferno fatti prete»* (TACHI-VENTURI, op. cit. p. 34).

([15]) *«q os beneficiados nos Domigos ensinem o poboo aa missa o pater noster E ave M.ª E o Credo in deum E os artijgos Da fe E os preceptos Da ley E as sete*

«tão devagar que tenham lugar para ir dizendo com elle», aparece quase invariável nas Constituições Sinodais de todo o Reino ao longo do século XVI (16).

Mesmo para esta instrução rudimentar, de repetir com os fiéis simples fórmulas de «Cartilha», a maior parte dos clérigos não tinha preparação suficiente para o fazer, vendo-se os Sínodos obrigados a incluir expressamente e por extenso nas suas constituições quanto os párocos deviam dizer ao povo, ordenando-lhes que lessem tudo, sem se desviarem um ápice do texto (17).

O Cardeal D. Henrique em Braga, Évora e Lisboa, D. João de Melo no Algarve e D. António Pinheiro em Miranda merecem uma atenção especial pelo esforço e denodo com que procuraram dar às suas Constituições Sinodais moldes pedagógicos e disposições legais eficazes para a instrução cristã dos fiéis. A rémora da inércia no povo, porém, e o minguado espírito apostólico dos pastores fizeram fracassar muito desse zelo e disposições.

D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, teólogo profundo, dado desde a sua juventude aos altos estudos doutrinais, aceitando por imposição a mitra primacial de Braga, sentiu mais angustiosamente a queda no abismo de ignorância do seu povo cujo mal diagnosticou logo que entrou na Arquidiocese (18).

---

obras Da misericordia e quaes som os sete pecados mortaes...» (B. P. e Arq. Dist. de Braga, mss. 871, const. XXXV).

Em Braga este programa aparece com poucas variantes nas Constituições Sinodais de 1639 (Tit. XV, const. XII) e só impressas em 1697, mais de duzentos anos depois das de D. Luís Pires!

(16) Encontrámos programas quase idênticos nas Constituições do Algarve (1554), Angra (1560), Coimbra (1521-1548-1591), Elvas (1635), Évora (1534, 1565), Funchal (1585), Goa (1568), Guarda (1500, 1621), Lamego (1563, 1683), Leiria (1601), Lisboa (1537, 1565, 1569), Miranda (1565), Porto (1505, 1541) e Viseu (1556), etc.

(17) *«Porque somos enformados que algus reitores, curas e capellães das igrejas parroqueaes e capellas deste nosso Arcebispado fazem ha estacam a seus freigueses per diversos modos: e nella usam de algus erros: que sem escandalo e perigo das almas dos fieis christãos se nam podem tolerar. Mãdamos aos ditos rectores, curas e capellães que façam a dita estaçam na forma e modo seguinte...* «Const. de Braga (1538). E as de 1639 acrescentam que leiam o Catecismo *«sem dizerem nada de sua cabeça»* .

Estas lamentações e precauções andavam, como um estribilho, em todas as Constituições Diocesanas do século XVI.

(18) *«esta tierra y diocesis de Braga* — escreve o Bto. Inácio de Azevedo — *es muy carecida de doctrina y de exemplo de personas religiosas y ay muy pocos monasterios o quasi ningunos (a respecto de la grandeza de la tierra) que sean reformados...»* (ARSJ-Lus. v. 61, f. 22).

É realista mas objectivo o quadro pintado por Fr. Luís de Sousa para as terras do Barroso de que *«podemos dizer que não havia cristandade mais que no nome (...) e dos males que havia, os mais procediam de falta de mestres»* e alguns que se conservavam no meio do povo *«eram tão rudes como seus fregueses». (Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires,* liv. III, cap. V e VI.

D. Frei Bartolomeu trazia a Braga, com um ardente zelo da salvação das almas, um espírito habituado, por temperamento e pelas lides intelectuais, a provas rigorosas. Ele próprio, ainda antes de ir para Braga, escreveu ao Cónego Ferraz : «não creo quanto me dizem nem sentenceo nada no coração antes que lá vá e examine». Não era homem de histórias. No governo da sua Igreja vai confirmar precisamente esse espírito e permanecer fiel a tal critério.

Tinha notícia de que as coisas em Braga, como nas outras partes, andavam mal. Quis tirar a prova, quis ver com os próprios olhos e, tendo chegado a Braga no Outono, saiu para a visita pastoral logo no coração do Inverno seguinte (19). *Em Agosto já o Arcebispo podia afirmar que tinha visitado pessoalmente muita parte do Arcebispado e confirmado que havia nele «notória falta de quem pregasse a palavra de deos e de doutrina asi na gente eclesiastica como secular especialmente entralos montes, chaves e barroso»* (20). *A documentação sobre estes aspectos é abundante e confirmativa de uma cruciante penúria doutrinal e moral.*

Foi com a alma transida por tão crítica situação que D. Fr. Bartolomeu tomou conhecimento em Braga da nova convocação papal do Concílio de Trento para continuar e concluir a obra de levantamento e reforma da Igreja.

Sabe-se a alma que acompanhou D. Fr. Bartolomeu a Trento e como ela se manifestou resoluta e inquebrantável especialmente no respeitante à reforma eclesiástica. Mas não foi preciso o Concílio para o Arcebispo ver até ao âmago o problema da Igreja e começar logo a aplicar antecipadamente em Braga o que o Concílio viria a decretar. Ele foi um pioneiro.

Instrução e reforma do clero eram os gonzos onde iria girar todo o levantamento do edifício eclesiástico. Em Braga o colégio de S. Paulo, as lições de casos no Paço Arquipiscopal, a ideia do convento de Viana do Castelo com obrigação de lição de casos ao clero e o próprio núcleo germinal do futuro seminário de S. Pedro, foram tudo obras deixadas consumadas umas, em princípio de estruturação outras e bem pensadas pelo Arcebispo todas, antes da sua partida para Trento.

---

(19) O P. Torres escreve ao seu Geral Laynez em 4 de Fevereiro de 1560 que o Arcebispo «*anda muy ocupado en las cosas del Arçobispado*» (MHSJ-Lainii, vol. IV, p. 656). Em Julho informam de novo que «*el Arçobispo anda visitando*» (ARSJ-Lus. 60, f. 209). D. Fr. Bartolomeu escreveu a Gregório XIII que passava a maior parte do ano visitando as suas quase mil e trezentas paróquias, percorrendo-as de quatro em quatro anos. (Arq. Sec. Vat. — Vescovi, v. 10, f. 150).

(20) ARSJ. Lus. 79, f. 337.

CATECHISMO OU DOUTRINA CHRISTÃA — *Foi perante este quadro geral da Cristandade europeia e, mais restritamente, portuguesa e bracarense que D. Fr. Bartolomeu dos Mártires escreveu o Catecismo.*

Este ambiente geral e necessidades comuns da Cristandade, que motivaram uma verdadeira floração de outros catecismos, tiveram as suas circunstâncias concretas e motivações próximas para a obra de D. Fr. Bartolomeu.

O Arcebispo de Braga foi o primeiro prelado daquém Alpes que chegou a Trento, embora partisse do mais extremo da Europa.

Trento para o Arcebispo de Braga foi uma luz que se acendeu e confirmou plenamente o seu ideal apostólico. As suas cartas narrando o fim do Concílio revelam um entusiasmo empolgante (21). *As normas e orientações conciliares vieram ao encontro das grandes preocupações do espírito apostólico do Bracarense.*

Uma das necessidades da Igreja que apareceu com intermitências durante todo o Concílio de Trento foi a de uma exposição geral da doutrina cristã, em vista à instrução elementar e esencial dos fiéis. Esta necessidade cifrou-se no problema do Catecismo. *Depois dos multiplicados critérios, planos e discussões sobre o* Catecismo, *com o encerramento precipitado do Concílio (em grande parte mercê da intervenção e vontade do Arcebispo de Braga)* (22), *remeteu-se o problema ao Sumo Pontífice* ut eius iudicio atque auctoritate terminetur et evulgetur (23).

Mesmo sem o Catecismo do Concílio D. Fr. Bartolomeu regressou a Braga com uma ideia clara e bem concreta sobre tal assunto. No estado em que a Cristandade se achava e pelo conhecimento concreto que tinha da sua diocese, o método de instruir os fiéis por meio de exposições escritas ordenadamente, segundo os pontos fundamentais da Fé, da Moral e da prática da vida cristã era aptíssimo para as circunstâncias.

O Concílio mandara mesmo que não só os Bispos instruíssem os fiéis e os preparassem para a recepção dos Sacramentos, mas que também todos os párocos fizessem o mesmo, em linguagem vernácula, segundo a forma a pres-

---

(21) O Arcebispo escreve a S. Carlos Borromeu três dias depois do encerramento do Concilio: «Talis fuit sacri huius Concilii Tridentini conclusio quod excessit omnem spem nostram...» (Ambrosiana, F. 49 in fol. 20).

(22) De regresso a Trento, na mesma carta em que D. Fr. Bartolomeu agradece ao Papa o bom acolhimento que lhe fizera em Roma, denuncia as manobras dos Hugonotes para suspenderem ou protelarem o Concílio a fim de lhes dar tempo de fazerem o seu conciliábulo em França e sugere ao Papa a conclusão imediata do Concílio. Essa carta de D. Fr. Bartolomeu foi remetida aos Cardeais Legados *«ació possino considerarla»*, recomendando-lhes que se dirijam ao Arcebispo *«per ringraziarlo del buon zelo che mostra ed esortarlo a puerserverare»*. (Arq. Sec. Vat.-Conc. Trid. vol. 29, f. 48; Brac. Sum. 24, p. 339).

(23) C. T. IX, pág. 1.106.

crever pelo Concílio para a catequese dos Sacramentos ([24]). *Esta ordenação vinha coroar uma obra magnífica de pastoral que através do Concílio se foi desenhando cada vez com maior precisão. No capítulo da instrução dos fiéis a preocupação pastoral despontou logo no princípio e ficou bem concreta na quinta sessão realizada em 17 de Junho de 1546, ordenando rigorosamente a todos os curas de almas, de qualquer condição que fossem, a pregação do Evangelho para evitarem o inferno e alcançarem o céu* ([25]).

D. Fr. Bartolomeu, que descrevera o Bispo como «um sol da sua diocese, um homem inflamado e todo dado à conquista das almas para Cristo, pregando-lhe sempre com o exemplo e mesmo de palavra frequentìssimamente» ([26]), *não precisava que lhe lembrassem esta obrigação, mas sempre voltava de Trento apoiado nas determinações de um Concílio Ecuménico.*

É de harmonia com todas estas circunstâncias que D. Fr. Bartolomeu nos apresenta como motivo e justificação da sua obra a obrigação dos pastores, a má preparação doutrinal e negligência dos párocos e a ignorância dos fiéis em consequência da falta de pregação ([27]).

REALIZAÇÃO — *O Catecismo do Venerável D. Bartolomeu dos Mártires está beneficiado das experiências pedagógicas que uma rica e abundante produção de obras congéneres lhe facilitou, e da exactidão doutrinal do Concílio onde o autor tanto se distinguiu, assim como da liberdade de espírito esquematizador do Arcebispo como obra aparecida em 1564, depois do Concílio mas antes do Catecismo Romano.*

Já aludimos ao aplauso doutrinal com que o nosso autor interveio na fase mais brilhante do Concílio de Trento onde os fulgores da ciência divina se elevaram mais alto que em nenhum outro concílio de toda a vida da Igreja. No entanto, as circunstâncias e finalidade da obra obrigaram-no a ser lhano e simples na proposição da doutrina. Já o vimos confessar o seu intento declarando-nos que determinou «ordenar a seguinte doutrina acomodada ao propósito que disse, scilicet, qual convém pera se dizer à gente popular pera os trazer a algum conhecimento e amor de Deus. E por isso — continua — não quis multiplicar autoridades, nem doutrinas de Teologia escuras e difíceis de entender ([28]).

Com que mestria D. Fr. Bartolomeu conseguiu o seu propósito poderá constatá-lo todo aquele que abrir e ler qualquer capítulo desta obra de oiro.

([24]) *Canones et Decreta Conc. Tridentini,* sess. XXIV, cap. 7.

([25]) Id. sess. V, cap. 2 «*Statuit et decrevit... Sancta Synodus... omnes... teneri per seipsos... ad praedicandum Sanctum Iesu Christi Evangelium... diebus saltem dominicis et festis solemnibus... cum brevitate et facilitate sermonis... ut poenam aeternam evadere et coelestem gloriam consequi valeant*».

([26]) D. Fr. BARTHOLOMAEUS A MARTYRIBUS — *Stymulus Pastorum,* cap. 7.

([27]) CATECISMO, Cfr. Proémio.

([28]) Ibid.

Nem lhe faltou a preocupação de ser breve na exposição dos temas. Era uma orientação do Concílio que a doutrinação fosse feita por práticas breves e fáceis (29).

O poder de síntese do Santo Arcebispo verifica-se fàcilmente se compararmos a sua obra às congéneres dos seus confrades Carranza e Granada. Os Comentários sobre el Catecismo Christiano *do grande Arcebispo de Toledo, Fr. Bartolomeu Carranza de Miranda, são onze vezes mais extensos que a obra do Bracarense e o* Catecismo *de Fr. Luís de Granada, escrito com os mesmos objectivos que o do Arcebispo de Braga, é, assim mesmo, oito vezes mais longo. Não obstante, D. Fr. Bartolomeu estendeu a sua consideração a um campo doutrinal mais vasto do que o abrangido por eles.*

Esta obra do Bracarense foi elaborada com um critério e finalidade eminentemente práticos e concretos para a doutrinação do seu povo. Ele não podia consentir no seu espírito que aquele Catecismo, escrito para valorizar o conhecimento da doutrina da salvação, sacrificasse à profundidade da exposição a extensão das suas verdades. Por isso todos aqueles pontos doutrinais que se ensinavam em forma de cartilha *e não puderam ser considerados nos comentários tradicionais ao Credo, Pater, Mandamentos e Sacramentos, não foram assim mesmo descurados. D. Fr. Bartolomeu ou procurou tratá-los oportunamente, por aproximação, com estes centros doutrinais, como acontece à exposição dos Pecados Capitais e dos Preceitos da Igreja a propósito dos Mandamentos, ou veio a incluir tal explicação em alguma das Práticas Espirituais da segunda parte da obra, como fez com a magnífica exposição da vida activa e contemplativa e das Obras de Misericórdia na prática sobre a Assunção de Nossa Senhora.*

Com o Catecismo de D. Fr. Bartolomeu a instrução dos fiéis passou da repetição fria de fórmulas estereotipadas de «Cartilha» para a consideração espiritual e explanação doutrinal de todas essas verdades que, de simplesmente aprendidas, começaram a ser gostadas e vividas. O ensino cristão, sem perder nada em amplitude, passou da teoria à prática, da inteligência ao coração transformando-se em fonte de consolação e vida. Tudo isto se realizou numa síntese harmoniosa.

O admirável poder de síntese de D. Fr. Bartolomeu emprestou à sua obra não só maior universalidade de temas que a das obras congéneres dos seus confrades, mas até lhe permitiu tratá-los com notável vantagem de clareza. Enquanto Carranza, com o ar polémico, e Granada, explorando o seu inato acento oratório, divagaram e se tornaram prolixos, o Bracarense conseguiu, com o seu estilo incisivo e directo, dar ao leitor ou ouvinte do seu Catecismo, com precisão e clareza meridianas, o essencial da doutrina, sem nada faltar à instrução, nem nada se perder em justificações escusadas

(29) *Canones et Decreta Conc. Tridentini*, sess. V. cap. 2.

ou rebuscados efeitos oratórios. A eloquência de D. Fr. Bartolomeu emana espontânea do acento de convicção que ele soube imprimir à sua frase límpida e iniciativa, cheia de energia nos termos e elevação na espiritualidade do pensamento sempre fluido e convincente.

UM CATECISMO PASTORAL — *Uma das obras mais célebres de D. Fr. Bartolomeu é o seu* Stymulus Pastorum, *que, pela extraordinária mestria e elevação de espírito com que versa o tema dos deveres episcopais e pela difusão que lhe deram as suas vinte e duas edições, fez da obra uma das mais célebres de toda a literatura cristã sobre esse delicado assunto.*

Nessa obra propõe o Arcebispo o ideal do pastor perfeito e esse ideal não podia deixar de se vincar profundamente numa obra destinada a servir aos pastores das almas.

O pastor das almas, lembra D. Fr. Bartolomeu após S. Bernardo, tem para com os fiéis três obrigações principais : rogar por eles e dar-lhes bom exemplo e doutrina.

No capítulo da doutrina compreende o nosso autor realidades muito mais profundas que um ensinamento abstracto e teórico das verdades cristãs. A doutrina cristã a ministrar pelo pastor aos fiéis é muito mais que uma pura lição. Cristianismo não é só um sistema de verdades é sobretudo, um programa de vida. Por isso D. Fr. Bartolomeu exige que a doutrina seja dada de modo que influa na vida, converta e eleve. A doutrina há-de persuadir «o amor e temor de Deus, ódio de pecados, desprezo das cousas do mundo e desejos do céu» (30).

Para D. Fr. Bartolomeu a deficiência principal do pastor de almas não vem da inteligência mas do coração. Não é a ausência do saber mas a pouca virtude que gera a ineficácia apostólica. «A culpa de não ensinarem seus fregueses — escreve o Arcebispo — não procede de ignorância ou falta de letras, mas de negligência e preguiça de estudar e de falta de virtude, e zelo da salvação das almas (...) o desejo e zelo de aproveitar às almas, lhe ministraria palavras ardentes com que consolassem e edificassem seu povo (...); sabe bem falar todo sacerdote que bem sabe viver» (31).

Foi com este ideal de pastor que D. Fr. Bartolomeu se lançou à presente obra, sempre lamentando que os pastores não correspondam à missão (32)*, mas não desistindo de os tornar menos indignos dela, nem de lhes facilitar por todos os meios o seu cumprimento com este Catecismo.*

---

(30) CATECISMO, Cfr. Proémio.

(31) Ibid.

(32) O autor remata as breves e ardentes reflexões ao Sacramento da Ordem por estas palavras : *«Mas porque este livro não foi feito para remédio dos Sacerdotes, senão do povo simples, calemo-nos e choremos diante de Deus, pedindo-Lhe que mande*

O Arcebispo quer eliminar todos os motivos de escusa dos pastores no cumprimento do seu dever. «Não se escusem — escreve — dizendo que não sabem declarar ao povo a doutrina que a Igreja traz na Missa, porque, lendo eles ao povo, em cada Domingo e festa, o sermãozinho e santa prática que, pera tal dia, aqui vai escrita, cumprirão sua obrigação e o povo ficará consolado e edificado (33). *Nem se fica o Arcebispo em recomendações suasórias, senão que, para os mais negligentes, recorre à pena pecuniária de «cinquenta réis por cada vez que o deixarem de fazer nos ditos dias»* (34).

A própria distribuição das matérias e divisão da obra obedeceram à função pastoral que o autor lhe destinava.

A obrigação principal do Bispo, e proporcionalmente de qualquer pastor de almas, é, para D. Fr. Bartolomeu, a pregação (35), *e por isso o seu Catecismo está concebido e realizado na perspectiva de satisfazer aos imperativos da pregação.*

Os Catecismos coevos eram, em geral, apenas exposições doutrinais. O próprio Catecismo de Fr. Luís de Granada ainda se conservou uma exposição doutrinal acrescentada de treze sermões que vêm a modo de apêndice.

Na obra de D. Fr. Bartolomeu podemos dizer que há uma orientação inversa. O principal é a pregação. A exposição doutrinal é imposta pela necessidade dos fiéis e aparece quase como uma primeira parte introdutória à melhor compreensão do «sermãozinho ou santa prática», como ele próprio qualificou essas trinta e uma peças maravilhosas de unção e doutrina que constituem a segunda parte da obra.

Sem ser um sermonário, o Catecismo, na intenção pastoral do autor, está talvez mais perto da obra de Fr. João da Cruz (36) *que de muitos Catecismos do tempo. O intento primordial do Arcebispo era a pregação e se não compôs mais sermões foi só pela necessidade que sentia da instrução metódica dos fiéis. Ele o dá a entender quando escreve: «...não puz práticas em todos os Domingos do ano, porque ficasse lugar para se ler a Doutrina*

---

sacerdotes ao mundo que cumpram com o seu nome e ofício». CATECISMO, Tratado dos Sacramentos, cap. VII. pág. 163).

(33) CATECISMO, Cfr. Proémio.

(34) O recurso à pena pecuniária foi processo comum a que os bispos tiveram de recorrer para fazerem instruir os fiéis. Nesta multa outros prelados foram muito mais severos. Em Goa a multa era de dois pardaus e no Funchal subia a quinhentos réis! Para avaliar o peso de multa, tenha-se em conta que este Catecismo custava cento e cinquenta réis.

(35) D. FR. BARTHOLOMAEUS DE MARTYRIBUS, *Stymulus Pastorum,* cap. 7 — *Quod praedicatio sit praecipuum episcoporum munus.*

(36) FR. JUAN DE LA CRUZ, *Treynta y dos sermones / en los quales se declaran / los mandamentos de la Ley, dos articu/los de la Fe e Sacramentos con otras cosas provechosas* — Lisboa, MDLVIII.

Cristã, que se contém neste primeiro livro, naqueles Domingos pera os quais não fiz particulares práticas» ([37]).

Realizado com preocupação e firme orientação pastoral o Catecismo termina com a magnífica chave de oiro dos «avisos», pilares indispensáveis de uma verdadeira pastoral, intuições luminosas da pastoral futura que, a quatro séculos de distância, ainda hoje, nesta floração pastoral da Igreja, conservam frescura e validade ([38]).

Numa perspectiva pastoral o Catecismo de D. Fr. Bartolomeu é o melhor testemunho da tradição catequística na nossa Pátria. Perfeitamente actualizado e capaz de corresponder cabalmente às necessidades dos fiéis do século XVI, constitui assim um modelo, um estímulo e um ideal a ambicionar para aqueles que hoje tiverem de dar a Portugal uma obra semelhante capaz de responder às necessidades doutrinais do século XX, perfeitamente adaptada à mentalidade, métodos e instituições da nossa época.

CATECISMO LITÚRGICO — *Uma nota de surpreendente actualidade que se respira nesta obra é só a orientação pastoral, mas o carácter que o Arcebispo imprime constantemente a essa pastoral. Ela é intencionalmente uma* pastoral litúrgica *no mais elevado sentido da expressão.*

D. Fr. Bartolomeu tinha uma altíssima concepção do Corpo Místico realizado na Cabeça e nos Membros, em Cristo e nos fiéis, na Igreja. O fiel, para D. Fr. Bartolomeu, não entra na Igreja como quem se filia numa organização mas sim como quem se integra num organismo vivo de que se se torna membro operante. Cristo é a Cabeça e fonte de vida deste organismo e nessa identificação de vida é que o fiel pode prestar aceitável culto a Deus. Por isso, na linguagem bartolomeana, com frequência, a palavra Igreja *equivale à função cultual do Corpo Místico, é sinónimo de* Liturgia. *A oração da Igreja expressa no texto litúrgico é sempre a fonte de inspiração e o fundamento da glosa doutrinal e até do comentário à Sagrada Escritura evocada sempre com flagrante oportunidade.*

A vivência do mistério cristão presente na Igreja é a característica fundamentalmente litúrgica da pastoral do Arcebispo Santo.

CATECISMO DOUTRINAL — *D. Fr. Bartolomeu ao realizar a sua obra impelido por um zelo ardente das almas e com mestria e critério pastoral admiráveis, não abdicou da sua estrutura mental de teólogo consumado e de mestre seguro da profunda interioridade da alma. Por isso a disposição da doutrina e a importância dada a cada capítulo manifestam sempre o mesmo equilíbrio e harmonia.*

([37]) CATECISMO, Cfr. Proémio.
([38]) CATECISMO, Cfr. págs. 341, ss.

A justificação da ordem com que expõe a doutrina parece, por vezes até, decalcada em S. Tomás (39).

O fulcro da espiritualidade bartolomeana assenta na vida teologal pelo desenvolvimento das três virtudes teologais — Fé, Esperança e Caridade — na alma. O tema desta trilogia aparece no Catecismo como um refrão no decurso de toda a obra, cantando a maior das três — a Caridade — com especiais louvores, advertindo expressamente que «este capítulo se leia e repita muitas vezes ao povo por ser de singular proveito» (40).

Na doutrina dos Sacramentos a mesma profundidade doutrinal, a mesma clareza em mostrar a sequência e conexão deles na vida da graça, a mesma ponderação e insistência em destacar o mais excelente no capítulo sobre a Eucaristia (41), *fazendo prática especial para o Sermão da Ceia* (42) *e colocando no centro das fontes e manifestações da vida cristã a Missa vivida e participada, sem esquecer ainda aqui a recomendação concreta de que «este capítulo se há-de ler e repetir muitas vezes ao povo pera que aprendam como hão-de ouvir Missa»* (43).

A Cristologia bartolomeana supera, em extensão e profundo sentido vital do Mistério de Cristo, todos os demais aspectos doutrinais. O tema de Cristo e do Seu Mistério em nós, nos seis artigos do Credo que Lhe dizem respeito, na Sua actuação presente na virtude de cada Sacramento e na celebração de cada um dos Seus Mistérios, a que D. Fr. Bartolomeu dedicou especial «sermãozinho», é tratado com uma ternura e amor iguais à profundidade teológica.

Zelosíssimo pastor, teólogo profundo e alma experimentada nos caminhos de Deus, o Venerável D. Fr. Bartolomeu dos Mártires tinha todos os predicados aliados à sua mestria para nos deixar no seu Catecismo não só um monumento de pastoral mas também uma síntese de doutrina excelente apresentada com seguríssimo critério, equilíbrio e orientação espiritual.

CATECISMO DE PORTUGAL — *D. Fr. Bartolomeu dos Mártires não sonhou, certamente, com o sucesso e projecção da obra que escrevera exclusivamente para a sua Arquidiocese.*

A sua intenção não foi como a de outros escritores de obras deste tipo

(39) Compare-se como D. Fr. Bartolomeu justifica a ordem do seu Catecismo (pág. 85) com estas palavras de S. Tomás: «Tria sunt homini necessária ad salutem: scilicet scientia *credendorum*, scientia *desiderandorum*, et scientia *operandorum*. Primum docetur in *symbolo*, ubi traditur scientia de articulis fidei; *secundum* in *oratione dominica; tertium* autem in *lege*. (Opu. 3)

(40) CATECISMO, Tratado dos Mandamentos, ca. I, pág. 91.

(41) CATECISMO, Tratado dos Sacramentos, cap. IV, pág. 149.

(42) CATECISMO, Sermão no sacratíssimo dia da Ceia do Senhor, pág. 262.

(43) CATECISMO, Tratado dos Mandamentos, cap. IV, pág. 111.

que apresentaram exposições doutrinais destinadas à utilização de todos. Não; o Arcebispo circunscreveu a obra às necessidades da Igreja Bracarense. É o autor quem confessa expressamente esta limitação do seu intento. Depois de lamentar o abandono dos fiéis da sua Igreja, determina-se a escrever o Catecismo para lhes valer como é sua obrigação: «querendo eu (...) acudir a este mal — escreve — (como me obriga meu ofício pastoral), pola multidão das freguesias que há neste Arcebispado de Braga (...) determinei ordenar a seguinte doutrina (...)» (44).

Mas o valor intrínseco da obra, o seu carácter pastoral, a pedagogia e clareza da exposição, a ordem e brevidade dos assuntos ultrapassou absolutamente a intenção do autor.

A difusão que nem o Catecismo do justamente venerado e admirado Fr. Luís de Granada, apesar de ter sido sugerido e patrocinado pela rainha D. Catarina, conseguiu, alcançou-a em breve o Catecismo de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires.

A primeira edição acabou-se de imprimir em Braga a 4 de Novembro de 1564 e a obra impôs-se logo tão absolutamente que ainda não eram passados dois anos e já ela se difundira, pràticamente, a todo o território nacional e até a boa parte das terras ultramarinas. Em Lisboa fazia-se uma edição em Agosto de 1566 «por mandado del Rey nosso Senhor, pera uso dos sacerdotes que tem carrego dalmas nas igrejas que são de sua obrigação & dos Mestrados de Nosso Senhor Jeu Christo, Sãtiago & Avis».

Quem puder avaliar a multidão de igrejas que pertenciam ao padroado real e às três Ordens Militares de Norte a Sul do país e as terras ultramarinas que pertenciam ao padroado da Ordem de Cristo, calculará as proporções da imediata expansão que o Catecismo de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires teve em todo o Reino o seus domínios.

É bem o Catecismo de Portugal *não só por ser a única obra deste género de um autor português, mas sobretudo porque foi o manancial de sã e límpida doutrina donde muitas gerações de fiéis se alimentaram no país inteiro.*

Braga só viu aparecer dentro dos seus muros a primeira edição, mas os prelos continuaram a imprimir regularmente, durante mais de dois séculos, novas edições que sempre se esgotaram.

Os primeiros trinta anos consumiram cinco edições: Braga, por António de Maris (1564), Lisboa, por Marco Borges (1566), Coimbra, por António de Maris (1574), Lisboa, por Manuel de Lyra (1585), Lisboa, por António Alvarez (1594), sucedendo-se cadenciadamente novas edições em Évora, por Manuel de Lyra (1603), Lisboa, por Jorge Rodrigues (1617), Lisboa, por Jorge Rodrigues (1628), Lisboa, por Henrique Valente de Oliveira (1656),

---

(44) CATECISMO, Cfr. Proémio.

Lisboa, por António Rodrigues de Abreu (1674), Lisboa, por João Galrão (1684), Lisboa, por Miguel Rodrigues (1764), Lisboa, por Miguel Rodrigues (1765), Lisboa, por Simão Tadeu Ferreira (1785).

Além desta aceitação em Portugal o Catecismo do Bracarense mereceu as honras de várias traduções. Em Espanha, onde tantos Catecismos de autores sábios e santos se compuseram naquele século, fizeram-se duas traduções a do franciscano Fr. Manuel Rodrigues, publicada em Salamanca por Diego Cússio em 1602 e a do cavaleiro de Santiago, João Aristizabal, publicada em Madrid em 1654.

D. Malachias d'Inguimbert incluiu-o na sua recolha de obras de D. Fr. Bartolomeu, impròpriamente designada «Opera Omnia», numa versão latina atribuída a Quetif. O Catecismo vem no segundo volume in fólio, oferecido a D. João V e impresso em Roma em 1735.

SINTOMA DE CRISE — *Agora há perto de dois séculos que o Catecismo não voltou a ter a glória de nova edição.*

Como explicar que uma obra publicada catorze vezes sucessivas, desaparecesse quase de repente durante dois séculos da circulação bibliográfica do país? A razão é simples. Uma obra pedagógica tem uma função a desempenhar e tem interesse em ordem a essa função. Desaparecida a função a que servia, desaparece automàticamente a sua razão de ser. Ora o Catecismo de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires na sua edição de 1785 já transcendeu a sua razão de ser e a circunstância de ser oferecida pelo editor ao Arcebispo D. Gaspar de Bragança, tem até ressaibos de ironia.

Na mesma data da sua penúltima edição, em 1765, tinha-lhe sido usurpada abusivamente a sua função.

O Catecismo de D. Fr. Bartolomeu é obra de profunda e puríssima ortodoxia e o despotismo do Marquês de Pombal impôs que o ensino religioso, quer no nível universitário, quer ao povo simples, fosse harmónico com o regalismo e jansenismo da sua prepotente cabeça.

O Arcebispo de Évora, D. João Cosme da Cunha foi o primeiro a submeter-se traduzindo em 1765, o Catecismo de Momplier, já condenado pelo Santo Ofício desde 1712. Escrevendo-lhe um prólogo anti-jesuítico, impô-lo obrigatòriamente aos fiéis. Cinco anos depois capitulava também o Arcebispo de Braga, D. Gaspar de Bragança, um dos «meninos de Palhavã». Escreveu-lhe também um prólogo, de arrazoado idêntico ao de D. João Cosme da Cunha, em que repudiava expressamente o Catecismo de D. Fr. Bartolomeu e todos os demais e impunha à Arquidiocese o catecismo herético preceituando aos párocos que fizessem por ele, à estação da missa, a instrução aos fiéis [45].

---

[45] Cfr. MONS. CON. J. AUGUSTO FERREIRA — *Memória Histórica do Catecismo Elementar no Arcebispado de Braga.* Braga, 1932, cap. III, pág. 41, ss.

Deste modo violento foi eliminada a função doutrinal do Catecismo de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires pela imposição da heresia!

Foi fugaz, qual meteoro, o triunfo do Catecismo de Momplier. No entanto, a reconstituição doutrinal que exigisse e apreciasse o valor do catecismo bartolomeano não voltou mais. O próprio D. Fr. Caetano Brandão, que governou a Arquidiocese sob o signo do zelo, da instrução e da caridade, não escapou de todo à peste jansenista.

A perturbação e confusão doutrinal acabou por deixar proliferar a ignorância religiosa como grama em terreno baldio.

A superstição pululou por toda a parte; os templos transformaram-se a pouco e pouco em museus desordenados de estatuetas de santos, a quem se faziam as mais estranhas promessas; relíquias duvidosas, enfàticamente descritas em livros tão suspeitos de ortodoxia como elas de autenticidade, atraíram as atenções, e os lugares onde se encontravam transformaram-se em centros de romaria...

Uma exposição doutrinal serena, profunda, equilibrada, dirigida à vida íntima da alma, transcendendo a sensibilidade e a emoção, qual é o Catecismo de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, não tinha lugar.

A instrução cristã dos fiéis passou do catecismo herético de Momplier para o diálogo dramatizado mas insípido do catecismo do P. Teodoro de Almeida, vindo a reduzir-se, em breve, às vagas reminiscências conservadas da aprendizagem de criança pela cartilha do Abade Salamonde!

A ignorância religiosa voltou a acampar no país.

A PRESENTE EDIÇÃO — *Apesar de todas as calamidades que o assolam, o nosso tempo ficará certamente marcado na história da Igreja como uma era de autêntico e sólido ressurgimento cultural, disciplinar, pastoral e espiritual. Há sintomas de crise de crescimento, mas há já também sobradas certezas de que esse crescimento se faz com indiscutível acerto na sua orientação.*

A cultura e a espiritualidade do clero começa a revelar-se fruto vingado das reiteradas e profundas orientações dos últimos Papas; o tema do Corpo Místico de Cristo, como linha de espiritualidade autêntica, ocupa um lugar de destaque na doutrinação das almas; o mistério da Igreja, como organismo vivente do princípio divino da graça recebida da sua Cabeça — Cristo —, dificilmente, em tempos passados, terá sido tema mais glosado pelos teólogos; a consciência da unidade sobrenatural dos fiéis em comunhão com Cristo no Seu Corpo Místico — a Igreja —, jamais foi tão viva e tão expressamente professada como em nossos dias; a promoção eclesial do laicado para uma consciêncialização concreta da sua condição de filhos de Deus na Igreja como membros vivos do Cristo Total e os consequentes reflexos de ânsia de cultura cristã desperta nos leigos, é uma realidade promissora de grandes perspectivas

espirituais e abundantes colheitas marcadas do mais puro e fino espírito teologal como poucas vezes terá vivido a comunidade dos fiéis.

Nesta Primavera espiritual de rejuvenescimento autêntico da vida cristã, volta a ter lugar na condução e orientação dos espíritos uma obra doutrinal simples na forma, breve nos temas, detalhada nos assuntos, profunda e segura na doutrina qual é o Catecismo do Venerável D. Fr. Bartolomeu dos Mártires.

Esta obra inspirou-se nas necessidades de uma sociedade cristã que vencia uma crise e se concretizou num ideal apostólico sancionado por um grande concílio.

Também hoje a sociedade dos fiéis está em vias de completa superação da crise que a ameaçou e espera a orientação infalível do outro grande Concílio prestes a reunir-se e que será a maior bênção de Deus para a Sua Igreja neste momento que felizmente nos toca viver.

Esta nova edição, rigorosamente feita sobre a edição príncipe, enriquecida com os primores linguísticos com que o benemérito e eruditíssimo Senhor Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha nos apresenta o texto bartolomeano e com a elegante impressão que as modernas artes tipográficas lhe emprestaram, deve ser a primeira de uma nova série de edições que as exigências doutrinais e espirituais do renovado espírito cristão hão-de solicitar.

Assim a grande obra pastoral do Venerável D. Fr. Bartolomeu dos Mártires volta a estar presente na Igreja, no Concílio e na assembleia dos fiéis por esta obra que foi o Catecismo de Portugal *durante muitas gerações da melhor vida da Igreja e da espiritualidade autêntica na nossa Pátria.*

Lisboa, 24 de Maio de 1962.

FR. RAUL DE ALMEIDA ROLO, O. P.

TABUADA DO QUE SE CONTEM NO PRESENTE CATECISMO

LIVRO PRIMEIRO

Da Doutrina Cristã

Pág.

LIVRO SEGUNDO

Das práticas espirituais

DOM FREI BARTOLAMEU DOS MÁRTIRES,

per mercê de Deus e da Santa Igreja de Roma, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Espanhas, etc.

Pola presente, mandamos a qualquer Abade, Reitor, Vigário ou Capelão deste nosso Arcebispado que em cada Domingo ou dia de guarda, para o qual, no presente livro, se não acha ordenado especial sermão ou prática, leia um capítulo da *Doutrina Cristã;* e nas Festas ou Domingos para os quais vão escritos particulares sermões, leia, em cada Domingo ou Festa, o Sermão que lhe pertence. Com tal declaração que os Reitores que forem doutos na Sagrada Escritura, Teologia ou Cânones, não serão obrigados a ler polo livro, mas poderão, com viva voz, tratar e praticar o que se contém no capítulo que responde a cada um dos ditos dias, ou pregar outras coisas que lhes parecem necessárias.

Mas os outros que não houverem estudado as sobreditas ciências, serão obrigados a ler polo livro da maneira que acima declaramos.

O que cumprirão sob pena de obediência e de cinquenta réis por cada vez que o deixarem de fazer nos ditos dias. E aos nossos Visitadores mandamos que tenham cuidado de preguntar se se cumpre, e de executar a pena nos negligentes.

Dada em Braga, aos três dias de Novembro de 1564.

PROÉMIO

O glorioso S. Bernardo, falando com os pastores das almas, e declarando a obrigação em que o Senhor os pôs quando lhes disse [1]*:* Apascentai as minhas ovelhas; *ou como S. Pedro* [2] *diz em sua canónica:* Apascentai a grei que vos é encomendada, *diz que são obrigados a lhe dar três maneiras de pasto,* scilicet: *Pasto de doutrina, de exemplo de vida e de oração.*

De maneira que é obrigado o Reitor das almas apascentá-las de sã e santa doutrina e com obras e exemplos de santa vida, com ferventes orações e gemidos diante do Senhor, pedindo-Lhe, contìnuamente, que queira guiar, com sua graça e favor, as ovelhas que lhe encarregou nos perigosos caminhos deste mundo, pera que cheguem aos pastos eternos.

Não é minha tenção, agora, lamentar quão mal os pastores, nestes tristes tempos, cumprem com esta obrigação, porque não ordenei este tratado pera remediar ou ensinar os pastores, mas sòmente pera, em algũa maneira, socorrer ao desemparo das pobres ovelhas. Basta dizer ũa palavra: scilicet, *que, quanto ao pasto das orações, que é o mais oculto, eles e Deus vêem quão frios e negligentes são nisso.*

---

[1] *Joa. 21,15.* — [2] *I Petr. 5,2.*

E, quanto ao pasto de bom exemplo de vida, todo mundo vê quantos há que, neste caso, mais cumprem com o ofício de lobos que de pastores, quase forçando, com a eficácia do exemplo de sua vida carnal, que as ovelhas também vivam carnal e perdidamente.

Quanto à doutrina, que é mais fácil pasto de dar, claro está quão negligentes são os Abades, Reitores e Capelães, em fazer exortações santas e espirituais a seus fregueses nas estações: quão mal lhes persuadem o amor e temor de Deus, ódio de pecados, desprezo das cousas do mundo e desejos do céu. E se alguns dizem algũas palavras, são de maneira que nem pegam, nem fazem fruto, nem edificam as consciências, nem acendem faísca algũa de devação ou de bom propósito nos corações dos ouvintes; antes tão frios e distraídos se tornam, acabada a missa, como entraram na igreja.

Esta é ũa das cousas que se muito deve chorar na igreja de Deus, maiormente nas igrejas de montes e lugares, onde nunca ou mui poucas vezes há pregação. Os fregueses das quais nunca ouvem outra palavra de Deus, nunca ouvem outra doutrina se não a que lhes diz seu cura ao Domingo. Toda a somana tratam, falam e cuidam nas cousas deste mundo. Ao domingo vão à casa de Deus buscar um bocado de mantimento para a alma. O seu pastor e cura é obrigado ter-lhe feito o jantar espiritual, scilicet, *estudada, cuidada e gostada algũa santa doutrina, como melhor puder, pera que juntas as ovelhas no dia do Domingo ou da Festa, lhe administre aquele mantimento da alma, e alevante os sentidos distraídos, lhe desperte a memória pera se lembrarem das cousas de sua salvação, e alumie um pouco o entendimento, e aquente a vontade em amor de Deus e de Nosso Senhor Jesu Cristo.*

Se as míseras ovelhas não acham este comerzinho feito, que farão? Tais se tornarão quais vieram. Não sabem ler livros santos, nem ouvem doutrinas santas; na hora da missa têm tais pensamentos quais tiveram toda a somana, e, às vezes, tais práticas.

O sacerdote e pastor, que Deus ali pôs pera lhes levantar os corações da terra, pera lhes ensinar a lei, não o faz. Que se pode

esperar se não que, assi como os corpos morrem quando passam muitos dias sem lhe darem de comer, assim morram aquelas almas por falta do mantimento espiritual?

Poderá ser que alguns curas não leterados me responderão: — Como nos obrigais a dar mais doutrina a nossos fregueses que ensinar-lhes os Mandamentos singelamente, pois não somos leterados?

Aos tais, clara e desenganadamente respondo: — Que a culpa de não ensinarem seus fregueses, não procede de ignorância ou falta de letras, mas de negligência e preguiça de estudar, e de falta de virtude, e zelo da salvação das almas que estão a seu carrego. Porque, se este zelo tivessem, ainda que não soubessem latim, procurariam haver alguns livros em linguagem, que há mui católicos e santos, e os leriam e cuidariam neles. E o desejo e zelo de aproveitar às almas, lhe ministraria palavras ardentes com que consolassem e edificassem seu povo.

Nem eu pretendo que eles se ponham a tratar cousas altas, e matérias que não entendam; ũas doutrinas morais, trazendo-lhe à memória a paixão de Nosso Senhor Jesu Cristo, exortando-os ao amor das virtudes e ódio dos pecados, a temor da morte, do juízo, do inferno e à esperança do paraíso. Nas quais cousas, quanto basta pera o povo, sabe bem falar todo sacerdote que bem sabe viver.

E querendo eu, em algũa maneira, acudir a este mal (como me obriga meu ofício pastoral), pola multidão das freguesias que há neste Arcebispado de Braga, na maior parte das quais não há pregação, determinei ordenar a seguinte doutrina acomodada ao propósito que disse, scilicet, *qual convém pera se dizer à gente popular, pera os trazer a algum conhecimento e amor de Deus. E, por isso, não quis multiplicar autoridades, nem trazer doutrinas de Teologia escuras e difíceis de entender. Sòmente escolhi aquilo que me pareceu ser mais conveniente a este propósito.*

E será esta obra repartida em dois livros.

No PRIMEIRO, se tratará a doutrina cristã, scilicet, *declarar-se-á o Credo com os artigos da fé que nele se contêm, e, após ele, se declarará a oração do Pater Noster. E, despois, trataremos dos Mandamentos que havemos de guardar, e dos pecados que havemos de fugir, e, finalmente, dos sete Sacramentos da Igreja.*

No SEGUNDO, se porão ũas breves colações e práticas espirituais e doutrinas sobre as Missas dos Domingos do Advento, e assi desde a Septuagésima até à Páscoa e festas principais de todo o ano, tocando, brevemente, do Evangelho ou da Epístola ou do Intróito da Missa e Oração, sòmente aquilo que me parecer mais proveitoso pera a edificação e devação do povo, pera que, em algũa maneira, entenda e goste o que se diz na Missa, pois pera isso se diz.

E os Reitores e Capelães não leterados, não se escusem dizendo que não sabem declarar ao povo a doutrina que a Igreja traz na Missa, porque, lendo eles ao povo, em cada domingo e festa, o sermãozinho e santa prática que, pera tal dia, aqui vai escrita, cumprirão com sua obrigação e o povo ficará consolado e edificado. E, portanto, não pus práticas em todos os Domingos do ano, porque ficasse lugar pera se ler a doutrina Cristã, que se contém neste primeiro livro, naqueles Domingos pera os quais não fiz particulares práticas.

LIVRO PRIMEIRO

Da Doutrina Cristã

CAPÍTULO I

Da dignidade e excelência do lume da Fé a que somos chamados

Cousa é manifesta que a excelência e preeminência que o homem tem sobre todos os animais e criaturas corporais, consiste em que só ele pode conhecer, honrar e amar a Deus. Porque, no que pertence às habilidades corporais, muitos animais nos excedem. E ainda quanto à prudência de saber conservar a vida corporal e prover o necessário pera ela, a Santa Escritura nos manda que vamos aprender das formigas e das serpentes. E, por isso, sòmente ao homem deu Deus estatura direita, alevantada ao Céu, porque só ele pode alevantar o coração a Deus eterno per consideração e amor.

E por isso a cousa a que, sobre todas, Deus e a mesma natureza nos inclina e obriga, é procurar de alcançar verdadeiro conhecimento de Deus, e, após isso, verdadeiro amor. A qual cousa, se o homem a não tiver, que fica se não dizer-lhe aquilo que Deus dele disse [1]: *O homem, sendo posto em honra de excelente natureza, não a conhecendo, fica comparado às bestas irracionais, e feito semelhante a elas?*

E, se pudesse ser que tivesse algũas outras virtudes, sem o tal conhecimento verdadeiro, tanto lhe aproveitariam como aproveitam os outros membros do corpo sem cabeça.

O qual conhecimento ninguém o tem, senão quem tem o lume da fé católica, porque só este descobre as verdades de tudo aquilo

---

[1] Ps. 48,21.

que se há-de conhecer e crer de Deus neste mundo. E toda a alma em que este lume não resplandece, vive em cegueira e trevas, nem sabe pera onde caminha, nem pode fazer cousa a Deus aceita; mas a ira de Deus fica sobre ela. Polo qual muito é de chorar a ingratidão de nós-outros cristãos que somos chamados a este lume, quão mal agardecemos nossa sorte e chamamento.

Verdadeiramente que ũa das cousas em que mais claro se enxerga a cegueira espiritual em que vivem muitos cristãos, é na pouca lembrança que têm do benefício da fé que receberam; o pouco cuidado que têm de reconhecer e agradecer chamá-los Deus ao lume da fé, ao conhecimento da verdade, à companhia dos Santos.

Dize-me: Como não pasmas, cada dia, considerando a misericórdia de Deus sobre ti? Já que te queria criar, donde Lhe mereceste que não nascesses em Turquia, ou em terra de mouros, ou antre pagãos, ou em terra de luteranos, ou quaisquer outros hereges? Como te não amolenta e quebra o coração este altíssimo benefício, este profundíssimo juízo de misericórdia? O qual juízo considerando S. Paulo [2], pasmando, dizia: *O' alteza de riquezas da sabedoria e ciência de Deus! Quem poderá entender Seus incompreensíveis juízos, segundo os quais uns traz ao lume da verdade e outros deixa nas trevas da infidelidade?*

Portanto, sobre tudo te encomendo muito que, cada dia e mui frequentemente, tragas à memória, com agardecimento de coração, como aquele clementíssimo Senhor te apartou das gentes e povos que vivem em trevas e te trouxe, como diz o Apóstolo S. Pedro [3], a Seu maravilhoso lume. Tirou-te daqueles que andavam alienados e alongados da vida de Deus, trouxe-te à participação dos sacramentos, daquelas mezinhas sacramentais e celestiais, e escolheu-te antes da criação do mundo, chamou-te com Seu chamamento, descobriu-te os tesouros de Sua misericórdia, prometeu-te herança e riquezas eternas. Polo qual os Apóstolos S. Pedro [4] e S. Paulo [5], com ardentíssimas

---

(2) Ad Rom. 11,33 — (3) I Pet. 2,9. — (4) I Pet. 1,3 — (5) Ad Eph. 1,3.

palavras, persuadem a todos os cristãos conhecimento e agardecimento deste benefício, dizendo assi:

Bento seja Deus e Padre de Nosso Senhor Jesu Cristo, que, por Sua infinita misericórdia, nos benzeu com todas as bênçãos espirituais celestiais, escolhendo-nos antes da criação do mundo pera que fôssemos santos e sem mágoa diante dele em caridade, predestinando--nos pera Seus filhos adoptivos per Jesu Cristo, Seu amado Filho, pelo qual nos fez gratos e aceitos a Si, per cujo Sangue fomos remidos, e nos foram perdoados nossos pecados, e fomos regenerados e renovados, e nos foi dada esperança viva de alcançar a herança celestial e incorruptível.

Essas palavras são dos dous Príncipes dos Apóstolos com que nos incitam a conhecer as grandes mercês que temos recebido de Deus, em nos fazer cristãos, em nos dar graciosamente o lume da Sua fé. E, portanto, não seja nenhum tão ignorante, nem caia em tão grande erro que lhe pareça que sòmente de sua livre vontade lhe vem querer crer firmemente tudo o que crê a santa Madre Igreja. Não é tal. Mas pola misericórdia e largueza de Deus, que lhe põem em sua alma o dom e lume da fé. Por isso crê.

E assim diz o Apóstolo S. Paulo ([6]): — *Não vem de vós crerdes, mas é dom de Deus, pera que ninguém se glorie atribuindo-o a si.*

E em outra parte ([7]) diz: — *Apareceu a graça de Deus a todos os homens, entregando-se por eles à morte, pera que os apartasse de toda maldade e escolhesse pera Si um povo limpo, seguidor de boas obras.*

([6]) Ad Eph. 2,8-9. — ([7]) Ad Tit. 2,11-14.

CAPÍTULO II

No qual se declara em que consiste a substância e suma da nossa fé

Temos dito que o lume da fé católica, com o qual o Senhor nos alumiou, é o fundamento e alicece de toda a religião e doutrina cristã. Portanto, convém, primeiramente, declarar quais são as cousas e artigos que a fé católica nos manda crer.

E antes que expliquemos cada artigo em particular, quero, em suma, declarar, neste capítulo, em que consiste a substância de nossa fé católica.

A qual, como diz o Apóstolo S. Paulo ([1]), consiste em crer que Jesu Cristo Crucificado é natural e único Filho de Deus, o qual, por nossa salvação, tomou carne humana em o ventre da Virgem Maria, e deu a Si mesmo em redenção por nós-outros, e nos lavou de nossos pecados per Seu Sangue.

E, sendo nós, de juro, por via de nosso nascimento natural, filhos de ira ([2]) e de condenação e imigos de Deus, nos reconciliou com Seu Padre, entregando-se à morte por nossos pecados, e ressurgindo pera nossa justificação, e por Sua graça e merecimentos ficamos gratos e aceitos a Ele.

E, sendo mortos por razão de nossas culpas e pecados, e polo

([1]) I ad Tim. II, 5-6; Ad Eph. II, 4-7; Ad Rom. I, 24-25. — ([2]) Ad Eph. 2,3.

pecado original em que nascemos e que herdamos de Adão, nosso primeiro pai, per virtude de Seu Sangue nos aviventou e ressuscitou restituindo-nos à vida espiritual da alma, dando-nos Sua graça per virtude de Seus Sacramentos, de cuja graça e de cuja morte e paixão e merecimentos depende todo o valor de nossas obras e penitências; por cujos merecimentos recebemos a graça sem merecimento algum nosso; e por ela fomos justificados e limpos de nossos pecados.

E antes que recebamos a tal graça, nenhum valor têm nossas obras pera que, por elas, algũa cousa mereçamos diante de Deus. E, por isso, quando recebemos a tal graça, misericordiosa e graciosamente nos é dada sem algum nosso merecimento, ainda que, quando se nos dá, tendo já uso de razão, é necessário que, com Seu favor, nos disponhamos pera recebê-la.

E, depois de recebida, dela depende todo o valor de nossas boas obras e penitências, porque, por elas, são unidas, juntas e incorporadas à Paixão e merecimentos de Nosso Senhor Jesu Cristo, e daqui lhe vem todo o seu valor e merecimento. Que, se do valor de seu Sangue fossem desapegadas e desunidas, nenhũa cousa valeriam pera nossa salvação.

Onde Alberto Magno diz [3]: — Que nossos merecimentos e virtudes, postas em presença das virtudes de Cristo, são como as pedras preciosas postas na presença do sol: porque então resplandecem; e, tiradas da presença do sol, se escurecem.

E Crisóstomo diz: — Que nossas obras de si não tem valor pera por elas nos darem o Céu; mas, se são tintas com o Sangue de Cristo, merecem o Céu.

E, portanto, ainda que sejamos obrigados ser mui diligentes em fazer boas obras e guardar todos os Mandamentos de Deus e da Santa Madre Igreja e por elas mereçamos a glória eterna, todavia, por muito boas obras que façamos, não havemos de pôr nossa confiança nelas, mas sòmente nos merecimentos e Paixão de Nosso Senhor Jesu Cristo, donde depende e nasce todo o valor que têm. Por cujos mere-

---

[3] 3. Senten.

cimentos esperamos a glória eterna, confiando em sua misericórdia e na virtude do seu precioso Sangue, que, assi como, por sua misericórdia, nos trouxe ao lume de sua fé e nos incorporou em Si, e nos fez membros de seu corpo, que é a Santa Madre Igreja Católica, assi pola mesma misericórdia nos ajuntará consigo em seu reino, conhecendo que somos sua carne, seu sangue e seus membros.

E, por isso, não nos desprezará nem sofrerá que os membros estem apartados da cabeça, com tal que, neste mundo, fossem unidos a ela por fé não fingida, esperança firme, e caridade de coração puro.

Esta é a substância do que cremos, nisto estriba e está encostada toda a nossa esperança e confiança. Aqui há-de estar nosso amor, desejo e afeição. Isto é o que contìnuamente havemos de pedir ao Senhor, dizendo com coração humilde: — Ó eterno e poderoso Deus e Padre celestial, não entreis comigo em juízo, não me julgueis polo valor de minhas obras em quanto minhas. Alego por mim sòmente as obras de vosso Filho, Nosso Senhor Jesu Cristo. Seus merecimentos ponho diante de Vós, por minha parte, antre Vossa justiça e meus pecados. Ele houve por bem de me dar Seus merecimentos, porque, pera Si, não tinha necessidade deles, por quanto de juro Lhe era devida glória e bem-aventurança; fez-me Seu membro, fez-me Seu irmão pera comunicar comigo Sua glória e bem-aventurança. Por esta razão, confiadamente a peço e requeiro, que, por mim, confesso nada merecer, mas ser filho de ira, herdeiro do inferno, e morte eterna. E só de Vossa graça me vem a alta dignidade de perfilhação, ser chamado filho Vosso, e poder fazer obras aceitas e meritórias diante de Vós.

CAPÍTULO III

Como a Igreja trabalha por muitas maneiras no coração dos cristãos

A Santa Igreja, nossa verdadeira Mãe, desejando de imprimir esta fé em nossos corações, e vendo quão distraídos e derramados andam, ordinàriamente, seus filhos em pensamentos e negócios do mundo, buscou mil remédios, mil ardis e santas invenções pera lhe pegar firmemente e imprimir na memória, entendimento e vontade, os mistérios de nossa fé e redenção.

Pera isto se escreveram todos-los Livros Sagrados; pera isto manda que se preguem estes mistérios com voz viva; pera isto ordenou que houvesse imagens e pinturas em que se pintassem os mistérios de nossa fé; pera isto ordenou o sinal da Cruz, com o qual manda que nos assignemos, e o manda pôr não sòmente nas Igrejas e lugares devotos, mas também nas estradas e caminhos, por que em toda a parte nos apareça diante dos olhos e nos traga à memória Nosso Jesu Cristo crucificado.

Pera isto ordenou e instituiu diversas festas e solenidades pera especial lembrança dos tais mistérios, como são a festa da Incarnação do Senhor, do Nascimento, da Paixão, Ressurreição, Ascensão e todas as mais.

E pera isto repartiu o ano em diversos tempos, *scilicet*, ante Natal toma quatro somanas pera celebrar o mistério da vinda do Senhor em carne, e pera aparelhar seus filhos a devotamente receberem seu Senhor nascido, o qual tempo chamou Advento.

Assi também antes que celebre o mistério da Paixão e Ressur-

reição do Senhor, toma quarenta dias, que chamamos Quoresma. E manda que neles façamos penitência, quebrantando nossas carnes com jejuns, abstinências, e orações, pera que, conformando-nos com o Senhor em padecer e afligir nossa carne, mereçamos alegrarmo--nos com ele, quando ressurgir, e, finalmente, reinar com ele no Céu.

Com estes e com outras muitas sagradas cerimónias trabalha a santa Igreja contìnuamente de refrescar e aviventar em nossas almas a memória e lembrança de Jesu Cristo crucificado e afervorar e imprimir em nossos corações Seu amor.

Por isso nos encomenda que nos benzamos e persignemos muitas vezes com o sinal da Cruz, porque, nesta sagrada cerimónia de assi nos persignarmos, se encerram e representam os principais mistérios de nossa fé, os quais confessamos e professamos cada vez que assi nos benzemos.

E porque a gente vulgar faz o sinal da Cruz sem entender os mistérios que significa, fazendo-o, será bom declararmo-los logo aqui pera que, entendendo a grandeza dos mistérios que estão escondidos nesta santa cerimónia, mais a miude se benzam e com mais devação.

Primeiramente, pondo a mão na cabeça, a abaixamos até o ventre; despois a levamos do ombro esquerdo até o direito. Na qual cousa primeiramente se significa e mostra que o Filho de Deus desceu das alturas dos Céus ao ventre virginal de Nossa Senhora e de seu puríssimo e sacratíssimo sangue, tomou nossa carne, pera, por virtude de sua Incarnação e Paixão, nos tresladar e trespassar da mão esquerda pera a mão direita, *scilicet,* da companhia dos cabritos à companhia de suas ovelhas, *scilicet,* do conto dos danados (que, no dia do juízo, hão-de estar à mão esquerda, como diz o Senhor por S. Mateus [1], e hão-de ouvir aquela terrível voz: — *I-vos, malditos, ao fogo eterno)* pera o ajuntamento dos escolhidos e bem-aventurados que, no mesmo dia, hão-de estar à mão direita, e hão-de ouvir aquela

[1] Math. 25,33.

suavíssima voz: — *Vinde, bentos da bênção de meu Padre, a gozar do Reino eterno, que vos está aparelhado desde o princípio.*

Também, como diz Inocêncio Papa (2), o sinal da Cruz há-se de fazer com três dedos da mão, pera significar o mistério da Santíssima Trindade, Padre, Filho e Spírito Santo, os quais havemos de nomear, que são três pessoas e um só Deus.

Vedes aqui quantos e quão altos mistérios se encerram nesta forma, que os Apóstolos nos ensinaram, de nos persignar com o sinal da Cruz, em que se representa o mistério de Santa Trindade, e o da Incarnação e Paixão. Aqui se nos traz à memória o dia do Juízo, e a glória dos bons, e pena dos maus.

E, pois, no sinal da Cruz tão altos sacramentos estão encerrados, que fica senão que, de coração, digamos com S. Paulo (3): — *A mim não me dêem senão gloriar-me na Cruz de meu Senhor Jesu Cristo.* Não porei em outra cousa minha confiança, pois nela está nossa salvação, nossa vida, e nossa redenção.

Portanto, com muita rezão se põe este sinal nas frontarias das capelas, no mais alto lugar, e no meio das Igrejas, porque, entrando, logo ponhamos os olhos nele, e, com os olhos, os corações, pedindo-lhe remédio e saúde de nossas doenças espirituais, confiando que, por virtude do mistério, que na cruz se celebrou, sararemos das mordeduras das serpentes infernais, como diz o Senhor (4). E assi, com muita razão, levamos este sinal por bandeira em nossas procissões e clamores, pondo toda a confiança de alcançar remédio em nossas necessidades e trabalhos neste sinal, e não em nossos merecimentos.

Assi também, com muita causa, devemos poer este sinal em todos os caminhos, estradas, praças, e ermos, pera que, ocorrendo-nos

(2) Lib. 20 de Sacramento Altaris, 44. — (3) Ad Gal. 6,14. — (4) Joan. 3,14-15, e Num. 21,8.

em todas as partes, nos experte a memória à lembrança da Morte e Paixão do Senhor, e pera que, neste desterro, nos defenda e ajude em todos nossos caminhos e carreiras até nos levar à Pátria celestial.

E, finalmente, nenhum doente se atreva partir desta vida, senão abraçado com este sinal de salvação, pera que, partindo deste mundo com fé e amor do mistério da Cruz, possa confiadamente aparecer diante do eterno Juiz.

Temos posto, até aqui, o fundamento da fé católica, que é Jesu Cristo crucificado, do qual diz o Apóstolo S. Paulo [5]: — *Ninguém pode poer outro fundamento senão aquele que está já posto, que é Jesu Cristo.* E S. Pedro [6] diz: — *Não é dado debaixo do céu outro nome aos homens em que possam ser salvos, senão o nome de Jesu Cristo.*

Mas, por quanto neste fundamento se encerram muitos e mui altos mistérios e segredos, e muitas católicas verdades, que se chamam os artigos da fé, os quais se contêm no *Credo,* que cada dia dizemos, convém agora, antes doutra cousa, declararmo-lo e os artigos que nele se contêm, explicando primeiramente quantos são e que cousa é crer.

---

(5) I ad Cor. 3,11. — (6) Act. 4,12.

CAPÍTULO IV

Que cousa é fé e quantos são os artigos dela

A sabedoria e justiça cristã se contém e assoma naquelas três principais virtudes que se chamam teologais ou divinas, *scilicet*, Fé, Esperança e Caridade. E assi toda a doutrina cristã consiste no exercício destas.

No Símbolo que chamamos *Credo* se exercita a fé, porque nele expressamente se contêm os artigos que somos obrigados a crer.

Na oração do *Pater noster*, se exercita a esperança, porque nela pedimos toda-las cousas que devemos esperar e desejar.

Nos mandamentos do Decálogo se exercita a caridade, porque todos se reduzem aos dous principais mandamentos dela, *scilicet*, amor de Deus e do próximo.

E, por isso, convém que tratemos do exercício da fé, declarando, em especial, quais e quantos são os artigos que nos são revelados por Deus e propostos pela santa Madre Igreja, para crermos.

Pressupondo, primeiro, que crer não é outra cousa senão um fortíssimo apegamento e firmíssimo assentimento que nosso entendimento, alumiado por Deus, dá às cousas por ele reveladas, como é crer certìssimamente que Deus, sendo verdadeiramente um em substância e essência ou natureza, é trino em pessoas, *scilicet*, Padre, Filho e Spírito Santo; e que Ele é o que criou o mundo de nada; e que o Filho de Deus se fez homem por nossa salvação, vestindo carne humana no ventre de Santa Maria sempre Virgem; e que por

nós padeceu e morreu, e depois ressurgiu; e subiu aos Céus; e nos deixou nas terras o Santíssimo Sacramento de Seu Corpo e Sangue com os mais Sacramentos.

E estas altíssimas e incompreensíveis verdades, com as mais que, abaixo, se explicarão, cremos certíssima e firmìssimamente, não por rezão, senão por só autoridade divina, submetendo e cativando nosso entendimento à obediência de Deus, que não pode enganar nos segredos que descobre e manda crer.

Esta fé, diz S. Crisóstomo, é lume da alma, e porta da vida, e fundamento da salvação eterna.

E com esta fé cremos todos os segredos e cousas que se contêm na Sagrada Escritura; e, finalmente, tudo quanto crê a Santa Madre Igreja Católica e Apostólica, cuja Cabeça e Pastor universal, nas terras, é o Pontífice Romano. E, em especial, cremos, expressamente, aqueles artigos que a mesma Igreja propõe a todos os cristãos, assi sábios como rudos, assi homens como mulheres de qualquer sorte e condição que sejam, pera que todos os saibam e tenham na memória e firmemente creiam.

Os quais, ainda que uns santos repartam em catorze, outros em doze, nós seguiremos a repartição que mais claramente está exprimida no *Credo dos Apóstolos*, que cada dia dizemos, pois que ordenamos este tratado pera que a gente popular entenda, em algũa maneira, o que confessa com a boca, quando pronuncia: — *Creio em Deus, Padre, Todo-Poderoso*, etc.. E assim declararemos sòmente doze artigos que são as doze partes do mesmo Símbolo ou *Credo*.

Entendendo, primeiramente, que artigos da fé chama a Igreja aquelas principais e fundamentais verdades que, como está dito, são propostas a todos os cristãos pera que explícita e determinadamente as creiam, às quais, como a raízes, todas as outras verdades e mistérios se reduzem e nelas se contêm e encerram.

CAPÍTULO V

Do primeiro artigo da fé, que é a primeira partícula do Credo, scilicet: -- Creio em Deus, Padre, Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra

Neste primeiro artigo, irmãos, confessamos haver um só Deus, ũa primeira substância intelectual e infinita, ũa fonte de ser e vida, ũa suma bondade e sabedoria; ũa majestade eterna, um poderio infinito, ũa justiça e misericórdia imensa. A fraqueza de nossa vista intelectual se bota e escurece, quando se fita nesta claríssima luz, nesta fermosura e beleza infinita.

E o mais alto que podemos chegar em seu conhecimento, é conhecer que a não podemos, perfeitamente, conhecer; que vence nosso entendimento e capacidade, como confessou David (1), dizendo: — *Senhor, em mim conheço quão maravilhosa é a ciência que de vós posso ter: prevaleceu sobre mim e não me atrevo com ela.*

Por isso, irmãos, nesta alta sabedoria havemos de voar com freio de fé e humildade, mais pasmando e amando que escoldrinhando, porque não nos aconteça o que o Senhor ameaça, dizendo (2): — *O escoldrinhador da majestade divina será oprimido de Sua glória e luz infinita.*

E, por isso, quanto em nós falta a clareza de seu conhecimento,

---

(1) Psal. 138,6. — (2) Pro. 25,27.

tanto cresça a sede de O conhecer e gozar perfeitamente, dizendo com David ([3]): — *A minha alma anda morta com sede de chegar a Deus fonte viva. Quando irei e aparecerei diante do rosto de Deus?*

Neste artigo, não sòmente se contém crermos que há um só Deus e que, quantas cousas nos disse e revelou nas Divinas Escrituras ou pola Santa Madre Igreja, são certíssimas verdades, mas também nele se inclui, que nos havemos de entregar totalmente a este Senhor, só Ele amando e estimando sobre toda-las as cousas; sòmente a Ele temendo e n'Ele confiando.

E esta perfeita entrega significamos por estas palavras: *Creio em Deus.* O que se não significaria tão claramente, se disséssemos: *Creio que há Deus.*

Esta tal fé é o nosso lume nas trevas deste mundo. Esta é a vitória com que vencemos o mundo, como diz S. João ([4]); com que desfazemos as máquinas de Satanás e leão infernal, que, como diz o Apóstolo S. Pedro ([5]), *anda rodeando o mundo buscando almas que espedace e trague. — Contra o qual,* como diz S. Paulo ([6]), *não temos outro escudo senão a fé.*

Neste artigo também confessamos Deus ser Todo-Poderoso, ao qual nenhũa cousa é impossível ou difícil de fazer; o qual, por só Sua palavra e mandado, de nada criou toda-las cousas visíveis e invisíveis, e todas conserva, sustenta e governa, e todas em nada se tornariam se Ele alevantasse sua mão; cuja Providência se estende a toda-las cousas, por pequenas que sejam, dizendo o Senhor por S. Mateus ([7]) que *não voa um pássaro nem cai ũa folha de ũa árvore sem especial providência de Deus.*

A qual verdade negam com as obras, ainda que com a boca confessem, aqueles que de tal maneira vivem como se Deus não tivesse conta com as obras e cousas dos homens, como que não soubesse nossos pecados ou não tivesse zelo de justiça pera os castigar.

Injuriosos também são à Providência de Deus os impacientes

([3]) Psal. 41,3. — ([4]) I Ioan. 5,4. — ([5]) Petr. 5,8. — ([6]) Ad Eph. 6,16. — ([7]) Math. 10,29.

em suas adversidades, porque, se tivessem firme fé e que toda-las penas e tribulações vêm ordenadas e traçadas por Deus, e que este mundo não é outra cousa senão ũa fornalha de aflições em que os bons se purificam como o ouro, e os maus se enegrecem e desfazem em fumo como palha, teriam paciência e consolar-se-iam.

Também neste artigo confessamos a primeira Pessoa da Santíssima Trindade, dizendo: — *Creio em Deus Padre,* porque, aqui, este nome Padre não se toma da maneira que se toma na oração do *Pater Noster:* porque na tal oração chamamos Padre Nosso a Deus trino e uno, porque todas as três pessoas da Santíssima Trindade são um Padre e Criador Nosso; mas neste primeiro artigo chamamos Padre sòmente à primeira Pessoa da Santíssima Trindade, que é o Padre natural de Nosso Senhor Jesu Cristo. E assi, logo no segundo artigo que se segue, dizemos: *Creio em Jesu Cristo, Seu Unigénito Filho.*

CAPÍTULO VI

Do segundo artigo da fé e que é: -- Creio em Jesu Cristo Seu Filho unigénito, Senhor Nosso

Neste artigo confessamos a Segunda Pessoa da Divindade e Santíssima Trindade, que é Jesu Cristo, Nosso Senhor; e confessamos que Ele só é Filho natural do Padre eternalmente d'Ele gerado, da mesma substância, da mesma bondade, da mesma majestade, igual a Ele no poderio e sabedoria, e em toda-las outras divinas perfeições.

O qual, em quanto Deus, se chama Verbo de Deus, Imagem viva e invisível de Deus; e, em quanto homem, se chama Jesu Cristo. Jesu, porque é Salvador de Seu povo; Cristo, porque é ungido polo Spírito Santo, cheio de toda graça e sabedoria.

Messias e Rei, e Sumo Sacerdote, que tem o primado de toda-las cousas, ao qual foi dado todo o poderio no Céu e na terra.

O qual chamamos neste artigo, com mui justa e especial rezão, Senhor Nosso: Porque, sendo nós todos perdidos e condenados à morte eterna, Ele por Sua Misericórdia, nos livrou e salvou, remindo-nos e comprando-nos liberalìssimamente por Seu precioso Sangue.

Nem é dado outro Nome aos homens debaixo do Céu, em o qual possam ser salvos. Porque, estando toda a geração humana corrupta

pelo pecado de Adão, Ele se fez nosso medianeiro pera que nos tirasse do cativeiro e poderio do diabo, do pecado, da morte e do inferno, e nos reconciliasse com Seu Padre, destruindo as inimizades que via entre os homens e Seu Padre, enchendo-nos de dons celestiais, fazendo-nos participantes de divina filiação, pera que ficássemos filhos de Deus per graça como Ele era per natureza. E, portanto, foi necessário que fosse Deus e homem, porque, sendo Deus, não lhe faltasse poderio para nos salvar, e, sendo homem, não lhe faltasse fraqueza em que pudesse por nós padecer; pera que, sendo homem, pudesse morrer, e, sendo Deus, pudesse por sua virtude ressurgir.

Ele é o Caminho por onde vimos ao Padre como Ele manifestou dizendo (1): — *Ninguém vem ao Padre senão per Mim.* Ele é Verdade que alumia nossas almas, e é a Vida na qual vivem. Por isso disse (2): — *Eu sou caminho, verdade e vida.* — *Eu sou porta: quem per Mim entrar, irá aos pastos eternos* (3). Este é o nosso verdadeiro rei, cujo reino não terá fim, o qual nos rege espiritual e invisìvelmente, tirando-nos do poderio do crudelíssimo tirano e príncipe do inferno, do qual éramos vassalos antes do nosso baptismo. E por isso o renunciámos no baptismo, dizendo: — *Renuncio a ti, Satanás, e toda-las tuas pompas, e entrego-me por servo e vassalo de Jesu Cristo pera sempre.*

De maneira que neste artigo se contêm os principais tesouros da divina misericórdia, que foi dar-nos Seu Filho por Redentor e livrador das gravíssimas misérias espirituais em que estávamos: porque pouco nos aproveitara criar-nos por Sua Omnipotência, se nos não remira por Sua Misericórdia.

Polo qual, neste artigo, também confessamos o pecado e mágoa original em que todos nascemos herdeiros da morte e da condenação

(1) Ioan. 14,6. — (2) Ibid. — (3) Ioan. 10,9.

perpétua pola desobediência e contumácia de nosso padre Adão contra o mandamento de Deus. O qual primeiro padre nosso, não tendo respeito à bondade de Deus, que o fizera ũa tão nobre criatura à Sua imagem e semelhança, nem tendo respeito ao grande amor que lhe mostrou em o dotar de tantos dons naturais e sobrenaturais, especialmente daquele singular dom da justiça original e daquela natural inteireza que lhe deu, se apartou dele, se deixou enganar do demónio e ficar seu servo e captivo com todos seus descendentes, ficando todos não sòmente contrairos a Seu Deus e Criador, mas também a si mesmos pola rebelião da carne contra o espírito, que logo em si sentiram. Porque justo era que, pois que o espírito não obedecera a Deus, também a carne alevantasse a obediência ao espírito.

E pera remédio e cura destas chagas do pecado original e assi de todo-los outros mortais e veniais de todo o mundo, veio o Filho de Deus em carne pera que, per virtude de Seu precioso Sangue e Morte, nos lavasse e limpasse e reconciliasse com seu Padre, dando-nos vida de graça e, finalmente, sua glória.

CAPÍTULO VII

Do terceiro artigo que é: -- Creio que Jesu Cristo foi concebido por virtude do Spírito Santo, e nasceu de Maria Virgem

Neste artigo confessamos o artifício que o divino poderio e sabedoria teve no mistério da Encarnação, que foi vestir natureza humana no ventre da Virgem Sagrada per virtude do Spírito Santo, o qual, de seus puríssimos sangues, formou e organizou um corpo humano perfeito, e nele criou alma racional. E assi o Filho de Deus logo ajuntou à sua pessoa assi a alma como o corpo, ficando verdadeiro Deus e verdadeiro homem, duas naturezas — divina e humana — em ũa Pessoa: ornando a natureza divina aquela santíssima alma de infinita graça, e de todo-los dons sobrenaturais e sabedoria, infinitamente e sem medida.

E tudo isto foi feito e acabado tanto que a Senhora, recebida a embaixada polo Anjo, creu, e se entregou a Deus, dizendo aquelas humildes palavras: — *Eis aqui a serva do Senhor; seja feito em Mim segundo tua palavra* (1). E então se verificou aquela palavra de S. João Evangelista (2) que diz: — *Verbum caro factum est et habitavit in nobis*. Que quer dizer: — O Verbo divino tomou nossa carne e se fez homem e morou e conversou entre nós.

---

(1) Lc. 1,38. — (2) Ioa. 1,14.

E, ainda que toda a Santíssima Trindade concorreu, e efectuou esta diviníssima obra, porque, como disse ([3]) o Anjo à Virgem, a virtude do Altíssimo Padre Te cobrirá e obrará em Ti, e o Filho ali obrou, pois se vestiu de nossa natureza, todavia atribuimos e apropriamos esta obra especialmente ao Spírito Santo que é o *Amor do Padre e do Filho,* porquanto este foi mistério de infinito amor, dizendo o Senhor ([4]): — *Em tanto extremo Deus amou ao mundo, que lhe deu Seu Filho por Salvador.*

De maneira que neste artigo confessamos duas verdades. A primeira: Que o filho de Deus foi concebido no ventre virginal per virtude do Spírito Santo. A segunda: Que nasceu de Santa Maria, ficando virgem antes do parto, e no parto, e depois do parto.

E destas duas verdades convém que colhamos nós outras duas pera nosso ensino e salvação. A primeira é que, assi como Ele foi concebido polo Spírito Santo, assi nós procuremos a regeneração e concebimento espiritual, e que, de carnais, sejamos feitos espirituais e filhos de Deus, sem o qual concebimento nenhũa cousa valemos, e melhor nos fora nunca ser nascidos neste mundo.

E, se perguntardes que cousa é ser um homem espiritualmente concebido per virtude do Spírito Santo, digo que é estarem em ũa alma viva aquelas três divinas virtudes: fé, esperança e caridade.

Se firmemente crês os mistérios de Cristo, se confiadamente n'Ele esperas, se ardentemente O amas, sabe certo que és espiritualmente concebido polo Spírito Santo em tua alma, e és perfilhado em Filho de Deus e morada do Spírito Santo. E, ainda que não possas ter certeza de teres alcançado tão alta dignidade, todavia, com algũas conjecturas e sinais, poderá confiar que assi é. *Scilicet:* Expermentando em ti um aborrecimento à vida carnal e a todo-los pecados,

([3]) Lc. 1,35. — ([4]) Ioa. 3,16.

e firme propósito de viver segundo o espírito de Deus e inspirações do Spírito Santo.

Ai daqueles cujos cuidados e pensamentos não são outros senão impedir este espiritual concebimento e destruir esta divina filiação, quais eram aqueles aos quais dizia Santo Estêvão (5): — *Ó duros e revéis, vós sempre resistis ao Spírito Santo!*

Oh! não sejamos tais, demos lugar ao Spírito Santo, deixemo-Lo obrar em nós, e convidemo-Lo pera isso com aquelas ardentíssimas palavras com que a Igreja O chama, dizendo: — *Vem, Spírito Santo, e envia em nossos corações os raios de Tua luz. Vem lume das almas, vem consolador verdadeiro, doce hóspede, doce refrigério. Tu és descanso no trabalho. Tu és frescura na calma. Tu és consolação na tristeza. Ó luz beatíssima, enche as entranhas de Teus fiéis, lava o que está sujo, rega o que está seco, sara o que está chagado, dobra o que está teso, aquenta o que está frio, e endireita o que está torto; dá aos que em Ti confiam os Teus sete dons.*

Da outra verdade, que é escolher o Filho de Deus por Mãe ũa Virgem perpétua, aprendamos a ser amadores da castidade, pois o Senhor se mostra tão namorado dela que não quer Mãe senão virgem. E, ainda que não possamos todos chegar ao alto grau da pureza virginal, conserve cada um o grau de castidade a que se obrigou. O casado contente-se com sua legítima mulher, e, ainda do uso com ela, de tal maneira se tempere que cumpra o que lhe amoesta S. Paulo (6) que diz: — *Os que têm mulheres, hajam-se como que se as não tivessem:* que quer dizer que, com tal resguardo e moderação, usem delas e tratem os encarregos da vida conjugal que não percam a Deus.

---

(5) Act. 7,51. — (6) I ad Cor. 7,59.

E os que casados não são, renunciem todo-los torpes deleites, procurando de se deleitar no Senhor pera que tenham fastio às deleitações da carne. No Testamento Velho ([7]) mandava Deus aos Judeus que à Sua honra, Lhe ofertassem e queimassem os rins das reses com toda a gordura que os cobre, pera denotar quanto estima de nós a mortificação da luxúria que tem seu assento nos rins. E, por isso, no Evangelho ([8]) disse: — *Trazei vossos lombos cingidos,* scilicet, com cinto de castidade, porque os rins estão apegados nos lombos.

Sabe o Senhor que as deleitações carnais e espirituais não se podem ajuntar em ũa mesma alma, porque são contrárias, e é impossível quem é dado a ũas não ter aborrecimento e fastio às outras. E, por isso, toda a Escritura, especialmente o Testamento Novo, não cessa de nos encomendar mortificação e cruz e maceração de nossas carnes, porque, secas dos torpes deleites, fique o espírito livre pera gozar das santas e divinas consolações.

A Virgem sagrada foi a mestra da virgindade e castidade no mundo, porque, não sendo esta virtude tão celebrada entre os Judeus, Ela, com Seu exemplo e doutrina, a enobreceu e dilatou; e, por isso, foram, como diz David ([9]), muitas virgens trazidas ao Rei celestial após Ela.

([7]) Levi. 3,11. — ([8]) Luc. 12,35. — ([9]) Psal, 44,15-16.

CAPÍTULO VIII

Do quarto artigo, que diz: -- Creio que Jesu Cristo padeceu sob poder de Pôncio Pilato, foi crucificado morto e sepultado

Neste artigo confessamos que Nosso Senhor Jesu Cristo, em quanto homem, verdadeiramente sofreu e padeceu por nós sumas desonras e sumas dores: sendo crucificado por mandado de Pôncio Pilato, morto e sepultado: sendo cordeiro de Deus inocentíssimo. Assi como havia claramente profetizado Isaias [1] dizendo estas palavras: — *Verdadeiramente Ele tomou Sobre Si nossas enfermidades, e nossas dores Ele as sofreu. Tal O vimos que não tinha parecer ou fermosura: desprezado e o mais abatido de todo-los homens, varão de dores e experimentador de fraqueza. Por amor de nós foi de Deus abatido e ferido, chagado por nossos pecados e trilhado por nossas maldades. O castigo de nossa reconciliação sobre Ele caiu, e com as pisaduras de sua carne ficámos sãos. Todos nós andávamos como ovelhas perdidas, cada um tirava pera o caminho de seu apetite, e o Senhor pôs n'Ele as maldades de todos nós-outros. Foi sacrificado na Cruz porque Ele quis, e não abriu sua boca. Como ovelha, foi levado à morte, e, como cordeiro diante quem o trosquia, esteve calado.*

Estas palavras são do Profeta.

Depois de outros muitos tormentos, sofreu o Senhor tormento

(1) Isa. 53,4-8.

de Cruz dolorosíssimo e afrontosíssimo. Alevantado da terra pera que toda-las cousas trouxesse para Si, como Ele havia dito ([2]), pera que alevantasse os carnais e terreais ao amor e desejo das cousas celestiais; alevantado e pendurado entre o Céu e a terra como pacificador de ambos, reconciliador dos homens com Deus.

Quis sofrer o extremo das dores pera que nos alcançasse o extremo dos deleites eternos.

Quis vir ao extremo das desonras e desprezos, pera que nós viéssemos ao extremo da honra e valor diante de Deus.

Quis perder a fama diante dos homens, pera que nós conseguíssemos gloriosa fama diante dos Anjos.

Finalmente, quis morrer pera que nós vivêssemos, pera que com Sua morte matasse a nossa morte assi eterna como temporal. O qual se cumprirá no dia da ressurreição geral, assi como Ele havia ameaçado à morte polo Profeta Oseias ([3]), dizendo: — *Morte, Eu serei tua morte.* Que quer dizer: Eu te matarei. E, por tanto, em Seu Sangue, Cruz, Chagas, e Morte consiste toda nossa vida, salvação e consolação, com tal que não queiramos ser membros mimosos e delicados debaixo de cabeça coroada com espinhos, mas, como diz S Paulo ([4]), que padeçamos juntamente com Ele se queremos com Ele juntamente reinar.

E o Apóstolo S. Pedro ([5]) diz: Pois o Senhor padeceu em carne, armem-se os Cristãos com propósito de padecer por Ele.

E S. Paulo ([6]) nunca cessa de nos encomendar isto, dizendo: — *Os que são de Cristo crucificam Sua carne com todos seus viços e concupiscências.* E ([7]): — *Mortificai vossos membros que estão sobre a terra.* E de si mesmo dizia ([8]) que estava pregado com Cristo na Cruz, e que se não gloriava em outra cousa senão na Cruz do Senhor, polo qual o mundo era crucificado a Ele e Ele ao mundo. No que queria dizer que tão afeiçoado estava aos deleites e vaidades do mundo, como está o homem carnal a sofrer tormentos de Cruz.

([2]) Joan. 12,32. — ([3]) Os. 13,14. — ([4]) Ad Timoth. 2,11-12. — ([5]) I Petr. 4,13. — ([6]) Ad Gal. 5,24. — ([7]) Ad Col. 3,5. — ([8]) Ad Gal. 6,14.

E porque o Mistério da Paixão e Cruz do Senhor, é a raiz e fonte de todos nossos bens e salvação, daqui vem que os Santos sobre todo-los mistérios encomendam a consideração do mistério da Paixão, porque ela é um treslado e particular espelho de toda-las virtudes, e nela achamos mezinha pera toda-las nossas chagas e pecados.

Se és soberbo, não há mais eficaz mezinha pera essa postema que considerar a infinita humildade que o Filho de Deus mostrou em sua Paixão, sofrendo tão grandes desprezos e per tantas vezes, que parece que por isso quis o Senhor, em casa de tantos juízes, ser escarnecido e desprezado, pera que desta maneira curasse a soberba, raiz de todo-los nossos males. Primeiramente foi cuspido e ferido com bofetadas e pescoçadas em casa de Caifás. Despois, em casa de Herodes outra vez foi grandemente escarnecido, vestido com vestidura branca em sinal de desprezo, zombado e reputado por sandeu dele e de toda sua corte. E despois, a terceira vez lhe dobraram os escárneos em casa de Pilatos, por zombaria levantando-O por Rei, vestindo-O com vestidura real, e coroando-O de espinhos, e saudando-O com os giolhos no chão, Lhe diziam (9): — *Deus te salve, Rei dos Judeus.*

E, dizendo isto, cuspiam n'Ele, e davam bofetadas. E com ũa cana que, em lugar de ceptro, Lhe haviam metido na mão, O feriam na cabeça.

Todos estes desprezos e escarnecimentos quis o Senhor que tantas vezes se multiplicassem sobre Ele, pera ver se era possível assi curar a soberba e arrogância do género humano e entranhável desejo que tem de valor e excelência, e de alcançar honra, glória, e dignidades. Pera as quais postemas não há mais eficaz remédio que considerar estes desprezos.

Assi também a fedorenta chaga da luxúria não se cura melhor que com a consideração de Seus açoutes. Tu estás, ó luxurioso,

---

(9) Math. 27,29.

torpemente deleitando tua carne e Ele sofre açoutes na Sua, pera que tu, por amor d'Ele, renuncies esses deleites.

Se és iroso e bravo, cuida na mansidão com que Se entregou à prisão e deixou fazer em Si quanto quiseram Seus inimigos, a tudo se oferecendo como cordeiro sem resistência.

Se és delicado e não podes sofrer ũa palavra áspera fora do teu gosto, considera os falsos testemunhos que aquelas divinas orelhas ouviram, aquelas crudelíssimas palavras: — *Tira-O, tira-O diante dos nossos olhos e crucifica-O, crucifica-O! Não queremos a Este, senão Barrabás.* E, por cima de tudo, não sòmente blasfemado dos inimigos, mas negado de um principal amigo e discípulo.

Se te sentes doente de acídia e preguiça pera os trabalhos espirituais, esforça-te, cuidando como, estando aqueles sacratíssimos Ombros já bem fracos e crudelìssimamente açoutados, Lhe põem ũa pesada Cruz às costas, pera que tu aprendas a sofrer algum cansaço por amor d'Ele.

Se és doente de gula, dado às deleitações de comer e beber, em Sua Paixão acharás purga pera esta doença, que é o vinagre e fel que por ti gostou na Cruz.

Finalmente, se és desobediente e contumaz aos preceitos e mandamentos de Deus, considera profundamente e assenta no meio de tuas entranhas, aquelas palavras de São Paulo ([10]): — *Jesu Cristo foi feito por amor de nós obediente a Seu Padre até à morte, e morte de Cruz.*

([10]) Ad Philip. 2,8.

CAPÍTULO IX

Do quinto artigo que diz: -- Creio que Jesu Cristo despois de morto, desceu aos infernos; e, ao terceiro dia, ressurgiu dos mortos.

Neste artigo confessamos duas verdades. A primeira é o descendimento de nosso Redentor aos infernos, porque, tanto que Ele na Cruz expirou, e se apartou aquela sacratíssima Alma da Carne, ficando o Corpo na Cruz, desceu Sua santíssima Alma aos infernos, assi pera se declarar e manifestar vencedor e triunfador da morte e do inferno e de Satanás, como pera livrar os santos padres que estavam detidos em trevas naquela parte do inferno, que se chamava Limbo e não esperavam outra cousa, senão a vinda e morte do Messias: Porque Ele só, per virtude de Seu Sangue, os havia de livrar, alumiar e tirar daquele escuro e profundo lago, como o havia dito o Profeta Zacarias [1] per estas palavras: — *Tu, per virtude do Sangue do Testamento, tirarás os presos do lago infernal.*

Esta entrada da alma do Redentor nos infernos foi grandemente temerosa e triste aos príncipes infernais. Porque, como diz Santo Agostinho, torvaram-se toda-las legiões e exércitos dos demónios, do poderio, ousadia e resplandor com que entrava em sua infernal oficina. E postos em grão pavor e pasmo, diziam: — *Donde vem*

---

[1] Zach. 9,11.

Este tão forte, tão resplandecente, tão claro e tão terrível? Nunca o mundo outro tal em nossa caverna arrevessou. Muitos anos há que nos o mundo paga tributo de mortos, mas nenhum semelhante a Este. Quem é Este que tão atrevido entra per nossos termos e cárceres? Não sòmente não teme os tormentos, mas livra os outros presos.

Após estas vozes dos ministros infernais, diz Agostinho, foram tirados todo-los impedimentos que por rezão do pecado original as almas daqueles santos padres tinham polos quais não podiam ver a Deus. Mas, chegando a luz eterna ao inferno, aquela santíssima Alma cheia de Divindade ilustrou e derramou seus raios sobre aquelas almas e foram logo feitas capazes de ver a face e essência de Deus. E foi aquele escuro lugar convertido em paraíso todo o espaço que o Senhor nele esteve até à hora de Sua sagrada Ressurreição.

Este poderoso e misterioso descendimento do nosso Redentor aos infernos é de grande consolação pera Seus amigos, porque n'Ele lhes é dado certo sinal e mostra de seu livramento do poderio de Satanás, da morte e do inferno.

A segunda verdade que confessamos neste artigo é a Ressurreição do Senhor e como aquela Alma santíssima ao terceiro dia, pola manhã cedo, mui triunfante saiu do inferno e veio ao sepulcro e tornou a vestir aquele sacratíssimo Corpo, que nele estava, não com as fraquezas e misérias que tinha, mas renovado e glorioso com todos os dotes e perfeições.

Considera, atenta e devotamente, como antes estava aquele Corpo na sepultura todo desafigurado, amarelo e denegrido; cheio de nódoas negras e pisaduras; os ossos desconjuntados; os olhos quebrados e, finalmente, ũa mui triste imagem de morte. Mas, tanto que aquela bem-aventurada e divina Alma tornou a entrar e tomar posse dele, toda-las fraquezas cessaram e toda-las glórias ou gloriosos dotes nele apareceram. Logo ficou aquele sagrado Corpo imortal, incorruptível, impassível, subtil e ligeiro; mais claro que o sol, mais belo e fermoso do que se pode entender. Porque, como David havia

profetizado ([2]), a Carne do Salvador não havia de experimentar corrupção, mas em breve espaço havia de repousar no sepulcro em certa esperança de ressurreição.

Irmãos, esta gloriosa mudança da Carne do Senhor da morte à vida e de tantas misérias a tantas glórias, é um claro treslado e debuxo da nossa ressurreição, assim espiritual nesta vida, como corporal no dia da ressurreição geral. Porque, assi como Sua Carne, estando tão disforme e afeada, com a presença da Alma se tornou tão fermosa e gloriosa, assi nossa alma, morta pelo pecado, afeada e cheia de mágoas, pola graça do Senhor, que nos é dada nos sacramentos, é ressuscitada em vida espiritual, bela e clara, e restaurada à imagem e semelhança de Deus em que foi criada. E, por isso, S. Paulo ([3]) dizia que o Senhor *foi entregue à morte por nossos pecados e ressurgiu por nossa justificação.* Sua morte matou nossos pecados e Sua Ressurreição nos restituiu a vida espiritual.

Ora sus, Irmãos! Se assi o cremos e esta fé é verdadeira e de coração e não sòmente de palavras, cumpramos o que nos amoesta S. Paulo na Epístola aos Colossenses ([4]), dizendo: — *Ó Cristãos, ó membros de Cristo, se é verdade que já ressurgistes com Cristo da morte espiritual pera a vida, buscai as cousas de cima, alevantai o coração da terra e ponde-o no Céu, onde Cristo está à dextra de Deus. Procurai alcançar sabor e gosto das cousas celestiais e não das terreais. Sabei que, se a vossa fé é viva, já estais mortos pera as cousas do mundo e da carne, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. E alcançando, neste mundo, esta espiritual ressurreição do estado da culpa pera o estado da graça, estai mui certos e alvoroçados pera a ressurreição corporal. Porque,* como diz o mesmo Apóstolo ([5]), *assi como Cristo ressurgiu, ressurgirão gloriosamente todos os Seus membros. Porque a Sua Ressurreição foi as primícias e amostra da ressurreição de todos os seus eleitos.*

E, por isso, convém muito que tragamos diante dos olhos a res-

---

([2]) Psal. 15,10. — ([3]) Ad Rom. 4,25. — ([4]) Ad Coll. 3,14. — ([5]) I ad Cor. 15,20-23.

surreição de nossa carne como há-de vir tempo em que há-de ser renovada e livre de todas as misérias e faltas, e há-de ficar semelhante à carne do Redentor: imortal, incorruptível e mui clara. E por que esta consideração é mui eficaz pera nos mortificar os apetites e deleites da carne, e com penitência a fazermos merecedora das glórias da ressurreição, portanto S. Paulo (6) encomendava a Timóteo que trouxesse sempre na memória a Ressurreição de Nosso Senhor, dizendo: — *Lembra-te que Nosso Senhor Jesu Cristo ressurgiu dos mortos.*

(6) Ad Thim. 2,8.

CAPÍTULO X

Do sexto artigo em que dizemos: -- Creio que Jesu Cristo subiu aos céus e está assentado à dextra do Padre

Neste artigo confessamos como o Redentor, passados quarenta dias despois de Sua Ressurreição, nos quais, pera confirmação dela, apareceu e conversou muitas vezes com Seus discípulos, subiu aos céus manifestamente diante dos olhos de seus discípulos, pera que, também segundo a carne, fosse exalçado sobre toda-las cousas. E, portanto, esta Sua Ascensão não havemos de entender que foi segundo a Divindade, segundo a qual nunca deixou o Céu e está em toda-las partes; mas, segundo a humanidade, ainda que, por virtude da Divindade, pera que desse a Seu sagrado Corpo lugar altíssimo e excelentíssimo proporcionado a Sua Majestade.

Subiu também porque levasse nossos corações consigo, alevantando-os no alto, descarnando-os das concupiscências carnais e terreais. E, por isso, disse o Apóstolo (1) e o Profeta (2) que, *subindo o Redentor aos altos Céus, levou consigo nosso cativeiro cativo.*

Estávamos neste mundo cativos e presos com os grilhões dos pecados e afectos carnais; não suspirávamos nem tínhamos saudade dos bens celestiais. Por isso não podia haver meio mais eficaz pera

(1) Ad Eph. 4,8. — (2) Psal. 67,19.

soltar nossos corações destas prisões e pera alevantar nossos desejos e amores ao Céu, que poer o Senhor Sua sagrada Humanidade nele.

E a isto nos excitava S. Paulo ([3]) quando dizia: — *Tendo nós-outros tão grande pastor Jesu Cristo que penetrou os Céus, tenhamos firmemente lá posta nossa esperança como firme âncora, sobre a qual estemos nas tempestades e ondas do mar deste mundo.*

A nau que está sobre boa âncora, diz Santo Agostinho ([4]), ainda que não estê de todo queda polo bulir das águas e ventos que nunca faltam, todavia está segura de se alagar ou dar à costa e se quebrar. Assi a alma que tem aferrada a âncora de sua esperança na Pátria celestial pera onde Jesu Cristo subiu, ainda que não viva neste mundo sem ventos e ondas de tentações e fraquezas veniais, todavia não se alaga, não se quebra per pecado mortal, enquanto a esperança viva e fundada em amor está pegada no Céu.

Ora sus, irmãos! Não se apartem os membros da cabeça. Pois confessamos que nossa Cabeça está nos Céus, estêm com ela os membros unidos e pegados per fé, esperança e caridade, sendo certos que não se ajuntarão depois da morte com a Cabeça em a glória os membros que neste mundo morreram apartados dela.

Subiu o Senhor pera que nos aparelhasse lugar e apousento e pera que nos fosse abrindo o caminho diante, como o havia dito o Profeta Miqueias ([5]). Por isso, da nossa parte, não falta mais que andar polo caminho que nos mostrou e desejar de chegar ao lugar em que se aposentou. Estê o nosso coração onde está o nosso tesouro; se o corpo na terra está, a alma, que é águia de Deus, voe pera lá.

E não lhe faltam asas, como diz Santo Agostinho, porque pera isso te deram entendimento e vontade; pera isso te obrigaram a teres fé e amor, e pera isso te deram dous preceitos de amor de Deus e do próximo, porque com duas asas voasses pera lá.

Se te escusas, dizendo que há muito visgo neste maldito mundo

([3]) Cf. Ad Hebr. 4,14. — ([4]) In Psal. 64. — ([5]) Mich. 2,13.

e que tens as penas de alma pegadas nos deleites e vaidades da terra, — pera isso te prometeram tantas glórias e deleites no Céu; pera isto te mostrou o Senhor tanto amor e te fez tantas mercês e te deu tantos remédios e sacramentos pera que despegasses as asas de tua alma desse peçonhento visgo e grude, ainda que te custe dor e trabalho nos princípios: Que, despois que tua alma costumar voar e amar, não sintirá trabalho ou mui pouco, e terá por cousa indigníssima tornar a sujar as asas na viscosa lama dos deleites da terra.

Confessamos também neste artigo que Nosso Redentor está assentado à dextra do Padre. O qual entendemos que, quanto à Divindade, está em igual honra e majestade com o Padre; e quanto à humanidade, está nos sumos bens, nas sumas honras, nas sumas glórias e deleitações inefàvelmente sobre todos os exércitos dos Anjos; e, como diz S. Paulo [6], *sobre todos os Principados, e Potestades, e Virtudes, e Dominações, e sobre toda-las dignidades deste mundo e do outro.*

Dizemos que está assentado. Não porque realmente no Céu haja esta maneira de estar assentado, onde não pode haver fraqueza nem cansaço; mas, por assento, entendemos a suma quietação e repouso incapaz de toda a fadiga e cansaço. Porque, na verdade, em pé está, como O viu Santo Estêvão [7] no meio das pedras que sobre ele choviam, no qual demostrou o Senhor estar prestes pera ajudar todos os tentados e atribulados por amor d'Ele.

Se tu determinas viver como cristão, aparelha-te pera sofreres pedradas, porque sem dúvida não hão-de faltar apedrejadores. E os três gerais apedrejadores (que são o Demónio, Carne, e Mundo) então se hão-de aperceber contra ti com mais e maiores pedras de tentações. E, se ainda isto não tens espermentado, sinal é que não tens a vida de todo emendada, como diz Santo Agostinho.

---

[6] Ad Eph. 1,21. — [7] Act. 7,55.

Ora, pois, em quaisquer pedras de penas e tribulações de que te sintires ferido, alevanta os olhos de alma ao Céu, vê Aquele que está à dextra do Padre, consola-te confiando n'Ele e considerando que não subiu a tão alto lugar senão despois de muito apedrejado neste mundo, assi como Ele o disse [8]: — *Foi necessário Cristo padecer muitos tormentos e assi subir à Sua glória.*

Nesta conformidade e confiança respira, consolando-te também com aquelas palavras de S. João [9], que diz: — *Avogado temos diante do Padre Eterno, Nosso Senhor Jesu Cristo,* porque, enquanto homem, intercede por nós, assi pera nos alcançar perdão de nossos pecados, como pera nos alcançar vitória em nossas tentações.

---

[8] Luc. 24,26. — [9] I Joan. 2,1.

CAPÍTULO XI

Sobre o sétimo artigo que diz: -- Creio que Jesu Cristo há-de vir julgar os vivos e os mortos

Neste artigo confessamos a segunda vinda do Senhor e o dia do derradeiro e geral juízo, quando Nosso Salvador em carne humana descerá outra vez dos Céus assi como subiu, aparecendo temeroso em grande poderio e majestade, pera julgar todo o mundo, assi bons como maus; assi aqueles que então se acharem vivos em carne, como aqueles que já forem mortos. Porque então todos hão-de ser ressuscitados em seus próprios corpos, pera que todos, assi na alma como no corpo, recebam a final sentença de glória ou de condenação conforme a suas obras, como o diz o Apóstolo S. Paulo [1]: — *Todos nós-outros havemos de ser apresentados ante o tribunal de Cristo, pera que cada um dê conta de sua vida e obras.*

Naquele espantoso dia todos O veremos em forma humana, uns com grande alegria e consolação, *scilicet*, os bons que, neste mundo vivendo, O amaram e suspiraram por esta segunda vinda e perfeita manifestação de Seu reino, dizendo de coração: — *Venha o Teu Reino.* Mas pera os maus e todos aqueles que em pecado mortal desta vida partiram, será a vista do Senhor sumamente terrível e insofrível.

E esta é a causa por que os Profetas tão temerosas e espantosas cousas disseram do dia do juízo. O Profeta Malaquias [2] o pinta

(1) Ad Ro. 14,10-12. — (2) Malach. 4,1.

com estas palavras: — *Eis aqui virá aquele dia aceso como fogo ardentíssimo, e todo-los soberbos e todo-los pecadores serão nele como estopa e abrasá-los-á aquele dia.*

E o Profeta Oseias ([3]) diz: — *Todo-los adúlteros serão como forno aceso.*

O Profeta Sofonias ([4]) diz assi do mesmo dia: — *Aquele dia será dia de ira, dia de tribulação e angústia, dia de miséria e calamidade, dia de trevas e escuridão, dia de tempestade e çarração. E serão nele atribulados todo-los homens porque pecaram contra o Senhor.*

Esta Sua vinda descreve o Senhor por S. Mateus ([5]) per estas palavras: — *Quando vier o Filho da Virgem em Sua Majestade, e todo-los Anjos com Ele, assentar-se-á no trono de Sua Majestade, e ajuntar-se-ão diante d'Ele toda-las gentes e apartá-las-á ũas das outras assi como o pastor aparta as ovelhas dos cabritos. E porá as ovelhas à Sua mão direita e os cabritos à mão esquerda. E então dirá o Rei aos que estarão à mão direita:* — Vinde, bentos de Meu Padre, possuí o reino que vos está aparelhado desde o princípio do mundo. Porque, quando tive fome, destes-me de comer; quando morria de sede, destes-me de beber; quando fui hóspede, agasalhastes-me; estando nú, cobristes-me; estando enfermo e encarcerado, fostes-me visitar. Porque vos certefico que, quantas vezes fizestes estas obras aos Meus pobrezinhos por amor de Mim, a Mim o fizestes.

E, despois, aos que estarão à mão esquerda dirá desta maneira: — Apartai-vos de Mim, malditos, e i-vos ao fogo eterno que está aparelhado pera o diabo e pera seus companheiros. Porque, quando tive fome, não me destes de comer; e, quando morria de sede, não me destes de beber; sendo peregrino e hóspede, não me quisestes agasalhar; estando nú, não me cobristes; sendo enfermo ou estando preso, não me visitastes. Porque vos certifico que, quantas vezes negastes estas obras aos Meus pequeninos, a Mim as negastes.

E irão estes aos tormentos eternos e os justos pera a vida eterna.

([3]) Os. 7,4. — ([4]) Soph. 1,15. — ([5]) Math. 25,31-46.

Então se cumprirá o que diz o Sabedor ([6]) per estas palavras: — *Estarão os justos naquele dia em grande constância e ousadia contra aqueles que neste mundo os angustiaram e afligiram. E os pecadores e soberbos serão então torvados com temor horrível e pasmarão de tão súpita mudança e, vendo aos humildes, que eles neste mundo haviam desprezado, postos em tanta alteza e bem-aventurança, gemendo com grande angústia de coração, dirão consigo desta maneira:* — Estes são os de que nós escarneciamos e tínhamos por gente vil e sem siso; nós sem siso tínhamos por sandice sua vida e que sua fim seria sem honra. Eis aqui como agora os vemos contados antre os filhos de Deus e antre os Santos lhe caiu a sorte. Nós-outros andávamos errados do caminho da verdade e o lume da justiça não resplandeceu sobre nós e o sol da sabedoria não nasceu pera nós. Cansámos em os caminhos dos pecados e da perdição, andámos per caminhos trabalhosos e dificultosos e não quisemos saber os caminhos do Senhor. Que nos aproveitou nossa soberba, e da jactância de nossas riquezas que proveito tirámos? Todas essas cousas passaram como sombra, como correio que vai pola posta e como nau que vai cortando as ondas sem deixar de si rasto: assi nós-outros sùbitamente acabamos a vida e toda-las nossas cousas se passaram e desfizeram como fumo.

Pois que assi é, Irmãos, vigiemos, não nos tome este dia de sobressalto e desapercebidos, que o Senhor por isso quis que o dia do juízo, assi particular, no dia de nossa morte, como o geral, no dia derradeiro, nos fosse escondido, pera nos despertar que estemos sempre alerta, aguardando cada dia e cada hora por Ele. E assi per S. Marcos ([7]) diz o Senhor estas palavras: — *Quando há-de vir aquele dia ou aquela hora, ninguém o sabe nem os Anjos do Céu. E, por isso, atentai, vigiai e orai, porque não sabeis quando será o tempo.*

([6]) Sapi. 5,1-10. — ([7]) Mar. 13,32-37.

Assi como um homem que, partindo pera mui longe, deixou sua casa e deixou seus servos encarregados em diversos negócios e ao porteiro mandou que vigiasse, assi eu vos digo: Vigiai, porque não sabeis quando o Senhor da casa virá, se pola manhã, se à tarde, se à meia noite; porque, vindo, não vos ache dormindo. O que vos digo, a todos o digo: Vigiai.

Estas são palavras de Cristo. E ainda que vos pareça tardar o dia do juízo, nem por isso vos descuideis, porque, quanto mais tardar, mais rigoroso virá, assi como a seta que sai do arco, tanto mais furiosa sai quanto a corda com mais vagar se estendeu pera trás.

Fugi, como diz Job (8), *da espada de Deus, porque vingadora é das maldades Sua espada, e sabei que há juízo.*

E por Moisés (9) dizia Deus aos Judeus: — *Se Eu aguçar Minha espada, fazendo-a resplandecente como relâmpago, e Minha mão tomar vingança, darei o pago a Meus inimigos, e aos que Me ofenderam castigarei e embeberei Minhas setas em sangue e o Meu cutelo despedaçará carnes,* scilicet, *os que viveram carnalmente.*

E, portanto, nas Divinas Escrituras, frequentemente, o dia do juízo é chamado o dia da vingança de Deus.

Por isso, irmãos, o seguro conselho será que, enquanto dura esta eira de Deus, que é este mundo em que a palha e o trigo estão de mistura, procuremos de ser trigo e não palha, porque o trigo se recolherá no celeiro do Céu e a palha se lançará no fogo infernal. *Todos,* como diz Santo Agostinho (10), *estamos neste lagar de Deus, todos temos algum peso de feixe de tribulações que nos aperta e aflige. Procuremos com paciência, obediência e amor de Deus, ser azeite belo e digno do Céu, e não água ruça desprezada e lançada fora, quais são todos os carnais desobedientes a Deus e impacientes nos trabalhos e tribulações que lhe dá.*

Ora *o Deus de paz,* como diz S. Paulo (11), *vos santifique em toda-las cousas pera que vosso espírito, alma e corpo se achem inteiros e perfeitos, sem culpa e ofensa, em o dia da vinda de Nosso Senhor Jesu Cristo.*

---

(8) Job. 19,29. — (9) Deut. 32,41-42. — (10) In Ps. 80. — (11) Ad Thes. 9,23.

CAPÍTULO XII

Do oitavo artigo que diz: -- Creio em o Spírito Santo

Em os artigos que até agora temos declarado se contém a confissão das duas Pessoas da Santíssima Trindade, *scilicet,* Padre e Filho. A Pessoa do Padre confessamos dizendo: — *Creio em Deus Pai todo poderoso, criador dos céus e da terra.* E ainda que ser poderoso e criador convenha igualmente a todas as três Pessoas, porque todas as três têm um mesmo poderio, todavia atribuimos o poderio e criação do mundo à Pessoa do Pai, porque Ele é princípio da Divindade e d'Ele procede o Filho e o Spírito Santo.

Da Segunda Pessoa, que é o Filho, Nosso Senhor Jesu Cristo, temos posto seis artigos, em os quais substancialmente se contém que Nosso Senhor Jesu Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, o qual veio a este mundo cumprir a obra de nossa Redenção e fazer-se a nós caminho, verdade e vida, pelo qual somos livres e salvos, como o Apóstolo S. Paulo (1) em poucas palavras, mas altíssimas e ardentíssimas, compreendeu, dizendo: — *Apareceu a graça de Deus Nosso Salvador a todo-los homens, ensinando-nos que, deixada toda a ignorância e desconhecimento de Deus, e renunciados todos os desejos seculares e carnais, temperada, justa, e piamente vivêssemos neste mundo, esperando a bem-aventurança e a gloriosa vinda do*

(1) Ad Tit. 2,11-14.

grande Deus e Salvador Nosso, Jesu Cristo, que deu a Si mesmo por nós, pera que nos remisse e nos fizesse povo limpo, aceito a Deus e seguidor de boas obras.

Agora, neste oitavo artigo, confessamos a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, dizendo: — *Creio no Spírito Santo.* E assi com este artigo cumprimos a confissão do Mistério e altíssimo segredo da unidade e trindade de Deus. O qual mais claramente desta maneira havemos de confessar:—*Creio em um Deus, Padre, Filho e Spírito Santo.* O que Santo Atanásio assi declara: — *A fé católica esta é: Crer e honrar um Deus em três Pessoas e três Pessoas em um Deus, não confundindo as Pessoas, nem partindo a substância. Porque seja outra a Pessoa do Padre, outra a do Filho, e outra a do Spírito Santo; mas porém todas três têm a mesma divindade, a mesma glória e eterna majestade, e são iguais em toda-las outras perfeições.*

Infinito é o Padre, infinito é o Filho, infinito é o Spírito Santo e todos três são um Infinito.

Cada um deles é Deus, Senhor todo-poderoso e eterno; e todos três são um só Deus, um só Senhor todo-poderoso e eterno.

Este é o maior segredo que nos foi descoberto no tempo da graça e luz evangélica, princípio e raíz de todo-los outros segredos.

Não foi descoberto este segredo geralmente ao povo dos Judeus, mas ficou reservado seu descobrimento pera o tempo em que a sabedoria divinal de Deus havia de aparecer nas terras vestida de carne humana para abrir ao mundo os tesouros da divina misericórdia e sabedoria. Dos quais o principal foi descobrir-nos como em a Majestade Divina, salva sua unidade substancial e essencial, havia três Pessoas pessoalmente e realmente destintas, das quais a Segunda tomara nossa humanidade pera nosso remédio e salvação.

O qual segredo com grande humildade e agardecimento havemos de receber, não presumindo mais do que nos é dado, nem parecendo que neste mundo podemos alcançar como isto é; mas contentando-nos de crer com firme e viva fé, pera que, despois desta vida, o mereçamos

entender e ver claramente. Porque, como disse o Profeta Isaías [2]: *Se não crerdes, não entendereis.*

Baste-nos o claro testemunho da verdade, que é o Filho de Deus, o qual tão impresso e fixado quis que trouxéssemos o Mistério da Trindade em nossos corações, que, por isso, ordenou que na forma do Bautismo, que é a porta da fé, se expressasse este Mistério, ordenando que fôssemos bautizados em nome do Padre e do Filho e do Spírito Santo.

De maneira que, neste artigo, confessamos a Pessoa do Spírito Santo, e d'Ele, no *Credo* que se diz na Missa, dizemos: — *Creio em o Spírito Santo, senhor e vivificador, o qual procede do Padre e do Filho, e, com o mesmo Padre e Filho, é juntamente e igualmente adorado e glorificado.*

Ao qual chamamos Santo, não sòmente porque, de Sua natureza, é a mesma santidade, mas também porque é o que santifica toda-las cousas.

Ele é o que nos perfilha em filhos de Deus, como diz o Apóstolo S. Paulo [3], derramando em nossas almas Sua graça e amor, fazendo-nos templos e moradas suas.

Ele é o que encheu os Profetas e Apóstolos de sabedoria celestial. Polo qual o Senhor disse [4]: — *Não sois vós-outros os que falais, mas é o Spírito Santo de vosso Padre o qual fala em vós.*

É também chamado nas Escrituras [5] Paracleto, que quer dizer: Consolador. Porque *nos consola em todas nossas tribulações* [6] e *nos ensina e incita a orar e pedir o que nos convém e dar gemidos sem conto* [7], assi por nossos pecados como com desejos e saudades do Céu.

Este é o Spírito bom que o Senhor dá a quem lho pede [8], que nos purifica e alimpa das afeições terreais e mortifica em nós

(2) Isa. 7,9. — (3) Ad Ro. 8,14-16 e Ad Cor. 6,16. — (4) Math. 10,20. — (5) Joan. 14,26. — (6) 2. ad Cor. 1,4. — (7) Cfr. Ad Rom. 8,26. — (8) Luc. 11,13.

as concupiscências carnais e espede as acídias e friezas espirituais, acendendo em nós santos amores e desejos celestiais.

E, finalmente, este é o Spírito direito que contìnuamente, com David (9), havemos de pedir, dizendo: — *Senhor inovai em minhas entranhas o Spírito direito, c qual endireite a tortura de minha vontade e afeições, e me guie polos caminhos direitos de vossa lei e vontade até à Pátria celestial.*

(9) Cfr. Psal. 50,12.

CAPÍTULO XIII

Sobre o nono artigo que diz: -- Creio que há ũa Santa Igreja Católica e Apostólica, em a qual há comunhão dos Santos

Neste artigo (juntas também as palavras que se dizem no Credo da Missa), confessamos que há ũa só Igreja, a qual é santa, e é católica e apostólica, e nela se acha comunicação dos Santos.

E, portanto, convém declarar aqui estas cinco condições, que são como ũas marcas e sinais por onde se conhece a Igreja de Cristo e se diferenceia dos ajuntamentos e conventículos dos infiéis e herejes.

E antes que expliquemos estas condições, convém declarar este nome Igreja. Não quer dizer outra cousa Igreja senão ajuntamento chamado. E assim Igreja cristã quer dizer: ajuntamento de todo-los fiéis que crêem em Jesu Cristo juntos em um Corpo Místico, e chamados a Ele per virtude da graça e palavra de Deus, tirados das trevas e errores e pecados, e trazidos ao lume da Fé e conhecimento de Deus.

A qual Igreja tem dous estados e, portanto, tem dous nomes. Porque dizemos que há Igreja triunfante e Igreja militante.

Igreja triunfante chamamos o ajuntamento das almas que já reinam com Cristo, vencidos já seus inimigos e triunfando deles. Da qual foi dito a S. João no Apocalipse [1]: — *Estes são os que*

[1] Apo. 7,14-17.

vieram de grande tribulação e lavaram suas vestiduras e as fizeram alvas e resplandecentes em o sangue do Cordeiro. Portanto estão diante do trono de Deus e O servem contínua e eternamente, e Ele mora neles. Já não padecerão fome nem sede, nem calma, nem outro trabalho ou aflição algũa, porque o Cordeiro os regerá e os levará às fontes das águas da vida, e tirará toda a lágrima de seus olhos.

A Igreja Militante se diz o ajuntamento dos fiéis cristãos que neste mundo andam em contínua guerra e batalha contra os inimigos de suas almas, que são mundo, carne e os demónios; da qual o Senhor é capitão e esforçador, polo que se chama, nas Escrituras, muitas vezes, Senhor Deus dos exércitos ou das batalhas. E David (2) lhe chama *Senhor forte e poderoso, Senhor forte em a guerra.*

Esta Igreja, como temos dito, se conhece e distingue pelas ditas cinco condições e sinais.

A primeira, que é ũa em todo o mundo, assi como está escrito no livro dos Cânticos (3): — *ũa é a minha pomba, ũa é a minha amiga e esposa.*

E o Apóstolo (4) disse: — *Sede um corpo e um espírito assi como fostes chamados em ũa esperança da vida eterna. Assi como tendes um só Deus, assi tende ũa só Fé e um Bautismo.*

De maneira que esta unidade da Igreja consiste nisto, que é todos os Cristãos terem ũa só fé, crerem e confessarem os mesmos artigos e doutrina da Igreja, e concordarem em os mesmos Sacramentos, especialmente no Sacrifício da Missa.

A qual unidade não se pudera reter e conservar se Cristo não deixara nas terras ũa Cabeça e Vigairo Seu, ao qual todos os cristãos fossem obrigados obedecer, e ter por certa verdade as cousas que difinitivamente determinasse haverem-se de crer. Este Vigairo foi o Apóstolo S. Pedro e, despois dele, todos os seus legítimos sucessores presidentes em a Igreja Romana.

---

(2) Psal. 23,8. — (3) Cant. 6,8. — (4) Ad Eph. 4,4.

A segunda condição e sinal da Igreja é ser santa. E chama-se santa, primeiramente porque é santificada por Cristo sua cabeça, e tingida com o Seu Sangue, e governada polo Spírito Santo.

Chama-se também santa porque é firme e forte, fundada sobre pedra contra a qual as forças do inferno nunca prevaleceram nem prevalecerão.

Também se diz santa porque, dado caso que não sejam santos e espirituais todos os que nela estão, antes mais tenha de pecadores e amadores deste mundo que de santos e espirituais, todavia sòmente nela se podem achar Santos, e fora dela não pode haver santidade. E, portanto, por razão da melhor e mais principal parte da Igreja, que são os Santos, se chama a Igreja santa.

A terceira condição é chamar-se católica, que quer dizer, universal, *scilicet,* derramada por todo o mundo, sendo os conventículos dos hereges limitados a certas províncias e lugares.

Mas a Igreja católica, assi como compreende todo-los tempos, assi compreende todo-los lugares e se estende per todo-los géneros e nações dos homens. Polo qual foi dito aos Apóstolos que pregassem o Evangelho a toda a criatura.

A quarta condição é ser apostólica, que quer dizer que nela se conserva a verdadeira doutrina dos Apóstolos, que eles ensinaram não sòmente per escrito, mas também per palavra e tradição.

Chama-se também Apostólica porque nela persevera a legítima sucessão do Apóstolo S. Pedro, obedecendo toda e conhecendo por seu universal pastor o Papa e Pontífice Romano, sucessor de S. Pedro.

O quinto e último sinal da Igreja Católica é haver nela comunhão ou comunicação de Santos, que quer dizer que nesta

Companhia e família de Jesu Cristo estamos todos unidos como membros, polo que, assi como os membros de um mesmo corpo se ajudam uns aos outros, assi também todos os Cristãos se ajudam e comunicam antre si suas orações e merecimentos. Todos rogamos uns por outros, dizendo: -- *Pai nosso, perdoai-nos nossos pecados, dai-nos nosso pão, não permitais que sejamos vencidos nas tentações, mas livrai-nos de todo mal.* Nas quais palavras claramente se mostra que nenhum cristão roga por si só, mas também por todo-los outros.

Comunicamos também nas boas obras, porque as obras boas de um edificam, excitam, ajudam e consolam aos outros; suportamos também e *ajudamos a levar uns as cárregas e fraquezas e necessidades dos outros,* como diz o Apóstolo (5). Polo qual disse David (6): — *Senhor, eu sou participante e quinhoeiro de todos os que Vos temem e guardam Vossos mandamentos.*

Este artigo e confissão de ũa Igreja católica (como está declarado) é a principal coluna a que estamos encostados e firmados pera escapar de toda-las heresias e erros, e nele consiste toda a verdadeira e santa teologia das pessoas simples, porque, enquanto firmemente crerem o que crê a santa Madre Igreja Católica, estão seguros de lhe não empecerem as ignorâncias em as quais podem cair por não alcançarem a alteza e subtileza dos mistérios da fé. Fora desta Igreja estão todos os pagãos e infiéis que nunca receberam a fé de Cristo, e assi todo-los hereges que despois de recebida a deixaram ou corromperam, e todo-los cismáticos que romperam a paz e unidade da Igreja, e finalmente também estão fora dela todo-los excomungados, que a Igreja cortou e lançou fora de si como membros podres e perniciosos, corrumpedores dos membros sãos.

E todos estes ditos que dizemos estarem fora da unidade da igreja, em nenhũa maneira se podem salvar e receber a graça do Senhor, se primeiro não forem reconciliados e restituidos à mesma unidade da Igreja. Porque, como disseram S. Cipriano e Santo Agostinho: — *Não terá a Deus por Padre quem não quiser ter a Igreja por Madre.*

---

(5) Ad Gal. 6,2. — (6) Cfr. Psal. 118,4-69-87-128, etc..

Verdade é que, quanto aos cristãos excomungados, possível é que, tendo eles verdadeira contrição e desejo de reconciliação com a Igreja, alcancem graça de Deus antes de serem absoltos da excomunhão, da qual, ainda depois da morte, podem ser absoltos pera participarem dos sufrágios da Igreja.

Quanto aos Cristãos que não são hereges nem excomungados, mas porém vivem em pecado mortal, dizemos que ainda pertencem à unidade da Igreja; mas porém como membros mortos, secos, ou podres, por quanto a sua fé é morta, assi como muitas vezes, no corpo natural, estão pegados alguns membros paraláctios e mortos, que não recebem vida e movimento do coração. Tais são os cristãos que estão fora da graça do Senhor, porque, como o Senhor disse: — *A Igreja é como ũa rede que tem colhidos muitos peixes assi bons como maus* (7); *e é como ũa eira em que não há sòmente trigo, mas também palha* (8).

Ainda que, tomando este nome igreja mais estreitamente, *scilicet,* por a cidade santa de Jerusalém espiritual, edificada de pedras vivas, que são as almas aceitas a Deus e seguidoras de boas obras, fora dela estão todos os que vivem em pecado mortal. Pelo que, irmãos, não vos contenteis de ser membros da Igreja secos e podres, senão vivos e obradores, pegados e grudados com Cristo, não sòmente por fé e esperança, mas também por caridade. Porque só dos membros vivos se há-de edificar a cidade de Jerusalém.

(7) Cfr. Math. 13,47. — (8) Cfr. Math. 3,12.

CAPÍTULO XIV

Sobre o décimo artigo que é: -- Creio a remissão dos pecados

Neste artigo confessamos que na Igreja Católica há remissão e perdão de pecados. O qual perdão é o principal fruto da Paixão do Redentor, assi como foi a principal causa de Sua vinda ao mundo. Porque pecados são impedimento total da entrada da Glória, em a qual *nenhũa cousa suja e magoada poderá entrar,* como se diz no Apocalipse (1).

Polo qual, se não tivéssemos certeza que na Igreja Católica há remissão de pecados, ser-nos-ia necessário desesperar de entrar em a Glória celestial. Mas este suavíssimo artigo, esta docíssima voz: — *Creio que na Igreja Católica há remissão de pecados por grandes e enormes que sejam,* tem mão em nós que não caiamos em desesperação, e com ele nos defendemos dos laços e tentações do diabo inimigo da geração humana.

O qual muitas vezes costuma combater os pecadores incitando-os a desesperar, encarecendo-lhe muito os muitos e grandes pecados que fizeram, e assim também a severidade da divina justiça contra os pecadores. Mas todas estas setas não nos empecerão se nos defendermos com este escudo e esta fé, que há na Igreja perdão de pecados pera os penitentes.

---

(1) Apo. 21,27.

E porque pera as orelhas dos pecadores não podia haver voz mais doce que denunciar-lhe e prometer-lhe perdão de pecados da parte de Deus, portanto, como diz S. Lucas ([2]), tanto que S. João Baptista, Precursor do Senhor, saiu do ermo a pregar, a primeira cousa que denunciou e apregoou aos homens foi que havia aí perdão de pecados.

Ó voz suavíssima! Esta parece que era aquela voz da qual diz S. João no Apocalipse ([3]) que *ouviu ũa voz que era como voz de excelentes tangedores que estavam tangendo em suas violas.* Com esta voz consolou o Senhor, na Ceia, a torvação e tristeza de seus discípulos, quando, consagrando o vinho em seu precioso Sangue, disse ([4]): — *Este é o meu Sangue do Novo Testamento que será derramado por muitos pera remissão dos pecados.*

E esta mesma voz lhe encomendou por S. Lucas ([5]) que apregoassem em todo o mundo, dizendo: — *Pregai em meu nome penitência e remissão de pecados a toda-las gentes, começando de Jerusalém.*

Por isso bradou Pedro, como se conta nos *Actos dos Apóstolos* ([6]), dizendo em um sermão: — *Todos os Profetas dão testemunho de Jesu Cristo, que por Seu Nome hão-de alcançar remissão de pecados todos os que nele crêem.*

De maneira que a remissão dos pecados, que neste artigo confessamos, é fundamento de todas as nossas esperanças de salvação e bem-aventurança, a qual não se pode alcançar senão per virtude do Sangue de Cristo e Seus Sacramentos, em os quais está e obra a virtude e eficácia do mesmo Sangue.

Mas não espere ninguém alcançar esta remissão fora da Igreja católica e apostólica, por quanto a só ela são dadas as chaves do reino dos Céus. Por isso nenhum hereje pode alcançar perdão de seus pecados até que se não reconcilie e incorpore com a santa Igreja, e torne a cobrar espírito de vida, que é fé, esperança e caridade.

([2]) Luc. 3,3. — ([3]) Apo. 14,2. — ([4]) Math. 26,28. — ([5]) Luc. 24,47. — ([6]) Cfr. Act. 10,43.

CAPÍTULO XV

Sobre o undécimo artigo que diz: -- Creio a ressurreição da carne

Neste artigo cremos e confessamos que, per virtude divina, no dia derradeiro toda a carne humana há-de ser ressuscitada, *scilicet,* que todos os homens, assi bons como maus, assi fiéis como infiéis, em corpo e em alma hão-de tornar a viver. De maneira que a mesma carne que trazemos, ainda que morta e sepultada e convertida em pó, há-de ser ressuscitada e tornada a ajuntar à alma imortal pera que com ela viva perpètuamente em glória ou em pena. Como Job [1] claramente testemunhou, dizendo: — *Creio que, em o dia derradeiro, ressurgirei, outra vez serei cercado de minha pele, e em minha carne verei meu Deus.*

E, porque os que pouco sabem dos segredos de Deus se maravilham e perguntam como a carne despois de podre e tornada em pó, há-de tornar a reverdecer, responde-lhe S. Paulo [2] assi: — *Dize, ignorante, se o grão de trigo que lanças na terra não pode nascer e lançar de si espiga verde e fermosa sem primeiro apodrecer, porque te espantas que teu corpo despois de podre, per virtude divina haja de tornar a reverdecer?* Disse aquele Senhor que dũa pivide seca e murcha pode tirar ũa árvore tão grande e tão fermosa, porque não poderá de teus ossos e pó fazer um corpo vivo e imortal?

---

(1) Cfr. Job 19,26. — (2) Cfr. I ad Cor. 15,36-37.

E, dado caso que assi os bons como os maus hão-de ressurgir em carne e corpo imortal, mas porém será pera mui diversos fins, porque os bons ressurgirão pera serem gloriosos e bem-aventurados assi no corpo como na alma, e os maus ressurgirão pera serem mal--aventurados e atormentados assi na alma como no corpo, como Daniel ([3]) profetizou por estas palavras: — *Os que dormem em o pó da terra, espertarão e ressurgirão, uns pera a vida eterna e outros pera confusão e pena eterna.*

O que o Senhor também no Evangelho disse por S. Mateus ([4]): — *Os que fizerem boas obras, ressurgirão pera a vida, e os que más, ressurgirão pera juízo e condenação eterna.*

De maneira que a substância da carne não se mudará assi nos bons como nos maus, mas sòmente se mudarão as qualidades da mesma carne. Porque os bons, assim como na alma serão cheios da vista e gozo da presença de Deus, assi em a carne serão ornados de gloriosas qualidades e bem-aventurados dotes. Porque justo é que a carne que foi companheira nos trabalhos e instrumento seu pera as obras de caridade e serviço de Deus, seja também no dia da retribuição geral galardoada e glorificada, e cheia de todo-los santos gostos quanto possível for; assi como também a justiça requere que os danados não sòmente sejam castigados na alma e lançados perpètuamente da vista de Deus e postos em estado de infinita tristeza e agonia, mas também seus corpos, que foram instrumentos nos pecados, e por cujos torpes apetites e deleites as almas se perderam, sejam também rigorosamente atormentados no fogo eterno. E portanto, a imortalidade da carne em que ressurgirão os maus, será pera sua dobrada pena, porque, ainda que seus corpos hajam de ser imortais, não serão impassíveis, antes grandemente doridos, assi como não serão claros nem fermosos, mas feios, escuros e horríveis de ver. Pelo que desejarão de morrer e serem tornados em nada, mas não lhes será cumprido seu desejo, antes sempre viverão em viva morte sem acabar de morrer.

([3]) Dan. 12,2. — ([4]) Cfr. Math. 25,46.

E, portanto, assi como aos pecadores obstinados deve ser cousa mui triste e terrível cuidar na ressurreição da carne, assi aos bons é cousa de grande alegria e consolação.

E, por isso, S. Paulo muitas vezes consola os cristãos, trazendo-lhe à memória este artigo, dizendo assi em ũa epístola ([5]): — *Cristo ressurgiu dos mortos como primícia de todos aqueles que hão-de ressurgir, porque, assi como per um homem, que foi Adão, entrou a Morte no mundo, assi per outro homem, Jesu Cristo, entrará a ressurreição dos mortos. E assi como todos morrem por Adão, assi todos serão tornados à vida por Cristo.*

E, em outra carta ([6]), defende aos Cristãos que não se entristeçam, nem chorem demasiadamente seus defuntos, como fazem os gentios que não esperam ressurreição, mas se consolem crendo que a morte do bom cristão pera a alma é certa bem-aventurança, e pera o corpo é um sono de que há-de acordar ressurgindo em carne imortal.

E na epístola aos Filipenses ([7]), os alegra e alvoraça com estas palavras: — *Irmãos, ainda que na terra andamos, nossa conversação toda é nos Céus. Polo qual aguardamos por Nosso Senhor e Salvador Jesu Cristo, o qual virá e reformará este nosso miserável corpo e o fará semelhante ao Seu Corpo claro e bem-aventurado, porque então será livre de todo-los defeitos e misérias a que neste mundo está sujeito,* scilicet, *livre de fome e sede, de frio e calma, de dor e cansaço, de morte e doença, e, finalmente, de todas as necessidades e faltas; claro como o sol ou mais que o sol, subtil, ligeiro, incorruptível e imortal.*

E, portanto, irmãos, se desejamos ser participantes na ressurreição gloriosa da carne, convém que, enquanto neste mundo vivemos, procuremos diligentemente a ressurreição da alma. O Filho de Deus veio às terras principalmente pera ressuscitar nossas almas da morte espiritual causada polos pecados, à vida espiritual de Sua graça. E esta ressurreição se executa logo neste mundo em todos aqueles que, com fé e arrependimento de suas culpas, recebem os sacramentos que

---

([5]) I ad Cor. 15,20. — ([6]) Cfr. I ad Thes. 4,12-17. — ([7]) Cfr. Ad Phili. 3,20-21.

Ele ordenou. Por isso, quem aqui não curar de ressuscitar e aviventar sua alma com verdadeira e contrita confissão e devota comunhão, não espere de ter parte na bem-aventurada ressurreição da carne. E os que, assi com estes sacramentos, como com outras santas obras, trabalham de mortificar e quebrar a rebelião e má inclinação de sua carne, consolem-se muito, porque assi a guardam para ser restaurada e glorificada no dia do juízo.

CAPÍTULO XVI

Duodécimo e último artigo que diz: -- Creio na vida eterna

Neste derradeiro artigo confessamos que, despois da ressurreição geral e dia do juízo, havemos de viver eternamente e sem fim. Que cousa pode ser mais doce e graciosa que este fim do *Credo?* Que conclusão das cousas que cremos podia ser mais desejada que esta: — *Creio que há vida eterna.* Porque, como diz S.to Agostinho [1], *dura pera sempre?* Neste vale de lágrimas nenhũa cousa temos mais estimada e amada que a vida presente, sendo ela tal que escassamente merece nome de vida. Pois quem se não deleitará e alvoroçará com esta divina promessa de vida eterna?

Com muita razão acabamos a confissão da fé católica, dizendo: — *Creio que há vida eterna, e há felicidade e bem-aventurança que* esta é a suma de toda-las cousas. Este é o principal segredo de Deus. Este é o mistério pera que o mundo foi constituido. Esta é a rezão por que o homem foi criado. E, como ele diz, a traça de Deus foi esta: Criou Deus o mundo corporal pera que servisse ao homem e criou o homem pera que conhecesse a Deus, pera que conhecendo-O, O amasse, venerasse e servisse. Pera que, amando-O e servindo-O, alcançasse em galardão de seu trabalho vida eterna e imortal.

E com rezão se chama vida, porque sòmente então verdadei-

---

[1] Prol. psal.

ramente viveremos assi na alma como no corpo. Porque, assi como viver em graves misérias mais se deve chamar morte viva, que vida, assi, estando nosso corpo livre de toda-las misérias, de fome e sede, de calma e frio, cansaço e de toda-las outras, então se dirá ter verdadeira vida. E muito mais gozará então a nossa alma de verdadeira vida, pois não poderá ser inquietada com algum vício ou tentação, tristeza ou nojo; mas perfeita e perpètuamente gozará do Sumo Bem, que é Deus.

A qual bem-aventurada e eterna vida, quantos bens encerre em si, nem a língua humana o pode dizer nem o entendimento do homem o pode alcançar, como disseram o Profeta Isaías ([2]) e o Apóstolo S. Paulo ([3]).

Que vida mais bem-aventurada pode ser, diz um Santo, que aquela donde não pode haver arreceio de pobreza, nem fraqueza de doença; onde ninguém poderá ser empecido ou molestado; onde ninguém se poderá assanhar; onde inveja, cobiça ou ambição não terão lugar; onde não haverá medo de morte ou de inferno; onde tudo será paz e tranquilidade, alegria, luz e deleites eternos; onde a santa Madre Igreja, esposa de Cristo, alcançará perfeita fermosura e não terá mágoa nem ruga, mas resplandecerá, triunfará e reinará eternamente com seu Esposo? Que coisa mais deleitosa se pode cuidar, que estar na companhia dos Anjos e ver todo-los Santos mais resplandecentes que estrelas, e, sobretudo, ver o Rei Eterno, Nosso Senhor Jesu Cristo, tomada a posse de Seu Reino e feito toda-las cousas em todos.

Ainda que nos custasse sofrer cada dia grandes tormentos, e ainda que fossem os do inferno por algum tempo, digníssima cousa seria sofrer tudo pera que pudéssemos ver a Cristo em Seu Reino e triunfo e gozar de Sua glória. Mas que é o que o Senhor quer que soframos e façamos pera alcançar tanta felicidade? Como diz Santo Agostinho ([4]): — Estando em rigor de justiça, houvéramos de sofrer trabalhos eternos pera alcançar descanso eterno, padecer eternas penas

([2]) Isa. 64,4. — ([3]) I ad Cor. 2,9. — ([4]) In Psal. 36.

pera receber eterna bem-aventurança. Mas porque, se o trabalho fora eterno, nunca chegáramos ao descanso, ordenou a divina misericórdia que o trabalho e tribulação fosse temporal. E, podendo fazer que fora de mil ou dous mil anos, porque, comparados com a eternidade, ficavam nada, não quis senão que fosse o tempo breve e momentâneo, como diz o Apóstolo S. Paulo, pera que, per tribulações momentâneas, alcancemos glória eterna e infinita.

E quanto ao que te manda fazer, cuida bem em suas palavras e verás quão fácil é. Ó Israel, ó povo católico, que outra cousa te pede o Senhor, teu Deus, senão que O temas e andes em Seus caminhos e sigas a Ele, teu Deus e Senhor, com todo teu coração e tua alma, e guardes todos seus mandamentos?

De maneira que todas as cousas trabalhosas que Deus me manda fazer, se resolvem e assomam em amor, porque, quem o tem, nenhũa cousa de serviço de Deus acha dificultosa e trabalhosa.

No cabo deste *Credo* pronunciamos aquela palavra, *Amen,* por duas rezões. A primeira pera significar que firmemente cremos, confessamos e testemunhamos todas as verdades que nele se contêm. Por isso dizemos: *Amen,* que significa: *Assi é certamente.*

A segunda rezão é, pera demonstrar a certa esperança e confiança que temos, que em nós se cumprirá e executará a redenção e remissão dos pecados pelo Sangue de Cristo, a santificação e glorificação de nossas almas e corpos como está dito. E, por isso, concluimos, dizendo: *Amen,* como se disséssemos: *Assi certamente se faça e se cumpra em nós.*

Começa-se a exposição da Oração do PATER NOSTER

CAPÍTULO I

Em que se declaram as primeiras palavras, scilicet: — *Padre Nosso que estas em os Céus.*

Despois de havermos tratado do exercício da fé, tendo tratado os artigos dela que são as fundamentais e principais verdades que nos são propostas pera crer, convém logo aqui tratar do exercício da segunda virtude teologal, que é Esperança, declarando brevemente a divina oração do *Pater noster,* na qual exercitamos nossa esperança, pedindo nela ao Senhor quanto d'Ele lìcitamente podemos esperar e desejar. E, portanto, é perfeitíssima oração sobre todas quantas forem feitas ou se podem fazer a Deus; porque nenhũa cousa se Lhe pode pedir que nela não se compreenda e peça.

Ó Oração dulcíssima, ó Oração cheia de confiança, ó Oração cheia de toda a oratória e retórica divina! Porventura enjeitará o Senhor a Oração que Ele ensinou; romperá a petição que notou? Certo não desconhecerá o Padre Eterno as palavras do Filho, antes, ouvindo-as, por amor de Seu Filho Jesu Cristo fará o que polos merecimentos daquele que ora não se podia fazer. *Ele, enquanto homem, é advogado nosso diante do Padre Eterno,* como diz S. João (1);

(1) Cfr. I Joa. 2,2.

e, por isso, advogando por nós, usamos de suas palavras, sendo certos que nossos rogos não têm mais valor que enquanto se ajuntam e encostam aos Seus.

Compreende esta sacratíssima Oração sete petições como se dirá, ante das quais endereçamos nossa intenção e coração a nosso Deus e Senhor, invocando-O e dizendo-Lhe: — *Pai Nosso, que estás nos Céus,* chamando-lhe primeiramente Pai. Ó grande dignidade dos cristãos! Ó grão benignidade de Deus, que se não despreza de nos ter por filhos, que não se desonra que lhe chamemos Pai. Quem se atrevera chamar-lhe Pai se Ele não dera licença, se Ele o não mandara?

Na qual cousa nos obriga a viver como filhos de tal Pai e trabalharmos por cada vez mais nos parecermos com Ele, pera que assi se preze Ele de nos ter por filhos, como nós de O termos por Pai.

Este nome Pai, pronunciado por nossa boca, nos esforça e acende em excelentes afectos. Primeiramente no afecto de amor filial. Que cousa é mais natural e devida que o filho amar seu Pai?

E além disso, em dizermos Pai, parece que logo nasce em nós ũa presunção e certa confiança de alcançar do Senhor todas as cousas proveitosas que pedirmos, lançando sobre Ele todos nossos cuidados e cárregas e necessidades. Porque, que cousa poderá tal Pai negar aos que já são Seus filhos, pois lhe deu ũa maior que todas, que é fazê-los Seus filhos?

Também em dizermos Pai, se porventura não conversamos neste mundo como Seus filhos, gera-se em nós um afecto de vergonha, confusão e afronta, vendo quanto degeneramos do Pai nosso celestial e espiritual, sendo nós pensamentos, nós desejos e obras terreais e carnais. Porque, ai de ti se sòmente és filho per criação e não procuras de o ser por renovação de graça e bons costumes. Milhor te fora não ser nascido, porque sòmente os filhos per graça são os herdeiros do Céu.

Dizemos mais, *Pai nosso* e não *meu*, porque o Senhor da paz e concórdia, amador da unidade e conformidade, não quer que ore algum por si só, dizendo: *Padre meu*, senão: *Padre Nosso*. Nem quer que digamos: *Dai-me o pão meu*, senão: *O nosso*. Nem: *Perdoai-me os meus pecados*, senão: *Os nossos*.

E cada um de nós roga por todos os cristãos, e todos rogam por cada um, porque, desta maneira, conheçamos que somos ũa cousa n'Ele em ũa fé, esperança, e caridade, e não nos atrevamos fazer divisões per ódios e discórdias. Assi os três moços metidos na fornalha com ũa boca oravam e louvavam o Senhor (2). E S. Lucas (3), declarando como oravam os Apóstolos despois da Ascensão do Senhor, diz que perseveravam juntos em oração com perfeita concórdia de corações.

Não tem rezão de chamar a Deus *Pai Nosso*, aquele que a outro Cristão não tem por Irmão.

É também de saber como esta Oração não sòmente é cheia de sabedoria, mas também de reitórica divina, porque a arte da oratória requer que, quando havemos de pedir algũa cousa a algum Senhor, antes de petição lhe digamos algũas palavras de louvor. Por isso, antes que entremos nas petições, chamamos a Deus Pai. Em o qual nome se compreendem muitos outros de grande louvor. Porque, em dizer Pai, confessamos que é nosso Criador, Conservador, e Governador, Redentor, Salvador, Ajudador, Justificador e Glorificador.

Despois que dizemos *Pai Nosso*, ajuntamos: *Que estás nos Céus*, porque, ainda que o Senhor estê na terra e em todo lugar, diz-se particularmente estar nos Céus, porque aquele lugar escolheu pera mostrar sua glória aos bem-aventurados, e porque suas maravilhosas obras, sua majestade e poderio mais claramente reluzem nos corpos celestiais.

---

(2) Dan. 3,51. — (3) Act. 1,14.

Polo qual disse David [1]: — *Os Céus apregoam a glória de Deus.*

Também dizemos isto pera O diferençar do pai carnal, que na terra temos, fraco como nós e que não nos pode valer nas nossas necessidades, como nem a si mesmo.

Ora, pois nosso Padre está nos Céus, justo é que, ainda que nas terras andemos, no Céu ponhamos tudo aquilo que lá podemos pôr, *scilicet,* os corações, os pensamentos, as intenções, os desejos, o amor. Estê nosso coração onde está nosso tesouro; estêm os filhos onde está o Pai; e, pois o Pai é celestial, não sejam os filhos de todo terreais.

Céus com rezão se chamam as pessoas celestiais e espirituais, cujas almas, como céus, estão cheias de estrelas de virtudes e santas obras, e têm firmeza no amor, e, como os mesmos corpos celestiais, contìnuamente se movem conforme à divina Vontade.

Pois trabalhemos nós de ter as condições dos Céus, pera que o Senhor more em nós, pois lhe é tão próprio morar nos Céus.

---

[1] Psal. 18,2.

CAPÍTULO II

Em que se declara a primeira petição, scilicet: — *Santificado seja o Teu nome.*

Nesta sacratíssima Oração, sete petições fazemos ao Senhor, das quais esta é a primeira. E nela, como verdadeiros filhos que mais desejam e procuram a glória do Pai que seus próprios interesses e proveitos, primeiro que tudo Lhe pedimos que Sua glória e grandeza de Sua majestade e bondade seja manifestada ao mundo; que se dilate cada vez mais Sua fé e conhecimento em todas as gentes; seja conhecida nas terras Sua misericórdia, Seu poderio, Sua sabedoria; derrame Sua graça per todas as nações, de maneira que não haja reino nem lugar donde não seja conhecido, glorificado, servido e obedecido.

E que todas as cousas que os homens fizerem, sejam enderençadas a Sua glória e honra, e que não seja ofendido e deservido nas terras, nem seja blasfemado nem desacatado, nem falsa ou vãmente jurado Seu santo Nome, mas em todo mundo venerado, amado e temido.

E sejam destruidas todas as falsas seitas, todas as heresias, todas as artes mágicas e feitiçarias, todas as superstições e falsos cultos de Deus. E, finalmente, resplandeça na terra a Sabedoria divina com a santidade devida.

CAPÍTULO III

Em que se declara a segunda petição, scilicet: — *Venha a nós o Teu Reino.*

Esta é a segunda petição na qual Lhe pedimos que reine inteiramente em nossas almas; Ele só tenha o ceptro; Ele só seja o Rei conhecido e obedecido em nossas almas. Não reine em nós a carne ou o mundo ou o demónio. Ele só nos reja e governe em todos os actos e movimentos interiores e exteriores. Não se faça outra cousa no reino de nossa alma senão o que Ele ordenar e mandar.

Este é o reino de Deus que pedimos, do qual diz o Senhor por S. Lucas (1): — *O reino de Deus dentro de nós está.* O qual não é outra cousa, senão a limpeza e a paz da consciência, de que diz S. Paulo (2): — *O reino de Deus é prazer, justiça e paz em o Spírito Santo.*

A qual doce tranquilidade e segurança ninguém possui senão despois que sai do cativeiro dos pecados e recebe a graça da justificação. E, por isso, este Reino é escondido, porque ninguém o conhece senão quem dentro em sua alma o tem e goza.

Contra este bem-aventurado Reino trazem contínua guerra os filhos deste mundo, soldados do demónio, porque entregaram suas almas a outro rei que nelas reina, vivendo segundo as leis da carne, do mundo e do demónio, que são, como diz S. João (3), *cobiça de*

(1) Luc. 17,21 — (2) Ad Ro. 14,17. — (3) I Joa. 2,16.

deleites, cobiça de honras, cobiça de riquezas. Os quais nunca entrarão no Reino de Deus, porque, em só aqueles em que o Senhor aqui reinar per Sua graça e justiça, reinará depois desta vida per glória. Também se entende esta petição, como que pedimos que *venha a nós Seu reino, scilicet,* Sua glória e Sua bem-aventurança. E com rezão não pedimos isto, dizendo: *Venhamos ao Teu Reino,* senão: *O Teu Reino venha a nós,* pera dar a entender e confessarmos que a bem-aventurança que esperamos é cousa sobre nossa natureza e forças, e, portanto, pois nós não podemos ir a ela, pedimos que ela venha a nós.

Alguns Santos declaram estas palavras doutra maneira e mui bem, dizendo que nelas pedem os verdadeiros cristãos que se acabe já este triste mundo e se descubra o Reino de Deus; venha já o dia da ressurreição geral, quando o Salvador e Redentor tomará perfeita posse de Seu Reino e perfeitamente descobrirá as riquezas e delícias dele a seus escolhidos, polo qual todos eles ardentissimamente suspiram, porque então serão perfeitamente cumpridos todos seus desejos na alma e no corpo, sendo então assi a alma como o corpo livres de todos os males e defeitos, reinando Cristo em ambos perfeitamente.

CAPÍTULO IV

Em que se declara a terceira petição, scilicet: — *Seja feita a Vossa vontade, assi como se faz nos céus assi se faça em a terra.*

Esta é a terceira petição, na qual pedimos a nosso Padre celestial que Sua vontade seja perfeitamente cumprida na terra como é nos Céus, *scilicet:* Que assi como no Céu os Anjos e todos os bem-aventurados obedecem a Deus perfeitamente e se conformam com Sua Vontade, assi nós terreais, ainda que fracos, Lhe guardemos inteira obediência, nenhũa cousa mais desejando e procurando que submetermo-nos e conformarmo-nos em todas as cousas com Sua Santa Vontade, ora sejam prósperas ora adversas, em todas Lhe dando graças.

E entendemos pedir nisto que nas terras se faça não sòmente aquilo que Ele eficazmente quer, mas também tudo o que Ele queria que nós fizéssemos, posto que deixa o cumprimento e execução em nossa vontade e liberdade. Certo é que todas as cousas que o Senhor eficaz e determinadamente quer, necessàriamente se cumprem e ninguém lhe pode sair da Vontade; mas há outras que o Senhor não quer determinadamente, mas queria que nós quiséssemos, como é o cumprimento de Seus Mandamentos, os quais Ele queria que cumpríssemos, mas não nos quer forçar a isso poderosamente, mas, regendo-nos suave e livremente, deixa em nosso parecer e eleição cumpri-los ou deixar de os cumprir. Pedimos-Lhe logo nesta oração que nos desse Seu favor e graça pera que cumpramos

tudo o que Ele queria que nós cumpríssemos, assi como cumprem todos os Anjos e Santos que nos Céus moram; e também assi como o fazem todos os homens celestiais e santos que na terra vivem.

E quanto nos releve cumprirmos-lhe a vontade, manifesta o Senhor, dizendo por S. Mateus [1]: — *Não todos os que Me louvam e Me chamam Senhor, Senhor, entrarão no Reino dos Céus, mas sòmente aqueles que fazem a vontade de Meu Padre.*

Por isso, irmãos, endereitemos a tortura de nossas vontades conforme à vontade divina, que é regra direitíssima de todas as vontades. O cego do pecador não lhe basta ter a vontade torta e recurvada pera as cousas da terra, mas ainda queria torcer a divina vontade e trazê-la pera a sua, desejando que Deus se conformasse com a sua vontade e quisesse o que ele quer [2]. E, finalmente, quer que se entorte a divina vontade conforme à sua. Que maior desatino pode ser? Não seja assi, mas em tudo nos entreguemos à divina vontade. Todos os acontecimentos de trabalhos e tribulações tomemos de Sua mão, deixando-nos reger por Ele; crendo certìssimamente que Ele só é o que sabe o que nos convém e que muito mais que nós mesmos deseja nosso bem; pedindo-lhe, outrossi contìnuamente que nas cousas particulares que cada dia se oferecem pera fazermos, nos alumie, nos ensine a acertar com Sua Vontade, como S. Paulo [3] pedia polos Colossenses. E David [4] não cessava de pedir ao Senhor que o ensinasse a fazer Sua Vontade. E Santiago [5] nos admoesta que, quando falamos e dizemos: *Amanhã, tal dia, hei-de fazer tal cousa, ou ir a tal parte,* que sempre declaremos: *Se for vontade de Deus.*

E, finalmente, nosso Mestre e Salvador, com obras e palavras, nos ensinou [6] esta conformidade com a vontade de Deus, dizendo que *não viera à terra fazer sua vontade, senão a Vontade de Seu Padre, que o enviara.* E na oração do Horto disse [7]: — *Padre, minha carne*

---

(1) Math. 7,21. — (2) Hoc August. *Super* Psal. — (3) Ad Col, 1,9. —(4) Psal. 142,10.—(5) Jaco. 4,15.—(6) Joa. 6,38.—(7) Cfr. Mar. 14,34.

pede que não padeça nem morra se é possível; mas, porém, não se faça o que ela queria, mas vossa vontade.

E, finalmente, digamos com a Santa Madre Igreja muitas vezes aquelas ardentíssimas palavras: — *Ó Senhor, forçai pera Vós nossas vontades, ainda que revéis.*

CAPÍTULO V

Em que se declara a quarta petição, scilicet: — *O pão nosso de cada dia dai-no-lo hoje.*

Nesta quarta petição pedimos o mantimento necessário de cada dia, sem o qual a vida se não pode conservar. E porque nós temos duas partes, *scilicet,* alma e carne, e cada ũa tem necessidade de seu próprio mantimento pera não desfalecer, portanto não sòmente pedimos aqui o pão e mantimento corporal pera conservação da vida corporal, mas também o pão espiritual, o qual é o conhecimento e gosto das cousas de Deus, como se nesta maneira pedíssemos:

Ó Padre Nosso celestial, pai de misericórdias e Deus de toda consolação, olhai as nossas necessidades. Criaste-nos e fizeste-nos de espírito intelectual e de carne; dai-nos neste desterro mantimento conveniente pera o espírito e pera a carne. Pera a alma nos dai cada dia ũa migalha de vossa mesa celestial, ũa migalha de fervor, de devação, de gosto, de conhecimento saboroso de vossos mistérios, de vossas palavras, de vossos benefícios, porque, sem este bocado, sem esta migalha seca-se nossa alma, mirra-se, desfalece, e, finalmente, se abaixa a ir buscar as torpes e pestíferas deleitações e recreações da carne.

Também, Senhor, porque este corpo mortal não pode viver e servir ao espírito sem ter um pedação de pão pera comer, dai-no-lo, Senhor. Não pedimos riquezas e superfluidades; não queremos ser solícitos, conforme o vosso mandamento, pelo mantimento dos anos ou dias que

virão, os quais porventura nunca veremos; sòmente do mantimento que baste pera este dia nos fazei mercê. Não pedimos celeiros cheios pera muitos anos, porque nos não digam o que foi dito àquele rico de que conta S. Lucas (1)*, que se gloriava do muito que tinha junto pera muitos anos: — Sandeu, esta noite te pedirão conta de tua alma. E teus celeiros e adegas cheias pera quem ficarão?*

Aqui também se deve entender, que, debaixo deste nome: *pão,* se compreendem todas as outras cousas sem as quais a vida corporal não se pode conveniente e decentemente sustentar, como vestido, casa e tudo o mais. Pelo que, em pedir pão, que é o mais necessário de tudo, juntamente pedimos as mais cousas necessárias.

E nesta petição confessamos e protestamos que da mão do Padre celestial recebemos todas as cousas, e que, de nós, nada temos. Assi como filhos não emancipados que não sairam ainda de casa do pai, mas de sua mão vivem, de cuja providência estão todos dependurados, assi nós afirmamos não ter de nós nada, nem nos podermos valer se o nosso Padre celestial nos não sustentar, de cuja confiança todos dependemos e não de nossos trabalhos e diligências.

Além deste sentido, também os Santos entendem as mesmas palavras daquele pão de vida e sobre substancial do Diviníssimo Sacramento do Altar, o qual, dignamente recebido, é o sumo remédio pera conservar e esforçar a vida e saúde da alma; pera a fortalecer contra os vícios e tentações, pera a consolar e deleitar em todas as doçuras espirituais. A qual verdade conhecendo e espermentando aqueles bem-aventurados e antigos cristãos da primitiva Igreja, comungavam cada dia, como diz S. Lucas. E Santo Agostinho aconselha, que, ao menos, o façamos cada domingo. E nós, que nascemos nestes tão miseráveis e frios tempos, ao menos o devíamos fazer cada mês ũa vez, aparelhados com verdadeira contrição e confissão e cada dia comungando, ao menos espiritualmente, *scilicet,* com amor e grandes desejos de alma.

---

(1) Luc. 12,20.

CAPÍTULO VI

Em que se declara a quinta petição, scilicet: — *Perdoa-nos nossas dívidas assi como nós perdoamos aos nossos devedores.*

Despois que nas primeira quatro petições pedimos os bens que nos eram necessários, nas três que se seguem pedimos livramento dos males a que nesta vida andamos sujeitos.

E, primeiramente, pedimos perdão de nossos pecados e dívidas, porque estes são os maiores e mais pestilenciais males que em nós há. E, por isso, antes de pedir remédio contra os outros males, pedimos perdão e purificação destes. Todos estamos obrigados à justiça de Deus por infinitas culpas e coimas, e, portanto, a todos nos convém protestar que não queremos estar a juízo com Ele, sendo certos que está certa a nossa condenação se Ele entrar em juízo connosco. E, por isso, nenhum remédio de salvação nos fica, senão, com toda humildade, pedir perdão, alegando por nossa parte sòmente Sua Infinita Misericórdia e os merecimentos de Seu Sangue, que por nós derramou, bradando de coração com David (1): — *Por vossa bondade vos amerceareis de meus pecados, Senhor, porque muitos são sem dúvida.*

Mas atenta bem na forma desta petição. Manda o Senhor que digas, pedindo perdão: *Senhor, perdoai-me os pecados em que Vos tenho ofendido, assi como eu perdoo a quem me ofende.* Assi manda

(1) Ps. 50,1.

que o peças e afirmes, porque, por aqui te quer obrigar a perdoares aos que te mal fazem, pera que, por este tenor de palavras, te obrigue a responder no dia do Juízo, se o fizeste assi, e polas palavras de tua boca te convença e condene, e não tenhas escusa que dar quando te disser, no dia de tua morte ou do Juízo geral: — *Tu me pediste, vivendo no mundo, que no perdão das culpas que fazias contra Mim Me houvesse como tu te havias com aqueles que te ofendiam e injuriavam, e que te perdoasse Eu como tu perdoavas. Digo que seja assim, que por esta medida te quero medir, perdoando-te se perdoaste de coração.*

Pela medida per que medirdes a vossos ofendedores, per essa vos medirei a vós, diz o Senhor ([2]). E, por isso, diz também ([3]): — *Perdoai e perdoar-vos-ão.* E ([4]): — *Quando quiseres oferecer algũa cousa no altar, primeiro que ofereças, te reconcilia com teu irmão.* E o Sabedor ([5]) diz: — *Com que rosto pedes a Deus que se não vingue de ti, se tu desejas de te vingar de teu irmão? Que cousa mais desarrezoada que pedires a Deus misericórdia polas grandes ofensas que contra Ele fizeste, e guardares ira contra teu próximo polas pequenas que fez contra ti?*

([2]) Math. 6,14-15. — ([3]) Luc. 6,37. — ([4]) Cfr. Math. 5,23. — ([5]) Cfr. Ecc. 28,1-9.

CAPÍTULO VII

Em que se declara a sexta petição, scilicet: — *Não permitais que caiamos em tentação.*

Esta é a sexta petição. Na qual pedimos não ser vencidos e sopeados nas tentações de que continuamente somos combatidos, do mundo, da carne e de Satanás; mas que nos dê o Senhor ajuda de Sua graça pera fortemente resistir ao demónio, pera desprezar o mundo, pera castigar nossa carne, pera que, finalmente, sejamos coroados como cavaleiros vitoriosos.

E, pera melhor entendimento desta petição, é de saber que nem o demónio, nem o mundo, nem nossa carne nos podem tentar e induzir que pequemos, senão quando e quanto o Senhor permite. Por isso pedimos ao Senhor que não permita virem contra nós tentações, senão aquelas que nós pudermos vencer e das quais finalmente, por Sua graça, havemos de ficar vitoriosos e triunfantes. Não pedimos ao Senhor que se não alevantem contra nós tentações, que tal cousa não pode ser, e, ainda que pudesse ser, não nos vinha bem nunca ser tentados. Porque, quem não é tentado, não é provado nem será coroado. Onde não há batalha, não há vitória nem coroa. O Santo David dizia [1]: — *Senhor, tentai-me e provai-me.* E o Sabedor [2] diz: — *Quem não é tentado que sabe?* E Sant'Iago [3] diz: *Bem-aventurado é o homem que sofre tentação, porque, sendo tentado, será provado, e, sendo provado, receberá coroa de vida. Por isso,*

---

[1] Ps. 25,2. — [2] Ecc. 34,11. — [3] Jac. 1,12.

diz ele, *quando vós, irmãos, cairdes em diversas tentações, não vos desconsoleis, antes vos alegrai, porque assi se prova vossa paciência.*

Finalmente, a vida deste mundo é ũa contínua tentação e guerra contra os demónios, contra os maus homens, contra nossos amigos e domésticos, e, sobre todos, contra a nossa própria carne. Todos têm conspirado e conjurado contra nós, contra a salvação de nossa alma. Há mister estar sobre aviso e aparelhar pera vencer, e não esperar de viver sem guerra.

E, dado que não tivesses quem te tentasse e inquietasse de fora, basta tua carne pera te dar em que entender todo dia, excitando contra ti milhares de pensamentos, afeições e desejos torpes ou perniciosos ou ociosos pera perdição de tua alma, contra os quais hás-de andar contìnuamente armado e atalaiado pera lhe resistir.

E a principal arma seja esta oração e petição, dizendo continuamente com o coração: — *Senhor, não permitais que seja vencido nestas tentações. Senhor Deus, em minha ajuda entendei e dai-Vos pressa a me ajudar, porque os perigos são contínuos e súbitos. Senhor, não permitais que a falsa fermosura ou doçura das criaturas me solicite a pecar, antes me provoque a Vosso louvor e glória. Não permitais que as tribulações e perseguições me incitem a impaciência, ou vingança, ou ira, ou a outro qualquer vício. E assi mesmo não permitais que as tentações de Satanás me incitem a soberba, ou inveja, ou ódio, ou desesperação, ou a qualquer outro pecado.*

Por isso dizia o Senhor [1]: — *Vigiai e orai, porque não entreis em tentação, scilicet,* prevalecendo contra vós, pois que as tentações não se escusam.

---

[1] Math. 26,41.

CAPÍTULO VIII

Da séptima e última petição, scilicet: — *Livra-nos de todo o mal.*

Nesta derradeira petição pedimos livramento de todos os males de culpa e de pena que, por qualquer via, nos pode impedir nossa salvação; de todos os males que contra nós o inimigo pode maquinar; de todas as adversidades prejudiciais a nossa salvação; e, finalmente, de todas as penas do inferno e do purgatório.

CAPÍTULO IX

Em que se trata como se há-de fazer a oração

Declarada assi esta oração, entende agora que cousa é Orar. O qual não é mover os beiços, não é dar vozes sem atenção e afeição do coração. Orar é falar com Deus, o qual, como seja espírito, melhor falamos com Ele com o espírito que com a boca. E, por isso, trabalha com toda a diligência que, quando dizes esta Oração ou outra com a boca, digas também com a alma o que diz a boca.

Diz S. Cipriano: — *Se tu não te ouves, como queres que Deus te ouça? Se tu não atentas polo que dizes, mas ũa cousa pensas e outra dizes, como queres que Deus atente polo que dizes? Se tu, orando, não te lembras de ti, cuidando nas misérias de tua alma, como queres que Deus se lembre de ti?*

E Santo Agostinho diz assi: — *Vejo-te estar com os giolhos em terra, vejo jazer teus membros no chão. Pergunto-te:* onde está tua consciência, onde está fixado teu coração?

Vejo-te bulir com os beiços e falar: Com quem fala teu coração? *Dize, se começasses a falar com um homem e, deixando-o com a palavra na boca, te pusesses a falar com teu escravo, não lhe farias grande injúria? Esta fazes a Deus distraindo-te por vontade ou por negligência.*

Que cousa é Oração senão ũa subida da alma a Deus e um ardente oferecimento de seus desejos diante de Sua Majestade? E, por-

tanto, sempre oras se sempre tens desejos pios; e nunca oras, se nunca os tens, ainda que, com os beiços, pronuncies algũa oração.

Por isso, irmãos, procurai, com toda diligência, de orar em espírito, pois o Senhor diz (1): — *Que os verdadeiros oradores e adoradores orarão e adorarão o Padre celestial em espírito e em verdade.* Polo qual o Senhor diz (2): — *Filho, dá-me teu coração.*

É também necessário que a Oração seja fundada e proceda de fé, de esperança e de caridade, *scilicet,* de fé, crendo firmìssimamente que Deus é suma bondade, fonte e dador de todo-los bens, e a Ele se hão-de pedir todos.

Também há-de nascer de esperança e confiança, confiando mui firmemente que aquela Suma Bondade está aparelhada pera nos fazer todas as mercês necessárias pera nossa salvação eterna, se nós, de coração, as desejamos. Ele é o que diz (3): — *Abre tua boca e eu ta encherei.* E diz mais (4): — *Tudo o que, orando, pedirdes, confiai que o alcançareis e ser-vos-á feito.*

E, nos milagres que fazia, costumava dizer muitas vezes aos que recebiam os benefícios milagrosos: — *Por vossa fé e confiança recebestes este benefício.* E o Apóstolo Sant'Iago (5) nos ensina dizendo: — *Pedi confiadamente sem duvidar ou vacilar, nem sejais na oração como a onda no mar combatida dos ventos, mas arrimai e firmai vosso coração na bondade e benignidade de Deus, e alcançareis o que pedirdes.*

Qual é o pai, diz o Redentor (6), *que, pedindo-lhe seu filho pão, lhe dê pedra, ou, pedindo-lhe peixe, lhe dê serpente? Pois se vós-outros, sendo maus, todavia dais boas cousas a vossos filhos, quanto mais vosso Padre celestial dará a graça do Spírito Santo a quem lhe pedir?*

Peçamos logo com confiança firme, encostada aos merecimentos

(1) Joa. 1,23. — (2) Prov. 23,26 — (3) Psal. 80,11. — (4) Mar. 11,9. — (5) Jac. 1,6. — (6) Math. 7,9-11.

de nosso Senhor Jesu Cristo e em Seu Nome. Alcançaremos, pedindo, cousa necessária ou proveitosa pera nossa salvação.

Há também de proceder de amor fervente, porque as grandes mercês não as tem o Senhor aparelhadas senão pera os que O amam, como diz Isaías. E David [7] diz: — *Deleita-te em o amor do Senhor e outorgar-te-á o que lhe pedires.*

Há também de ser fundada em humildade, *scilicet,* em claro conhecimento de tuas faltas e necessidades espirituais. Porque quem não vê o que lhe falta, quem não enxerga sua pobreza espiritual como poderá pedir ao Senhor riqueza?

Um Doutor escreveu que ninguém lhe ensinara tão bem como havia de orar e pedir diante de Deus como os pobres pedintes, não sòmente pola eficácia e importunidade com que pedem, mas também pola diligência que têm em descobrir suas necessidades e chagas, não escondendo nenhũa, porque assi provoquem à misericórdia os que os virem. Pois desta maneira quer o Senhor que claramente vejamos e descobramos diante dele todas as nossas faltas e chagas espirituais, grandes e pequenas, porque, fazendo-o assim, Ele as curará e remediará. E, por isso, foi aceita a Oração do Publicano e reprovada a do Fariseu, porque o Publicano viu e descobriu suas postemas espirituais diante do Médico eterno e, cheio de confusão e vergonha, com os olhos em terra, dizia: — *Deus, há misericórdia de mim, pecador.* E o Fariseu encobria suas chagas e descobria suas virtudes e boas obras, dizendo: — *Senhor, dou-vos graças, porque não sou tal como os outros, adúlteros, ladrões, ou tal qual é este Publicano. Sou diligente em jejũar e pago mui bem meu dízimo.*

Nisto nos ensinou o Senhor quão necessária é a humildade pera a Oração ser valiosa.

---

(7) Psal. 36,4.

Segue-se o Tratado dos Mandamentos da Divina Lei.

Depois que temos tratado as cousas que Deus manda crer, como se manifestou na declaração do *Credo,* e assi das que nos manda esperar, desejar e pedir, como também se declarou na oração do *Pater Noster,* convém tratar agora o exercício da caridade, *scilicet,* das cousas que Deus nos manda fazer. Porque, em crer, esperar, amar e fazer consiste toda a sabedoria, justiça e santidade cristã. E a fé e esperança sem caridade e obras (sem as quais não pode estar a caridade) ficam mortas e não alimpam nem justificam a alma, nem têm valor algum diante de Deus. E, por isso, convém que na alma resplandeçam todas as três verdades juntamente: fé, esperança e caridade. E doutra maneira não pode haver salvação.

E assi como o exercício da fé, *scilicet,* as verdades que se hão expressamente de crer, se contêm no *Credo;* e o exercício da esperança, *scilicet,* as cousas que devemos esperar e desejar, se contêm no *Pater Noster,* assi o exercício da caridade, que são as obras que a caridade obriga fazer, se contêm nos preceitos e *Mandamentos* que Deus nos deixou em Sua Lei. Dos quais Mandamentos dous são os principais e fundamentais, que são os preceitos da mesma caridade. E, após estes dous, são logo os dez Mandamentos que Deus escreveu aos Judeus em duas távoas de pedra, os quais nascem dos ditos dous. E, além destes dez, há outros Mandamentos menores que se reduzem aos ditos dez. E, por isso, primeiro trataremos os dous Mandamentos de Amor e caridade, e, depois, de cada um dos dez.

CAPÍTULO I

Da excelência da Caridade sobre todas as virtudes

A caridade é a suma da Lei de Deus. Quanto Deus mandou, nela se encerra; e tudo mandou por amor dela; e quem a tem, tudo tem; e quem a não tem, nada lhe aproveita quanto tem. Quem a tem, tudo sabe, pois sabe e gosta o miolo de todas as sagradas e santas Escrituras.

Quem a tem no coração e nos costumes, pode dizer com David (1): — *Eu vi o fim de toda a perfeição, scilicet,* o largo mandamento da caridade. Chama-se o largo porque alarga o coração pera todos e o enche de alegria e confiança. É também largo, como diz um Santo, porque é cousa fácil andar por ele, assi como andar por caminho largo. E, por isso mesmo, dizia David (2): — *Senhor, Vós pusestes meus pés em lugar espaçoso.* E outra parte (3) diz a Deus: — *Mui fàcilmente corri a carreira de vossos Mandamentos, despois que me dilatastes o coração com caridade.* E S. Paulo (4) confessou que sentia em si ter o coração dilatado pera meter todo o mundo nele.

Esta é a que faz o jugo do Senhor suave e leve. Sem esta, nenhũa outra virtude aproveita. *Ainda que com fortaleza de fé faças milagres e trespasses os montes de ũa parte pera outra. Ainda que*

(1) Psal. 118,96. — (2) Ibidem, 30,9. — (3) Ibidem, 118,43. — (4) Ad Cor. 6,11.

desses quanto tens a pobres e te oferecesses até te assarem pola fé, se isto fizesses sem caridade, não te aproveitaria nada, como diz o Apóstolo (5).

Esta é o cumprimento da lei. Esta, o vínculo da perfeição. Esta é o caminho polo qual Deus desceu dos Céus e veio aos homens. E ela só é também o caminho por onde os homens hão-de subir aos Céus. Deste vale de lágrimas pera o lugar onde Cristo está, não há outro caminho senão pola caridade. Só ela mata todos os pecados, só ela vence todas as tentações, só ela cumpre todos os Mandamentos e exercita todas as virtudes, e faz doces todos os trabalhos; só esta diferenceia os filhos da salvação dos filhos da eterna perdição. As outras virtudes podem ter os maus e filhos do diabo, mas esta não na podem ter senão os bons e filhos de Deus, herdeiros do Céu.

Quanto tens de caridade, tanto tens de santidade e vertude. Se tens grande caridade, és grande santo e justo; se tens pequena, assi tens pequena santidade e justiça. Porque esta é a suma de toda a santidade e justiça, e bondade, sem a qual ninguém se pode chamar bom. Por esta é renovada nossa alma à imagem de Deus, e feita nova criatura em Cristo. Porque, tanto que esta entra na alma, logo alimpa as mágoas dos pecados e, pouco a pouco, vai lançando fora as velhices e vilezas que estavam nas três potências de nossa alma, polas quais estavam desfiguradas e feias, *scilicet,* a memória cheia de lembranças das cousas da terra e vazia das divinas; o entendimento cheio de erros e vis e torpes pensamentos; a vontade cheia de baixos e torpes amores, desejos e afeições. Mas, tanto que entra o divino fogo da santa caridade, vai alimpando toda esta escória e fezes, renova tudo, aclara e afermosenta tudo, gera santas lembranças, pensamentos, e saudades, e ardentes desejos de Deus e das cousas eternas. E assi fica a nossa alma fermosa, lançando raios e feita mui semelhante a Deus.

Esta caridade, Rainha de todas as vertudes, contém em si dous preceitos, *scilicet,* um do amor de Deus e outro do amor do próximo.

---

(5) I Ad Cor. 13,1 s.

O primeiro estabeleceu o Senhor nesta forma ([6]): — *Amarás teu Deus de todo teu coração, e toda a tua alma, e de todo teu entendimento e com todas tuas forças, e de toda tua fortaleza.*

O segundo pronunciou nestas palavras ([7]): — *Amarás teu próximo como a ti mesmo.*

Amar o Senhor de todo o coração e com todas as potências de nossa alma, não é outra cousa senão prepô-Lo a tudo, prezá-Lo e estimá-Lo mais que todas as cousas deste mundo e que nós mesmos, *scilicet,* amá-Lo e prezá-Lo mais que toda a honra, glória, fazenda e riquezas, e que todos os parentes e amigos, mulher e filhos. Finalmente, mais que nossa própria vida, e carne e alma, estando aparelhados e prontos pera antes perder tudo isto, que ofendê-Lo e trespassar algum mandamento.

Pelo que todos os que pecam mortalmente em qualquer pecado mortal, quebrantam este preceito do amor de Deus e lançam fora de sua alma a vertude de caridade, porque estimam mais aquele deleite, dinheiro, honra ou qualquer outra cousa pola qual trespassam o mandamento de Deus, que o mesmo Deus.

Ó Cristãos, ó filhos de Deus e membros de Cristo, entendei isto e cuidai bem nisto. Que, se bem caísseis nesta conta, não seria possível acabardes convosco de cair em pecado mortal. Manda-vos Deus que não atenteis pola mulher que não é vossa. Sabendo que O agravais e lhe saís fora da vontade, e perdeis Seu amor e graça, todavia quereis antes cumprir com o vosso gosto que com a vontade de Deus.

Polo mesmo caso sois convencidos estimar e prezar mais aquele deleite que a Deus. E, porque o Deus de cada um é aquilo que ele sobretudo mais estima, daqui vem que o Deus do pecador é aquilo pelo qual deixou a Deus.

([6]) Math. 22,37. — ([7]) Ibidem, 22,39.

Atenta, maldito luxurioso, teu Deus é tua manceba! Teu Deus é o torpe deleite de tua carne!

Guloso, que, sem necessidade, quebrantas o mandamento do jejum, teu Deus é teu ventre. Ladrão, teu Deus é o que roubaste ou sonegaste. Onzeneiro, teu Deus é o ganho que levaste polo que emprestaste. Iroso vingativo, teu Deus é a honra pola qual te vingaste per a tua mão. E assi dos outros pecados mortais. Atenta, cego e mal-aventurado pecador, quando determinas fazer um pecado mortal, tanto vale como se dissesses: — *Não quero a Deus por Deus, nem por Rei de minha alma e vida; não me quero someter a Ele. Seja a luxúria meu Deus e meu Rei; esta reine em meu coração; esta seja obedecida. Deus vá buscar onde reine, mande, que em minha alma não tem lugar. Não me vem bem, estar sujeito a suas leis ásperas. Quero viver à minha vontade. Quero obedecer a minha carne. Quero cumprir meus desejos. Deus vá buscar onde mande.*

E, por isso, diz a Sagrada Escritura que, em todo o pecado, anda metida a soberba, porque todo o pecador sobrenaturalmente desobedece a Deus e o despede que não reine em sua alma. E em lugar de Deus despedido, dá o ceptro e assenta na cadeira real de sua alma e coração o deleite carnal, ou o dinheiro, ou a honra, ou a vingança ou qualquer outra cousa por cujo respeito trespassa o mandamento de Deus. E, juntamente, dá o mesmo trono e aceita por Rei e Deus de sua alma ao diabo, cuja vontade cumpre e a quem obedece quando quer que peca. E, por isso, S. Paulo ([8]) chama ao demónio: — *Deus deste mundo*. E Nosso Senhor ([9]) lhe chama *príncipe* dele. E Job ([10]) diz que o diabo é rei de todo-los soberbos, porque todos os pecadores, desobedecendo a Deus e despedindo-se de Seus servos e vassalos, pelo mesmo caso ficam servos e vassalos do diabo, cuja intenção, cuidado e desejo não é outra cousa senão apartar os homens da vassalagem de Deus e entregá-los à servidão das criaturas.

Pois conhece, cego pecador, tua cegueira, tua ingratidão, tua

---

([8]) 2 Cor. 4,4. — ([9]) Joan. 12,31. — ([10]) Job. 41.

soberba e tua vileza; que, enjeitando ser criado e filho de Deus verdadeiro, te fazes cativo de trinta deuses falsos, *scilicet,* de todos os demónios e de todas as cousas por amor das quais deixas a Deus. Torna pois em teu acordo, acorda dessa modorra, acabe-se esse frenesi. Vê a luz do Céu, abre o coração a amar quem te criou, quem te remiu per Seu precioso Sangue, quem te prometeu vida e bem-aventurança eterna. Considera quão rezoado, quão justificado é este mandamento: *Amarás teu Deus de todo teu coração.* Há cousa mais justa? Há cousa mais divina? Há cousa mais proveitosa, mais honrosa ou mais deleitosa? Ó, se espermentasses a doçura deste mandamento! Quanto galardão recebe quem o cumpre, não digo sòmente no Céu, mas que na terra no mesmo tempo em que o cumpre! Assi o testemunhou quem espermentou, dizendo [11]: — *Senhor, o que é vosso servo, guarda vossos mandamentos, e em os guardar recebe grande galardão.* Quase dizendo: — *Não sòmente despois que os guardar e passar esta vida será galardoado, mas ainda vivendo e guardando-os recebe grande galardão de consolação e quietação de consciência.*

A qual verdade principalmente se entende deste mandamento do divino amor, o qual não podemos exercitar sem doçura e consolação da alma. Se qualquer amor é deleitoso, que tal será o amor do Sumo Bem? Não sòmente é doce, saboroso, mas Ele é o que dá doçura e sabor a todas as outras cousas. Ele faz deleitosos todos os outros preceitos e conselhos do Evangelho.

Santo Agostinho dizia: — *Meus trabalhos de toda a vida escassamente são de uma hora, e, se mais são, eu não o sinto por rezão do amor.*

E S. Bernardo dizia: — *Eu não posso dizer que trabalhei e sustive o peso de todo o dia e as calmas, como disseram os que trabalharam todo o dia na vinha; antes confesso que me puseram cárrega leve e jugo suave.* Quase dizendo: — *Confesso que sempre levei boa vida, sempre a cárrega do Evangelho me pareceu levíssima e suavíssima,*

---

[11] Psal. 118,56-64.

porque o amor de Deus tudo adoçou. A cárrega, diz Santo Agostinho, *que parece pesada à nossa fraqueza e enfermidade, é mui leve à caridade.*

E, por isso, convertamos todos nossos afectos e forças da alma e do corpo a amar este Senhor. Porque, fazendo-o assi, fàcilmente venceremos todos os afectos da carne, e cumpriremos com alegria todos os Seus mandamentos.

Lembro aqui que este capítulo se leia e repita muitas vezes ao povo, por ser de singular proveito.

CAPÍTULO II

Sobre o segundo Mandamento: Do amor do próximo.

Aquela Suma Bondade que a todos nos criou à Sua imagem e semelhança, e nos fez capazes de ũa mesma bem-aventurança, com muita rezão nos obrigou que, enquanto caminhássemos por este desterro estes quatro dias de vida que nos dava, nos amássemos. Porque não se sofria que gente que tem um mesmo Pai celestial e caminha juntamente pera ũa mesma cidade celestial, não se ame no caminho. E havendo de ter no cabo da jornada tão perfeita amizade e paz eternalmente, quatro dias que gasta no caminho, vá pelejando, tendo ódios e diferenças e discórdias. Cousa é esta fora de toda rezão.

Por isso nos encomendou tanto o Senhor amor e paz no Evangelho, dizendo (1): — *Minha paz vos dou, Minha paz vos deixo; amai-vos uns a outros, porque nisto quero que vos conheçam em todo o mundo por Meus discípulos: Se vos amardes uns a outros.*

E, por isso, S. João, em pessoa sua e de todos os verdadeiros discípulos de Cristo, diz assi: — *Nisto conhecemos nós-outros que somos tresladados da morte espiritual à vida, por quanto amamos os irmãos* (2). — *Quem não ama seu irmão, traz a alma morta e é homicida. E, se disser que ama a Deus tendo ódio a seu irmão, mente* (3).

(1) Joan. 14,27; 15,17; 13,15.—(2) 1. Joan. 3,14-15.—(3) 1. Joan. 4,20.

Amarás, diz ([4]) o Senhor, *o próximo como a ti mesmo.*

Pera perfeito cumprimento deste preceito, são necessárias três cousas.

A PRIMEIRA, que não faças dano nem empeças a teu próximo em algũa cousa, nem na pessoa, nem na mulher ou filha, nem na honra ou fama, nem na fazenda, e em todo o mais. Porque amar, e agravar e empecer, não se compadecem.

A SEGUNDA, que o ames com amor verdadeiro, sincero, puro, e desenganado, *scilicet,* que o ames a ele por amor d'ele, assi como amas a ti por amor de ti; que lhe desejes bens a ele, por amor d'ele, assi como desejas e procuras bens a ti, por amor de ti.

Contra o que fazem os carnais e filhos deste mundo, que a ninguém amam desenganadamente, mas, se amam alguém, é por amor de si mesmos, por seu gosto, ou por seu proveito e interesse, polo que dali esperam pera si. De maneira que tudo rebitam e retornam pera si. E por tanto, a ninguém amam se não a si; e o amor com o próximo não dura mais que enquanto dura o interesse, o qual, como falta, logo falta o amor, faltando o alicece.

Daqui vemos cada dia tantas quebras entre aqueles que se davam por amigos, conversavam, comiam, e bebiam. Tudo é logo entornado como um toca a outro em cousa de seu gosto ou interesse. Isto nasce porque, pola maior parte, todo o amigo é fingido e falso, não amando cada um senão a si mesmo. Pelo que S. João ([5]), conhecendo esta peçonha, nos amoesta, dizendo: — *Irmãos, não amemos de palavra e de mostras, senão com verdadeiro coração e obras.*

A TERCEIRA, que amemos o próximo espiritual e santamente assi como nos devemos de amar a nós, e não casualmente, *scilicet,* que amemos o próximo por amor de Deus, cuja feitura é, desejando-lhe a graça de Deus e os outros bens da alma, e de tal maneira o amemos que lhe não façamos a vontade, nem consintamos com ele em algum pecado, porque agravar ou ofender a Deus por amor do próximo,

---

([4]) Math. 22,39. — ([5]) 1. Joan. 3,18.

não é caridade, mas destruição dela. A verdadeira caridade não afaga nem condescende ao próximo em suas culpas, mas repreende e castiga como pode e deve.

Também ama de coração não sòmente os amigos, mas também os inimigos e perseguidores por amor do Padre celestial que manda seu Sol e sua chuva e outros mil benefícios, não sòmente sobre seus amigos e justos, mas também sobre seus inimigos e maus. E, por isso, ao verdadeiro cristão é cousa mui fácil amar os inimigos, porque o faz por amor daquele Senhor e Padre universal que lho manda, dizendo (6): — *Ama teu inimigo por amor de Mim.* Ainda que ele te não mereça que o ames por quem é e polo que te fez, Eu te mereço que o ames por amor de Mim.

E, além disso, sabe discernir no inimigo as culpas da pessoa, e dá a cada um o que seu é: aborrecendo-te as culpas e amando as pessoas; desejando-lhe emenda das culpas, e salvação das almas, assi como o médico ama a pessoa do doente que cura, mas aborrece-lhe a doença e deseja e procura de lha lançar fora.

Neste preceito, por próximo se entende todo o homem, porque todos temos um Pai, assi Deus, que é o principal feitor e criador da alma e do corpo, como Adão de que todos, per gèração natural, procedemos. E, por isso, a toda-las criaturas humanas havemos de ser humanos e maviosos, quando se oferecer necessidade. Nem por ser mouro, turco ou judeu lhe hás-de negar o pão em caso de necessidade. Mas, porém, especial obrigação temos aos membros de Cristo, que são todos os Cristãos.

Destes dous mandamentos nascem todos os outros, porque nestes estão todos encerrados, e quem estes cumpre, todos cumpre. E, por isso, diz S. Paulo (7): — *Quem ama o próximo, cumpre toda a lei,*

(6) Cfr. Mt. 5,44. — (7) Ad Rom. 13,8-9; Ad Gal. 5,14.

porque toda a lei e todos os mandamentos em que nos é mandado que não empeçamos ao próximo em algũa cousa, mas façamos a cada um o que queríamos que nos fizessem, se compreendem nesta palavra: — *Amarás o próximo como a ti mesmo.* Porque, quem ama, não faz mal a quem ama; e, assi, quem ama o próximo da maneira que Deus manda, necessàriamente ama a Deus, porquanto lhe é mandado que o ame por amor de Deus. E assi também quem ama a Deus sobre todas as cousas, dá a devida honra e reverência assi a Ele como a seu santo Nome, e santifica os dias que Ele especialmente tomou pera Si. E assi também lhe obedece em todos os outros Mandamentos.

E, por tanto, dito destes dous principais e finais mandamentos, diremos brevemente algũa cousa de cada um dos dez.

CAPÍTULO III

Do primeiro Mandamento dos dez, que é honrar um só Deus.

Deu Deus a Moisés duas távoas de pedra, e nelas escritos os dez mandamentos, *scilicet,* na primeira, três que pertencem a Deus, e sete na segunda que nos mostram como nos havemos de haver com o próximo.

Os três primeiros mandamentos nos ensinam como havemos de cumprir com Deus, dando-Lhe a devida honra e reverência. O primeiro dos quais diz: — *Honrarás um só Deus.* No qual nos é mandado abominar e execrar todos os deuses falsos, e verdadeiros demónios que os gentios adoravam ou adoram. E assi detestar toda a idolatria que consiste em adorar criaturas, dando-lhe a honra e reverência que a só Deus é devida, como faziam aqueles antigos cegos gentios que adoravam o Sol e as estrelas, ou adoravam as imagens de pedra e de pau por si mesmas, ou por amor dos demónios que nelas moravam.

Não faz assi a santa e católica. Igreja. Porque, se adora e faz reverência às imagens de nosso Senhor ou nossa Senhora ou dos outros Santos, não o faz por elas mesmas, ou por lhe parecer que nelas há algũa divindade, ou santidade, que bem sabe que são pedra e pau que per si não merecem honra; mas faz-lhe honra polo que representam e significam, em quanto trazem à memória nosso Senhor

Jesu Cristo ou seus Santos e são ũa semelhança sua. E assi ensina a seus filhos que quando virem a imagem do Crucifixo, tragam à memória a paixão de Nosso Senhor e a Ele adorem, e a Sua imagem façam reverência, sòmente por ser semelhança Sua.

As quais imagens servem de livros aos que não sabem ler, porque ali vêem pintado o que no Evangelho está escrito; e, muitas vezes, mais perfeita e prestesmente vem à memória um mistério ou a vida de um Santo, vendo ũa imagem, que lendo por um livro, o que há mister mais vagar e mais capacidade naquele que lê ou ouve ler.

E também as cousas vistas com os olhos comovem e acendem mais o coração, que as cousas sòmente lidas ou ouvidas. E, por isso, as imagens ajudam muito a conservar a memória dos mistérios e benefícios de Cristo, no qual só pomos nossa confiança, e não na estátua ou távoa pintada.

Pelo que, como diz Santo Atanásio, os antigos Cristãos, quando algum infiel escarnecia deles, que adoravam um pau adorando a cruz, pera lhes mostrar que não era assi, desfaziam o sinal da Cruz, apartando um pau do outro, e lançavam-nos no chão, e pisavam-nos aos pés. Dando a entender nisto que não adoravam o pau, mas sòmente a Cristo crucificado, de que aquele pau era sinal e figura.

Também se a Santa Madre Igreja honra e faz reverência a nossa Senhora, e aos Santos que reinam com Cristo, não o faz dando-lhe a mesma honra que dá a Deus, que isto seria idolatria, porque bem sabe que todo-los Santos são criaturas e feituras de Deus, mas honra-os como a bons servos de Deus, e privados e amigos Seus, chamando-os e tomando-os por avogados diante de Deus, pera que nos alcancem dele que os imitemos na vida e costumes, e mereçamos vir à sua companhia.

Na qual cousa não prejudicamos nada a honra de Deus, antes O honramos em seus Santos polas maravilhas que neles fez. Pelo que, como diz Santo Agostinho, a só Deus oferecemos sacrifícios, e a só Ele fabricamos e consagramos templos e altares, ainda que às vezes é à honra de alguns Santos, nos quais entendemos honrar a Deus e

Nosso Senhor Jesu Cristo, ao qual só adoramos como Criador e Senhor, e nele só pomos nossa confiança como autor e dador de todo bem.

Dos Santos não esperamos que por sua vertude nos dêem algum bem pera a alma ou pera o corpo, mas sòmente que no-lo alcancem de Deus.

Contra este mandamento se peca per muitas maneiras.

Primeiramente contra ele pecam todos os infiéis e hereges que andam apartados da Santa Madre Igreja. Porque estes não adoram nem honram aquele verdadeiro Deus que a Igreja honra, se não aquele que eles imaginam à sua vontade, e a quem atribuem seus errores. O qual não é verdadeiro Deus se não fingido por eles, ainda que cuidem ser o verdadeiro.

Segundàriamente, contra este mandamento pecam todos os que, voluntàriamente, duvidam nas cousas da fé católica, ainda que a não neguem de todo nem se apartem dela. Porque, pera ser herege e perder a fé da alma, basta duvidar e vacilar deliberadamente.

Contra este mandamento também peca quem, por algum medo ou por outro respeito, negou a fé.

Item aquele que idolatrou adorando o demónio ou outra criatura. Item contra este mandamento pecam todos os blasfemadores, arrenegadores, pesadores, — pecado gravíssimo que ainda agora não falta entre cristãos, mais grave de sua natureza que todo o homicídio, e que todo o outro pecado em que se faz dano ao próximo.

Dize, maldito filho do diabo, não te basta com a vida não servires a Deus que te criou e te trouxe ao conhecimento da verdade, e te fez cristão, e que deseja de te fazer bem-aventurado, mas ainda com a língua blasfemas d'Ele? Não te abasta pisar-lhe Seus mandamentos com os pés, senão ainda com a língua O desonras tão horrìvelmente?

Dizes: *Estou apaixonado e irado, e, por isso, arrebento em ũa blasfémia.*

Ó cavalo de Satanás, em injúrias de Deus queres quebrar tuas

indinações e fúrias? Vai antes cortar tua língua, e menos mal seria que usares dela arrenegando ou pesando de teu Deus.

Também contra este mandamento pecam todos os que têm companhia e comércio com o demónio, ou o chamam e usam do seu poderio, como são todos os feiticeiros e feiticeiras, benzedeiros e benzedeiras, adevinhadores, agoureiros, lançadores de sortes, e assi todos aqueles que vão buscar a qualquer destes pera lhe administrar algũa cousa ou lhe pedirem qualquer outra ajuda.

Também contra este mandamento pecam os quebrantadores dos votos que prometeram a Deus.

E contra este mandamento outro-si pecam os que prometeram de fazer algum mal ou de não fazer algum bem, como os que prometem de não emprestar, de não fiar, etc..

E assi contra este mandamento pecam os que tentam a Deus, esperando que Deus faça milagres por eles sem necessidade.

Ora, irmãos, cumpramos este mandamento, honrando e reverenciando a Deus de todo o coração, a Ele só temendo, n'Ele só confiando e pondo toda nossa esperança, estando dele pendurados em todas as cousas, entregando-nos a Ele que faça de nós o que quiser, tomando todos os trabalhos e adversidades de Sua mão, tendo por certo que tudo ordena a nosso bem e salvação, e que, como benigníssimo Pai, mais deseja nosso bem que nós mesmos. Ele é nosso criador, conservador, guardador e governador, que nos defende de todo-los males, que nos dá todos os bens, de quem recebemos todos os benefícios por Sua mera largueza e misericórdia, não por nossos merecimentos, não por nossas forças ou prudências.

Esta fé havemos de imprimir profundamente em nossas almas, porque esta é a primeira pedra e fundamento do edifício espiritual.

Esta é a primeira raiz de todas as vertudes, sem a qual não podem estar; e após ela vem todas as vertudes, se de nossa parte não há impedimento, *scilicet,* o amor, e temor, e esperança, e todas as outras. E, por tanto, ouçamos aquelas palavras fundamentais,

que o Senhor disse ([1]) dando aos judeus este mandamento, e as metamos no meio de nosso coração e entranhas, *scilicet:* — *Eu sou Senhor teu Deus.* Quase dizendo: — *Eu sou todo teu bem.*

Polo que David, em seus Salmos, declarando a força destas palavras, chamava a Deus por mil nomes que todos se encerram neste nome: Deus. Dizendo: — *O Senhor é minha fortaleza* ([2]), *minha firmeza, minha rocha* ([3]), *meu socorro* ([4]), *meu emparo* ([5]), *meu livrador* ([6]), *meu defensor* ([7]), *minha vida, minha luz* ([8]), e outros muitos.

E, por isso, com muita rezão acrescentou o Senhor outras palavras, dizendo: — *Teu Deus temerás, e a ele só servirás, e nele só porás tua confiança* ([9]), não nos príncipes da terra, nem nas riquezas, não nos amigos ou parentes, nem em outra criatura algũa. E ainda que nos encomendemos aos Santos, isso é como intercessores e avogados nossos diante da divina Majestade.

([1]) Cfr. Deut. 6. — ([2]) Psal. 30,4. — ([3]) Psal. 17,3; 24,14; 70,3. — ([4]) Psal. 7,11; 123,8. — ([5]) Psal. 83,6; 120,1-2. — ([6]) Psal. 17,3 e 48; 69,6; 143,2. — ([7]) Psal. 21,20. — ([8]) Psal. 4,7; 111,4; 26,1. — ([9]) Deut. 6,13; 10,20; Matth. 4,10.

CAPÍTULO IV

Sobre o segundo Mandamento que é: Não jurar o nome de Deus em vão

O primeiro mandamento nos obriga darmos e entregarmos a Deus nosso coração, só Ele conhecendo e adorando por Deus, em só Ele pondo toda nossa confiança e esperança.

Agora, neste segundo mandamento, nos manda que lhe entreguemos nossa língua, *scilicet,* que com ela em nenhũa maneira o desacatemos jurando vãmente Seu santo nome. Mas que a honra que lhe a Ele devemos, essa façamos a seu nome, louvando-O e bendizendo-O. O qual preceito é mui fácil de cumprir, se não fosse o maldito costume de alguns, de cujas línguas já o demónio se tem apoderado para com elas dizer cada dia muitas descortesias a Deus. Dize-me, que cousa há mais fácil e mais costumada, que o criado ser cortês na língua a seu Senhor, e não o injuriar de palavra? E que cousa se teria por mais estranha e desatinada, que um escravo chamar a seu senhor falsário e mentiroso? Pois o mesmo fazes tu, quando com juramento afirmas o que não é ou o que é duvidoso, ou negas o que é. Porque encobertamente chamas a Deus testemunha falsa, alegando-o e invocando-o em testemunha de ũa mentira.

Dize, ingrato, não te basta não O amares no coração, nem guardares seus mandamentos com as obras, mas ainda com a língua

O queres injuriar, dizendo por qualquer cousa: — *Juro a Deus, Voto a Deus, Polos Evangelhos,* e outros mil modos que inventaste para O desacatar e injuriar?

Deu-te Deus língua para O confessares e lhe pedires remédio em tuas necessidades, e tu usas dela em seu abatimento e desprezo? Quão mais ditoso foras se nasceras mudo, ou perderas agora a língua, que tê-la para desonra de teu Deus e perdição de tua alma.

Dize, cego, que proveito tiras de jurar? Nem tua pessoa alcança por isso honra, nem tua carne deleite, nem tua bolsa proveito. Pois por que juras sem verdade, ou sem necessidade? Não procede doutra cousa, senão porque nenhum temor tens de Deus. Mas da pouca estima em que O tens eu teu coração, prorrompes em descortesias e palavras injuriosas de sua Majestade.

Ó mal-aventurado jurador, que sendo assi, que toda a Escritura e santos não cessam de nos encomendar que nos lembremos de Deus, a ti é necessário encomendar-te e rogar-te que te esqueças dele, pois nunca te lembras dele senão pera jurar por Ele, e pera O injuriar. Dize, membro do diabo, dize língua de Satanás, pera que te vem Deus à memória? Pera que O nomeias? Pois não o fazes se não pera desonrar seu santo nome, e trazê-lo arrastado polas praças, polos jogos, e em todas tuas fúrias e sandias palavras.

Também neste mandamento haveis de entender que não abasta jurar verdade pera não pecar, mas há mister jurar verdade, e com necessidade, *scilicet,* forçado polo Juiz, ou em outro caso que se não possa escusar. Assi que vãmente juras, não sòmente quando juras mentira, mas também quando juras verdade sem necessidade. E posto que, quando juras certa verdade sem necessidade, não seja pecado mortal, é todavia grave venial, além do perigo a que te pões de jurar falso costumando-te a jurar sem necessidade.

Mas, quando juras mentindo, cometes um gravíssimo pecado mortal de sacrilégio que de sua natureza é mais grave que furto ou homicídio. E, por isso, o Senhor no Evangelho [1] tão estrei-

[1] Math. 5,33-37.

tamente nos encomendou que fugíssemos de jurar, porque, do costume de jurar sem necessidade, vem o homem a jurar sem verdade.

E o Sabedor, diz (2): — *Não costumes tua boca a jurar, porque não poderás deixar de cair em juramentos falsos.* Diz mais (3): — *Que o homem que muito jura, será cheio de maldade, e nunca sairá açoute de Deus de sua casa;* e (4): — *Que a língua que muito jura, faz tremer e arrepiar os cabelos a quem a ouve.*

E não abasta que não jures por Deus, mas também és obrigado não jurar por Nossa Senhora, ou por qualquer Santo.

E assi também não hás-de jurar por tua vida, por tua alma ou por tua saúde, ou dos teus, nem dizer: — *Assi Deus me salve,* ou *me ajude,* porque tudo isto são juramentos execratórios, nos quais pedimos a Deus que nos castigue se não falamos verdade. Porque tanto vale jurar por minha vida, como dizer Deus me mate se não falo verdade. E assi dos outros.

Quando quisermos certificar algũa cousa, basta que digamos: — *Por certo;* ou, *Em verdade que tal é,* ou *Bòfé e verdadeiramente,* porque isto não são juramentos.

Contra este mandamento pecam, não sòmente os que afirmadamente juram o que não é, ou juram por certo o que é duvidoso; mas também o que prometeu com juramento de fazer algũa cousa com intenção de a não cumprir. E assi também aquele que jurou de fazer algum mal que fosse pecado mortal.

---

(2) Ecc. 23,9. — (3) Ibid. 23,12. — (4) Ecc. 27,15.

CAPÍTULO V

Do terceiro Mandamento

O terceiro mandamento na lei de Moisés está escrito nesta forma de palavras [1]: — *Lembra-te de santificar o dia do Sábado. Seis dias trabalharás e farás todo teu serviço, e no séptimo dia repousarás, porquanto esse é o sábado do Senhor teu Deus. Porque hás-de saber que em seis dias criou o Senhor o céu e a terra e todas as cousas, e repousou no dia séptimo.* E, por tanto, *benzeu e santificou o dia do sábado.*

Mas a nós é posto este mesmo preceito em outra forma de palavras, que são estas: — *Guardarás os domingos e festas que a santa Madre Igreja Católica manda guardar.*

Pera entendimento do qual havemos de saber que a rezão natural e a lei divina, assi como nos manda conhecer e honrar um só Deus, assi também nos ensina e obriga a tomar e apartar algum tempo, no qual, deixados todos os negócios e ocupações do mundo e da fazenda, nos ocupemos sòmente nas cousas de Deus, *scilicet,* pera O louvar, conhecer e agradecer os benefícios que nos fez, e pera nos encomendar a Ele e Lhe pedir outros novos, socorro e remédio em nossas necessidades e tribulações, e, sobre tudo, pera Lhe oferecer sacrifício. Porque, ainda que todo tempo seja seu e todo lhe seja devido pera cuidarmos n'Ele e O amarmos, pois, como diz S. Ber-

---

(1) Exo. 20,8-11.

naldo, em todos os momentos recebemos mercês e benefícios de Deus, todavia, porque, por nossa fraqueza e ocupações, não O podemos ou não O queremos fazer sempre, obriga-nos o lume natural a apartarmos algum tempo pera isso. De maneira que é cousa manifesta e de juro natural que devemos de apartar alguns dias ou horas pera cuidar no Senhor Deus que nos criou, e O honrarmos com sacrifício, e com algũas santas cerimónias.

Mas porquanto quais hajam de ser estes dias, a lei natural o não determina, veio o Senhor, e, na lei que deu aos Judeus, determinou que fosse o dia do Sábado, porquanto nele repousou, *scilicet,* e deu cabo à criação do mundo. E diz-se repousar, não porque antes tivesse trabalho; mas sòmente porque cessou de criar novas criaturas. E, por isso, pôs nome àquele dia, Sábado, que quer dizer repouso.

Mas, depois da Ascensão do Senhor aos céus, per inspiração do Espírito Santo e tradição e ensino dos Apóstolos, foi mudado o dia do Sábado em Domingo, pelas excelentes prerogativas do tal dia. Porque, como diz S. Leão Papa, o sagrado dia do Domingo não sòmente é esclarecido com a glória da Resurreição do Senhor, que é a principal causa da santificação do tal dia, mas também tem outros privilégios por onde merece ser celebrado e festejado. Porque nele foi criado o mundo, nele disse [2] o Senhor aos Apóstolos: — *Recebei o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados, ser-lhe-ão perdoados, e a quem não perdoardes, não lhe serão perdoados.* E outras muitas excelências.

Ora, irmãos, pois o santo domingo é dia que Deus tomou pera si, não lho tornemos nós a furtar pera nós. Pois é dia deputado pera tratar, conversar, e falar com Deus, façamo-lo assi. Se damos toda a somana ao corpo, e às ocupações do mantimento do corpo, este dia demos à alma e a procurar seu mantimento, o qual é a palavra de Deus, a Oração, a meditação dos mistérios e benefícios de Deus e nosso Senhor Jesu Cristo.

---

(2) Joa. 20,22.

E, se quereis saber miudamente como se quer Deus servido no domingo e nas festas, como quer que se guardem e celebrem, dir-vo-lo-ei. São necessárias pera isto quatro cousas.

A *primeira* e principal que de nós quer, é que, no domingo e na festa, não pequemos. Porque, ainda que não há tempo pera pecar, e sempre seja cousa abominável ofender a Deus, especialmente é cousa estranha e desarezoada que no dia que Deus especialmente tomou pera seu serviço e louvor, nesse seja ofendido e desonrado.

Pelo qual Deus dizia aos judeus por Isaías [3]: — *Aborrecem-me vossos Sábados e vossas festas me são molestas, nem as posso sofrer.*

E isto dizia, porque os dias que o Senhor lhe mandara guardar, pera repousarem com ele e se lembrarem dos seus benefícios, esses gastavam eles em o ofender, usando mal da quietação corporal que a lei lhe mandava e convertendo-a em inquietação espiritual e perdição de suas almas; sendo assi que mandava Deus a quietação e Sábado corporal por amor da quietação e sábado espiritual. Que, assi como ele no dia do Sábado cessou de criar criaturas corporais e visives, assi nós, no tal dia, desembaracemos nosso coração de todos os pensamentos, e afeitos das cousas corporais, e visives, e o levantemos às espirituais e invisives.

Contra o que fazem os que nos Domingos e festas gastam todo o tempo em jogos vãos, em danças e bailhos, e demasiado comer e beber, e cometem outras dissoluções e torpezas.

A *segunda* quer que naquele dia nos não ocupemos nos trabalhos da fazenda ou do ofício manual per que se ganha o necessário pera a vida.

---

[3] Is. 1,13.

A *terceira* quer que, deixados os pecados e desocupados de trabalhos e negócios corporais e mundanos, lhe ofereçamos nossa alma, arrependendo-nos primeiramente dos pecados de toda a somana passada e de toda a vida, cuidando neles e pedindo-lhe perdão e propondo emenda. E muito melhor seria se te confessasses, ao menos alguns Domingos ou festas. E, já que o não fazes, ao menos te confessa cada Domingo a Deus em teu coração, e chora teus pecados. E, despois de reconciliado desta maneira com Deus polas culpas passadas, alevanta teu coração a Ele com actos de fé, esperança e caridade, que é o principal culto que Deus de nós requere, dizendo per São João [4]: — *Que Deus é espírito, e, por isso, quer principalmente ser servido e adorado com actos de espírito,* que são: firme fé, forte esperança, e ardente caridade, lembrando-nos de quantos benefícios d'Ele temos recebido na alma e no corpo, e quantos d'Ele esperamos no outro mundo.

A *quarta* cousa que de nós quer, é culto exterior, em virmos à Igreja, em estar presentes aos ofícios e louvores divinos com o corpo e com a alma, e pera ouvir a palavra de Deus, e pera isto trazendo convosco os filhos, e criados; sobre tudo estando presentes com toda a devação ao altíssimo e diviníssimo Sacrifício da Missa.

E porque nisto a desordem e frieza dos cristãos deste tempo é insofrível, convém aqui ensinar e avisar como se há-de ouvir Missa.

(4) Cf. Jo. 4,23.

CAPÍTULO VI

Como se há-de ouvir Missa

Primeiramente, é de saber que o sacratíssimo sacrifício da Missa não o oferece sòmente o sacerdote, mas também os outros cristãos, especialmente os que se acham presentes à Missa. Todos eles o oferecem per mãos do sacerdote, que é ministro e oficial púbrico, per cujas mãos a santa Madre Igreja oferece a Deus aquele sacrifício de infinito valor. E por tanto, o sacerdote, despois que oferece o cáliz com a hóstia, virando-se pera o povo, diz estas palavras: — *Orai, irmãos, que este sacrifício, que tanto é meu como vosso, seja aceito diante o Senhor Deus.*

E, por isso, não vos pareça que só o sacerdote há-de estar atento e devoto. Todos sois obrigados estar com atenção e devação, cuidando na Paixão de Nosso Senhor que ali se representa, pois todos, juntamente com o sacerdote, ofereceis.

E, por isso, antes que o sacerdote consagre este tão alto sacramento e sacrifício, aparelha o povo com a doutrina apostólica e evangélica, pera espertar nele devação pera a hora do sacrifício.

Lê-lhe primeiro ũa lição da doutrina dos Apóstolos ou dos Profetas, e, despois, outra da doutrina e palavras que nosso Senhor Jesu Cristo falou. E, despois, nos domingos e festas principais, diz o *Credo,* confessando tudo o que está dito, *scilicet,* toda a doutrina apostólica, e evangélica, e armando-se com esta mesma confissão de fé pera oferecer o único sacrifício da fé e Igreja Católica.

E, não contente com esta desposição, chegando-se mais o tempo do sacrifício, dispõem outra vez todos os presentes ao mesmo, amoestando-nos que levantem todos os corações ao céu, e os ponham na companhia dos Anjos, e, juntamente com eles, dêem graças a Deus polos grandíssimos benefícios que nos fez, dizendo primeiro: *Dominus vobiscum,* que quer dizer: *O Senhor seja convosco.*

E responde o povo: — *Esse mesmo Senhor seja com teu espírito.*

E então torna a dizer o sacerdote: — *Sursum corda,* que quer dizer: *Alevantai os corações.*

E responde o povo: — *Habemus ad Dominum,* já temos alevantados os corações a Deus, quase dizendo: *Assi o fazemos.*

E respondido isto, diz o sacerdote: — *Gratias agamus domino Deo nostro,* que quer dizer: *Pois que afirmais que já tendes os corações alevantados e postos com Deus, agora poderemos convenientemente dar graças a nosso Senhor Deus.*

E torna a responder o povo: — *Dignum et justum est,* que quer dizer: — *Cousa é mui digna e justa que assi o façamos.*

E, dada esta resposta, começa o sacerdote dar graças a Deus por si e por todo o povo, dizendo: — *Verdadeiramente cousa é mui digna, mui justa e devida e mui saudável, que Te demos graças em todo o tempo e lugar, a Ti, Senhor santo Padre todo poderoso, Deus eterno, pelos maravilhosos benefícios que nos fizeste por Jesu Cristo, teu filho, pelo qual és louvado polos Anjos e Arcanjos, Querubins e Serafins, e por todo o mais exército dos espíritos bem aventurados. Com os quais Te pedimos que ajuntes e aceites nossas vozes, porque nós também com eles com humilde coração Te confessamos e louvamos, dizendo: Santo Padre, Santo Filho, Santo Espírito, um só Deus e Senhor dos exércitos das creaturas. Cheios são os Céus e a terra de tua glória e manifestação de tua bondade. Salva-nos em as alturas. Bento é aquele unigénito Filho teu, e Redentor nosso, que em teu nome veio às terras a nos salvar.*

Estas palavras quis aqui referir, porque entendais, irmãos, o que prometeis ou afirmais estando à missa, e trabalheis de o cumprir. Porque, como disse, afirmais, quando diz o sacerdote: *Sursum corda,*

que já tendes postos os corações nos Céus com Deus, e que já não cuidais em cousa algũa da terra.

Assi o fazei, vede não mintais ao Espírito Santo, como fez Ananias e Safira. Não diga de vós o Senhor o que disse [1] de outros: — *Este povo, que está ouvindo esta Missa, com os beiços me louva, mas seu coração está longe de mim.*

Ai daqueles que nem com os beiços ali O louvam, ali mesmo dando a língua ao mundo e a seus negócios.

A hora da Missa é na qual principalmente haveis de exercitar Sábado espiritual, *scilicet,* desocupando o coração pera Deus, estando cordialmente tremendo, cuidando com toda reverência e acatamento que ali, naquele altar, per mãos do sacerdote, se oferece aquele mesmo sacrifício que se ofereceu na Cruz, o qual é de infinito valor e cheiro diante de Deus, oferecendo-o vós também por todos vossos pecados, e pedindo ao Padre Eterno que o fedor de vossas culpas não impida o valor e o cheiro deste sacrifício, com que não frutifique em vós.

E, por isso, é cousa abominável que esteis palrando à Missa. Porque, quem palra estando à Missa, não ouve Missa, mas ouve-se a si, ou ouve aquele com quem fala.

E não basta não palrar com outrem, mas é necessário não consentir, ali, em vosso coração, outros pensamentos das cousas do mundo; mas dar o coração àquele alto mistério, tendo especial lembrança da Morte e Paixão de nosso Senhor, cuja memória ali se celebra, e cuja Carne e Sangue ali está, pelejando com as moscas dos pensamentos terreaes, enxotando-as com toda a diligência, cuidando em vossos pecados com arrependimento, e confiando que pola vertude daquele sacrifício, que se ali celebra, vos serão perdoados, e não fazendo ali outros de novo.

Porque, pera isso, antes do princípio da Missa, fizestes a confissão geral com o sacerdote, acusando-vos de todo-los pensamentos e desejos maus, ociosos ou perniciosos, e assi de toda-las palavras

---

(1) Cf. Is. 19,13.

ociosas ou torpes ou danosas, pera que, assi reconciliados com Deus, pudésseis oferecer o sacrifício com mais limpeza da alma.

Pois se, pera isto, vos confessastes e pedistes perdão dos pensamentos e palavras ociosas antes do princípio da Missa, como tornais no tempo do mesmo sacrifício a vos sujar nas mesmas palavras e pensamentos?

Se ouvis Missa pera que os pecados que trazeis do mundo à igreja vos sejam perdoados, como na mesma igreja, diante do sacrifício da limpeza, cometeis outros?

Não vindes à igreja pera enfermar mais na alma, mas pera a levar sã e salva pera casa. E por isso vos haveis de ocupar em oferecer aquele sacrifício por saúde dela.

E, isto feito, oferecei também o mesmo sacrifício por todas as mercês e benefícios que de Deus tendes recebidos, assi gerais como especiais, assi pera a alma como pera o corpo, não vos contentando de ouvir parte da Missa, porque sois obrigados, sob pena de pecado mortal, ouvi-la inteira, não tendo justo impedimento.

Este capítulo se há-de ler e repetir muitas vezes ao povo, pera que aprendam como hão-de ouvir Missa.

CAPÍTULO VII

Sobre o quarto Mandamento, que é: Honrarás teu pai e tua mãe

Postos os três primeiros e principais mandamentos, que se dizem da primeira Távoa, que ordenam nossa alma pera Deus, seguem-se os sete que se dizem da segunda Távoa. Nos quais nos ensina o Senhor como nos havemos de haver com nossos próximos.

E antre eles tem o primeiro lugar o mandamento de honrar Pai e Mãe. Porque, despois de Deus, a estes temos logo mais estreita obrigação.

E por padres, não sòmente havemos de entender aqui aqueles que carnalmente nos geraram, mas também os padres espirituais, que são os prelados, e os reitores das igrejas, e quaisquer sacerdotes, e, após eles, os príncipes e regedores seculares.

E também de saber que, neste mandamento, per honra não se entende sòmente reverência e acatamento, mas também obediência, e, além da obediência e reverência, se entende também socorro e provisão em suas necessidades. Grande desatino é cuidar alguém que cumpre com a obrigação que tem de honrar seu pai e sua mãe, se lhe faz muita cortesia e reverência onde quer que os vê, e, vendo-os padecer necessidades, não lhe socorre. Na Sagrada Escritura, per honra se entende muitas vezes dádiva e ajuda pera o mantimento corporal. E por tanto, em o Senhor nos mandar honrar pai e mãe,

nos manda acudir-lhe com o necessário pera sua honesta sustentação quando disso têm necessidade e nós podemos. E ainda que tenhamos obrigação de acudir a outras pessoas, o pai e mãe, no que toca a esta provisão temporal, têm o primeiro lugar, e a eles primeiro que a ninguém havemos de acudir, e, após eles, acudiremos aos filhos e à mulher e aos irmãos e outros parentes.

E, portanto, contra este mandamento peca, primeiramente, quem não honra ou não provê nas necessidades o pai, e a mãe, e, despois disto, quem não faz o mesmo aos outros parentes, e, após eles, aos vizinhos e naturais.

Assi também faz contra este mandamento quem desobedece a seus maiores quaisquer que sejam, segundo a obrigação que tem cada um de lhe obedecer, e naquilo em que lhe deve obediência.

Contra este mandamento fazem os que põem boca em seus Prelados, e quaisquer Reitores da República, infamando-os e desacreditando-os, devendo-lhe de encobrir suas faltas quando as soubessem. Pelo que são comparados pelos Santos a Cã, filho de Noé, ao qual ele lançou a maldição porque lhe não encobriu sua nuez, antes, vendo-o jazer nu, chamou os outros irmãos pera o verem.

Também contra este mandamento parecem pecar os desagardecidos aos benefícios que receberam. E, porque a ingratidão é grave e abominável pecado e se deve, com toda a diligência, fugir, é de saber que, assi como a vertude da gratidão tem três graus — *scilicet,* o *primeiro,* conhecer no coração o benefício e ter lembrança dele; o *segundo,* dar graças com a boca e louvar o benefício e o benfeitor; o *terceiro,* recompensar e retribuir com a obra segundo sua possibilidade quando se oferece lugar e tempo — assi o pecado da ingratidão tem três graus: O *primeiro* é desconhecimento ou esquecimento do benefício; o *segundo* é dissimular o benefício, não querendo por ele dar graças e louvores, e pior seria se chegasse té o desprezar e vituperar com a língua; o *terceiro* grau é não retribuir com a obra, podendo e oferecendo-se lugar e tempo, e pior seria se retribuísse mal por bem.

CAPÍTULO VIII

Do quinto Mandamento, *scilicet:* — Não matarás

Despois de termos cumprido com Deus e com os padres carnais como espirituais, que, em algũa maneira, nos são em lugar de Deus, fica cumprirmos com os maiores próximos, não os danificando nem agravando em cousa algũa. E porque, antre as cousas corporais, a vida é a mais principal e deve ser mais estimada, portanto o maior dano que podemos fazer a um próximo é tirar-lhe a vida. E, por isso, o primeiro malefício que Deus defende contra o próximo, é matar, dizendo (1): — *Não matarás.*

O qual perceito o Senhor declarou per S. Mateus (2), dizendo que se entendia: — *Não matarás: nem com a mão nem com o coração.* Porque aquele que tem desejo ou vontade deliberada de matar seu próximo, já diante de Deus, que lhe vê o coração, é matador, ainda que com a mão não cumpra seu mau desejo. Porque, diante dos olhos e juízo de Deus, a vontade é reputada por obra.

E assi também se chama matador, não sòmente aquele que com a sua mão matou, mas também aquele que mandou matar, ou aconselhou ou persuadiu ou consentiu ou dissimulou donde sucedeu matar-se um homem.

Aqui é de saber que ao pecado de homicídio se reduzem outros

(1) Exo. 20,13. — (2) Cf. Math. 5,21-26.

pecados, como é pecado de ódio do próximo, e assi os outros danos que se fazem à pessoa do próximo, como é tocar-lhe membro, ou feri-lo, ou espancá-lo, açoutá-lo, dar-lhe bofetada, ou fazer-lhe qualquer outra lesão em sua pessoa, ou desejar de lhe fazer qualquer cousa destas.

E também se lembrem, os que perseveram em ódio e inimizade com seus próximos, que diz S. João [3]: — *Que o que tem ódio a seu próximo, por matador se conta.*

Tragam este mandamento diante os olhos os brigosos e irosos de condição que, por qualquer ocasião, armam arruídos, ferindo, matando. E muitas vezes acontece que não sòmente corporalmente, mas também eternalmente matam. Porque acontece estar em pecado mortal a pessoa a quem mataram. Pois que cousa mais diabólica e horrível pode ser que seres causa de ũa criatura racional perder a vida e alma, morrendo súpita e impenitentemente?

Também quão abominável cousa seja teres ódio a teu irmão e próximo, ao menos nisto o deves de conhecer. Porque certa verdade é que, assi como o matador mata o corpo do seu próximo, assi quem tem ódio mata sua própria alma e a traz morta todo o tempo que no ódio persevera. E ainda o matador tem algum triste deleite em se vingar, mas o mal-aventurado do mal-querente a si mesmo faz o mal, andando cheio de desgosto e peçonha, e em contino tormento de sua consciência, além de escandalizar os vezinhos. E muitas vezes, andando ardendo em rancores e tristezas o que quer mal a outro, esse a quem quer mal vive em prazer e dorme seu sono descansado.

Por isso, irmãos, não sejais algozes de vós mesmos, não vos atormenteis com ódios e invejas de vossos próximos, pois não serve de mais que de, já neste mundo, começardes de sentir as penas e dores do inferno, e, despois desta vida, herdá-las pera sempre. Pedi ao Senhor e procurai de alcançar a doçura de Seu amor e do próximo, com o qual sereis devotos pera Deus e doces pera o próximo, e, assi vivendo em quietação e doçura da consciência, passareis às doçuras eternas.

---

(3) 1 Joan. 3,15.

CAPÍTULO IX

Do sexto Mandamento, *scilicet:* — Não adulterarás, e não fornicarás.

Depois do homicídio, segue-se a defesa do adultério. Porque, despois da vida, a cousa mais estimada que o homem tem, é sua mulher legítima. E, por isso, a maior injúria que lhe podem fazer, despois de lhe tirar a vida, é tocar-lhe em sua mulher. E, por esta causa, o Senhor, despois que disse: — *Não matarás,* disse (1) logo: *Não adulterarás.* No que também se encerra: — *Não fornicarás com qualquer outra mulher.* Porquanto toda a cópula carnal que não é antre marido e mulher, é pecado mortal, ainda que seja antre solteiro e solteira.

O qual mandamento também o Senhor declarou, dizendo que não sòmente se quebrantava com o corpo, mas também com só a vontade e desejo, ainda que não haja execução, pronunciando estas palavras (2): — *Todo aquele que olhar a mulher que não é sua e a desejar em seu coração, este tal já tem adulterado ou fornicado diante dos olhos de Deus.* Porque, como está dito, a vontade deliberada diante de Deus é contada por obra.

Antre todos os pecados, todo cristão que se quer salvar, há-de fugir este pecado com grandíssimo cuidado, pólo especial estrago que faz na alma, e por ser raiz de muitos outros.

(1) Ex. 20,14. — (2) Math. 5,28.

David, sendo tão devoto e tão manso e benigno, ũa vez que caiu neste pecado, ficou tão mudado e tão desatinado que parecia não ser aquele. De manso se tornou cruel, mandando fazer um injustíssimo homicídio.

Seu filho Salomão, o pecado da luxúria o trouxe a idolatrias e grandíssimos desatinos, sendo dantes sapientíssimo e favorecido de Deus.

Não há pecado que mais cegue a alma e a faça quase carne, e mate nela todo lume da contemplação, toda doçura e consolação espiritual. E, por isso, disse S. Gregório que a cegueira da alma era filha da luxúria. E S. Paulo com tão encarecidas palavras nos espanta pera fugirmos deste vício, dizendo (3): — *Fugi a fornicação. Não sabeis que vossos membros são membros de Cristo, e templos do Espírito Santo que em vós mora? Não sois vossos, não. Jesu Cristo vos comprou per Seu preciosíssimo Sangue, pera morar em vossas almas e em vossos corpos.* Pois, se assi é, *como vos atreveis apartar vossos membros de Cristo e entregá-los e ajuntá-los com ũa torpe mulher? Não sabeis que quem se ajunta com a má mulher, fica feito ũa mesma carne e um mesmo corpo com ela? Porque escrito está que os que se ajuntam carnalmente são dous em ũa carne; assi como quem se ajunta com Deus é feito um mesmo espírito com ele.*

Por isso, em toda a maneira fugi o pecado da fornicação porque, ainda que todos os pecados sujem a alma, este só não sòmente suja a alma, mas também suja e injuria o corpo.

Por tanto, irmãos, todos nos armemos a pelejar, e lançar fora de nós e do mundo esta besta fera, que tanto estrago tem feito e faz no mundo. Todos acudamos a matar este fogo de enxofre fedorento, que tanto abrasa as terras, as almas, e corpos. Fujamos de todos os princípios, motivos e atiçamentos e ocasiões dele, como são tocamentos torpes, palavras e cantigas desonestas e sujas, todos os azos e perigosas ocasiões, todo o olhar desatentado pera mulheres ou com

(3) 1 ad Cor. 6,18-20; 15-16.

eficácia, porque escrito está ([4]): — *Muitos se perderam por ver a fermosura da mulher.* E o Profeta Jeremias diz ([5]): — *Que polas janelas de nossos olhos entra a morte a nossas almas.* E o Sabedor, amoestando-nos fugir conversações e práticas com mulheres donde pode haver perigo, diz ([6]): — *Poderá alguém meter fogo no seio e não se queimar?*

Também se há-de fugir a ociosidade, e demasiado comer e beber. Porque escrito está polo Profeta Ezequiel ([7]): — *Que de fartura e ociosidade nasceu a luxúria daquelas cinco cidades que Deus abrasou e subverteu.*

E porque os maridos saiam do engano em que vivem, cuidando que este pecado não é tão grave no homem casado como na mulher casada, saibam o que diz Santo Agostinho ([8]): — *Que, ainda que em ambos seja este pecado gravíssimo, todavia mais grave é no marido por algũas rezões,* scilicet, *porque é mais forte e prudente pera resistir às tentações, e porque tem especial obrigação de dar bom exemplo a sua mulher.*

E, além disto, bastaria pera se haver de fugir deste vício mais que de outro algum, ser ele mais pegadiço e de mais dificultosa emenda e conversão que nenhum outro, despois que um homem se começa entregar a ele.

Finalmente, nenhum pecado foi nunca tão castigado por Deus como este. Em castigo dele vieram dous dilúvios ao mundo. O primeiro, de água, que foi geral a todo o mundo. O segundo, de fogo, sobre ũas cinco cidades. Por este pecado ([9]) matou o Senhor vinte e três mil homens do povo dos Judeus no deserto, e outros muitos que por evitar prolixidade não ponho.

([4]) Eccli. 9,5.—([5]) Jer. 9,21.—([6]) Prov. 6,27.—([7]) Ezech. 13,8 s. ([8]) Aug., *De nuptiis adulterinis,* l. 2, c. 8.—([9]) Num. 25,9.

CAPÍTULO X

Sobre o sétimo Mandamento: — Não furtarás.

Neste sétimo Mandamento nos defende o Senhor que não façamos injúria ao próximo em sua fazenda, usurpando pera nós a cousa alheia, ou danificando-o nela. Ora seja per roubo ou furto, ora per onzena ou injusta compra ou venda, ora per qualquer enganoso e injusto contrato em que o próximo seja agravado e danificado.

Ao presente não me quero deter em agravar a graveza deste pecado, porque parece que é mais conhecida e estranhada que de nenhum outro. Basta pera espantar os homens e os fazer fugir deste pecado, lembrar-lhe a perpétua obrigação em que ficam de restituir qualquer dano que fazem a seu próximo; e, enquanto não restituem, podendo, nenhum remédio têm de salvação ainda que chorem mais lágrimas que a Madalena e façam todos os extremos de penitência. Porque nunca Deus perdoa o pecado enquanto se não restitui o mal-levado.

Mas é aqui de saber que não basta ao bom cristão não tomar o alheio, mas é necessário que, além disso, dê do seu, e, como diz o Senhor (1), *ganhe amigos com as falsas riquezas que o ajudem com seus merecimentos e orações a alcançar o paraíso.* Nas quais palavras

(1) Luc. 16,9.

nos encomenda a diligência em dar esmolas, e executar as obras de misericórdia, pois no dia do juízo nos há-de ser feito rigoroso exame e pergunta se as cumprimos. E, como o Senhor diz (2), aos que as houverem cumprido dirá estas palavras: — *Vinde, bentos de meu Padre, possuí o reino que vos está aparelhado desde a criação do mundo. Porque, havendo fome, destes-me de comer; tendo sede, destes-me de beber; estando nu, cubristes-me; sendo hóspede e peregrino, agasalhastes-me; estando doente, visitastes-me; estando preso, fostes-me consolar. Porque, vos afirmo que, quantas vezes fizestes isto a qualquer dos pobrezinhos, meus irmãos, a Mim o fizestes.* E, aos que não cumpriram estas obras, mandará ao fogo eterno. Pelo que todos são obrigados a cumpri-las, segundo a possibilidade de cada um, especialmente aqueles que, além do que lhe é necessário pera sua vida, e decência de seu estado, e justas necessidades, lhe sobeja renda. Porque estes, sob pena de pecado mortal, são obrigados dar todo o sobejo aos pobres, ou gastá-lo em obras pias.

E, além disso, todos em geral, por pobres que sejam, são obrigados acudir aos que vierem ter a artigo de extrema necessidade por falta de mantimento, ou vestido, ou mezinha, ou gasalhado, ou outra cousa qualquer, de maneira que, se não forem socorridos, ou morrerão, ou encorrerão em perigo de morte, ou grave enfirmidade. Aos quais todos são obrigados acudir podendo, exceito se eles estiverem no mesmo artigo e perigo, e tiverem necessidade do mesmo socorro pera si, não bastando o que têm, pera si e pera os outros.

E é nesta obrigação, tão natural e tão devida, que toda a divina Escritura está cheia de amoestações disso. Mas pera evitar prolixidade, baste trazer aqui aquelas palavras de S. João, que diz (3): — *Irmãos, não nos amemos de língua e palavras, mas de verdade e com obra. Aquele que tem dos bens deste mundo e vê seu irmão padecer necessidade, e não lhe acode, mas cerra suas entranhas, como é possível que tenha amor a Deus?*

---

(2) Math. 25,34-36; 40. — (3) I Joan. 3,18; 3,17.

Além destas obras de misericórdia que se chamam corporais, há outras sete que se chamam espirituais, *scilicet:* A PRIMEIRA, amoestar e repreender, com brandura e prudência, ao pecador que se emende. A SEGUNDA, ensinar o ignorante. A TERCEIRA, dar bom conselho a quem tem necessidade dele. A QUARTA, rogar a Deus por salvação do próximo. A QUINTA, consolar os tristes e desconsolados. A SEXTA, sofrer as injúrias com paciência. A SÉTIMA, perdoar as ofensas e injúrias por amor de Deus.

As quais também se encomendam muito na divina Escritura. Mas bastará trazer algũas palavras de S. Paulo, que diz: — *Irmões, sofrei-vos uns aos outros com caridade* (4). — *Ajude cada um a levar a cárrega do outro* (5). — *Sede benignos e misericordiosos e perdoai-vos uns aos outros as ofensas, assi como Cristo vos perdoou* (6). — *Repreendei os inquietos, consolai os pusilânimes, sofrei os fracos, sede pacientes pera todos* (7).

Finalmente, em todas estas obras de misericórdia, assi corporais como espirituais, se há-de exercitar todo aquele que deseja de achar misericórdia diante de Deus, porque Ele disse (8): — *Bem-aventurados os misericordiosos, que eles alcançarão misericórdia.*

---

(4) Ad Colo. 3,13. — (5) Ad Gal. 6,2. — (6) Ad Eph. 4,32. (7) — 1 Ad Thes. 5,14. — (8) Math. 5,7.

CAPÍTULO XI

Sobre o oitavo Mandamento que é: — Não dirás contra teu próximo falso testemunho.

Neste mandamento, ainda que sòmente se exprima que não digamos contra nosso próximo falso testemunho, em juízo ou fora dele, todavia, no defender falso testemunho, se compreendem todas as injúrias verbais, e se defende todo o dano que com a língua podemos fazer a nosso próximo. O qual pode ser em cinco maneiras.

A PRIMEIRA é detraindo ou escurecendo a fama de nosso próximo em sua ausência, ou seja levantando-lhe falso testemunho, ou descobrindo algum pecado que estava secreto, porque por ambas as vias fica o próximo injustamente infamado.

A SEGUNDA injúria verbal é quando se dizem palavras injuriosas ao próximo no rosto. A qual injúria não é menor que a detracção secreta, antes maior polo maior desprezo do próximo que nela intervém, não tendo conta com o afrontar e abater em sua presença.

A TERCEIRA maneira de injúria verbal se chama maldição, ou pragas, quando, na presença ou ausência, imprecando, diz um contra o próximo, que tal mal ou tal lhe venha. O qual é mui grave culpa quando o coração se conforma com a boca, desejando que lhe venha o mal que lhe roga. Nem se escusa de pecado, ainda que, despois que passa aquela fúria, não aprova o que disse, e lhe pesaria se lhe viesse o mal que lhe rogou.

A QUARTA maneira de danificar com a língua se chama meixericos, que é quando ũa pessoa, com sua maldita língua, anda negoceando quebrar amizade e semear ódios entre amigos. O qual pecado basta pera conhecer quão grave e abominável é, diante de Deus, ser contra a caridade proximal, paz, e concórdia que Deus tanto amou e encomendou. Polo qual o Sabedor [1] antre os pecados mui aborrecidos diante de Deus, conta semear discórdias antre irmãos e amigos.

A QUINTA e última injúria de língua é quando escarnecemos do próximo, dizendo ou fazendo cousas pera o fazer correr, confundir, e acanhar. A qual injúria tanto é mais grave quanto é em maior desprezo do próximo, de cujo corrimento e confusão não se nos dá nada, dando a entender que não é pessoa de cuja afronta e abatimento se haja de fazer caso.

Todas estas injúrias verbais são na Escritura mui repreendidas. Primeiramente, aos que detraem e escurecem a fama do próximo, chama o Sabedor [2] *serpentes que mordem em silêncio.* E S. Paulo [3] diz deles: — *Se vos mordeis e comeis uns aos outros, vede não vos acabeis de consumir.*

E não sòmente é culpado o detraedor e murmurador, mas também quem o ouve. Pelo qual S. Bernardo diz que nem é fácil de julgar qual peca mais: se o roedor da fama, se quem o ouve e não o repreende, ou ao menos não mostra sinais que lhe pesa de o ouvir. E, por isso, o Sabedor [4] nos aconselha, dizendo: — *Tapa tuas orelhas, e não queiras ouvir a língua malvada.* E já que o ouviste, moira em ti o que disse.

E do meixeriqueiro diz o mesmo [5]: — *Maldito seja o que mexerica, porque muitos perturbou que estavam em paz.*

Também contra este mandamento peca todo o mentiroso que, em dano de seu próximo ou de sua própria consciência, minte. Polo qual está escrito [6]: — *A boca que minte, mata sua alma.* E David [7] diz: — *Destruirás a todos os que falam mintiras.*

---

[1] Prov. 6,19. — [2] Ecc. 10,11. — [3] Ad Gal. 5,15. — [4] Eccl. 28,28. — [5] Ibid., 28,15. — [6] Sap. 1,11. — [7] Psalm. 5,7.

Portanto, irmãos, nossa língua seja língua, não seja espada; as palavras sejam palavras, não sejam cuteladas. Não te deu Deus língua para ferires teu próximo, senão pera o curares e amezinhares com bons conselhos, com santas amoestações, com caridosas repreensões, com doces consolações. Finalmente pera que em ti se cumpra o que está escrito [8]: — *O fiel amigo é bom médico pera a vida deste mundo e do outro*. E o homem de má língua compara o Apóstolo Santiago [9] a fogo pegado em grande mata, porque tal estrago faz na cidade ou vezinhança onde vive, qual o fogo na mata em que se acendeu.

---

[8] Eccl. 6,16. — [9] Jac. 3,5.

CAPÍTULO XII

Sobre o nono e décimo Mandamentos que são: — Não desejarás a mulher do teu próximo nem cubiçarás qualquer outra cousa sua.

O intento e fim destes dous mandamentos é a limpeza interior de nosso coração, porque *a lei do Senhor,* como diz David [1], *é sem mágoa.* Por isso não sòmente defende as culpas e mágoas manifestas da língua e das obras, mas também as escondidas do coração, que são desordenados desejos. Porque o Senhor o principal que requer de nós, é coração limpo. Por isso diz [2]: — *Filho, dá-me teu coração.* E [3]: — *Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus.*

Diante daqueles divinos e claríssimos olhos, os desejos são contados por feitos, porque já o Senhor dá por feito tudo o que tu desejas fazer. Contudo é de notar, que nestes dous preceitos, não se defendem os primeiros movimentos de maus desejos, que não estão em nossa mão, quando a carne deseja algũa cousa contra o espírito, pesando-nos com isso, não consentindo, mas antes resistindo a eles com presteza e eficácia. Porque, como diz o Apóstolo [4]: — *Não é cousa digna de condenação nos Cristãos que sintem ruins movimentos em sua carne, mas não consintem.* E também diz [5]: — *Não reine em vós-*

---

(1) Psalm. 18,8.—(2) Prov. 23,26.—(3) Math. 5,8.—(4) Rom. 8,1-2. —(5) Rom. 6,12.

-*outros o pecado, scilicet,* as más inclinações e apetitos não reinem sobre vós, não vos vençam e prevaleçam contra vós. O que o Sabedor ([6]) explicou por outras palavras, dizendo: — *Não te vás após teus maus desejos, e refreia teus apetitos, ou não lhe obedeças.*

De maneira que, nestes mandamentos, não nos manda o Senhor outra cousa, senão que não demos consentimento a tais desejos. Porque, como diz Santo Agostinho, o piedoso Senhor não castiga aquilo que nós não podemos evitar.

Finalmente havemos aqui de notar que, dado caso que estes dous preceitos se contenham no sexto e sétimo já ditos, sendo verdadeiramente entendidos, porque, quando o Senhor disse: — *Não adulterarás,* ali se encerra: — *Não desejarás a mulher do teu próximo;* e quando disse: — *Não furtarás,* ali se entendia: — *Não desejarás de furtar;* todavia, porque aquele rudo e carnal povo dos Judeus, a que o Senhor primeiramente deu estes dez mandamentos, não podia penetrar que na defesa dos pecados exteriores se entendia e compreendia a defesa dos pecados interiores, por isso foram estes desejos da mulher alheia e fazenda alheia, especialmente e apartadamente defendidos. E ainda que haja outros desejos maus afora estes, como é desejo de matar, ou de jurar falso, ou de infamar, todavia, porque os homens são mais inclinados a desejar a mulher ou fazenda alheia, por isso só estes dous se especificaram e defenderam com especiais preceitos. E quaisquer outros maus desejos ficam compreendidos nos outros preceitos em que se defendem os pecados de obra ou de língua.

Por isso, irmãos, não nos contentemos com ter as palavras e obras limpas e santas; trabalhemos e perfiemos até chegar à limpeza e santidade de coração. Porque os corações castos e limpos são aquelas casas de marfim de que fala o Profeta David ([7]), nas quais Deus repousa neste mundo per graça, no outro per glória.

([6]) Eccli. 18,30. — ([7]) Psal. 44,9.

CAPÍTULO XIII

Da soberba e dos sete vícios capitais, com os filhos que deles nascem, e remédio contra eles.

Pois temos tratado dos mandamentos da divina lei, convém aqui fazer menção dos sete pecados que se chamam capitais com os mais que deles nascem, tocando, brevemente, os remédios pera os evitar e vencer. Porque com estes pecados quebrantamos os divinos mandamentos, ou deles procede o quebrantemento dos tais preceitos.

E primeiramente havemos de saber que, como S. Gregório e Santo Tomás dizem, a soberba não se conta antre os sete vícios que chamamos capitais, antes ela é a raiz, a rainha e a mãe de todos sete, e de quantos deles nascem. De maneira que a soberba, a qual não é outra cousa senão um desordenado apetito de excelência, tem por filhas aquelas sete e pestíferas serpentes que empeçonhentam todas as almas, *scilicet,* a vã glória, inveja, avareza, luxúria, gula, ira e acídia ou tibieza espiritual.

Chamam-se estes sete vícios *capitais*, porque são como ũas sete cabeças e fontes donde todos os outros nascem. São como ũas sete raízes corruptas donde procedem todos os fruitos pestíferos, *scilicet*, todos os vícios, pestes, corrupções espirituais, e escândalos do género humano. E de cada um deles diremos brevemente algũa cousa.

O primeiro é *vã glória,* o qual pecado consiste em querer o homem ser neste mundo estimado e louvado e seu nome celebrado, e isto ou por cousas vãs ou ilícitas, polas quais não merece o homem glória e clareza, ou dado caso que, por causas verdadeiras e santas, como são letras e virtudes, deseje glória, é vã porque a deseja diante de homens, devendo de a desejar sòmente diante de Deus, ante o qual ser estimado e ter clara notícia é cousa digna de ser desejada: o que diante dos homens, é de nenhum valor, porque não valem testemunho neste caso, pois que diante deles muitos indinos têm clara fama e opinião, e muitos merecedores dela não a têm.

Esta vã glória ainda que é filha da soberba, todavia, como diz S. Gregório, é mãe de outras sete peçonhentas filhas, que são: Desobediência, jactância, hipocrisia, perfia, pertinácia, discórdia, presunção de novidades.

Os remédios particulares per vencer este vício, são: Primeiramente consideração da própria miséria e vileza, a multidão das culpas, penas, e defeitos, assi na alma como no corpo, a que estamos sujeitos. E se alguns bens há em nós, não temos de que nos gloriar, porque não são nossos, senão dões de Deus: Que, de nossa parte, não prestamos pera mais que pera corromper e sujar estes mesmos bens que Deus em nós põe, contaminando e magoando por mil maneiras as orações, esmolas e quaisquer boas obras que Deus por nós faz.

E assi considerando a humildade de Cristo e dos santos, como foram neste mundo desprezados, como se alegravam com os desprezos, desprezando-se a si e ao mundo. E, finalmente, cuidando que toda glória humana passa como fumo, e se converte em confusão perpétua.

O segundo vício capital é *inveja.* O que é ũa tristeza e dor que o pecador tem do bem e prosperidade que vê a seu próximo, não por outra cousa senão porque imagina que a bonança alheia é diminuição de sua excelência e estima. Manifesto é ser esta tristeza

desarezoada e desatinada, pois se entristece o homem daquilo de que se havia de alegrar.

Nascem da inveja, como diz S. Gregório, cinco filhas pestilenciais, *scilicet*: Ódio grande contra o próximo, prazer nas adversidades do próximo, aflição em suas prosperidades, detracção e infamação do próximo, e mexericos.

Pera vencer este vício bastaria considerar o triste do invejoso que inveja não é outra cousa senão ũa traça que lhe come o coração e o atormenta, e ele se faz algoz de si mesmo, desconsolando-se e matando-se por aquilo por onde o outro se está alegrando e rindo dele se tal desatino soubesse. E alembre-se que, como diz o Sabedor (1), *pola inveja que o Diabo teve à salvação do género humano, veio tentar o primeiro homem, e entrou no mundo a morte temporal e espiritual.*

O terceiro vício capital é *avareza*. A qual é um desordenado desejo de adquirir e guardar dinheiro, cujo contrário é liberalidade e largueza, da qual diz S. Paulo (2) que *os que pretendem fazer-se ricos e ajuntar dinheiro, caem em os laços e tentações do diabo, e em muitos desejos sem proveito e perniciosos, que os afogam na perdição perpétua.*

Nascem da avareza sete perversas filhas, *scilicet*: Dureza de coração contra a misericórdia, enganos, falsidades, traições, juramentos falsos, forças, inquietação da alma. E esta derradeira filha bastaria pera que os avarentos despedissem de sua alma a mãe, pois que espermentam em si quantas torvações, perplexidades, agastamentos, e tristezas, apertamento e cativeiro do coração traz consigo o desejo de ajuntar e entesourar dinheiro, e, além disso, morrem os tais desconsolados, deixando cá seus suores a quem lho não agardece, e eles vão-se ao inferno.

---

(1) Sap. 2,24. — (2) 1 Tim. 6,9.

O quarto vício capital é a torpe e fedorenta *luxúria*. E porque deste já falámos no sexto mandamento, bastará aqui declarar as muitas enormes filhas que dela nascem. As quais são oito, *scilicet*: Cegueira do entendimento pera entender as cousas espirituais; inconsideração das cousas que relevam à salvação; precipitação indo impetuosamente aos deleites sem deliberar o que faz; inconstância nos bons prepósitos que tinha de viver castamente; amor carnal a si mesmo; afeição a este mundo presente; aborrecimento e arreceio ao mundo que esperamos; e, finalmente, ódio de Deus que é o maior de todos os pecados. E chega o luxurioso a ter este diabólico aborrecimento a Deus, porque defendeu os deleites que ele tanto ama.

E além dos remédios que pusemos no Sexto Mandamento, o principal seja estudo de oração e devação com o que se impetra de Deus um orvalho celestial que resfria todos os torpes ardores, ajuntando vigilância em reprimir os princípios das tentações e sugestões do inimigo, aplicando com presteza o entendimento a cuidar em outra cousa boa, especialmente na Morte e Paixão de Nosso Senhor, na tua própria morte, na disposição e figura em que antes de muitos dias se há-de mudar na sepultura tua carne, e a da mulher que amas. E, finalmente, cuidando nos tormentos do inferno que ganhas, e nos deleites do Céu que perdes por outros tão vis e sujos e tão breves.

Se te escusas que és fraco, lembra-te que não estás nu nem desarmado, aproveita-te das armas que Deus te deu, *scilicet, arnês de justiça, escudo de fé, capacete de esperança, e por espada te deu Sua doutrina e palavra,* como diz S. Paulo [3]. *E a Cruz te meteu nas mãos por lança,* como diz Crisóstomo [4].

Porque te deixas cair? Porque não jogas com estas armas? Porque as lanças no chão no tempo da peleja?

O quinto vício capital é a *gula*, que consiste em desordenado desejo e uso dos deleites de comer e beber. Não se há-de ter este

(3) Ad Eph. 6,14-17. — (4) Super Psal. 123.

pecado por pequeno, pois, por comer Adão um pomo que lhe Deus defendera, veio todo mal ao mundo. E o Senhor diz por S. Lucas ([5]): —*Cabidai-vos, não se carreguem vossos corações com demasiado comer.* E o Profeta Isaías ([6]) disse: — *Ai de vós-outros que vos prezais de poderosos pera beber muito vinho.*

E bastaria pera conhecer a fealdade da gula, ser ela mãe da luxúria e doutras cinco filhas que dela procedem, *scilicet*: Embotamento do entendimento pera entender cousas espirituais; várias imundícies e sujidades assi espirituais como corporais; demasiado falar; chocarrices; alegrias desordenadas.

Pera resistires a este vício devias de cuidar quão brevemente passa o deleite da gula, pois não dura mais que em passar dous dedos de guela, e o triste do guloso, por deleitar tão pouco o papo, mete dentro em si o que lhe atormenta o corpo e suja a alma.

O sexto vício capital se chama *ira*, que é um desarrezoado desejo de vingança, porque sai fora das regras da justiça e da rezão. Que, se o irado contra o vício do próximo fosse seu juiz e superior e desejasse vingança conforme a taixa e medida da rezão e justiça, tal ira não seria pecado.

Contra os irosos diz o Senhor ([7]): — *Todo o que se ensanha contra seu irmão, será réu e digno de juízo e castigo.*

Da ira, como diz S. Gregório, nascem seis filhas, *scilicet:* Indignação; inchamento do coração; injúrias e desonras; clamores e vozes desatinadas; pelejas; e, finalmente, blasfémias contra Deus.

Pera resistir a este vício, considere o iroso quantos danos lhe faz a fúria e a ira, não sòmente na consciência, mas também na honra e na fama: inquieta-se, afugenta de si o Espírito Santo, escandaliza os outros. E, por isso, quando se sentir comovido desta paixão, não se deixe afogar dela, mas torne sobre si logo no princípio quando se o fogo começa de atear, e dê entrada a boas considerações ou conselhos.

([5]) Luc. 21,34. — ([6]) Is. 5,22; cf. Prov. 23,30. — ([7]) Math. 5,22.

E já que não pode de todo apagar aquela chama de fogo no coração, ao menos não lhe dê armas, não lhe empreste nem a mão nem a língua, e, finalmente, não a deixe sair pera fora, calando-se consigo e dizendo ao Senhor com David ([8]): — *Ponde, Senhor, guarda em minha boca, e portas fechadas em meus beiços.*

O sétimo e último vício capital se chama *acídia*, que é ũa tibieza e fastio espiritual que a alma tem pera o exercício das obras virtuosas, especialmente pera as cousas do culto divino e comunicação com Deus: a qual é ũa grave doença da alma, ũa tristeza e frieza pera os exercícios espirituais como são orar, contemplar, ler cousas santas, dizer ou ouvir missa, confessar, comungar, ouvir pregação. E quão peçonhenta seja esta tristeza, se vê polo prazer contrário a ela, que é a bem-aventurada alegria e prazer da alma em o Espírito Santo, fruito próprio da caridade, do qual andando os Santos cheios, lhe era cousa mui fácil fazer e sofrer tudo por amor de Deus. E por isso S. Paulo encomenda tanto que procuremos e conservemos sempre esta alegria em nossas almas, dizendo ([9]): — *Irmãos, tende contìnuamente prazer em o Senhor.* E de si dizia ([10]) que andava cheio de prazer e consolação, tanto que dela podia partir com os desconsolados.

Quão pestífero seja este pecado de tristeza espiritual, se vê por seis más filhas que dele nascem, *scilicet*: Malícia, que é ũa detestação e aborrecimento que o acidioso tem às cousas espirituais. A segunda se chama rancor, que o acidioso tem à pessoa que lhe quer presuadir as cousas espirituais. A terceira é pusilanimidade pera fazer grandes obras em serviço de Deus. A quarta é torpor ou preguiça pera cumprir os mandamentos de Deus. A quinta, vagação e distraimento do entendimento e sentidos que andam imaginando e buscando em que cousas do mundo se poderão deleitar, pois não acham gosto nas cousas espirituais. A última e a pior filha de todas é desesperação da sal-

([8]) Psal. 140,3. — ([9]) Phil. 4,4. — ([10]) 2 ad Cor. 7,4.

vação, porque de ũa pessoa ter fastio às cousas do Céu vem a perder a esperança de as alcançar, porque firme esperança e alegria espiritual são muito companheiras. Polo qual o Apóstolo S. Paulo diz [11]: — *Alegrai-vos em a esperança.*

O principal remédio contra esta acídia e fastio espiritual é forçar-se o acidioso a fazer aqueles exercícios espirituais a que tem mor fastio, *scilicet*, forçar-se a orar, a ler e estudar livros santos, e se confessar, ouvir Missa, comungar e finalmente, quanto se sinte mais cheio de tristeza e fastio pera algum exercício espiritual, tanto mais fortemente se há-de esforçar pera o fazer, contrariando e vencendo aquela maldita frieza e torpor. Porque, vendo o Senhor que o homem faz o que em si é, pelejando contra aquela modorra espiritual, acode e influi graça de devação; e muitas vezes, como diz S. Boaventura, mais merece ũa pessoa em lutar contra esta acídia, do que merece outra que sem trabalho alcançou a dita graça de devação.

---

(11) Rom. 12,12.

CAPÍTULO XIV

Dos preceitos da Santa Madre Igreja

Postos os mandamentos da divina lei, convém aqui, brevemente, fazer menção daqueles que o Senhor, per sua Igreja, nos mandou, porque também estes são mui dignos de serem sabidos, reverenciados e guardados.

O *primeiro* é guardar domingos e festas, e neles ouvir devotamente a Missa inteira. Mas, porque deste já temos falado no terceiro mandamento de Deus, onde também ensinámos como se há-de ouvir Missa, não é necessário aqui mais dizer.

O *segundo* é confessar-se todo cristão polo menos ũa vez em cada um ano.

O *terceiro*, receber o cristão em a festa da Páscoa o Santíssimo Sacramento. E o que se podia dizer acerca destes dous preceitos, se dirá mais convenientemente quando tratarmos do Sacramento da Confissão, e do diviníssimo Sacramento do Altar.

O *quarto* é jejuar os dias pola Igreja ordenados, como são a sagrada Quoresma, as quatro têmporas do ano, e as vésperas de algũas festas principais, os quais a Igreja convenientìssimamente ordenou inspirada polo Espírito Santo.

Primeiramente quão sagrado seja o jejum da Quoresma, manifesto é, pois o Senhor o santificou e consagrou jejuando quarenta dias. O qual número de dias também já dous excelentes Profetas do Testamento Velho, *scilicet,* Moisés e Elias, haviam jejũado.

Também, como diz S. Gregório, os dias da Quoresma são uns dias dezimados que de todo ano pagamos a Deus, reconciliando-nos neles com Ele, castigando nossas carnes, e oferecendo-os a Seu serviço e louvor. E foi cousa mui conveniente que, pois no cabo da Quoresma havíamos de celebrar o mistério da paixão de nosso Senhor e havíamos de receber Seu Sacratíssimo Corpo, que primeiro muitos dias nos aparelhássemos com jejum. E, pois o Senhor não veio à glória da Ressurreição senão primeiro bebendo amargoso vaso de paixão, assi convinha que, conformando-nos com Ele, primeiro nos afligíssemos com jejuns, e, despois, nos alegrássemos com Ele em sua Ressurreição. E também pera dar a entender que à verdadeira e eterna Páscoa não podemos chegar sem primeiro passar por trabalhos e aflições; e porque na verdade toda a vida do cristão há-de ser ũa contínua Quoresma e não esperar a Páscoa senão no dia da morte, quando passar à celestial e eterna Páscoa.

Por isso, irmãos, com toda devação e fervor nos aparelhemos pera o santo jejum da Quoresma. Porque, como diz S. Leão Papa, é eficaz meio pera alcançarmos vitória de nossos inimigos e perdão de nossos pecados. Porque então se ajuntam em um contra os inimigos de nossa alma todos os arraiais da cavalaria cristã, e se esforçam todos a pelejar, e oram todos por todos. E, por tanto, é mais certa assi a vitória como o perdão.

Também o jejum das quatro têmporas do ano é mui sagrado e santamente ordenado, porque, como diz S. Leão Papa [1], o ano re-

---

[1] Serm. 9 De ieu. quatu. temp.

parte-se em quatro tempos, *scilicet*, inverno, verão, estio e outono, e cada um destes tempos tem três meses: e, por isso, com muita rezão em cada primeiro mês dos três, pagamos três dias de primícia à Santíssima Trindade, e nos castigamos polas culpas do tempo precedente, *scilicet*, o inverno contém Dezembro, Janeiro, e Fevereiro, e por isso Lhe pagamos os ditos três dias em Dezembro, no qual caem as primeiras quatro têmporas. O verão contém Março, Abril, e Maio. E, portanto, em Março, regularmente, pagamos a mesma primícia. O terceiro tempo do ano é o estio e contém Junho, Julho, e Agosto, e, por isso, em Junho, na somana do Pentecostes, pagamos a mesma dívida. O último tempo do ano é o outono que contém Setembro, Outubro, e Novembro, e, portanto, em Setembro cumprimos com a mesma obrigação, jejũando a quarta, sexta, e sábado que vem depois da festa de Santa Cruz do dito mês.

E com muita rezão a Santa Madre Igreja, nos ditos quatro tempos, escolheu os ditos dias quarta, sexta e sábado, e não outros, pola especial rezão que há para nos ditos dias nos afligirmos e fazermos algũa penitência. Porque, como dizem muitos santos, em dia de quarta-feira ajuntaram os Judeus conselho e assentaram com Judas de prender Nosso Senhor e matá-Lo. A qual cousa, como diz o santo Evangelho, foi executada em sexta-feira. Ao sábado julgamos por rezão da sepultura do Senhor e porque é dia em que os pérfidos judeus se alegram, e porque é véspera do domingo em que nos alegramos, representando a Resurreição do Senhor, no que protestamos que por trabalhos e aflições havemos de alcançar a glória na alma e no corpo.

O *quinto* preceito da Santa Madre Igreja é pagar dízimos e primícias.

CAPÍTULO XV

Das quatro cousas derradeiras

Postos os mandamentos que havemos de guardar, parece que convinha pôr aqui algũa exortação pera assi fazermos; mas, pera evitar prolixidade, bastará fazer menção, e pôr diante dos olhos aos homens as suas quatro cousas derradeiras, cuja consideração é eficassíssima pera os incitar à obediência dos divinos mandamentos e fugir do contrairo. Estas quatro cousas são: Morte, Juízo, Inferno, e Paraíso.

Chamam-se derradeiras porque são as últimas que podem acontecer ao homem. Porque, após a morte, vem o rigoroso Juízo, e, no Juízo, se cumpre o que o Senhor diz, que os que fizeram boas obras irão à vida eterna, e os que más, aos tormentos eternos.

Pera a morte, não cessa a Divina Escritura de nos encomendar que nos aparelhemos, dizendo o Senhor (1): — *Estai vós-outros aparelhados porque não sabeis quando vos hei-de de chamar.* E o Sabedor diz (2): — *Antes da morte, procura viver justamente, porque, passada esta vida, não será possível fazeres cousa em que mereças.* E o Senhor diz (3): — *Virá a noite,* que é o tempo depois desta vida, *em o qual ninguém poderá trabalhar e merecer.*

Tomem os doentes da alma o santo conselho que lhes dá Cri-

(1) Math. 25,13. — (2) Eccli. 14,17. — (3) Joa. 9,4.

sóstomo ([4]). Que assi como os físicos mandam a alguns doentes que vão ver e passear por campos verdes pera se recrearem e convalescerem, assi eles vão visitar e passear pelos adros e cemitérios, porque é remédio eficaz pera lançar fora as doenças espirituais. Qual é o soberbo, diz ele, que, andando em um adro e cuidando na podridão e fedor de quantos ali jazem, não torne humilde pera casa, sendo certo que antes de muito tempo tal há-de ser?

Por isso dizia S. Jerónimo que com dificuldade pecaria o que cada dia cuidasse que havia de morrer. E S. Bernardo dizia que a suma filosofia é a meditação da morte.

Da *segunda* cousa derradeira, que é o terrível juízo que esperamos, exclama o Apóstolo S. Paulo ([5]): — *Todos nós estamos obrigados a aparecer manifestamente diante do tribunal de Jesu Cristo; porque cada um receba conforme ao que fez vivendo no corpo, ou bem ou mal.* E, por isso, o Sabedor, com muita rezão, nos amoesta dizendo ([6]): — *Antes que venha o juízo, examina-te a ti mesmo e acharás misericórdia diante de Deus.* E o Apóstolo S. Paulo diz ([7]): — *Se nós-outros nos examinássemos e condenássemos, escaparíamos do juízo e condenação de Deus.*

E o Profeta Isaías ([8]) com espantosas palavras pinta a severidade com que o Senhor aparecerá, no dia do juízo, aos pecadores que neste mundo se esqueceram do mesmo Juízo. *Eis aqui,* diz ele, *o poderio do Senhor vem de mui longe, vem ardendo em sanha que se não pode sofrer, traz os beiços cheios de indinação, e sua língua é semelhante a fogo abrasador. E serão naquele dia,* como diz outro Profeta ([9]), *todos os pecadores impenitentes semelhantes a estopa metida em ardentíssima fornalha.*

E, por isso, o bom conselho será que nós, pecadores, imitemos o que fazia o santíssimo Jerónimo, o qual de si confessa que, ora

([4]) Super Psal. 123. — ([5]) 2 ad Cor. 5,10. — ([6]) Eccli. 18,20. — ([7]) 1 ad Cor. 11,31. — ([8]) Isai. 30,27. — ([9]) Malaq. 4,1.

comesse, ora bebesse, ou qualquer outra cousa fizesse, sempre lhe soava nas orelhas aquela trombeta e voz que chamará a todos dizendo: — *Alevantai-vos, mortos e vivos, a juízo.* Porque esta lembrança é um grande espertador de nossa frieza pera fazer algum bem, e grande freio de nossa fraqueza pera não pecar.

A *terceira* cousa derradeira é o Inferno, tão penoso que se não pode imaginar outra cousa mais horrível e insofrível. E, por isso, a Divina Escritura per várias maneiras pinta seus tormentos. Ora diz que nele haverá choro e bater de dentes; ora que seu fogo nunca se apagará, e o verme da consciência, que morderá os danados, nunca morrerá; ora lhe chama rio impetuoso de fogo; ora tanque de fogo ardente e enxofre. E, por isso, o mesmo Juiz a todos avisa, dizendo [10]: — *Temei sòmente aquele que, despois que vos matar com morte corporal, tem poder pera vos lançar no fogo eterno. Este vos amoesto que temais.* Mas, como diz S. Crisóstomo, sobre a pena de fogo e tormentos sensíveis, mais horrível é a pena espiritual do apartamento perpétuo da vista de Deus e companhia dos Santos. Quem bem sentir e pesar estas penas, certamente julgará ser mais triste e penosa cousa, perpètuamente ser lançado e despedido da presença e glória de Deus, que toda-las dores que na alma e no corpo no fogo do Inferno se hão-de sofrer.

Pois isto é assi, quem se atreve a pecar e, por um deleite momentâneo, perder tão grandes bens e eternos, e em correr tão grandes males e perpétuos, e desprezada a companhia dos Anjos escolher a dos demónios pera sempre?

Os que se não emendam com a consideração dos ditos três males derradeiros tão horríveis, porque por ventura não se incitam tanto com ameaços, ao menos se comovam com as promessas do

---

(10) Luc. 12,5.

Paraíso e Reino dos Céus, que é a última cousa das ditas quatro, na qual se encerram a suma de todos os bens quantos se podem desejar e mais do que se pode desejar nem entender ([11]). Porque basta pera isso saber que é ũa bem-aventurança em que Deus se quis esmerar pera contentar e fartar seus amigos de sabedoria e deleitações santas e verdadeiras.

Ai de ti se nem com os ameaços dos tormentos eternos, nem com as promessas dos prazeres eternos te amolentas e dobras a obedecer e servir a Deus. Que remédio haverá pera que não peques e faças penitência dos pecados já feitos, pois que nem como escravo temes ameaços, nem como filho esperas ardentemente a herança de teu Padre celestial?

Bem sei que ainda vives mal, todavia tens esperança de ir ao Paraíso. Mas quão fria e vã ela seja, tua vida e obras dão testemunho. Desperta, desperta dessa modorra em que vives, e ao menos como escravo de Deus começa a temer os açoutes eternos, e vai subindo mais e medrando, e acender-se-ão em ti ardentes desejos da glória e bem-aventurança prometida aos filhos de Deus.

E, finalmente, aproveitando mais no temor e amor final, chegarás a cumprir todos os mandamentos de teu Padre Eterno com afectos de filho perfeito, *scilicet*, fazendo tudo o que Deus manda, não por outro respeito senão por cumprir Sua santíssima vontade, porque aquela eterna bondade assi o mandou, assi o quis; à qual, só por quem é, se deve toda a obediência, toda a reverência e todo o amor.

Finalmente, quanta força tenha a consideração destas quatro cousas acima ditas pera a emenda dos pecadores, manifesta o Sabedor, dizendo ([12]): — *Em todas tuas obras, lembra-te das tuas cousas derradeiras e nunca pecarás.* E Moisés, dos esquecidos de tais considerações, diz ([13]): — *Gente é sem conselho e sem prudência. Oh! se soubessem e entendessem, oh! se trouxessem diante dos olhos as cousas derradeiras!*

([11]) 1 ad Cor. 2,9; Isai. 64,4. — ([12]) Eccli. 7,40. — ([13]) Deut. 32,28

Segue-se o tratado dos SACRAMENTOS

CAPÍTULO I

Dos Sacramentos em geral

Depois que tratamos daquelas três partes da Doutrina Cristã em que exercitamos a fé, esperança, e caridade, tratando primeiramente dos artigos da fé, e, depois, da diviníssima oração do *Pater noster*, em que exercitamos a virtude da esperança pedindo ao Senhor todas as cousas que se podem d'Ele esperar e desejar, e finalmente tratamos dos dez mandamentos, nos quais consiste o exercício e cumprimento dos preceitos da Caridade, — fica agora por tratar brevemente dos sete Sacramentos que nos o Senhor deixou como mezinhas espirituais e eficassíssimos remédios pera alimpar nossas almas das culpas e pecados, e alcançar ou perfeiçoarmo-nos nas ditas virtudes da fé, esperança e caridade.

E são estes sete sacramentos uns sete sagrados sinais da graça do Espírito Santo, que por virtude deles se dá a todos os que O recebem com devida disposição. E portanto não sòmente são sinais certos da dita graça, mas também são cousas dela por divina virtude, como mezinhas eficazes que curam e saram nossas enfermidades

espirituais, porque a virtude e eficácia do Sangue e Paixão de Nosso Senhor Jesu Cristo, neles está e neles obra. E são como canos espirituais por onde corre a nós a virtude de Seu Sangue, e como instrumentos de Seu infinito poder, com os quais fazem nossas almas maravilhosas efeitos de Sua graça e nos dá suavíssimos frutos de Sua bondade e caridade. Estes são sete preciosíssimas jóias que deu à católica Igreja, Sua Esposa, pera a lavar, purificar, ornar, e afermosear. As quais jóias quis também que servissem de penhores e prendas da glória e bem-aventurança que nos prometeu. E, portanto, Ele per si os instituiu todos sete.

Mas é de saber que destes sete sacramentos os dous derradeiros, que são ordem sacra, e matrimónio, não são necessários a cada pessoa em particular, mas sòmente à comunidade do género humano, na qual é necessário que haja casamento pera legítima conservação do mundo, e que haja Sacerdotes pera o regimento espiritual das almas, pera que haja quem pregue a palavra de Deus, e quem ministre os sacramentos ao povo, e ofereça sacrifício por ele. Mas, porém, os primeiros cinco pertencem à salvação, e perfeição de cada cristão em particular. E com muita rezão a divina sabedoria ordenou cinco Sacramentos pera a vida, saúde, e remédio espiritual de cada alma, nem mais nem menos, *scilicet*: Baptismo, Confirmação, Sacramento do Corpo e Sangue do Senhor, Confissão, e Extrema-Unção. Porque, assi como, pera alcançar e conservar a vida e saúde corporal, são necessárias cinco cousas, assi são necessárias outras tantas pera alcançar e conservar a vida e saúde espiritual.

Primeiramente pera a vida corporal é necessário nascer, despois crescer; é também necessário comer e beber; e, sobrevindo doença grave de maus humores, é necessária mezinha e purga que os lance fora, ou sangria que lance fora o sangue corrupto; e lançados fora humores corruptos, é necessário tomar algũa cousa pera confortar e esforçar a natureza pera que torne a cobrar forças que pola doença estava estragada ou debilitada — assi da mesma maneira o nosso

sapientíssimo médico nos proveu de outras tais cinco cousas pera a vida da alma.

Primeiramente nascemos polo Baptismo, crescemos em vida espiritual pola Crisma, mantemo-nos e sustentamo-nos espiritualmente com aquele pão de vida que é o Santíssimo Sacramento do Altar. E, se caímos em doença do pecado mortal, curamo-nos polo sacramento da penitência, arrevessando e lançando fora per humilde e dolorosa confissão os perniciosos humores de nossos pecados. E porque, se estamos em risco de morrer e passar desta vida, há mister grande força e especial fortaleza e limpeza, assi pera pelejar contra o Diabo, que naquela hora mais fortemente nos combate, como pera dar aquele dificultoso e ditoso salto no Céu, ordenou o Senhor o Sacramento da extrema-unção que se dá aos que estão em perigo de morte.

Cada sacramento destes tem matéria e forma, como se dirá tratando de cada um em particular, o que faremos com brevidade, porque como já temos dito, não é tanto nossa intenção neste livro ensinar os sacerdotes, como ensinar o povo, a cuja capacidade e necessidade nos imos acomodando. E, por isso, sòmente aquelas cousas tocaremos que bastam pera algũa instrução do povo.

CAPÍTULO II

Do Sacramento do Bautismo

O santo Bautismo é o primeiro dos sacramentos e porta de todos os outros. Polo qual especialmente se chama sacramento da fé, porque nele professamos a fé de Nosso Senhor Jesu Cristo. Por este sacramento somos gerados e nascidos espiritualmente em filhos de Deus e herdeiros do Céu, e por ele nos são infundidas todas as vertudes teologais e morais.

Este sacramento tem matéria e forma. A *matéria* é água natural; a *forma* são as palavras que o Senhor ordenou, *scilicet: Eu te bautizo em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo.* As quais se hão-de pronunciar no mesmo tempo em que se mete na água ou molha a creatura que se bautiza, não antes nem despois. No que hão-de ter grande aviso as parteiras ou quaisquer pessoas leigas que, em caso de necessidade, bautizam; porque, errar aqui, é errar na primeira porta da salvação. E, por isso, também convém que todo cristão, assi homem como mulher, saiba dizer as ditas palavras, porque, acontecendo caso de necessidade, onde não houver outro que bautize, possa ele suprir.

Este sacramento é o lavatório que S. Paulo [1] chama da renovação e regeneração, porque, por vertude do Sangue de Cristo que

(1) Ad Tit. 3,5.

naquela água está, somos de novo gerados em filhos, não de Adão, senão de Deus, e feitos novas criaturas em Cristo.

Quando nos metem naquela sagrada água, nela se afogam e morrem nossos pecados, porquanto somos feitos participantes da Morte de Cristo. E, quando dela saímos, ressurgimos com o mesmo Cristo em vida espiritual, e homens novos lavados e justificados, e feitos semelhantes a Deus, reformados e quase de novo criados à imagem e vontade de Deus, livres de toda culpa e pena; que, se então partíssemos desta vida antes de cair em algum pecado, sem nenhum impedimento logo entraríamos na glória e bem-aventurança, não por nossos próprios merecimentos, mas sòmente polos merecimentos de Cristo, que, no dito sacramento, nos são comunicados e dados como próprios.

E juntamente com a graça nos é dado na alma um certo sinal e carácter espiritual, polo qual ficamos no conto dos servos de Cristo e membros de sua Igreja, e nos é dada licença pera que possamos gozar dos outros sacramentos. E em sinal que o bautizado é feito de novo morada do Espírito Santo, apareceu o Espírito Santo em figura de pomba sobre Cristo quando foi bautizado. No qual mistério é feita ũa aliança e pacto antre Deus e o bautizado: porque Deus o recebe por filho, e lhe dá o Espírito Santo perdoando-lhe todos seus pecados por amor de Jesu Cristo, Seu Filho, e o bautizado renuncia a Satanás e a todas as pompas e glórias do mundo, e se entrega a Deus pera sempre, obrigando-se dali por diante a abraçar a cruz de Cristo, e entender na mortificação de sua carne, e destruição do reino, e tirania do pecado, *scilicet*, da concupiscência carnal.

Polo qual havemos de trazer diante os olhos, contìnuamente, este contrato, examinando-nos se o cumprimos assi como assentámos com Deus, sendo certos que nos há-de ser pedida conta se cumprimos aquelas palavras que S. Paulo diz aos Bautizados [2]: — *Se ressurgistes espiritualmente em Cristo pola água do Bautismo, buscai as cousas altas, procurai terdes gosto e sabor das cousas celestiais, e não das*

(2) Colos. 3,1-2.

terreais. Lembre-te, diz Santo Ambrósio ([3]), do que te perguntaram antes do Bautismo, e do que respondeste. Disseste que renunciavas ao Diabo e a suas obras, ao mundo e a sua luxúria e deleites. Pois lembre-te o que disseste, não te esqueça o que prometeste.

É de tanta necessidade o santo Bautismo, que nenhum menino se pode salvar sem ele, excepto se fosse martirizado por Cristo e bautizado em seu sangue. E, portanto, ai daqueles por cuja negligência algũa criança passou desta vida sem água de Bautismo!

Também os grandes, que têm já uso de rezão, não se podem salvar sem Bautismo, ou realmente recebido, ou ao menos sem fé e desejo dele.

([3]) L. I de Sacr.

CAPÍTULO III

Do Sacramento da Confirmação

Depois de nascidos pelo Bautismo em filhos de Deus e membros de Cristo, é necessário que cresçamos em graça e fortaleza espiritual pera podermos vencer as tentações e continos combates de nossos inimigos, que são o mundo, diabo, e nossa carne, cujo ofício não é outro senão contìnuamente induzir e solicitar a alma a consentir nos pecados, e lançá-la em perdição pera sempre. Pera a qual batalha, entre muitos remédios e defensivos de que nos proveu a divina misericórdia, um muito principal foi o Sacramento da Crisma, polo qual a graça do Espírito Santo é em nossa alma acrescentada e roborada, e nos é dada particular ajuda pera resistir às tentações e confessar a fé ousadamente e alegremente diante dos inimigos dela, quando o caso o requer.

Portanto, assi como polo Bautismo somos regenerados, assi pola confirmação somos armados em cavaleiros de Cristo, postos no campo deste mundo pera nos defender de todos aqueles que nos quiserem fazer perder sua fé ou seu amor. E, por isso, o Bispo (ao qual sòmente é dado ministrar este Sacramento) quando crisma, faz o sinal da Cruz na testa do crismado com aquele sagrado óleo que é o sinal de seu Rei, pera que saiba o crismado que está obrigado a confessar o mistério da Cruz, e viver conforme a ele, crucificando sua carne com todos os vícios e maus desejos, e resistindo a todos os inimigos que o querem

apartar da mortificação e amor da Cruz: tendo entendido que ser cristão não é outra cousa senão ser um soldado de Deus posto no campo deste mundo pera andar sempre em guerra, e pelejar contra todos os inimigos de Deus, e aparelhado pera sofrer todas as injúrias e afrontas por seu amor: em cujo sinal dá o Bispo ũa bofetada ao Crismado, pera que se lembre que há-de sofrer bofetadas, açoutes, e morte por Jesu Cristo, e, quando relevar à honra de Cristo, depois de recebida ũa bofetada em ũa queixada, oferecer a outra. Recebe também o Crismado um carácter e marca espiritual em sua alma, que é sinal de cavaleiro: o qual nunca se apagará. E porque, quem dá forças e armas ao cavaleiro pera pelejar, nisso mesmo lhe dá esperança de vitória: daqui vem que este sacramento se chama sacramento da vertude da esperança, assi como o Bautismo se chama sacramento da fé.

CAPÍTULO IV

Do Santíssimo Sacramento da Eucaristia

Depois que polo Bautismo alcançamos vida espiritual, e pola confirmação somos armados cavaleiros pera defender a mesma vida espiritual, porquanto não se pode viver nem pelejar sem mantimento, segue-se o terceiro Sacramento do Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesu Cristo, verdadeiro pão de vida, verdadeiro mantimento e manjar da alma. Este é o principal e mais excelente de todos os sacramentos, porque, nos outros, está sòmente a vertude de Nosso Senhor Jesu Cristo, mas, neste, não sòmente a vertude, mas Ele mesmo, realmente e substancialmente, Deus e homem verdadeiro, fonte de todas as graças e bens.

A nós não é dado escodrinhar como o Senhor faz esta maravilha tão grande, e como, ditas polo sacerdote aquelas divinas palavras que Ele ordenou, a substância de pão se muda e transubstancia em Seu verdadeiro Corpo, e a substância do vinho se muda e transubstancia em Seu verdadeiro Sangue. Sòmente a nós convém maravilhar, amar aguardecer e pasmar de tão grande benefício, de tão incompreensível mercê, de tão infinito amor que O obrigou e forçou dar-nos Sua Carne e Sangue em manjar e beber de nossas almas, assi como no-Lo havia dado em redenção e preço por elas no tormento da Cruz.

Assi que o que nos releva, e o que o Senhor de nós requere, é que honremos e reverenciemos com firme fé e verdadeira devação

e ardente amor este sacratíssimo e diviníssimo mistério, crendo firmíssima e certissìmamente que na Hóstia consagrada, debaixo daquela figura e semelhança de pão, está o verdadeiro Corpo de Nosso Senhor, e no cález consagrado, debaixo da figura e semelhança de vinho, está verdadeiro Sangue; e que este é o verdadeiro mantimento de nossas almas, e o verdadeiro sacrifício que oferecemos cada dia por nossos pecados; que não é outro senão aquele que visìvelmente foi oferecido na Cruz: este mesmo oferecemos, cada dia, invisìvelmente, por mãos do sacerdote no altar, encoberto com qualidades e semelhanças de pão e de vinho, porque assi sem horror O pudéssemos comer e beber e metê-Lo em nossas entranhas, para que alimpasse, esforçasse, alumeasse e inflamasse nossa alma; e, finalmente, pera que nos juntasse e grudasse consigo. Sabia Ele que as cousas palpadas e gostadas movem e exercitam mais que sòmente ouvidas. Por isso quis que o mistério de Seu Sangue e Paixão, não sòmente ficasse escrito em livros, nem sòmente fosse pregado por Seus pregadores, mas também tratado com nossas mãos, metido em nossa boca e em nossas entranhas, pera mais perfeitamente acender nosso amor e dar gosto e deleitação à nossa alma.

E, por isso, o que sobretudo de nós quer, é que nos aproveitemos muitas vezes deste tesouro, que gozemos deste convite, que nos aparelhemos muitas vezes pera receber Seu santíssimo e preciosíssimo Corpo. Ó cegueira, ó frieza, ó ingratidão destes tristes tempos, nos quais os mais dos cristãos escassamente ũa vez no ano vêm a este celestial convite! Ó triste homem, se crês e confessas que aqui está todo teu bem e salvação de tua alma, pera que foges? Quem é homem que quer vida? Se desejas vida, este Sacramento é a fonte da vida; se queres quentura de amor de Deus, este é fogo infinito; se queres doçuras e consolações espirituais, esta é a fonte da doçura e deleitações eternas; se queres perdão e limpeza de teu pecados, este é o cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo; se és fraco nas tentações e desejas vitória, este é o Senhor das vitórias e Deus todo poderoso.

S. Bernardo, no sermão da ceia, diz que, se algum de nós espermenta que já não é tão gravemente tentado de ira ou enveja

ou luxúria, ou qualquer outro vício, dê graças ao Sacramento do Corpo e Sangue do Senhor que recebeu. Se o fluxo do sangue corporal logo se estancou em ũa mulher porque devotamente tocou a borda da vestidura do Senhor, como contam os Evangelistas, quanto mais se estancaria em ti o fluxo das concupiscências torpes, se devotamente tocasses muitas vezes, e metesses em tua alma a verdadeira Carne e Sangue do mesmo Senhor? Dize, coração de pedra, não te amolentam aquelas palavras que o Senhor disse na derradeira ceia, despois que instituiu este diviníssimo sacramento: — *Isto fazei em lembrança minha e por amor de Mim?* Como se dissesse: — O ardentíssimo amor que vos tenho, me força deixar-vos minha Carne e Sangue em sacrifício e em manjar de vossa alma, polo qual vos encomendo muito que, em lembrança deste amor, ofereçais este sacrifício e comais este manjar.

E portanto este sacramento se chama sacramento de caridade, assi como temos dito que o Baptismo se chama sacramento da fé, e a crisma sacramento de esperança. E com muita rezão se intitula sacramento de caridade, porque tem este divino sacramento particular eficácia pera em nós espertar lembrança e amor da paixão do Senhor, que, sem ele, com grão dificuldade se conservara, porque manifestamente espermentamos em nós que mais se move nosso coração a maravilhar e amar, quando nos dizem ou quando cuidamos que Nosso Senhor Jesu Cristo, Filho de Deus, se oferece ainda agora, cada dia, no altar por nós, e O podémos receber em nossas entranhas, que se sòmente nos disseram que há mil e quinhentos e tantos anos que se ofereceu em ũa cruz por nós. Porque mais nos movemos e incitamos com as cousas presentes que com as ausentes e passadas. E, por isso, necessaríssima foi a instituição deste diviníssimo mistério, pera excitar em nós, contìnuamente, vivas lembranças e ardente amor de Sua Paixão. E, polo conseguinte, pera alcançarmos mais perfeito perdão de nossos pecados, porque, quanto maior é o amor, maior é o perdão, dizendo o Senhor da Madalena: — *Foram-lhe perdoados muitos pecados, porque amou muito.*

E esta é primeira rezão por que se chama o sacramento de cari-

dade. A segunda é, porque é particular sinal e forte liga da caridade proximal, e da unidade e conformidade da Igreja católica.

Porque, como diz Sto. Agostinho, este sacramento quis o Senhor instituir em matéria de pão e vinho, pera significar que, assi como o pão se faz de muitos grãos e o vinho de muitos cachos, assi, per virtude deste sacramento, muitas pessoas havemos de ser ũa cousa em Ele, *scilicet*, em ũa fé, esperança e caridade. E, dado caso que a Santa Madre Igreja, por muitas e mui urgentes rezões, não costume dar aos leigos e a quaisquer que comungam não celebrando Missa, a beber do cález sagrado, mas sòmente da hóstia, nem por isso lhe pareça que não recebem o Sangue do Senhor, porque, quem recebe o Corpo, também recebe o Sangue. Porquanto o Corpo do Senhor não está sem Sangue assi como não está sem Alma, porque está vivo como no Céu. E, no cález, com o Sangue, também está o Corpo e Alma, porque o Sangue não está apartado do Corpo. E a divindade está assi no Corpo como no Sangue, assi na hóstia como no cález.

Ora, irmãos, todos se aparelhem muitas vezes no ano com verdadeira confissão pera receber este divinal convite. Se não for cada Domingo, seja cada mês; e, quando não, seja nas festas principais do ano.

Dize-me, se Nosso Senhor Jesu Cristo ordenara que sòmente o Papa, em Roma, pudesse dizer Missa e dar este Sacramento, quanto trabalharas de vir lá a haver quinhão naquele tão alto convite, e com quanta reverência ouviras aquela Missa? Pois se o Senhor ordenou que em todas as partes do mundo houvesse cada dia Missa pera que se aproveitassem todos, sem trabalho, de tão grande benefício, parece-te rezão que d'Ele ser muito largo, tomes tu ocasião de ser desagardecido, e de teres pouco amor, pouca reverência e pouca devação a este sacratíssimo mistério?

Mas, porém, assi como exorto a receberem este divino bocado os pecadores aparelhados e arrependidos, assi mando que fujam dele os carnais e endurecidos. Porque, assi como não há cousa mais proveitosa pera a alma que ũa comunhão recebida com alma verdadeiramente arrependida e confessada, assi não há peçonha mais perni-

ciosa e danosa pera a mesma alma, que ũa comunhão tomada em pecado mortal com consciência não emendada nem arrependida.

Dize, tredor Judas, como te atreves a beijar a Cristo e metê-lO em tua boca e alma fedorenta, pois não O amas? Pois amas mais ũa mulher ou um pouco de dinheiro que a Ele? Pois pisas aos pés Sua Lei?

Dize, filho de Belial e membro de Satanás, quem te mete chegar ao altar de Cristo, pôr-te à mesa do Filho de Deus?

Ai de ti, desprezador e injuriador sacrílego do Corpo e Sangue de Cristo! Porque a terra se não abre e te sorve nem vês tanto castigo presente, por isso ficas desagastado. Ai de ti! Melhor te fora cegar logo, ou que te atormentara Satanás corporalmente em castigo de teu atrevimento, que ficar tua alma entregue ao mesmo Satanás (como fica!) pera que te faça cair em quantos pecados quiser sem tu o sentires!

Ó irmãos, ninguém comungue indignamente. Primeiro que venhais a este celestial convite, examinai diligentemente vossas consciências, e fazei inteira e pura confissão de vossos pecados com verdadeira dor. E, assi, chegai confiadamente à mesa do Rei dos Céus.

E sabei que não basta ter contrição do pecado mortal pera dignamente celebrar ou comungar, mas há mister confissão actual dele havendo cópia de confessores, como se determinou no Sagrado Concílio Tridentino. E quem o contrário faz, comete pecado mortal de sacrilégio.

E também é necessário que primeiro te reconcilies com o próximo, se o tens agravado, e tires de teu coração todo ódio e rancor. Porque, como está dito, é Sacramento de unidade, e atadura de caridade e paz.

E, assi aparelhado, chega a receber o Corpo do Senhor com aquela fé e confiança de alcançar perdão de teus pecados, como chegaras se O viras com os olhos do corpo estar na Cruz por ti, e convidar-te ao perdão dos pecados, e participação dos merecimentos de Seu Sangue.

CAPÍTULO V

Do Sacramento da Penitência ou Confissão

Os três Sacramentos, de que temos dito, *scilicet,* Bautismo, Confirmação, Sagrada Comunhão, bastavam pera alcançar e conservar a vida e saúde de nossa alma sem mais outro sacramento, se nós quiséssemos, se não resistíssemos à graça de Deus e a não despedíssemos de nossa alma; se soubéssemos guardar os tesouros de graças que, polos ditos Sacramentos, conseguimos. Mas porque, por nossa fraqueza ou ignorância ou malícia, caímos muitas vezes em pecado mortal depois de bautizados, polo qual perdemos a graça de Nosso Senhor com todas as vertudes e dões que com ela andam juntos, e afeamos nossa alma, e a enchemos de mágoas, o misericordiosíssimo Deus ainda pera isso nos deixou remédio e mezinha, *scilicet,* o Sacramento da Confissão e Penitência. Não quer a morte da alma do pecador, mas que se converta de seu pecado e viva pera sempre. E ainda que o podia logo, com muita justiça, castigar e lançar no Inferno tanto que enjeita Sua graça e cai, por sua vontade, da nau da inocência bautismal (na qual pròsperamente pudera navegar polo mar deste mundo até chegar a porto de salvação) nas águas dos pecados, em lugar de o logo afogar e condenar, como justamente podia, dá-lhe ũa tábua em que navegue e se salve, e venha a porto da salvação. Esta tábua, dizem os Santos, é a sagrada confissão feita ao próprio sacerdote que tem cura de almas, ao qual o Senhor deu

poder pera, em pessoa d'Ele, perdoar e absolver dos pecados que lhe fossem confessados, dizendo-lhe ([1]): — *A quenquer que perdoares seus pecados, ser-lhe-ão perdoados; e a quem não perdoares, não serão perdoados.* E outra vez ([2]): — *Os que absolveres, serão absoltos, e os que não absolveres, não serão absoltos.* E, portanto, a sentença que o confessor pronuncia, depois de ouvida a confissão, é confirmada no Céu. A qual é: — *Eu te absolvo de teus pecados.* E estas palavras são a forma deste sacramento, assi como a matéria é os pecados confessados.

A tal sentença digo ser confirmada no Céu, se o confessor a deu prudentemente e como Deus manda, porque se ele deu tal sentença sobre o pecador obstinado, que não está emendado nem arrependido de seus pecados, não é valiosa a tal sentença, nem é confirmada no Céu, porque vai contra as regras que o supremo Juiz, Jesu Cristo, Nosso Senhor, deixou a seus vigairos que são os confessores.

E, portanto, convém aqui declarar as principais condições que há-de ter a confissão pera que mereça o penitente frutuosamente ser absolto.

A *primeira* é que há-de ser diligentemente examinada, *scilicet,* que o pecador, antes que venha aos pés do confessor, pense cuidadosamente em seus pecados, e escodrinhe os cantos de sua consciência, pera o qual exame tanto mais tempo há-de tomar, quanto mais tempo há que se não confessou. Que se, por falta de não querer examinar sua consciência nem cuidar em seus pecados, acontecesse esquecerem-lhe muitos, não seria confissão valiosa, e seria obrigado fazê-la de novo por inteiro.

E se perguntar algum que cousa é exame diligente? Digo que aquele penitente se examina diligentemente, que em seu exame faz aquilo que os bons homens de seu estado costumam fazer, ou que põem tanto cuidado em pensar seus pecados, como costuma poer um

([1]) Joan. 20,23. — ([2]) Math. 16,19.

homem em um negócio em que lhe muito vai, *scilicet*, como faz um almoxarife, ou qualquer outro que há-de dar conta de fazenda alheia: o qual com grande cuidado trabalha de trazer à memória todas as despesas e gastos que fez por mandado do Senhor, pera que dê suas contas certas e não lhe lancem mão por sua fazenda.

A *segunda* condição é que a confissão há-de ser inteira, *scilicet*, que venha o penitente determinado que, por sua vontade, não ficará nenhum pecado mortal por confessar; porque aquele que deixa de confessar algum pecado mortal lembrando-lhe, não vale nada sua confissão, mas é obrigado, de novo, repeti-la e tornar a dizer quanto disse, assi os pecados que confessou como os que acinte não confessou.

Também há-de ser inteira, declarando o número dos pecados mortais que cometeu em cada género de pecado, quanto com a memória puder alcançar.

Também pera ser inteira, há-de declarar as circunstâncias dos pecados, *scilicet*, no pecado da sensualidade, se pecou com casada, se com parenta, se com virgem ou religiosa, e assi das mais.

A *terceira* condição, que a confissão seja chorosa e contrita, *scilicet*, que tenha dor e arrependimento de seus pecados. Polo qual alguns Santos chamaram a este sacramento Bautismo de lágrimas. E nisto ponha o penitente grande força e cuidado, pedindo a Deus que lhe amolente o coração, e lhe dê dor de seus pecados. Porque aquele que se vem confessar sem arrependimento nem desprazimento, não lhe aproveita a confissão. Porque a penitência exterior sem a interior não é valiosa ante Deus, o qual principalmente de nós quer conversão de coração, mudança dos propósitos, e que nos aborreça o que amávamos, e que nos dê tristeza e dor aquilo em que nos deleitámos.

Qual será tão insensível que não excite em si dor, se cuidasse diligentemente na grandeza, multidão, e fealdade de seus pecados;

na ofensa da divina bondade; na perda da graça e todos os dões espirituais; na necessidade inevitável da morte incerta; na severidade do divino juízo; nas penas gravíssimas e eternas que estão aparelhadas pera os pecadores? Com estes pensamentos trabalhe o pecador de se comover a arrependimento. E, dado caso que não traga contrição perfeita, ao menos traga desejo de ter maior dor e arrependimento, e pese-lhe muito porque lhe não pesa mais, e procure que este pesar naça de amor de Deus, *scilicet,* pesa-me porque ofendi aquele Senhor a Quem tanto devera amar e obedecer, e não lhe pese sòmente polo medo que tem das penas do inferno.

Nesta condição também se encerra que há-de trazer firme propósito de não tornar a pecar, porque, doutra maneira, não alcançará perdão. Mas, porém, sê avisado, que, ainda que tragas grande contrição e propósito de emenda, como deves procurar, todavia, quando vieres à confissão, não venhas confiado em tua contrição, mas vem confiado no Sangue de Cristo, cuja virtude está na absolvição do Sacerdote, e per cuja vertude será perfeicionada e valiosa tua contrição, e sem o qual nenhũa cousa vale.

A *quarta* condição é que o penitente venha aparelhado pera aceitar e cumprir a penitência que lhe derem. Nem folgue de lhe darem pequena penitência, lembrando-se que grandes pecados com grandes gemidos e penitências se hão-de purgar. Não queira matar um gigante com ũa cana, *scilicet,* um grão pecado com pequenina penitência. E o confessor exorte e provoque o penitente a aceitar a penitência razoada, e proporcionada ao remédio de suas culpas, *scilicet,* dando jejuns ao luxurioso e guloso; esmolas ao averento; orações e ouvir Missa ao que não vai à Igreja ou não quer rezar; mandando-o tirar os azos dos pecados, e fugir das perigosas companhias.

Ora, irmãos, sede devotos de vos confessar muitas vezes. E, pois muitas vezes adoeceis na alma, vinde muitas vezes buscar a mezinha sacramental que vos Deus deixou; vinde ao juízo piadoso da confissão,

porque escapeis do juízo rigoroso do outro mundo. Se estás sujo, vem-te lavar ao banho do Sangue de Jesu Cristo, cuja vertude e valor está na absolvição sacerdotal, e, assi, ficarás lavado, e limpo, resplandecente e desalivado. Que cousa há de mais consolação que vir aleviar a alma da cárrega pesada dos pecados, dos remordimentos e tormentos da consciência? Diz um Santo : — *Assi como quem tem o estámago empachado, carregado com freimas ou outros maus humores que o atormentam, não tem melhor remédio que arrevessar, porque assi desabafa e descansa, assi não há melhor remédio pera descarregar e desabafar a consciência dos corruptos humores dos pecados, que arrevessá-los na sagrada Confissão.*

Pera que é aguardar de ano em ano? Daí te vem esquecerem-te. E ainda que te não esqueçam, daí vem caíres tão a miúde e de cada vez seres pior, porque não buscas o remédio e mezinha que Deus te deixou. Porque, como diz S. Gregório, quando homem cai em algum pecado, se se não levanta logo dele, com o peso daquele vem a cair em outro. Se te costumasses a confessar muitas vezes, fá-lo-ias sem trabalho nenhum, antes com muito gosto e consolação. Agora, porque aguardas de ano em ano, não há quem te traga à confissão, não há quem te faça cuidar em teus pecados. Hás medo de entrar em ti e ver o monturo e abismo de culpas que ajuntaste todo ano. Se te confessasses cada mês ou cada dous meses, não padecerias estas angústias, mais fàcilmente trarias à memória os pecados feitos desde a confissão passada, e ganharias graças de Deus e forças espirituais pera não tornar a cair tão fàcilmente; andarias com a consciência aliviada e consolada; andarias melhor aparelhado pera morrer; e, indo ao Purgatório, terás lá menos penas. Porque cada vez que humildemente te confessas, te é perdoada e quitada algũa parte das penas do Purgatório, e, às vezes, todas.

E, sobretudo, tem particular lembrança e anda alerta sobre ti pera que, tanto que sintires que tens caído em algum pecado, tenhas logo dele contrição com firme propósito de não tornar mais a ele e de o confessar no tempo que a Igreja manda ou antes, porque isto,

muitas vezes, poderá bastar pera te pôr em estado de graça antes do dia da confissão.

Finalmente, porque neste sacramento faz o pecador justiça de si mesmo, acusando-se diante de Deus, e oferecendo-se à pena que o ministro de Deus lhe der, portanto dizem os Santos que responde à vertude da justiça.

CAPÍTULO VI

Do Sacramento da Extrema-Unção

Assi como o Bautismo é sacramento dos que entram neste mundo, assi a extrema-unção é dos que dele saem. Proveu a divina misericórdia deste remédio saudável aos que estão pera morrer, porque, assi como estão mais necessitados e fracos e em perigo de se perderem pera sempre, assi têm necessidade de mais socorro e ajudas. Porque o Demónio, então mais que nunca, estende suas forças e arma seus laços pera haver pera si aquela alma. Porque, se lhe então escapar, sabe certo que nunca mais a poderá tentar e combater.

E, por isso, o Senhor ordenou este Sacramento pera nesta hora esforçar seus cavaleiros contra os ímpetos do Demónio, na qual as forças da alma e do corpo estão mui quebradas. Polo que dizem os teólogos que este sacramento responde à virtude da fortaleza. O qual sacramento nos manifestou o Senhor polo Apóstolo Sant'Iago, que diz [1]: — *Quando algum de vós estiver doente, mande chamar os sacerdotes pera que orem sobre ele, e o unjam com óleo; e ser-lhe-ão perdoados seus pecados, e, também, às vezes, receberá saúde corporal,* quando relevar pera a saúde da alma, ou quando tiver ardentemente fé e confiança que, por vertude daquele Sacramento, o Senhor lhe restituirá a saúde e forças corporais. O qual não se

(1) Jac. 5,14-15.

há-de pedir nem esperar senão condicionalmente, *scilicet,* se há-de ser pera mais servir a Nosso Senhor.

E, por isso, todos os doentes que estão em perigo com grão devação devem tomar este Sacramento se estimam a salvação de sua alma. E quando se ele esquece, os seus lho lembrem e amoestem com toda diligência e caridade, dizendo-lhe que se esforce pera a última luita que há-de ter com o inimigo do género humano, o qual trabalha muito na hora da morte espantar e torvar a alma com medos do inferno e desconfianças da salvação. Polo qual convém esforçar a alma, e alevantar-lhe e fortificar-lhe a confiança e esperança em o Senhor per vertude deste Sacramento. O qual também aproveita pera acabar de limpar a alma das culpas, se algũas é que não foram purgadas polos outros Sacramentos.

CAPÍTULO VII

Dos dous ultimos Sacramentos -- *scilicet,* Ordem e matrimónio

Dos dous últimos Sacramentos que pertencem à República dos Cristãos, e não são necessários a cada pessoa, Ordem sacerdotal, e Ordem matrimonial, não é necessário aqui falar largo. Sòmente avisar e amoestar aos que receberam estes sacramentos, a conhecerem e cumprirem suas obrigações.

Primeiramente a vós, ordenados no sagrado Sacerdócio, lembro que conheçais a alteza de vosso grau e ofício. Sois alevantados sobre o povo cristão como mestres e capitães do exército de Cristo, médicos das almas, dispenseiros dos mistérios de Deus, legados de Deus ao mundo, medianeiros entre Deus e povo, ministros da reconciliação dos homens com Deus, tesoureiros das riquezas celestiais, estrelas do mundo escuro, Anjos de Deus, de cuja boca os outros hão-de requerer a ciência da salvação. Vós sois os espelhos em que os outros se hão-de ver. Finalmente, vós sois de cuja vida depende o bem ou o mal do mundo. Porque manifesto está que, se vosso zelo respondesse ao ofício, não haveria tanta dissolução nos leigos, não andariam as ovelhas de Cristo tão fora do caminho do Céu.

Ai de vós, diz um Santo, lugar alto, e espírito baixo, cadeira prima e vida ínfima, mãos sagradas e mãos sacrílegas! Andais con-

tìnuamente com as mãos metidas nos vasos santos, nos óleos sagrados, nos Sacramentos, no Corpo e Sangue do Filho de Deus, e com as mesmas mãos tratais cousas torpes, cousas nefandas; tirai-las dali e ponde-las aqui. Ó horrendíssimo sacrilégio! Não seria menos mal sempre as trazer metidas em cousas sujas, que das sujas passá-las às limpíssimas e sacratíssimas?

Mas, porque este livro não foi feito para remédio dos Sacerdotes, senão do povo simples, calemo-nos e choremos diante de Deus, pedindo-lhe que mande Sacerdotes ao mundo, que cumpram com seu nome e ofício.

Aos Casados

A vós, irmãos, que escolhestes o Sacramento do casamento, amoesto também, que conheçais a santidade e dignidade de vosso estado, que, ainda que não seja tão alto como dos sacerdotes, todavia santo é, espiritual é, mistério é. Grande mistério e grande Sacramento chama o Apóstolo S. Paulo (1) ao casamento. E dá a rezão: porque significa o desposouro e conjunção de Cristo com a Igreja, sua esposa.

E pois o vínculo matrimonial é sinal e imagem de tão alto e tão sagrado desposouro, convém que os casados não contaminem com a vida tão divino mistério, e tão alta significação; mas, lembrados do amor, paz, e lealdade que há entre Cristo e a Igreja Católica, assi eles se amem muito e se honrem. Resplandeça neles a paz de Cristo; saibam-se sofrer e sobrelevar, como lhes ensinam os Príncipes dos Apóstolos, S. Pedro e S. Paulo. S. Paulo (2) diz desta maneira: — *Maridos, amai vossas mulheres assi como Cristo amou a Igreja e se entregou à morte por ela, para que a lavasse com água bautismal per virtude de Seu Sangue, e a fizesse fermosa, sem mágua nem ruga,*

(1) Ad Eph. 5,32. — (2) Ad Eph. 5,25-31.

ou outra falta algũa, mas ficasse santa e limpa. Assi os maridos hão-de amar suas mulheres como seus próprios corpos, porque quem ama sua mulher a si mesmo ama, e, pola mulher, deixa o homem seu pai e sua mãe, e achega-se pera sua mulher, e são dous em ũa carne. E em outra parte ([3]) torna a encomendar, dizendo: — *Maridos, amai vossas mulheres, e não sejais ásperos e amargosos pera elas.* E S. Pedro, na primeira Epístola ([4]), diz: — *Maridos, tratai vossas mulheres, e conversai com elas com toda a prudência e cortesia, fazendo-lhes honra como a vaso mais fraco, e sabendo suportar com discrição suas fraquezas, e passar por elas.* E às mulheres, diz assi ([5]): — *Mulheres, reverenciai, temei, obedecei e sede sujeitas a vossos maridos como ao Senhor. Porque o marido é cabeça da mulher, assi como Cristo é cabeça da Igreja.*

E, quanto ao que toca ao acto e débito matrimonial, amoesta S. Paulo ([6]) *que tenham um a outro igual e perfeita obediência. Porque, quanto a isso, a mulher não é senhora de seu corpo, senão o marido; nem o marido é senhor de seu corpo, senão a mulher.* E por isso diz ([7]): — *Não tireis um a outro o que seu é, exceito se, por alguns dias, de consintimento de ambos, vos aparteis do comércio carnal, pera mais largamente e perfeitamente vos ocupardes em oração e santas meditações.*

E lembrem-se as mulheres que, porquanto sua vida é mais recolhida e quieta, são obrigadas a ser mais devotas e dadas à oração e exercícios espirituais, de maneira que recebam de Deus lume e consolação, não sòmente pera si, mas também pera comunicar com seus maridos, pera que, quando eles, acabados seus negócios, tornarem pera casa, cansados e esbofados dos cuidados e moléstias deste mundo,

---

([3]) Ad Col. 3,18. — ([4]) I Petr. 3,7. — ([5]) Ibid. 3,1. — ([6]) I ad Cor. 7,3-4. — ([7]) Ibid., 7,5.

achem em suas mulheres alívio e porto de consolação, sendo delas santamente aconselhados e exortados a paciência e desprezo de toda cobiça e vaidade, e a fixarem seus corações sòmente em os bens eternos.

Mas há algũas mulheres, como diz S. Crisóstomo, que, em vez de serem porto e descanso pera as fadigas de seus maridos, são mais penedo em que eles, tornando pera casa, vêm dar e quebrar, como nau que, depois de passados muitos trabalhos e tormentos, vem-se alagar no porto onde esperava seguramente repousar.

Finalmente lembro aos casados, assi maridos como mulheres, a grande obrigação que têm e a grande conta que hão-de dar a Deus da criação de seus filhos em tudo aquilo que toca ao ensino e doutrina cristã e ao temor e guarda dos Mandamentos de Deus. Não sejam tão cegos que lhe pareça que não são obrigados dar a seus filhos mais do que dão as vacas aos bezerrinhos, *scilicet*, sustentação e crescimento no corpo; mas entendam que são obrigados acrescentá-los e aproveitá-los nos bens e perfeições da alma, no conhecimento, temor e amor de Deus e obediência aos seus Mandamentos, procurando sobretudo de os criar desde mininos em ódio, horror e medo de cometer pecado mortal e em desejo de ter e conservar a Deus em sua alma: de maneira que des no berço se assente e imprima em seu tenro coração quão abominável cousa é ofender a Deus e quão preciosa viver em sua graça.

Além do ensino dos filhos, entendam as mulheres casadas a obrigação que têm a servir com toda a diligência a seus maridos e ter cuidado de sua casa, e trabalhar no linho e na lã, sempre bem ocupadas ou na oração ou nos serviços de sua casa, quietas e amigas de recolhimento e de estar em casa, não descorrendo sem necessidade polas casas das amigas a palrar e contar novas, o que muito lhe estranha

S. Paulo ([8]). E, assi, amigas de toda honestidade e modéstia em seu vestido e toucado, cortando, como lhe mandam os Apóstolos S. Pedro ([9]) e S. Paulo ([10]), toda a superfluidade e vaidade nos vestidos e jóias, mostrando em seu trajo que não são mulheres gentias nem mundanas, mas cristãs, cujos corações estão nos Céus, e cujos desejos são não escandalizar nem incitar a mal os que as vêem, mas edificar a todos com bom exemplo, e especialmente guardando esta honestidade em seu trajo quando vêm à casa de Deus, que é a Igreja, lembrando-se, como diz S. Crisóstomo, que não vêm a dançar senão a orar e chorar por seus pecados.

FIM DO PRIMEIRO LIVRO

([8]) I ad Tim. 5,3. — ([9]) I Petr. 3,3. — ([10]) I ad Tim. 2,9-10.

LIVRO SEGUNDO

No qual se contêm ũas breves colações espirituais e práticas doutrinais que os Reitores e Capelães das paróquias hão-de ler a seus fregueses, na estação, em alguns Domingos e Festas principais. E a Doutrina Cristã do PRIMEIRO LIVRO se lerá nos Domingos ou Festas pera as quais não achar neste particular sermão.

COLAÇÃO E PRÁTICA

no I Domingo do Advento do Senhor

Neste Domingo, irmãos, e nos mais que se seguem té a festa do Natal, celebra a Santa Madre Igreja o altíssimo e maravilhosíssimo Mistério da Encarnação do Filho de Deus, quando quis do Céu decer às terras e tomar carne humana no ventre da Virgem Sagrada pera nos salvar. E porque este grandíssimo benefício é fundamento e raiz de todos os outros, por isso convém dele ter mais especial memória e celebrá-lo com maior fervor e mais larga solenidade. E devendo-nos ocupar todo ano e toda a vida em lembranças e aguardecimentos desta espantosa mercê, que é fazer-se Deus homem por amor dos homens, ao menos obriga-nos a Santa Madre Igreja dar este mês, que vem antes do Seu Nascimento, ao dito mistério, pera que nele nos ocupemos em amorosas lembranças e fazimento de graças. Polo que a Santa Madre Igreja, nos devotíssimos ofícios destes quatro Domingos que precedem o dia de Natal, trabalha de nos incitar e inflamar em aguardecimento e amor deste mistério, trazendo-nos à memória os desejos ardentíssimos com que os Santos do Testamento Velho esperavam e suspiravam por esta mercê de que nós gozamos, como são aquelas palavras que o Profeta Isaías, com grande fervor e gemido de coração, dissera [1]: — *Ó Senhor, enviai cedo às terras aquele cordeiro que se há-de ensenhoriar delas,* aquele cordeiro sem mágoa que há-de tirar as

---

[1] Isai. 16,1.

mágoas e pecados do mundo, e, tirados, há-de ter bem-aventurado senhorio sobre os corações dos homens.

Também aqueloutras que, com os mesmos desejos, havia dito David ([2]): — *Mostrai-nos, Senhor, Vossa misericórdia, dai-nos o Salvador que nos prometestes.*

Também no *Intróito* da Missa do presente Domingo ouvistes aquelas tão acesas e eficazes palavras com que o mesmo Profeta David ([3]), em pessoa do género humano, pedia a Deus que viesse salvar os homens e livrá-los do cativeiro de seus inimigos, *scilicet*, do Diabo, do pecado, da morte, do mundo, da carne, dizendo: — *Senhor, a Ti levantei minha alma: Meu Deus, pois em Vós confio, não permitais que fique afrontado negando-me o que peço. Ó Senhor, não escarneçam de mim os inimigos de minha alma, pois que nunca permitistes que os que em Vós esperam se achassem enganados e envergonhados. Vinde, Senhor, às terras feito homem, para que mostreis Vossos caminhos e me ensineis Vossas carreiras, para que saiba neste perigoso mundo atinar e acertar os caminhos do céu e salvação.*

Estas foram as primeiras palavras da Missa. Também na *Oração* da mesma Missa pede o mesmo, começando com as palavras do dito Profeta, dizendo: — *Ó Senhor, espertai Vosso poderio e vinde-nos acudir: porque defendendo-nos Vós e livrando-nos, mereçamos ser livres e salvos dos grandes perigos a que estamos sujeitos por rezão de nossos pecados.*

Com estas sobreditas palavras mostravam aqueles Padres antigos que precederam a vinda do Senhor, com quanto ardor a desejaram. E, por isso, diz S. Bernardo que grandemente se confundia quando cotejava a frieza de nossos tempos com o fervor dos antigos Padres, porque não pode ser maior afronta para nós que mais se inflamarem

---

([2]) Psal. 84,8. — ([3]) Psal. 24,1-3.

eles com os desejos da vinda do Salvador do que nós nos inflamamos depois dele vindo e ter gozado de seus mistérios e sabedoria evangélica, vivendo muitos Cristãos tão carnalmente e tão esquecidos de Deus como se ele não viera ainda às terras, como se não descobrira ainda o mistério do Reino dos Céus, como se não ordenara mezinhas sacramentais pera saúde de nossas chagas, e limpeza de nossos pecados. E, por isso, a Santa Madre Igreja, não sofrendo o descuido e pestilencial sono em que dormem os cristãos, sem quererem olhar pera a luz que veio às terras, e por ela enderençar sua vida, como prometeram no Bautismo, mas vivendo ainda em as trevas de seus vícios e pecados, nos envia nesta Missa dous excelentes pregoeiros, *scilicet*, S. João Bautista, e o Apóstolo S. Paulo, os quais, com ardentes palavras nos incitam a conhecer e estimar este mistério da Encarnação e a viver conformemente a ele. S. Paulo, na *Epístola* ([4]) que ouvistes na Missa, começa a bradar: — *Irmãos, acordar, acordar. Como é possível que ainda agora haja cristão que durma sono de culpa sem querer acordar? Não sabeis, irmãos, que estamos mais perto da salvação do que estavam aqueles que criam no Senhor antes da Sua Vinda? Já não é hora de dormir em pecados, porque já a noite da ignorância, da malícia e frieza passou, já o dia esclareceu, já o sol da Justiça, Jesu Cristo, Filho de Deus, apareceu, alumeou e aquentou as terras. Por isso lancemos fora as obras escuras dos pecados, vistamo-nos e armemo-nos de claras vestiduras e obras de luz, como convém aos que não andam de noite senão em dia claro, despedindo de nós todas as desordenadas deleitações da carne, toda a demasia de comer e beber, toda a abominação de luxúria e torpeza, toda inveja, todas as discórdias e diferenças, e vestindo-nos do Senhor Jesu Cristo*, scilicet *de Suas vertudes e costumes*. Esta é a Epístola.

No *Evangelho* (*) da Missa nos traz o princípio do Evangelho de S. Marcos ([5]) em que se conta quando aquela trombeta celestial,

([4]) Ad Ro. 13,11-14. — ([5]) Marc. 1,1-8.

(*) No *Rito Bracarense*. Não tem correspondência no *Rito Romano*.

aquele divino pregoeiro e precursor do Senhor, S. João Bautista, saiu do ermo a espertar os Judeus que se aparelhassem para receber o Salvador do Mundo porque era chegado o tempo da sua vinda. E começa desta maneira: — *Este é o princípio do Evangelho de Jesu Cristo, filho de Deus. Sabei que João Bautista foi aquele Anjo de que Deus havia dito polo Profeta que havia de vir antes dele aparelhar-lhe o caminho. Ele foi aquela voz* (6) *que bradava no deserto:* — Aparelhai o caminho do Senhor e fazei direitas suas carreiras.

E este celestial pregoeiro, diz S. Marcos, andava vestido de celício de cabelos de camelo, e cingido com ũa cinta de pele, e o seu mantimento eram gafanhotos e mel montesinho. E assi pregava a todos que fizessem penitência, que mudassem as vidas. E os que se convertiam com sua pregação, bautizava-os no rio Jordão em sinal de penitência: porque daquela maneira professavam mudança de vida, e querer dali por diante viver limpa e virtuosamente.

Irmãos, este embaixador e pregoeiro de Deus nos manda a Santa Madre Igreja pera que também a nós diga aquelas palavras (7): — *Aparelhai o caminho ao Senhor.* O caminho do Senhor são nossos corações. Donde o Profeta Samuel (8) dizia aos Judeus: — *Aparelhai vossos corações ao Senhor.* Disse aparelhai: porque injúria grande é querer trazer tão grão Senhor por caminho desconsertado e sujo, especialmente quando o caminho também é pousada e morada, como é nosso coração pera Deus. Portanto, se tens teu coração sujo com torpes pensamentos e desejos, não virá a ti o amador da castidade e limpeza, o qual *busca casas de marfim em que more,* como diz David (9), *scilicet,* almas castas e limpas. Assi também, se fores soberbo, arrogante e vanglorioso, não virá a ti, porque ele diz polo Profeta Isaías (10): — *Sobre quem repousará o meu espírito senão sobre o humilde e contrito de coração e que treme das minhas palavras?*

(6) Is. 40,3. — (7) Marc. 1,3. — (8) I Reg. 7,3. — (9) Psal. 44,9. — (10) Cf. Is. 57,15.

Polo qual também o pregoeiro do Senhor, depois do mesmo Profeta Isaías, disse [11]: — *Todos os vales serão cheios e alevantados e todos os montes e outeiros serão abaixados e arrasados.* No que queria dizer que, quando o Salvador viesse ao mundo, os humildes e desinchados, semelhantes a vales baixos, haviam de ser cheios das águas e dões celestiais, e exalçados diante de Deus; e os soberbos e inchados como montes e outeiros, haviam de ser abatidos e confundidos, assi como também David havia dito [12]: — *Senhor, tocai os montes e desfar-se-ão em fumo,* quase dizendo, castigai os soberbos e ver-se-á que são fumo e nada.

Assi também, se teu coração está contaminado com ódio e rancor contra o próximo, o Deus do amor e da paz, não virá a ti. Há mister que tires a tortura do teu coração e o faças caminho direito como te amoesta o Bautista do Senhor, dizendo [13]: — *Os caminhos tortos se endireitem, e os ásperos se aplanem,* porque o coração em que não há amor de Deus e do próximo está torto e áspero. Está áspero, porque, onde não há amor, não há lenidade, humanidade e brandura pera os próximos; e está torto porque discorda da regra da divina vontade e lei, e, por isso, convém que o rectifiques.

E, se perguntares como hei-de endireitar meu coração, Santo Agostinho te responde, dizendo [14]: — Faze o que costumam fazer os médicos quando querem endireitar ũa perna que por algum desastre quebrou, e de mal curada ficou torta: os quais primeiramente a tornam a quebrar; e, depois de quebrada, a endireitam e atam com seu emprasto, e assi fica sã e direita. Assi convém que tu primeiramente quebres teu coração duro e torto. É quebrado e esmiuçado quando te entristeces e arrependes de teu pecado. E, por isso, o arrependimento se chamou contrição, que quer dizer britamento do coração, o qual significamos polo bater dos peitos, porque, assi como no almofariz

(11) Is. 40,4; Luc. 3,4. — (12) Psal. 143,5; cf. 103,32. — (13) Luc. 3,4. — (14) In Psal. 146.

com sua mão quebramos e esmiuçamos o que queremos, assi com ferirmos os peitos com nossas mãos, significamos e mostramos o desejo que temos de quebrar e abrandar a dureza de nosso coração e chegar a perfeita contrição de nossos pecados.

E, depois de quebrado e contrito ou atrito teu coração, o médico, que é o Sacerdote, ouvida tua arrependida confissão, per virtude da sagrada absolvição, te atará as quebraduras de tua consciência e coração, e assi ficará direito e são, e digno que o Filho de Deus nascido venha a ti pera acrescentamento de graça e fervor.

E, por isso, irmãos, não seja nenhum tão frio e descuidado que neste sagrado Advento deixe de se confessar. Pois cremos e confessamos que o Filho de Deus nasce em nossa carne pera nos dar seu Espírito e fazer participantes de sua divindade, mostremos esta fé com aparelhar nosso espírito. E, pois Ele não nasce pera nos dar descanso e contentamentos da carne neste mundo senão na alma, não seja o nosso natal todo carnal, tenha também a alma sua reção, sua fruita doce em a festa do Natal. E que outra fruita doce senão o Santíssimo Sacramento? Do qual canta a Santa Madre Igreja [15]: — *Ó quão suave é o espírito vosso sobre nós, que, pera mostrardes a doçura do infinito amor que nos tínheis, com o suavíssimo celestial pão de vosso corpo encheis de todos os bens e graças aqueles que com fome e desejo o recebam, e deixais vazios os que dele hão fastio.*

Este Senhor não veio ao mundo a outra cousa senão a buscar-nos, e juntar-se conosco, e levantar nossa baixeza à participação de Sua Grandeza. E pera efectuar isto com mais perfeição, quis que o metêssemos em nossas entranhas debaixo de semelhanças de pão e de vinho, neste altíssimo Sacramento. Pois que mor ingratidão pode ser que não querer gozar dos fruitos de Sua Vinda e Nascimento no tempo em que celebramos e festejamos o mesmo Nascimento? Por isso, caríssimos irmãos, todos alimpemos a morada de nosso coração, com dolorosa e inteira confissão, e, com ardente devação e amor, recebamos o diviníssimo Sacramento. Porque assi nascerá o Senhor em nós, aqui, per graça e, passada esta vida, per glória.

---

[15] Ant. *Ad Magnificat* de I Vesp. *Corporis Christi.*

PRÁTICA

no segundo Domingo do Advento

Como disse no domingo passado, todos estes quatro domingos antes do Nascimento do Senhor estão consagrados ao mistério de Sua vinda e Encarnação, e, em todos eles, suspira a Santa Madre Igreja por Sua vinda, como se em dia de Natal houvesse de nascer de novo. E, por isso, *começa* a Missa do presente domingo dizendo assi [1]: — *Ó povo católico, ó cidadãos da cidade de Jerusalém celestial, fazei--vos prestes! Eis aqui o Senhor virá pera salvar as gentes, e ouvireis Sua gloriosa voz com muita alegria de vosso coração. Ó Deus, eterno regedor de Israel, do povo fiel, entendei sobre nós. Vós, Senhor, que guiais vosso povo como ovelhas, vinde-nos acudir.* Andamos como ovelhas perdidas neste mundo, vinde ser nosso pastor, vinde-nos guiar e mostrar o caminho dos deleitosos e eternos pastos.

E na *Oração* diz assi: — *Ó Senhor, espertai e acendei nossos corações pera aparelharmos os caminhos a vosso Filho Unigénito pera que, com Sua vinda, vos mereçamos servir com limpos corações.*

Estas são as palavras com que a Santa Madre Igreja começou a presente missa, em as quais, como vedes, ainda nos provocou a santos desejos e amores desta primeira vinda do Filho de Deus em carne. Mas, porque não todos se excitam e despertam a emendar sua

---

[1] Is. 30,30.

vida e alimpar seus corações pera receber o Senhor com a memória de seu amoroso nascimento, portanto quis, neste presente domingo, ajuntar também e trazer-vos à memória Sua segunda e temerosa vinda, quando virá no derradeiro dia julgar todas as gentes. E desta vinda faz menção na Epístola e principalmente no Evangelho. Pera o qual haveis de entender que a vinda do Senhor no fim do mundo a dar a cada um segundo suas obras e poer Seu reino em toda perfeição, uns a esperam e desejam, e outros a temem. Os bons e verdadeiros cristãos a esperam e desejam; os maus e falsos cristãos, que têm fé sem obras, grandemente e servilmente a temem, porque a sua culpada consciência lhes profetiza que não hão-de ter bom despacho aquele dia. O que declarando, Santo Agostinho diz: — Que os bons cristãos se hão pera a vinda do Senhor como a mulher casta e virtuosa que tem seu marido ausente, a qual não teme que venha, mas teme que não venha. E os maus cristãos compara à mulher adúltera, a qual, ocupada em seus perversos amores, quando o marido é ausente não deseja que venha, antes está tremendo se virá. Assi a alma cristã, esposa de Jesu Cristo casta, que n'Ele tem posto seu amor e não em os falsos e vis bens da terra, deseja ferventemente a segunda vinda de seu Esposo, quando, no dia derradeiro, há-de tomar perfeita posse de Seu reino, e há-de livrar todo-los seus amigos e escolhidos de todas as misérias e faltas, assi da alma como do corpo.

E isto é o que pedimos, como alguns Santos dizem, na oração do *Pater noster,* quando dizemos: — *Venha a nós o teu reino,* como se disséssemos: — *Ó Senhor, acabe-se já este triste mundo, acabe-se já o reino do pecado, esclareça já a glória e liberdade de vosso reino.*

E desta esperança fala o Apóstolo S. Paulo na *Epístola* [1] que ouvistes na Missa, em a qual, começando um pouco atrás, nos amoesta em esta maneira: — *Irmãos, aqueles que em vós-outros são mais firmes e espirituais saibam sofrer e suportar as fraquezas dos imper-*

[2] Ad Ro. 15,1-13.

feitos e fracos, e não queiram em tudo satisfazer a seu gosto e vontade, mas trabalhe cada um de comprazer a seu próximo nas cousas boas; porque Nosso Senhor Jesu Cristo, vindo ao mundo, não teve olho a Seu gosto e proveito, mas ao nosso, tomando sobre Si desonras, afrontas e dores; sofrendo nossas culpas porque assi nos pudesse ganhar e salvar. E quantas cousas estão escritas na Sagrada Escritura, pera nossa doutrina foram escritas, pera que, pola paciência e pola consolação das Escrituras, se esforce e avivente nossa esperança. Isto diz, porque o principal intento da Divina Escritura é, primeiramente, persuadir-nos paciência na mortificação do velho homem, no sofrimento, nos trabalhos e tentações, no trazimento da Cruz do Senhor. E assi como nos persuade a mortificação dos vícios e maus desejos e sofrimento de penas, assi também nos consola com as promessas de Deus, com a glória e coroa que Nosso Senhor Jesu Cristo prometeu [3] aos que trazem Sua Cruz. E, por isso, diz o Apóstolo: — Que com a paciência e consolação que das Escrituras recebemos, se acrescenta em nós e confirma a esperança do Reino de Deus, e quanto cada um mais tem desta paciência e desta consolação, tanto mais ferventemente espera e deseja a vinda do Filho de Deus ao Juízo.

Amoesta-nos também nesta Epístola, mui proveitosamente, dizendo assi: — *Deus, que é o dador de toda a paciência e consolação, vos dê a vós-outros ũa perfeita concórdia, assi nas cousas da fé como nas cousas da caridade e paz,* scilicet, *sentindo uns das cousas dos outros, compadecendo-se uns dos outros:* os mais fortes na vertude, sintam as misérias dos mais fracos como suas, e façam o que queriam que lhe fosse feito se eles estivessem no lugar dos fracos, e os fracos procurem de ajudar os mais vertuosos naquilo em que puderem.

E, finalmente, como o mesmo Apóstolo diz em outra Epístola [4]: — *Tenha conta cada um, não sòmente com o que lhe releva a si, mas também com o que releva aos outros. Ajude cada um de nós levar as cárregas de seu próximo, e assi cumpriremos a Lei de Cristo.*

Isto abaste quanto à Epístola.

---

[3] Cf. Math. 10,38; 16,24; Marc. 8,34; Luc. 14,27. — [4] Ad Gal. 6,1-2.

No *Evangelho* se trata dos espantosos sinais que hão-de preceder o Dia do Juízo, e assi da temerosa vindo do Juiz, pera que os frios cristãos, que não chegam a esperar e desejar esta vinda, ao menos a temam, e isto com temor frutuoso, de que nasça emenda da vida.

Começa o Senhor na letra do Evangelho a dizer desta maneira (5): — Antes de minha vinda ao Juízo, *aparecerão grandes e espantosos sinais nos corpos celestiais, no Sol, e Lua, e estrelas,* escurecendo-se todos com mui espessas trevas, negando de todo os ditos corpos sua claridade aos mortais. *Também em o mar aparecerão desacostumadas tempestades, braveza, e bramido das ondas, polo qual os homens, com grande apertamento e angústia, se secarão e mirrarão assi polos males presentes que virem, como por outros maiores que temerão. Após estes sinais,* diz o Senhor, *verão todos os homens o Filho da Virgem vir em ũa nuvem com grande poderio e majestade.* E vós, ó filhos meus e verdadeiros cristãos, *quando começardes de ver estes espantosos sinais, não temais, mas então alevantai vossas cabeças, esforçai-vos e confiai, porque é chegada a hora de vossa perfeita redenção e livramento de todo-los males e misérias. E tomai esta semelhança: Quando vedes a figueira e as outras árvores brotar e lançar seus gomos e apontar com seus frutos, conheceis certamente que não está longe o estio; assi vós, quando virdes os sobreditos sinais, entendei que chegado é o reino de Deus. Em verdade vos afirmo que não se acabará este mundo té que se cumpra quanto tenho dito. O céu e a terra poderão faltar, mas minhas palavras não faltarão.*

Irmãos, de todo este Evangelho, ao menos, levai pera casa impressas em vossa memória aquelas tão temerosas palavras que ouvistes (6): — *Verão todos os homens o Filho da Virgem vir em ũa nuvem com grande poderio e majestade.*

Quem poderá, diz o Profeta Malaquias (7), *sòmente cuidar no dia de Sua vinda? Quem poderá estar pera o ver? Porque certamente*

(5) Luc 21,25-23. — (6) Luc 21,27. — (7) Mal. 3,2.

aparecerá como um fogo abrasador. Porquanto, assi como aos bons a vista da humanidade de seu Redentor lhe será cousa mui deleitosa, assi aos maus nenhũa lhe será mais terrível e insofrível que ver o rosto do Juiz irado.

Com rezão S. Jerónimo dezia que toda-las horas lhe soava nas orelhas aquela trombeta e pregão: — *Alevantai-vos, mortos, e vinde a Juízo.*

Aquele Senhor tão dissimulador e sofredor, que por tantas injúrias e ofensas passa cada dia sem castigo, então não dissimulará nem calará; mas, como diz Santo Agostinho, em aquele dia pôr-te-á diante de ti pera que te vejas. Quando neste mundo vivias, tinhas-te lançado de trás das costas, esquecido de ti, e todo pensativo e embebido nas vaidades e deleites deste mundo, não enxergando as máguas e mascarras que punhas em tua alma e as feridas de pecados mortais que lhe davas. Naquele dia, te porão diante dos olhos todas as culpas grandes e pequenas, e te pedirá conta até das palavras e pensamentos ociosos, e te lençará nas penas eternas, não porque pecaste, mas porque não lavaste os pecados com o Sangue do Cordeiro de Deus que te foi dado, o qual tu desprezaste, não te aproveitando de Seus sacramentos, nem vivendo conforme ao que no Bautismo professaste.

Diz S. Paulo [8]: — *Quem pecava contra a Lei de Moisés, sendo convencido por duas ou três testemunhas, era apedrejado e morto sem nenhũa misericórdia. Quanto maiores tormentos vos parece que merecerá quem desprezar o Filho de Deus e sujar Seu precioso Sangue com que foi no Bautismo tingido e santificado?*

Em aquele dia, pera confusão de todo-los maus, especialmente cristãos, aparecerá no céu o sinal da Cruz, e assi também o Senhor, à vista de todos, mostrará as Chagas que n'Ela recebeu, quase dizendo aos pecadores e ingratos: — Ó homens, que vos pude fazer pera vossa salvação que vos não fizesse? Que maiores extremos de caridade e misericórdia podíeis de Mim esperar? Porque vos não aproveitastes dos tesouros da minha Misericórdia, do valor de meu Sangue, dos mereci-

(8) Ad Heb. 10,28-29.

mentos de minha Morte e Paixão? Ora, pois não quisestes aproveitar--vos dos tesouros de misericórdia, mas fazer tesouro de Minha ira, *i-vos ao fogo eterno* (9) onde achareis esse mesmo tesouro que ajuntastes. *Apartai-vos de Mim, malditos, pera o fogo eterno, que está aparelhado pera o diabo e pera os anjos soberbos seus companheiros.* Quase dizendo: — Eu não tinha aparelhado o fogo infernal pera vós, senão pera os diabos; mas, pois, vós o escolhestes, i-vos pera ele.

— Ó Senhor, não bastaria dizer: *Apartai-vos de Mim?*

— *Não. Senão: Apartai-vos de Mim, malditos, e i-vos arder em fogo.*

— Ó Senhor, por quanto tempo? Não abastarão *dez mil ou cem mil anos?*

— *Não, senão pera sempre.*

— Ó Senhor, já que nos despedis de vossa companhia perpètuamente e nos lançais no fogo eterno, que companhia nos dais? É tal com que possamos ter algum alívio e misericórdia?

— *I-vos para a companhia de todos os diabos.*

Por isso, irmãos, se quereis escapar de tal juízo e de tal sentença, aproveitai-vos do tempo de misericórdia que vos é dado. Julgai-vos aqui, acusai-vos aqui, condenai-vos aqui com verdadeira contrição, com inteira e chorosa confissão e perseverada emenda de vida; porque, como diz o Apóstolo S. Paulo (10): — *Quem se aqui julgar a si mesmo, e der sentença contra si, escapará do Juízo de Deus,* e naquele dia merecerá ouvir aquelas suavíssimas palavras que o Senhor há-de dizer a seus amigos (11): — *Vinde, bentos de meu Padre, e possui o Reino que vos está aparelhado desde a criação do mundo.*

---

(9) Math. 25,41. — (10) I Cor. 11,31. — (11) Math. 25,34.

DOUTRINA

em o terceiro Domingo do Advento

Como está dito, a Santa Madre Igreja, em todos os princípios e Intróitos das Missas dos Domingos deste Advento, com ardentes palavras nos esperta e alvoroça a recebermos, com alegres corações, o Senhor que há-de nascer. E, assi, na presente Missa, *entra* com estas suavíssimas palavras (1) : — *Alegrai-vos sempre em o Senhor, outra vez vos digo que vos alegreis,* e agora mais que nunca, porque vos afirmo que se vai chegando a vinda do Senhor. Trazei grande resguardo em toda vossa vida e obras; *vossa modéstia,* vossa humildade e moderação, *seja vista de todo-los homens, pois a vinda do Senhor está à porta.* E, por isso, alargai os corações, *não vos angustieis,* não vos afadigueis nem esbofeis polas cousas deste mundo; lançai vossos cuidados e cárregas em o Senhor. *Orando, ponde diante d'Ele vossas necessidades,* vossas misérias e tribulações; lançai-as todas com muita confiança no abismo de Sua bondade e misericórdia, e, sobretudo, Lhe pedi *que a paz de Jesu Cristo, cuja doçura e consolação sobrepoja nossos sentidos e conhecimento, guarde vossos entendimentos e vossos corações* (2).

Esta paz, irmãos, é a quietação e repouso da alma com Deus, donde nasce tão grande contentamento e alegria que a não pode conhecer senão quem a esprementa, a qual não pode esprementar,

---

(1) Phil. 4,4-6. — (2) Phil. 4,7.

senão quem procura diligentemente a limpeza da consciência, porque a consciência culpada, necessàriamente, é trovada, e não pode sentir e gostar esta paz.

Após este Intróito, se disse ũa *Oração* devotíssima pedindo ao Senhor que apresse Sua vinda, dizendo: — *Ó Senhor, ouvi nossos rogos e, com a graça de Vossa visitação, vinde alumiar as trevas de nossas almas.*

No Evangelho se trata desta primeira vinda do Senhor. Mas, todavia, a Santa Madre Igreja, na *Epístola* nos torna também a trazer à memória a Sua segunda vinda ao Juízo de que se tratou no Evangelho do domingo passado. E com muita rezão mistura as memórias destas duas vindas, que ũa é de amor e outra de temor: porque vê que, pera os duros, é necessário espantá-los com tremor. Pois diz assi o Apóstolo na Epístola (*) que ouvistes ([3]): — *Sabei, irmãos, que nós-outros Apóstolos de Cristo,* e assi todos os mais Bispos, Sacerdotes e Pregadores, *não somos outra cousa senão uns ministros de Cristo e dispenseiros dos mistérios de Deus. E porque,* como sabeis, *a principal cousa que se busca no dispenseiro é que em seu ofício seja fiel a seu Senhor, assi convém que o sejamos nós, scilicet,* em nossas pregações, na administração dos Sacramentos, e em todo o mais governo da Igreja, não tendo olho a nosso próprio proveito ou honra ou descanso, senão sòmente à glória e honra de Cristo e salvação das almas que Ele remiu per Seu Sangue. *E, quanto a mim,* diz o Apóstolo, se eu sou bom e fiel dispenseiro ou não, *o Senhor o julga, que polo juízo e conta em que me vós podeis ter, pouco me dá, porque nem eu a mim mesmo me julgo* nem conheço perfeitamente: Deus é o que me julga e sabe quem sou. *Verdade é que minha consciência não me acusa; mas, porém, nem isso basta pera eu ser justificado diante de Deus. E, portanto, irmãos, muito vos encomendo que não cureis de julgar*

(*) No *Rito Bracarense.* Corresponde ao 4.º Dom. do Adv. no *Rito Romano.*

([3]) I Cor. 4,1-5.

ninguém ante tempo até que venha o Senhor a juízo, o qual alumiará as cousas escondidas, e descobrirá todo-los pecados secretos, *e manifestará todo-los conselhos e propósitos dos corações dando a cada um conforme a seus merecimentos.*

O que nos aqui encomenda, irmãos, o Apóstolo S. Paulo é que não usurpemos pera nós o ofício de Deus, julgando as obras duvidosas dos próximos à pior parte, podendo elas ser feitas com boa intenção. Digo duvidosas, porque as que manifestamente são más, licença temos pera as julgar por más, *scilicet,* se vês teu próximo blasfemar de Deus, ou injuriar o próximo, ou viver desonestamente em face do povo, justo é que te pareça mal, não pera o desprezares, mas pera rogares a Deus que o alumie e lhe perdoe.

Mas, quando as obras do próximo se podem escusar de culpa, ou podem ser feitas com santa intenção, diz o Apóstolo que as deixemos pera o Juízo de Deus. E, temendo nós o tal juízo, trabalhemos de ser limpos, não sòmente nas obras e palavras, mas também no secreto de nossos corações, porque, quando vier o Senhor a escoldrinhá-los, não ache que condenar senão que agalardoar.

No *Evangelho* (*) se contém o testemunho que o Senhor deu de Sua vinda por rezão de ũa pergunta que S. João Bautista lhe mandou fazer. E diz assi o Evangelista S. Mateus (4):—*Que, estando preso S. João Bautista por mandado de Herodes e ouvindo no cárcere as novas das grandes maravilhas e milagres que nosso Redentor fazia, Lhe mandou um recado por dous seus discípulos que de sua parte Lhe fizessem tal pergunta:* — Tu és o Messias e Salvador por quem o mundo espera, ou havemos de esperar por outro?

Sabei logo aqui, irmãos, que S. João não mandou fazer esta pergunta a nosso Senhor, porque duvidasse se era Ele o Redentor do mundo, que mui bem o sabia, e já o tinha dito e apregoado e

(*) No *Rito Bracarense.* Corresponde ao Evangelho do IV Dom. do Advento no *Rito Romano.*

(4) Matth. 11,2-10.

chamado Cordeiro de Deus que vinha tirar os pecados do mundo, mas, como dizem os Santos, usou deste artefício para confirmar seus discípulos na fé de como o Senhor era o verdadeiro Salvador do mundo, na qual ainda eles não estavam assentados, parecendo-lhe que seu mestre era mais excelente que nosso Senhor.

Vindo (5) *pois os sobreditos dous discípulos, disseram ao Senhor desta maneira: — João Bautista Te manda perguntar se és Tu Aquele por quem todos esperamos, ou há ainda outro que esperar? À qual pergunta, antes que o Senhor respondesse,* como conta S. Lucas (6), *fez grandes milagres diante dos olhos deles, dando vista a muitos cegos, curando muitos enfermos de diversas enfermidades, e livrando muitos endemoninhados. E, feito isto, respondeu aos discípulos de São João* (7), dizendo: — *Dai por resposta a João Bautista assi o que vistes como o que ouvistes. Os cegos vêem, os mancos andam, os leprosos são feitos limpos, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres são dadas novas boas do Reino dos Céus. E bem-aventurado aquele que não for escandalizado em Mim, scilicet,* bem-aventurado aquele que a fé que agora tem em Mim por estas obras maravilhosas que faço, não a perder no tempo de minha morte e paixão.

Despedidos os discípulos de S. João, porque a gente que ouvira aquela pergunta não o tivesse por inconstante duvidando se era o Senhor o verdadeiro Salvador do Mundo, pois ele, antes que fosse preso, O havia confessado e apregoado por tal, *começou o Senhor a dizer àquelas companhas louvores de S. João nesta maneira: — Vós-outros quando, nos dias passados, antes da prisão de S. João saíeis de vossas cidades e casas para o ir ver ao deserto, quem vos parece que íeis a ver? Por ventura íeis ver ũa cana que com qualquer vento se brande? Não é cana, não, mas firme coluna, verdadeiro e inteiro zelador da verdade, e por ela está preso. Pois quem vos parece que saíeis a ver? Homem vestido de holanda e seda? Tais não se acham no ermo, senão nos paços dos Reis. Pois quem saíeis a ver? Profeta? Afirmo-vos que mais é que profeta. Este é aquele anjo do qual está*

(5) Segue Luc 7,20. — (6) Luc 7,21. — (7) Matth. 11,4; Luc 7,22.

escrito ([8]): *— Eis aqui eu envio o meu anjo diante de ti, pera que te aparelhe o caminho.*

Deste Evangelho, irmãos meus, sòmente duas doutrinas vos quero encomendar. A primeira, que, em vossos trabalhos e tribulações, imiteis e tomeis exemplo do glorioso S. João, que, assi como a ele os trabalhos da prisão e cárcere não tiraram a lembrança do Salvador do mundo e da salvação de seus discípulos, assi vós, em todas as vossas tribulações e penas, não vos esqueçais de Deus, do negócio de vossa salvação. Porque todas as adversidades deste mundo não as manda o Senhor senão para que nos espertemos na lembração do outro mundo, e emendemos nossas vidas. Os males que aqui nos apertam, diz S. Gregório, nos forçam a ir pera Deus. As prosperidades deste mundo muitas vezes nos fazem esquecer das cousas da alma e eternidade, e gastar nossos cuidados e pensamentos nas vaidades deste mundo. E, por isso, como diz Crisóstomo, assi como um lavrador poda a cepeira e corta os sobejos ramos das árvores porque o humor e sumo que da raiz vem não se gaste todo em folhas, mas, esforçando-se na raiz, produza melhor fruito, assi o Senhor corta nossas prosperidades e bonanças temporais nas quais gastávamos os pensamentos e afeitos de nossas almas pera que, metendo-nos por dentro, e cuidando nas cousas eternas, demos fruito verdadeiro da glória e bem-aventurança. Todos nós em cárcere estamos de culpas e penas muito mais perigoso e amargoso que o em que estava S. João. E, assi encarcerados, nenhum outro alívio podemos ter senão cuidando nas vindas do Salvador do mundo, assi na primeira, quando veio a salvar, como na segunda, quando virá a julgar, porque, com tais pensamentos, se crie em nossa alma temor, esperança e amor. Se estamos cegos em nossas almas, ele veio alumiar os cegos; se estamos surdos pera ouvir a palavra de Deus e doutrina da salvação, ele veio abrir os ouvidos da alma; se estamos leprosos e gafos com a podridão dos pecados, ele veio a limpar toda esta lepra. E, finalmente, se estamos

---

([8]) Mal. 3,1.

mortos, em nossas almas apartados da vida que é Deus, ele veio destruir a morte espiritual e corporal.

A segunda lembrança seja que, como diz o Senhor, fujamos de ser semelhantes a cana verde que está em o canaveal. O exército dos carnais e filhos deste mundo com muita rezão se compara a canaveal: porque, assi como as canas toda sua fermosura têm de fora, sendo de dentro ocas e vazias, assi os amadores deste mundo não são mais que o que parece de fora: suas almas estão vazias do verdadeiro miolo e tutano que é o temor e amor de Deus e da eternidade. Todo seu resplandor é nas cousas de fora, do corpo, e do mundo que mui cedo se hão-de mudar em pó, e hão-de cair e secar-se como folhas de árvores que o vento leva.

São também inconstantes e movediços como canas, porque, naquilo que fazem, regem-se por seus apetites ou polos favores ou terrores do mundo, que são os ventos com que cada dia se mudam, mas os servos de Deus, cujos corações estão fixados nos bens eternos, são semelhantes a corpos sólidos e maciços e colunas firmes. Porque, como se diz no Salmo ([9]), toda sua fermosura é por dentro. E no que hão-de fazer, ou fugir, não se regem polos apetites de sua carne nem polos ventos dos favores ou ameaças do mundo, senão pola firmeza da lei e vontade de Deus. E, por isso, passando desta vida, são tresladados à firmeza dos bens eternos, pera que deles gozem firme e eternamente.

([9]) Psal. 44,14.

PRÁTICA

no quarto Domingo do Advento

Este é o derradeiro Domingo do sagrado tempo do Advento do Senhor; e, por isso, como já em véspera de Seu nascimento, trabalha a Santa Madre Igreja, com toda eficácia, excitar em nós devação e prazer espiritual. E *começa* a presente Missa com estas palavras (1): *Ó Senhor, lembrai-vos de nós, olhai-nos com aqueles olhos, prossegui-nos com aquela graça e favor com que acostumais favorecer o povo por vós escolhido; visitai-nos com vossa salvação pera que os vossos escolhidos vejam vossa bondade, a vossa gente se alegre, e a família que escolhestes por vossa herdade vos louve e diga* (2): — *Louvai o Senhor porque é bom e Sua misericórdia é sempiterna.*

Na *Epístola* (*) traz ũa lição de S. Paulo mui conforme à véspera de tal festa; a qual começa desta maneira (3): — *Irmãos, alegrai-vos no Senhor sempre, outra vez vos encomendo que vos alegreis. E vossa humanidade e santa conversação apareça diante de todos os homens.*

E, ainda que a Santa Madre Igreja já trouxe estas palavras no

(*) No *Rito Bracarense.* Corresponde ao III Dom. do Advento do *Rito Romano.*

(1) Cf. Psal. 105,4-5, segundo o *Rito Bracarense*, em parte. — (2) Ps. 134,3. — (3) Phil. 4,4-7.

começo da Missa do Domingo passado, assi como nela dissemos, todavia, porque são palavras de grande doutrina, será justo que as declaremos, agora melhor. Ensina-nos S. Paulo, mui perfeitamente, nesta Epístola, como nos havemos de haver assi com Deus como com nossos próximos, e com nós mesmos.

Pera com Deus nos dá regra bem-aventurada, *scilicet*, que tenhamos prazer espiritual perpétuo, o qual nenhũa cousa neste mundo nos possa tirar. E nasce este prazer de a alma fiel estar firmemente arrimada e entregue a Deus por fé, esperança, e confiança e amor, donde nasce ũa inefável alegria, ũa prontidão e insaciável desejo de louvar a Deus, e dizer com David ([4]): — *Louvarei a Deus em todo tempo e per todo-los dias não cessarei de Seu louvor.*

E só este celestial prazer, como diz Santo Agostinho ([5]), pode sempre durar; o que não têm os prazeres mundanos que não são em o Senhor. Porque claro está que quem se alegra em riqueza, ou em honra, ou em deleite carnal, não se pode sempre alegrar ainda neste mundo; mas quem se alegra em o Senhor, não há causa por onde se possa acabar sua alegria, porque nem a prosperidade nem a adversidade lha podem tirar. Polo qual está escrito ([6]): — *Nem o Sol te queimará de dia, nem a Lua te afligirá de noite.* Que quer dizer: Se tens posto teu prazer em Deus, nem a prosperidade temporal nem a adversidade te farão nojo.

O santo Job nem no dia das suas tristezas perdeu este prazer, pois que, em o dilúvio de tantos trabalhos, dizia ([7]): — *Pois de Deus recebemos bens, saibamos também sofrer males: seja o Seu nome bento!*

Que digo de males temporais? Pois que nem os males espirituais e pecados gravíssimos podem tirar este prazer à alma contrita e confiada em Deus. Antes diz Santo Agostinho: — Entristeça-se o pecador do pecado que fez; e tendo tal tristeza, alegre-se muito porque a tem. Com muita rezão logo o glorioso Apóstolo nos põe tão doce manda-

([4]) Psal. 144,3.—([5]) In Psal. 144.—([6]) Psal. 126,6.—([7]) Job 2,10.

mento, dizendo (8): — *Tende em vossa alma perpétuo prazer em o Senhor, nunca percais este prazer por cousa nenhũa que venha.*

E assi a Escritura em muitos lugares não cessa de nos encomendar o mesmo. *Alegrai-vos,* diz David (9), *em o Senhor e dai saltos com prazer; gloriai-vos, n'Ele todos os direitos de coração.* E Jeremias (10): — *Não se alegre o sabedor em sua sabedoria, nem o forte em sua fortaleza, nem o rico em suas riquezas; mas quem se quiser alegrar e gloriar, seja em Mim,* diz o Senhor, *em Me conhecer e confiar de Mim.* Esta é a verdadeira alegria e consolação dos cristãos. E quem esta não sente em sua alma, ainda não tem visto o tesouro nem gosta do miolo da religião cristã. E porque os carnais e filhos deste mundo não podem cair nesta conta, nem podem entender como é possível conservar um homem paz e quietação e alegria em sua alma no tempo que é sobressalteado de grandes adversidades e tribulações. Portanto, diz S. Paulo, no cabo da presente Epístola que ouvistes (11), *que a paz de Cristo sobrepoja todo-los sentidos,* porque os sentidos humanos, deixados em sua natureza e não alevantados com a graça de Deus, não podem alcançar como pode haver repouso e serenidade no espírito, havendo torvação na carne.

A segunda cousa que nos ensina S. Paulo é como nos havemos de haver com os próximos, dizendo *que nossa modéstia seja conhecida de todo-los homens.* Pola qual modéstia, como diz Santo Ambrósio, quis entender conversação rezoável, que é ũa maravilhosa e excelente vertude que habilita o homem pera conversar com todos cristãos e amàvelmente. É ũa amorosa prontidão que inclina o homem acomodar-se às condições e costumes de todos sem ofensa de Deus, não tendo fastio de ninguém, sofrendo de todos quando se pode fazer sem culpa, não buscando em tudo seu proveito, antes perdendo muitas vezes de seu direito por não ser pesado, por não quebrar a paz com os próximos. Isto chama S. Paulo ser nossa modéstia conhecida diante de todos os homens.

(8) Phil. 4,4.—(9) Psal. 31,11.—(10) Jer. 9,23-24.—(11) Phil, 4,7.

Pera conosco nos ensina, dizendo: — *Não sejais solícitos nem vos angustieis sobre as cousas que vos pertencem. O Senhor está perto* e prestes pera vos ajudar, não vos atormenteis com cuidados demasiados sobre o remédio de vossas necessidades temporais. *Lançai,* como também diz o Apóstolo S. Pedro ([12]), *todos vossos pensamentos no Senhor, porque Ele é o que tem cuidado de vós,* como David confessou e disse ([13]): — *O Senhor anda solícito sobre mim.*

E, finalmente, quando vos apertarem necessidades, deixai toda a angústia desordenada, recorrei à oração e petição com fazimento de graças polos benefícios já recebidos. Este é o próprio remédio dos verdadeiros cristãos, e não trovar-se e entristicer-se com pensamentos vãos e desconfiados.

No *Evangelho* (*) deste Domingo nos traz a Santa Madre Igreja à memória as palavras de S. João Bautista em que deu testemunho da vinda do Senhor e de seu próprio ofício que era ser pregoeiro do mesmo Senhor, e as com que nos amoesta que nos aparelhemos pera receber o Senhor. Pera o qual nos conta o glorioso Evangelista S. João ([14]) que os regedores e povo da cidade de Jerusalém mandaram a S. João Bautista, estando no ermo, ũa solene embaixada, pera a qual escolheram pessoas de muito preço e valor, Sacerdotes e Levitas da seita dos Fariseus, que era a mais nobre e célebre. E a substância da embaixada era preguntar-lhe, da parte da cidade de Jerusalém, *Quem era?* scilicet, *se era ele o Messias e Cristo prometido na Lei?,* dando a entender que o queriam receber por tal só per seu testemunho. Em que o punham em gravíssima tentação de glória e honra pola grandeza da dignidade que lhe ofereciam, ou que nele queriam conhecer se ele quisesse. Mas o glorioso Bautista do Senhor, coluna firmíssima contra todos os ventos da glória mundana e favor popular, nada se movendo, claramente confessou e deu testemunho da verdade, dizendo:

(*) No *Rito Bracarense.* Corresponde ao III Dom. do Advento no *Rito Romano.*

([12]) I Pet. 5,7; cf. Psal. 59,23.—([13]) Psal. 39,18.—([14]) Joan. 1,19-28.

— *Não sou eu Cristo!* E os embaixadores lhe perguntaram então: — *Pois quem és tu? És tu Elias?* E respondeu: — *Não sou.* Perguntaram-lhe: — *És tu Profeta?* Respondeu: — *Não.* Na qual resposta queria dizer que não era Profeta semelhante aos outros antigos Profetas ainda que fosse verdadeiro Profeta e mais que Profeta; porque não viera ao mundo a profetizar do Messias como vindoiro, senão a apregoar que era já vindo, e a mostrá-lo com o dedo.

Vendo os mensageiros que a todas suas perguntas respondia *não,* disseram-lhe: — *Pois, quem és, pera que demos resposta aos que nos enviaram? Que dizes de ti mesmo?* Respondeu [15]: — *Eu sou ũa voz que ando bradando neste deserto. Enderençai o caminho para o Senhor.* Como se dissesse: Eu todo sou voz, não tenho outro ofício nem outro valor senão dar pregões que vem o Salvador às terras, que vos aparelheis. De nenhũa outra cousa sirvo.

Na qual resposta, com mostrar sua grande humildade, mostrou também sua grã dignidade. Que maior glória pode ser que não ser ũa creatura outra cousa senão ũa voz e um pregão dos louvores de Deus? Pois que todo o bom que em nós há são mercês e benefícios de Deus, justo é que quanto em nós há seja voz e brado de Seus louvores. E sendo tal voz, ficamos semelhantes aos Anjos, e sendo mudos nela, ficamos abaixo de toda-las creaturas.

Irmãos, não vos quero mais deter, sòmente fazer a cada um de vós a pergunta que foi feita a S. João Bautista. Dize-me tu, quem és? Receio tenho que haja aqui muitos que não me saibam responder, ou que digam despropósitos contando sua linhagem, ou sua nobreza, ou suas prosperidades temporais: o que tudo seria responder fora de propósito, pois que todas essas cousas estão fora de ti, e eu não te pergunto senão por ti. E, por isso, hei medo que me não saibas responder: porque te não conheces a ti, nunca leste por ti, nunca estudaste de ti, nunca te meteste por dentro para te ver a ti. E, por

(15) Cf. Is. 40,3; Matth. 3,3; Marc. 1,5; Luc 3,4.

isso, ainda que saibas muitas cousas fora de ti, nada sabes enquanto te não sabes a ti. Ora quero um pouco descobrir-te a ti, pera que saibas a conta em que te hás-de ter. Tu és ũa creatura composta de duas que pareces ser ũa cousa monstruosa; tu és composto de um espírito intelectual e imortal, e de ũa carne bestial. Tua alma é fermosa como os Anjos, racional, livre, incorruptível, eterna, criada à imagem e semelhança de Deus, capaz de ver a face de Deus e mergulhar-se na fonte de todo-los bens. Esta alma tão bela e tão celestial está metida nas entranhas de ũa cruel e suja besta, que é a tua carne, cheia de inclinações e apetites bestiais, semelhantes neles ao mulo e ao cavalo que não têm entendimento. E, já aqui, começarás de entender teu desatino, ignorância, e cegueira, que devendo tu de te prezar sòmente da nobreza e alteza de tua alma e assi empregar todos teus cuidados e diligências em afermosentar e ornar e negocear tua salvação, não o fazes assi, mas todo teu estudo é recrear e trazer contente tua torpe carne satisfazendo a seus apetites, dando-lhe seus deleites, esforçando-a contra o espírito pera que o empeçonhente, pera que o destrua e lance em perdição perpétua. E entregando-te Deus teu corpo como inimigo pera o trazeres enfreado e sopeado, de tal maneira castigado que obedeça à alma, tu dás-lhe o ceptro e senhorio e permites ũa abominável desordem no reino da tua alma, *scilicet,* que a alma, sendo senhora, sirva, e a carne, sendo escrava, mande e senhorie. Ora, ao menos agora, começa de te conhecer. E, pois o Senhor nasce em carne pera que te ensine a tratar tua carne como Ele tratou a Sua, vivendo neste mundo, e pera que a não sujes com torpezas, pois é semelhante à carne em que Ele nasceu e padeceu, justo é que, daqui por diante, faças a carne servir como escrava, e a alma reja como senhora, procurando contìnuamente sua limpeza e fermosura. E especialmente agora, nesta sacratíssima Festa do Natal, não sofras que passe sem o lavatório da confissão, porque este é o verdadeiro aparelho do caminho do Senhor, pera que, comungando seu sacratíssimo corpo nesta Festa, nasça em ti per graça e te dê Sua glória.

COLAÇÃO

em a sacratíssima festa do Nascimento do Senhor

Irmãos, que vos direi em festa tão gloriosa e alegre, se esse pouco, que vossos entendimentos alcançam dela, não basta pera vos inflamar em devação? Que poderei eu fazer, ainda que vos fizesse ũa longa pregação, se esta só palavra e pregão que a Santa Madre Igreja deu, *scilicet:* Jesu Cristo, Filho de Deus, nasce em Belém de Judeia, não vos esperta e afervora? Que palavras poderei buscar pera vos aquentar o coração? Um santo, no sermão desta festa, bradava: — *Oh! que nenhũas palavras acho com que possa falar da Palavra Eterna e Verbo Encarnado!* Assi eu também não vos sei declarar o que havemos de sentir deste suavíssimo Nascimento. Porém quero-vos pôr ũa comparação. Se houvesse muitos anos que o sol não nasceu nem apareceu nas terras, e estivéssemos todos não sòmente às escuras e em espessas trevas, mas também carregados de ferro, tremendo com frio e em suma tristeza, e estando assi, sùpitamente nascesse o sol mui resplandecente, alumiando-nos, aquentando-nos, quebrando nossas cadeias e prisões, que vos parece quão grande alegria e consolação seria a nossa?

Pois, irmãos, tais éramos, espiritualmente, antes que nascesse o sol que hoje nasceu e veio alumiar as trevas e cegueira de nossa alma; veio aquentar a frieza de nosso coração, o qual estava feito um regelo

no amor de Deus e das cousas eternas; veio quebrar as cadeias de nossos pecados. Parece-vos que é dia de alegria?

Esta semelhança que disse ouvistes na *lição* do Profeta Isaías (1) *, que vos foi lida na Missa do Galo. O qual começou por dizer assi: — *O povo que andava em trevas viu ũa grande luz; e aos que moravam na região da sombra da morte, lhes nasceu ũa grã claridade.* Porque esta noite *um minino nos é nascido, e um filho nos é dado, cujo principado e império será eterno, e chamar-se-á por estes nomes: Maravilhoso, Conselheiro, Deus, Forte, Pai da outra vida que há-de vir, Príncipe de paz.*

Também na *oração* da mesma missa se toca a dita comparação, dizendo assi a Santa Madre Igreja ardentìssimamente: — *Deus, que esta sacratíssima noite fizeste esclarecida com o nascimento da verdadeira Luz, dá-nos, pois na Terra conhecemos o mistério desta luz, que também no Céu gozemos de seus prazeres.*

As maravilhas desta clara noite excedem todas quantas viram os antigos Servos de Deus: porque, como diz um Santo, os nossos padres antigos muitas e grandes maravilhas de Deus viram. O Céu lhes orvalhou manjar de Anjos pera seu mantimento (2). O Mar Roxo se lhes abriu em carreiras pera que pudessem passar a pé enxuto (3). O rio Jordão se retirou pera a fonte donde nascia para lhes dar livre passagem (4). Os muros fortíssimos da cidade de Jericó caíram sùpitamente a som de trombeta (5). O Sol se deteve no Céu per um grande espaço sem se mover, pera que o povo de Deus, que pelejava contra seus inimigos, acabasse de os destruir (6). Estas e outras maravilhas viram: mas não lhes foi dado ver a verdadeira Luz Eterna, coberta com a nuvenzinha de carne de minimo e posta em um presépio por amor de nós.

(*) No *Rito Bracarense*. Também no *Rito Dominicano* há as duas lições, Antigo e Novo Testamento.

(1) Isai. 9,2-7.—(2) Ex. 15,4.—(3) Ex. 14,16.—(4) Cf. Psal. 113,3. —(5) Jos. 6,20; Hebr. 11,30.—(6) Josue 10,13.

Por isso apareceu luz aos pastores esta noite passada, e ouviram cantigas e danças de Anjos que diziam: — *Glória em as alturas a Deus, e na terra paz aos homens de boa vontade* (7). Que quer dizer: Quietação e prosperidade eterna aos homens que têm vontade pronta pera aguardecer a Deus tão grandes mercês, e desejam de verdade servi-Lo e fazer-Lhe a vontade por tão grandes benefícios.

E, por isso, a Santa Madre Igreja, neste dia, cheia desta prontidão de vontade, e zelo de louvar e servir o Senhor, não sabendo que lhe oferecer exteriormente por tantos extremos de dões e mercês, determinou de fazer ũa grande novidade, que é oferecer-lhe três vezes sacrifício daquela Carne e Sangue em que Ele nasceu e padeceu por amor de nós, sabendo que não tinha outra cousa que oferecer nem mais alta nem mais grata. Nas quais três missas nos quer representar três nascimentos do Filho de Deus, *scilicet*, o nascimento eterno do Padre, o nascimento em nossa carne da Virgem, e o nascimento em nossas almas per graça.

A primeira Missa, que se diz à meia-noite, nos traz à memória o primeiro nascimento, começando, no princípio, com aquelas palavras que David (8) disse da geração do Verbo Eterno, que são: — *O Senhor me disse, Tu és meu Filho: eu hoje te gerei.* Que quer dizer: Eu te gerei de minha substância eternalmente ou em dia de minha eternidade.

E com rezão se celebra esta Missa de noite, não sòmente porque o Senhor da Virgem nasceu de noite, mas porque também o nascimento eterno do Padre está mui escondido e escuro pera nossos entendimentos: que, ainda que ele seja claríssimo procedendo *a luz da luz, e Deus verdadeiro* (9), a fraqueza de nossa vista não pode fitar os olhos em tão infinita luz, mas com firme fé cremos e confessamos, dizendo em todos os domingos e festas principais: *Creio em Jesu Cristo, Filho de Deus, unigénito, nascido do Padre eternalmente, Deus de Deus, lume de lume, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado e não feito, de ũa mesma substância com o Padre; pelo qual toda-las cousas foram feitas* (10).

---

(7) Luc. 2,14. — (8) Psal. 2,7; cf. Act. 13,33; Hebr. 1,5 e 5,5. — (9) Símbolo de Niceia. — (10) Ibid.

Na segunda Missa, que é a da alva, representamos quando nasce em nossa alma, infundindo-nos a luz de Sua graça. E, por isso, começamos esta Missa dizendo ([11]): — *Luz resplandecerá hoje sobre nossas almas, pois nos é nascido o Senhor.*

E na *oração* dizemos assi: — *Deus todo poderoso, dai-nos que, pois que com a nova luz do Verbo Encarnado somos alumiados e consolados, em nossas obras apareça o que por fé em nossas almas resplandece.*

Do nascimento em carne da Virgem fala a Santa Igreja nas primeiras palavras da Missa do dia (do qual também falou nos evangelhos das duas primeiras), dizendo ([12]): — *Um minino nos é nascido e um filho nos é dado, cujo império e principado será eterno, e o seu nome será anjo de grande conselho.*

E, por isso, como David ([13]) nos amoestou tantos anos há: — *Cantai ao Senhor cantiga nova, pois fez tão grandes maravilhas.*

E, se quereis saber, diz a Santa Madre Igreja, que Minino é este que nos é nascido, e que Filho é este que nos é dado, diga-o aquela trombeta do céu, aquela divina águia, S. João Evangelista, que começou seu Evangelho, dizendo ([14]): — *No princípio era o Verbo, e o Verbo era acerca de Deus, e este Verbo era verdadeiro Deus.*

Irmãos, não curemos de entrar neste pego e abismo de luz. *Quem falará de geração eterna?* ([15]). Quem poderá declarar como o Padre eternalmente produziu ũa imagem viva de Sua substância, de Sua natureza, igual a Ele em majestade, bondade, poderio e sabedoria? Não nos é dado, irmãos, penetrar este segredo senão agardecer o lume de Fé com que O cremos, e pasmar de Sua bondade e benignidade, que, por amor de nós, esta imagem e Verbo Eterno se vestiu de nossa carne e nasceu hoje nela,, assi como diz o santo Evangelho ([16]): — *Verbum caro factum est, et habitavit in nobis.* Que quer dizer: *O Verbo eterno tomou nossa carne, e conversou conosco.*

Deixando, pois, este nascimento eterno, digamos ũa palavra do

([11]) Is. 9. — ([12]) Is. 9,6. — ([13]) Psal. 97,1. — ([14]) Joan. 1,1. — ([15]) Cf. Is. 53,8; Act. 8,33. — ([16]) Joan. 1,14.

temporal, que nos contou S. Lucas ([17]), dizendo: — *Que, indo a Virgem sagrada com seu esposo, José, a Belém pera cumprir o mandado do Imperador romano, que mandava que todo-los seus vassalos se fossem às cidades donde foram naturais seus avós, pera que ali fossem escritos e matriculados. E porque a Virgem era da linhagem de David, que fora natural de Belém, foi-lhe necessário ir-se a Belém.* E tudo era divinamente ordenado, porque profetizado estava ([18]) que o Salvador do Mundo havia de nascer em Belém. *De maneira que, estando a Senhora na cidade ou arrabaldes de Belém,* em ũa pobríssima casa, que mais servia de morada de bestas que de homens, *ali se cumpriram os dias de seu parto, e pariu seu Filho primogénito,* e unigénito, e o *envolveu em cueirinhos pobres e o reclinou no presépio, porque não tinha outro lugar mais acomodado naquela pousada.*

E naquela comarca de Belém, diz o Evangelista, *estavam uns pastores velando os quartos da noite sobre seu gado, aos quais apareceu um Anjo que esteve junto deles, e a claridade de Deus resplandeceu sobre eles. Polo que, temendo com grande medo, lhes disse o Anjo: — Não temais, eu vos denuncio ũas novas mui alegres, que consolarão todo o mundo, que hoje vos é nascido o Salvador, que é Cristo Senhor, em a cidade de Belém. I lá, e, por sinal, achareis um Menino envolto em cueiros, e posto em um presépio.*

Que vos parece que mesturas são estas? De ũa parte, casa de bestas, manjedoura, choros de menino, cueirinhos pobres. Doutra, Anjos, lume do céu que tornou a noite clara como o dia, cantigas angélicas, nova estrela que foi chamar os Reis Magos. Coteja, diz um Santo, as misérias com as grandezas, e conhecerás quem é este nascido. Se desprezas o presépio, os Anjos e a luz dão testemunho que é Deus verdadeiro aquele que tão vil berço escolheu. Se estranhas as lágrimas do Menino e choros, ouve as cantigas que os Anjos dizem em seu louvor. Se o desestimas pola vileza dos cueiros, levanta os olhos ao céu e verás que as estrelas o servem, e ũa criou de novo e a mandou por embaixador a uns Reis e sabedores que O viessem

---

([17]) Luc. 2,5-12. — ([18]) Mich. 5,2.

adorar. Se te espantas como Deus verdadeiro quis nascer em presépio e em morada de bestas, entende o mistério que tudo são invenções da misericórdia de Deus para tua salvação. Justo era que nascesse em lugar de alimárias aquele que vinha buscar homens carnais e bestiais na vida, pera deles fazer anjos nesta vida e na bem-aventurança.

Temias de te achegar a Deus, afrontado e confundido de tua vida bestial? Vai, não temas, porque pera isso nasce em lugar de bestas, pera que tu, animal e bestial na vida, não arreceies de te chegar a Ele. Vai-o comer, que no presépio o acharás. Se ategora te deleitavam os manjares e deleites dos cavalos e porcos, enjeita-os agora, vai comer este Menino per fé e amor, e esprementarás quão doce é aquele presépio, quão ricos são aqueles cueirinhos, quão dourados estão aqueles paços.

Não celebres a festa de Seu nascimento em carne, sòmente com recreações da tua carne. As iguarias daquela pousada, em que está, todas são espirituais e altas. Procura algum gosto delas, porque doutra maneira debalde te chamas cristão. Assenta no meio de teu coração aquelas abrasadas palavras que S. Paulo te disse na *Epístola* da Missa do Galo e cuida nelas e amolentar-te-ão e inflamar-te-ão por duro e frio que sejas. *Apareceu,* diz ele ([19]), *em este dia a graça de Deus, nosso Salvador, a todos os homens, ensinando-nos que, despidindo de nós toda a ingratidão e desconhecimento de Deus, e assi todo--los desejos terreais e carnais, vivamos neste mundo temperada, justa, e piamente: esperando a bem-aventurada esperança e a segunda gloriosa vinda ao Juízo do grande Deus e Salvador nosso, Jesu Cristo, que deu a Si mesmo por nós, pera que nos remisse de toda a maldade, e nos fizesse povo limpo, aceito a Deus e seguidor de boas obras.*

Qual seria que, cuidando nestas palavras, não se alimpasse nesta festa com inteira e verdadeira confissão, pera que em o Santíssimo Sacramento recebesse este Menino Deus por nós nascido? Por isso, irmãos, polo mesmo Senhor vos rogo que, se até hoje o não fizestes, o façais nestas oitavas ou até dia de Reis, porque tenhais quinhão nas mercês que eles receberam deste nascido.

([19]) Ad Titum, 2,11-14.

PRÁTICA

na Festa da Circuncisão do Senhor

Começamos hoje ano novo: e não sei se entendeis que quer dizer ano novo. Não é outra cousa começar ano novo, senão começar o Sol a dar ũa volta nova. Porque haveis de saber que, além das voltas que cada dia dá, dá outra própria em o céu em que está: a qual é vagarosa, e gasta nela um ano. Não vos digo isto pera vos querer ensinar estas estrologias agora, mas pera vos trazer à memória a verdadeira filosofia necessária a vossa salvação, que é conhecerdes a mutabilidade e vaidade de vossa vida corporal, a qual depende das voltas que o Sol dá, e per elas se conta. Se tens trinta anos de idade, quer dizer que tens vivido em quanto o céu do Sol deu trinta voltas. Ai de ti se teu espírito também anda às voltas como anda teu corpo e as mais cousas corporais, e não está fixo no eixo da eternidade! Ai de ti se não entendes como, em tua vil e mudável carne, pôs Deus um espírito eterno e imortal, mais alto e nobre que o Sol e todos os céus, pera que, alevantando-se e trespassando toda-las cousas sensíveis e mudáveis, se arrimasse e pegasse, por conhecimento e amor, na eternidade de Deus, e traçasse as obras da vida corporal conforme a Sua vontade e lei. David disse [1] que *a confissão do Senhor era*

---

[1] Psal. 148,14.

sobre a terra e sobre os céus. E quer dizer, que o coração alevantado com fé, amor, e louvor de Deus, está sobre todo-los corpos terreais e celestiais.

E dos homens, cujos corações andam metidos na terra, disse ([2]), *que andavam em derredor,* sujeitos às voltas e mudanças das cousas temporais. E, por isso, todo-los seus trabalhos são em vão, assi como vãmente se cansa quem anda ao derredor, porque torna onde começou ser ir por diante. Por tanto, irmãos, ainda que nossos corpos cada dia tenham muitas mudanças e dêem muitas voltas, segundo a variedade dos tempos e acontecimentos, nossos espíritos estêm fixos em o seu centro, que é Deus eterno.

Costumais, neste dia, saudar-vos, dizendo: *Deus vos dê muitos anos e bons.* Muitos não podem eles ser, por muito que trabalheis de estender a vida; e ainda que fossem cento, e mil, comparados à eternidade do outro mundo, ficam ũa hora. Quanto a bons, em vossa mão está serem bons ou maus: porque não se dizem os anos bons por serem prósperos e de bonança, senão porque servem para chegar a bom fim ou a bom porto no cabo deste caminho, assi como dizemos um caminheiro ou ũa nau fazer boa viagem quando chegou com saúde onde desejava.

Pois sabido está que todo o tempo de nossa vida não é outra cousa senão um contínuo caminhar ou navegar pera o porto da cidade celestial. E, por isso, só aqueles se hão-de chamar bons dias ou bons anos, em que o homem pujou algũa cousa no caminho do Céu; e aqueles são maus e mal-aventurados anos que o homem gasta errando fora deste caminho, e muito mais se haviam de sentir e chorar do que sente o caminheiro ou piloto que errou sua viagem. Maldito seja, diz o Profeta Isaías ([3]), o moço de cem anos, que, tendo cem anos de idade, não tem mais andado no caminho do Céu que um menino. E menos mal seria não ter andado, como menino hoje nascido. Mas ai do triste velho que toda a vida gastou em desandar e fugir de Deus, gastando todos seus cuidados e pensamentos nas vaidades e torpezas

---

([2]) Psal. 11,9. — ([3]) Cf. Is. 65,20.

deste mundo! Polo qual, em o Salmo (4) se comparam tais anos a anos de aranha. Porque, assi como a aranha se desentranha, e gasta sua substância e trabalhos em fazer ũa vil teia pera caçar outra mais vil prea, assi o triste do pecador emprega todo-los seus sentidos e potências de sua alma pera alcançar um vil interesse ou deleite.

Pois quais são logo bons anos? O santo Evangelho, em poucas palavras, no-lo declara. Em o qual nos conta o glorioso Evangelista S. Lucas (5) que, *hoje, oito dias depois do nascimento do Menino Deus, foi circuncidado e lhe foi posto nome Jesus, que quer dizer Salvador*. Em o qual nos é ensinado que aquele é o bom ano em que temos por alvo e fito de todas nossas obras o negócio de nossa salvação. O qual então cumpriremos, quando trabalharmos de circuncidar toda-las demasias e superfluidades dos sentidos de nossa carne e das potências de nossa alma.

Isto nos ensina o Senhor querendo ser circuncidado e chamado Salvador no primeiro dia do ano. E, por tanto, hoje nos havemos de determinar e esforçar muito pera que este ano, que vem, andemos alerta com o cutelo do divino amor na mão, pera cortar toda-las demasias que em nós há: circuncidando os olhos de ver cousas vãs ou perigosas; circuncidando as orelhas de ouvir más línguas que cortam polo honra de Deus ou dos próximos; e assi também a língua e toda-las palavras desordenadas, e também o gosto e tacto dos torpes ou demasiados deleites. E, sobretudo, circuncidando nosso coração de maus desejos e pensamentos, como o Senhor nos amoesta per Jeremias (6), dizendo: — *Circuncidai e tirai a sobegidão de vossos corações, se quereis que se não ateie em vós minha ira.*

Dize, porque não circuncidarás as demasiadas concupiscências e viços de tua revel carne, pois o Deus Menino circuncida hoje sua inocentíssima carne por amor de ti? Já começa de lançar ũas gotinhas de sangue pera te lavar; já aquele saquinho, que trazia o preço com que havíamos de ser comprados e remidos, se começa de romper, e começam de sair as moedas de ouro de infinito valor. Porque, como diz

(4) Psal. 89,9. — (5) Luc. 2,21. — (6) Jer. 4,4.

Santo Agostinho, vestiu-se o Filho de Deus de nossa carne como de um saco em que trazia o dinheiro com que nos havia de resgatar, que era Seu preciosíssimo Sangue. E hoje, estando ainda o saquinho tão pequeno e tão tenro, se deu um golpe nele, e começou de correr aquela celestial moeda e divino Sangue, do qual ũa só gota bastava pera resgatar todo mundo, e mil mundos.

Certo não quadrava áspero cutelo à sacratíssima carne do Menino Jesù. À tua, à tua revel e inimiga da alma, convinha cutelo duro de ferro ou de pedra. Mas o misericordiosíssimo Menino somete-se ao cutelo, e desobriga-te dele, livrando-te do pesado jugo do sacramento da circuncisão e, em seu lugar, te ordenando o fácil e frutuoso lavatório do Sacramento do Bautismo.

Pode ser mais benignidade e humanidade, desobrigar-te do remédio do pecado, que era mais penoso e menos proveitoso, e dar-te outro nada penoso e grandemente proveitoso? E, portanto, a santa Madre Igreja, na *Epístola*, nos diz estas palavras (7): — *Irmãos, considerai como apareceu a benignidade e humanidade de Deus, nosso Salvador, o qual, não por justas obras que nós houvéssemos feito, mas por Sua misericórdia, nos fez salvos mediante o lavatório da regeneração e renovação do Spírito Santo, o qual derramou sobre nós, copiosamente, per Jesu Cristo, nosso Salvador, pera que justificados por Sua graça, sejamos herdeiros e tenhamos certa esperança da vida eterna em Cristo Jesu, nosso Senhor.*

Diz o Evangelista que, circuncidando o Menino, lhe puseram nome Jesu. Ó nome bendito, diz S. Bernaldo (8), ó nome suavíssimo É mel em a boca, é doce melodia no ouvido, é prazer inestimável no coração. Qual é aquele que, estando triste, desconsolado, lembrando-se do nome Jesu, se não consola e conforta? Se me escreveres, diz o Santo, não me será sabrosa tua carta, se não ler aí o nome de Jesu. Praticando comigo, não gostarei do que me disseres, se não

(7) Tit. 2,11-15. — (8) Ser. II super Cant.

soar aí o nome de Jesu. Caindo algum em gravíssimo pecado, e estando tentado de desesperação de perdão, se chamar por este nome de vida, como não respirará à vida? Este nome despede de nosso coração toda a dureza, todo torpor, rancor, e azedia espiritual.

Pois, irmãos, se até agora não fostes tão devotos deste saudável Nome, daqui por diante o sede muito, nomeando-O muitas vezes com confiança e fervor de amor. Lembre-vos o que diz S. Paulo (9), que *ninguém pode dizer, Jesus, senão movido polo Espírito Santo.*

Polo qual, finalmente, aqui convém tornar-vos à memória o que tenho tratado no Segundo Mandamento, da reverência que haveis de ter ao nome de Jesu, e a qualquer outro nome de Deus, e também de Seus Santos, e quanto haveis de fugir de os pronunciar desacatada e injuriosamente, como fazem os malditos e perversos juradores, cujas soberbas e agudas línguas chegam té o céu a cortar pola honra de Deus, enchendo sua boca de *Juro a Deus, Voto a Deus, Por Deus, Polos Evangelhos, Por Nossa Senhora, e Santos,* ou mintindo, ou jurando verdade vãmente e sem necessidade.

E já sabeis que, pera remédio deste abominável costume, se ordenou a santa Confraria do Nome de Deus, cuja festa hoje se celebra. Polo qual vos encomendo muito que vá em crecimento, e cumprais as regras da dita Confraria, e vos prezeis muito de procuradores da honra do Nome de Deus.

Desta matéria não é necessário dizer mais, porque o Reitor da Igreja terá cuidado de repetir neste dia a doutrina escrita sobre o Segundo Mandamento.

---

(9) I Cor. 12,3.

PRÁTICA

em a Festa do Aparecimento do Senhor aos Reis Magos

Celebramos hoje aquele glorioso dia em que Deus Menino, por nós nascido, foi amostrado e descoberto aos gentios, treze dias depois de Seu nascimento. Porque, assi como, no mesmo dia em que nasceu, se quis manifestar aos Judeus, descobrindo Seu nascimento per um Anjo a uns simpres pastores que foram as primícias do povo judaico, assi também se quis manifestar a estes três príncipes e sabedores, chamando-os per ũa estrela como mensageiro e embaixador seu, e per ela os guiando, pera O virem adorar e conhecer por Rei, como primícias ou primeira fruita do povo gentio. Polo que esta festa é particularmente de nós-outros que procedemos da gentilidade, e nela devemos ter singular alegria e alvoroço, lembrando-nos a cegueira e trevas em que viveram nossos antepassados, e os tesouros de misericórdia que Deus nos descobriu, trazendo-nos à luz do Evangelho e caminho da salvação. E, portanto, em o ofício desta claríssima Festa, se fala tantas vezes em luz e resplendor e livramento de trevas, pera que, cotejando nós as trevas em que viviam nossos avós com a luz que nos foi amostrada, demos com grande fervor graças a Deus, e procuremos viver santamente, e fazer obras claras conformes ao lume de Fé que em nossa alma resplandece.

E logo ontem, na Oração da Vigília, a santa Madre Igreja começou de nos aparelhar para recebermos e sentirmos a claridade desta festa, dizendo a Deus desta maneira: — *Senhor, pedimos-vos que o resplandor desta festa que vem, alumie nossos corações, pera que, com ele, careçamos das trevas deste mundo, e venhamos ter à pátria da claridade eterna.*

E na *Oração* que hoje ouvistes à Missa, torna a pedir o mesmo lume, rogando assi: — *Ó Deus, que neste dia descobristes Vosso Unigénito Filho aos gentios per guia de ũa estrela, usai conosco de tanta misericórdia que, assi como neste mundo alumiastes nossas almas com o lume de Fé pera Vos conhecer, assi, partindo desta vida, nos deis lume de glória pera claramente contemplarmos a infinita fermosura de Vossa Majestade.*

Também na *Epístola* desta festa o Profeta Isaías [1], com palavras mais ardentes que fogo, chama, assi aos Judeus como os gentios, que saiam das trevas dos pecados e errores, e venham a gozar desta luz nascida nas terras em carne humana, dizendo assi: — *Alevanta-te, Jerusalém, e vem ser alumiada, porque é vindo o Lume e Salvador que te era prometido. Porque ex aqui trevas e escuridão cobrirão os povos incrédulos e obstinados, mas em ti nascerá o Senhor, e Sua glória em ti será vista, e virão os gentios a ver tua luz, e os Reis a gozar do resplandor em ti nascido.*

A qual profecia claramente foi hoje cumprida nestes três Príncipes gentios que do Oriente vieram buscar a luz nascida em Belém, como nos conta S. Mateus no *Evangelho* [2]. Do qual, ainda que é tão rico em mistérios, ao presente não vos quero dizer mais, senão encomendar-vos que imiteis estes bem-aventurados Sabedores em duas cousas.

A primeira, no obediente e constante seguimento da estrela. Porque, assi como eles, estando em suas terras, tanto que, com os olhos corporais, viram aquela nova estrela que Deus criara no ar, e, juntamente com os olhos da alma, viram e sentiram a espiritual

(1) Is. 60,1-6. — (2) Matth. 2,1-12.

estrela e inspiração que os chamava pera irem buscar aquele novo Rei Menino nascido em Judeia, logo, despedida toda a negligência e preguiça, se puseram em tão longo e trabalhoso caminho, pera que merecessem ver o Rei dos Céus nascido nas terras, assim nós, tanto que sentirmos a estrela da inspiração divina, que nos chama pera a emenda da vida, pera buscar a Deus e andarmos pelo caminho do Céu e das vertudes, logo, cortando todo-los impedimentos dos afectos carnais e terreais, vamos após ela, não deixando sua guia até nos pôr na cidade celestial.

Não se escuse algum dizendo que, portanto, se não converte e alevanta de seu pecado porque não tem estrela que lhe mostre por onde há-de ir pera achar a Deus. Não fomente ũa, mas muitas estrelas te manda Deus cada dia a tua alma; mas tu não queres olhar por elas porque te deleitas viver em trevas e não queres olhar senão pera o que te manda tua corrupta e escura carne. Quantas vezes te Deus chama no coração, dizendo-te que te lembres quão perdida e contràriamente vives ao lume de Fé que recebeste e à profissão que no Bautismo fizeste, e quão estreita conta hás-de dar no dia da morte e do Juízo geral, e quão horríveis e penosas trevas estão guardadas pera os que não fazem penitência, e quanta luz e quanto descanso está aparelhado pera os justos ou penitentes, tantas estrelas te manda. E de cada ũa destas inspirações e estrelas darás conta. E, quantas mais forem, tanto o castigo será maior porque as desprezaste, assi como o Senhor diz por Salamão (3): — *Porque vos chamei e não quisestes vir, acenei-vos com minha mão e não quisestes olhar por isso, desprezastes todos os meus conselhos, e não fizestes caso de minhas repreensões; por isso, eu também me rirei no dia de vossa perdição e escarnecerei de vós quando vos vier o mal que temíeis.*

Portanto, irmãos, quando Deus enviar a vossas almas esta estrela, dizendo-vos no coração: — *Ó alma, ama-me, sirve-me,* não te engane o mundo nem a carne: fazei conta que vos são ditas as palavras que da *Epístola* vos disse (4), *scilicet: — Jerusalém, alevanta-te pera seres*

(3) Prov. 1,24-26. — (4) Is. 60,1.

alumiada. Ó alma que dormes em a noite de pecados, alevanta-te e alumear-te-á Cristo, e ficarás verdadeira *Jerusalém* (que quer dizer, *vista de paz)*, esprementando em ti quão doce cousa é a paz da consciência e a quietação e repouso da alma com Deus.

A segunda cousa em que haveis de imitar estes santos Príncipes, é na cordial adoração e oferta com que honraram o Senhor. Porque, como diz o Evangelista ([5]), despois que entraram em Judeia, desaparecendo-lhe a estrela, por divina dispensação, foram forçados entrar em Jerusalém; e espertaram aquela cidade que estava dormindo em sono de esquecimento do Salvador que lhe era prometido e nascido, começando pùbricamente perguntar: *Onde está Aquele que é nascido Rei dos Judeus?* ([6]) Quase dizendo: *Não perguntamos se é nascido, ou se é Rei dos Judeus, porque isto certìssimamente o sabemos; mas perguntamos polo lugar em que nasceu, porque a estrela que nos guiava nos desapareceu aqui.*

E deixada a torvação que desta nova teve o maldito Herodes e todo-los maus que viviam em Jerusalém, todavia ali polos Doutores da Lei foram informados que, se era nascido, não podia ser senão em Belém, porque assi estava profetizado ([7]). E, assi, partidos de Jerusalém para Belém, tanto que saíram da cidade, tornou-lhe aparecer a estrela, polo qual, grandemente consolados, se foram após ela até que se pôs sobre o telhado da pobre casa em que estava o Rei dos Céus. E porque claramente mostrava estar naquela casa o tesouro que buscavam, sem nenhũa dúvida chegaram à porta. E, tanto que viram aquele angélico rosto da Virgem Sagrada, logo sentiram que aquela Senhora era mais que creatura humana, e entenderam que bastava ver tal Mãe pera conhecer quem era o Filho. E, por isso, não estranharam a extremada pobreza, assi da pousada como dos ornamentos e alfaias e cueirinhos e berço de manjedoura; antes, alumiados per Deus, claramente entenderam que todas aquelas pobrezas e necessi-

([5]) Matth. 2,1-10. — ([6]) Matth. 2,2. — ([7]) Mich. 5,2.

dades eram ũas coberturas de todo-los tesouros celestiais e divinos. E, por isso, prostrados em terra, adoraram Deus vestido em carne de Menino, oferecendo-Lhe presentes de mirra, incenso, e ouro.

Assi nós, irmãos, ainda agora podemos participar e ser companheiros nesta ditosa romaria e santa adoração se, com humilde coração, interiormente prostrados, conhecermos nossas culpas, e, renunciando e avorrecendo toda a vida passada, nos entregarmos a Ele em servos perpétuos.

E, assi como os podemos imitar na oração humilde, assi o podemos fazer também nas ofertas, oferecendo-Lhe aquela mirra e incenso e ouro espirituais que Deus de nós quer. Excelente mirra é a mortificação de tua carne, a resistência de seus apetites, a penitência e castigo dela. Grande afronta é, estando teu Deus em carne de Menino tremendo com frio e cercado de tanta pobreza por amor de ti, não lhe ofereceres tu ũa pequena mirra e penitência de tuas culpas.

Também não te falta incenso cheiroso se o buscas diligentemente dentro em ti com ajuda do Senhor. O incenso é a oração feita com atenção e devoção: porque esta é a que sobe ao Céu como fumo, e cheira grandemente diante de Deus. Polo qual S. João disse [8], que o incenso era as orações dos Santos.

E, finalmente, se ofereceres mirra de penitência e incenso de oração devota, não te poderá faltar ouro de caridade e amor de Deus, que é a terceira oferta. E com rezão a Escritura [9] compara o divino amor a ouro: porque, assi como o ouro excede todo-los metais, assi o amor de Deus excede toda-las vertudes. Polo que dizia David [10], *eu vi qual era o fim de toda a perfeição, scilicet,* o mandamento do divino amor que é fim de todas as vertudes ainda que perfeitas. E, por tanto, demos quanto temos e a nós mesmos, negando em tudo nossa vontade por fazer a de Deus, porque assi alcançaremos este divino ouro, começando aqui de gozar da doçura do divino amor, pera que no Céu nos fartem dele.

---

(8) Apoc. 8,34. — (9) Cf. Prov. 8,11; Sap. 7,9. — Job. 28,15; — (10) Psal. 118,96.

PRÁTICA

no Domingo da Septuagésima

Nestes três Domingos que se seguem antes do princípio da Coresma, começa a santa Madre Igreja aparelhar-nos pera que diligente e ferventemente façamos aquilo pera que o sagrado tempo da Coresma se ordenou: que é fazer penitência de nossos pecados. E porque o princípio e principal motivo de um pecador emendar sua vida e fazer penitência polos erros passados, é conhecer e cair na conta quão grave e abominável cousa seja ofender a Deus e trespassar Sua lei e mandamentos, portanto, nestes três Domingos que vêm antes de Quarta-feira de Cinza, nos traz à memória aqueles três mui antigos pecados que os homens cometeram, e o grave castigo que por isso receberam ainda neste mundo.

O primeiro pecado foi de nossos primeiros Padres, Adão e Eva, polo qual a si e a nós lançaram em grandes misérias presentes, e em perdição eterna, se a Paixão do Filho de Deus nos não valera. E deste pecado e seu castigo se trata no Ofício deste Domingo.

No seguinte Domingo nos traz à memória o segundo pecado geral em que Deus compreendeu os filhos de Adão, que foi grande desenfreamento e corrupção no pecado da luxúria, polo qual, indignado, com geral dilúvio os afogou a todos (tirando oito pessoas) e destruiu o mundo.

No outro, que é de hoje a quinze dias, nos representa também outro pecado cometido em cinco cidades despois do dilúvio acabado e o mundo restaurado. As quais, polo mesmo pecado da carne e abomináveis torpezas que cometiam, foram com dilúvio de fogo, que sobre elas choveu, abrasadas e assoladas.

E estes três pecados e castigos nos traz a santa Igreja assi pera entendermos quanto havemos de fugir de ofender aquele eterno Juiz que não sòmente no outro mundo, mas também neste, tão àsperamente castiga quem O ofende, como pera nos induzir e persuadir que castiguemos e maceremos nossa carne, especialmente no sagrado tempo da Coresma que se chega, pois estes três pecados tão gravemente castigados por dar deleite à carne se cometeram ou por comer o que não convinha, ou por luxúria fora do matrimónio. Porque o demónio, com comer a fruita defendida, tentou nossos primeiros Padres, e polo deleite sensual veio sobre os carnais assi dilúvio da água como o do fogo.

De maneira que neste Domingo primeiro dos três que disse, em o Ofício das Matinas se trata da criação de Adão e Eva e das mais outras creaturas corporais que por amor deles foram criadas, e assi da perfeição, inteireza e imortalidade em que foram criados, e de quão pouco perseveraram em sua felicidade e inocência, deixando-se enganar do Demónio, caindo em soberba e desobediência mortal, e por isso, lançados do Paraíso Terreal neste desterro em que vivemos, ficando sujeitos com todos seus descendentes à morte e a toda-las mais penalidades que esperementamos. Per cima de tudo, lançados da bem-aventurança celestial e condenados à morte e penas eternas se o Sangue do Salvador do mundo nos não remira. Polo qual a santa Madre Igreja em pessoa de todo o género humano, começa hoje o *Ofício* da Missa chorando e pranteando o pecado de Adão e Eva e de todos seus descendentes, e as penas e castigos em que por isso encorreram, dizendo assi [1]: — *Cercaram-me os gemidos de morte, e as dores do inferno me rodearam, e em minha tribulação*

(1) Psal. 17,5-7.

chamei o Senhor e ouviu minha voz do seu Céu santo. Portanto a ti amarei, ó Deus, minha fortaleza, minha firmeza, meu livrador e meu socorro. Este é o intróito da missa e esta é a causa por que neste Domingo se deixa a Aleluia, que é canto de alegria, e não se torna a dizer até véspora de Páscoa.

E na *Oração* da mesma Missa confessa a santa Igreja que todos estes castigos que Adão e seus filhos receberam e recebem por seus pecados, são mui justos e merecidos, mas que a divina Misericórdia vença nossos merecimentos, dizendo assi: — *Ouvi, Senhor, piedosamente os rogos de vosso povo, pera que, assi como somos justamente afligidos por nossos pecados, assi pera glória do vosso nome sejamos misericordiosamente livrados.*

E assi também na Epístola e Evangelhos nos traz doutrina mui a propósito pera não imitarmos as quedas e pecados de nossos primeiros Padres e todos os outros pecadores passados e presentes. E sumàriamente nos quer dizer que entendamos a condição do mundo e terra em que vivemos, e que saibamos que não somos lançados nela pera folgar e descansar e deleitar nossa carne, mas pera pelejar, pera trabalhar e ganhar coroa.

S. Paulo nos diz na *Epístola* que nascemos pera correr diligente e pròsperamente a carreira do Céu e mandamentos de Deus: e nos compara a homens que correm ũa carreira pera ganhar ũa jóia ou peça que está deputada pera quem milhor correr, dizendo assi (2): — *Irmãos, não sabeis que os que correm o parco em ũa carreira assinada, ainda que muitos corram, não todos alcançam a fogaça? Por isso, vede como correis o caminho do Céu e vida evangélica. Correi de maneira que não percais a jóia e coroa eterna.* Aprendei dos que correm pera ganhar algũa peça temporal: os quais, pera que possam milhor correr, refreiam-se de demasiadamente comer e beber e doutras cousas que lhe podem impedir a ligeireza da corrida. Quanto mais nós, que esperamos coroa eterna, nos havemos de refrear de toda-las carnalidades e vaidades que impedem nosso curso? E de mim podeis

(2) I Cor. 9,24-27; 10,1-5.

tomar exemplo: porque eu não prego as verdades do Evangelho e vida cristã como quem açouta o ar, mas castigo meu corpo e o faço andar sujeito ao espírito porque me não aconteça que, prègando aos outros, me condene a mim.

O santo *Evangelho* o mesmo nos diz [3]: — Que não viemos a este Mundo senão a trabalhar e cavar na vinha de Deus. E nós-outros somos a vinha, e somos os trabalhadores e adubadores dela. A alma de cada um é ũa vide que lhe Deus entregou e encomendou que vigiasse sobre ela, e a cultivasse, podasse, e adubasse. Então podas a cepa de tua alma, quando cortas de ti os maus pensamentos e desejos e cessas dos maus propósitos, e quando quer que, com o podão da contrição e verdadeira confissão, cortas os pecados cometidos; e quando, cavando com a enxada do temor de Deus, fazes em tua alma cova de humildade, tirando o inchaço da soberba e dureza de coração, pera que, tendo o coração escavado e amolentado como terra fofa, se embebam nele as águas de graça e dões celestiais.

E assi também trabalhas de te empar e fortificar com a Cruz do Senhor, sustentando-te em tuas tentações e tribulações com a lembrança da Paixão do Senhor e exemplo dos Santos, pera que, arrimado a tais bordões, não caias nem se percam os cachos de boas obras que tua pranta der, mas fiquem sãos até deles se tirar o vinho precioso e doce da glória eterna.

E porque, sem particular ajuda de Deus, não podemos, por nossas forças, fazer este adúbio nas cepas de nossas almas, que são a vinha de Deus, portanto mostra o Senhor no Evangelho que, da Sua parte, não nos falta aquela ajuda que nos é necessária pera o tal trabalho e aparelho. Antes é o Senhor tão diligente em nos chamar e espertar a trabalhar nesta Sua vinha, que se compara no Evangelho a um homem Padre de grande família, que tem ũa grandíssima vinha que leva infinitos homens de cava, polo qual é forçado ir à praça

---

[3] Matth. 20,1-16.

muitas vezes a buscar jornaleiros, e assi sai pola manhã cedo e às nove horas, e ao meio dia, e às três despois do meio dia, e contra o sol posto. De maneira que nunca cessa de buscar trabalhadores, e mandá-los à Sua vinha quantos não enjeitam Seu chamamento.

O que quer dizer que é o Senhor tão diligente em chamar os homens pera o negócio de sua salvação, que em todas as idades os chama, e a nenhum enjeita, se quer fielmente trabalhar, ainda que seja a horas de sol posto, e que estêm no cabo da vida. A muitos chamou pola manhã cedo, que são todos os que conservaram a inocência bautismal e não pecaram mortalmente despois de bautizados. A outros chamou na mocidade; outros em meia idade; e outros na velhice. E prevaleceu e resplandeceu tanto Sua misericórdia, que muitos chamados tarde e despois de muitos pecados feitos, e tendo destruida a pranta de sua alma, vieram a trabalhar no cabo de sua vida tão fervente e inteiramente que se igualaram no prémio e galardão com os que toda sua vida foram santos.

Ora, irmãos, não estemos ociosos na praça deste mundo, porque não dos ociosos, mas sòmente dos trabalhadores, diz o Evangelho que receberam galardão. Não diz: *Chama os ociosos;* mas: *Chama os trabalhadores, e dá-lhe seu jornal.*

Ocioso vive neste mundo todo aquele que não negoceia o negócio de sua eterna salvação, ainda que ande mui ocupado e suado em todos os outros negócios: assi como por ociosos temos os meninos que se ocupam em fazer casinhas de barro, ainda que nisto cansem e suem.

Uma alma te entregou Deus, encarregando-te que procurasses sua salvação; não sejas néscio sandeu, sabe pesar o valor e importância dos negócios e põe maior diligência onde há mais importância e perigo. E, pois que não negas importar muito mais a salvação de tua alma que toda-las outras cousas, aqui põe a principal diligência, porque te não arrependas quando te não aproveitar.

PRÁTICA

no Domingo da Sexagésima

No Domingo passado nos propôs a santa Madre Igreja, com lágrimas diante dos olhos, quanto seja a nossa negligência e descuido em procurar e trabalhar por a salvação de nossas almas. E isto debaixo de semelhança de vinha mal cultivada e mal concertada. Ó cegueira espantosa! Que te entregou Deus tua alma como ũa espiritual cepa em que trabalhasses de dia e de noite, alimpando-a e adubando-a pera que finalmente desse vinho de bem-aventurança e deleites eternos: e tu vives toda a vida ocioso, não curas dela, mas deixa-la encher de espinhos e cardos, deixa-la destapada a quantas bestas infernais de pecados nela querem entrar!

E neste presente Domingo se pinta a mesma negligência nossa no negócio da salvação debaixo de outra semelhança e figura, *scilicet,* de terra maligna, na qual se não logra a semente que lhe lançam. E é a suma e sustância do presente Evangelho tão triste e dolorosa, que merece ser chorada com eternas lágrimas! Porque afirma o Senhor que, de quatro partes de doutrina e palavra de Deus semeada nos corações dos homens, as três se perdem e escassamente se salva a quarta. E isto não por falta da divina semente, mas por malícia da terra em que cai, como abaixo declararei.

Polo qual com muita rezão começa a santa Madre Igreja o

princípio da Missa deste Domingo com palavras chorosas e queixosas, pedindo ao Senhor remédio e socorro sobre tão grande dano e perda de doutrina celestial e das almas. E diz assi (1): — *Ó Senhor, espertai e acudi-nos. Porque dormis, Senhor, e nos desamparais, deixando-nos em nossas cegueiras? Porque nos virais o rosto e vos esqueceis de nossa tribulação? Ah! Senhor, que temos a alma pegada e grudada com a terra, e desapegada do Céu! Alertai-Vos pera nos ajudar e livrar.*

E porque se veja que seguir-se tão pouco fruito da Pregação da divina palavra não é por falta dos semeadores que Deus mandou ao mundo, mas por falta da mesma terra, propõe-nos a Igreja na *Epístola* um dos semeadores e pregadores da divina palavra, e assi as grandes diligências e trabalhos que nisso pôs, e as tribulações e perigos que sobre isso sofreu. E este é o Apóstolo S. Paulo, o qual diz de si na Epístola que ouvistes (2) que, por pregar e semear a palavra de Deus no Mundo, foi muitas vezes preso, muitas vezes açoutado, e muitas vezes em perigos de morte. *Cinco vezes,* diz, *fui açoutado dos Judeus, e, além destas, outras três vezes fui açoutado com varas; ũa vez apedrejado; três vezes alagado; ũa noite e um dia estive no profundo do mar; passei infinitos perigos, assi de rios como de ladrões e de maus homens; sofri muitos trabalhos, vigias, fome, sede, muitos jejuns, frio e nuez; sobre tudo isso, o cuidado e solicitidã de toda-las Igrejas. Quem foi nunca atribulado que eu com ele juntamente não padecesse? Quem foi algũa hora escandalizado que eu por isso me não doesse e queimasse? Deus e Pai de nosso Senhor Jesu Cristo sabe que não minto.*

Eis aqui os trabalhos deste divino semeador. Mas o fruito que se seguiu, quanto foi? Em quantas almas se logrou e veio a lume a doutrina que ouviram?

Polo que nos diz o santo *Evangelho*, podemos dizer: — *Oxalá a quarta parte da gente a que pregou o Apóstolo S. Paulo ou qualquer dos outros Apóstolos se convertera e salvara!* O que manifesta o Senhor por esta comparação: Diz S. Lucas (3) que, *ajuntando-se mui*

(1) Psal. 43,23-26.—(2) 2 Cor. 11,19-33 e 12,1-9.—(3) Luc. 8,4-15.

grande multidão de gente a ouvir pregação do Senhor, propôs ũa tal semelhança. Um semeador saíu a semear sua semente, e, semeando, ũa parte da semente caíu na estrada e caminho púbrico: e esta parte pisaram os caminhantes e comeram as aves, e assi nada dela veio a lume. E outra parte caíu em terra de lájea: e esta, ainda que nasceu, logo se secou porque não tinha humor. Outra parte caiu entre espinhas, e, nascendo, as espinhas juntamente com o trigo, afogaram-no. E a outra parte acertou de cair em terra boa e, nascendo, deu fruito cento por um. E diz o Evangelista que, dita esta semelhança, deu o Senhor um grande brado, dizendo: — *Quem tem orelhas de ouvir, ouça.* Como se dissesse: *Aquele ouça a quem Deus fez mercê que entendesse o que ouve.*

E, despois, declarou o Senhor em especial a seus discípulos esta comparação, dizendo-lhes desta maneira: — A vós, discípulos meus, que haveis de ser mestres do mundo, semeadores da divina semente, quero eu descobrir o segredo daquela semelhança que propus às companhas. E, na verdade, são ũas tristes novas, pera que, sabendo-as, vos apercebais a ter paciência na execução do ofício da pregação e não desmaeis nem quebreis, ainda que vejais pouco fruito de vossos trabalhos e pregações. Sabei que tanta é a corrupção da natureza humana, e tão revel é à divina vontade e lei, que à mor parte da gente se prega debalde a divina palavra, e nos menos faz verdadeiro fruito. E, primeiramente, entendei que, assi como aquela parte da semente que cai na estrada não se logra, assi há ũas almas que são semelhantes a estradas e caminhos púbricos, tão açoutadas e trilhadas de negócios e ocupações terrais em que andam todas embebidas, que a semente da divina palavra não acha nelas lugar em que se acolha. Porque, assi como o caminho trilhado não tem regos feitos, nem está a terra branda e fofa pera recolher dentro em si a semente, mas, por estar dura, a que nela cai fica à de cima e não pode penetrar dentro, e, por isso, ligeiramente é pisada dos caminhantes e comida das aves, assi a palavra de Deus que cai nas almas distraídas, devassas e endurecidas nos negócios do mundo e que não procuram de fazer regos em si pera recolher a divina doutrina, fàcilmente se perde nelas: por-

que ou as aves infernais lha tiram da fantasia, distraindo-as a outros cuidados, ou maus exemplos e conselhos dos que por este mundo passam, a pissam.

E não é de espantar que, não guardando o homem a divina doutrina no meio de seu coração, fàcilmente a perca e se esqueça dela, assi como fàcilmente se perdem todas as cousas mal guardadas. E, por isso, a alma que quer chegar ao fruito da salvação, é necessário que em si faça uns regos espirituais em que recolha as palavras de Deus, e com David ([4]) diga: — *Em meu coração, Senhor, escondi Vossas palavras e mandamentos pera que os guarde e não peque contra Vós.* E em outro Psalmo ([5]) dezia: — *Vossa lei, Senhor, eu a pus no meu coração, ou de minhas entranhas,* como outro texto diz ([6]). Como se dissesse: Minha alma não tem vossas palavras, à face de cima como estrada endurecida que não recolhe a semente que nela cai, mas está toda aberta e regada com desejos de entender e cumprir vossa vontade. E, por isso, vossos mandamentos e palavras tenho metidas no meio de minhas entranhas, não sòmente na memória, mas na afeição e contínua meditação. E, por isso, dezia em outra parte ([7]): — *Oh! quanto amei Vossa Lei, Senhor, que todo o dia não cuidava em outra cousa!*

E, por isso, vós, irmãos, que andais contìnuamente ocupados em os negócios deste mundo, procurai muito de não criar calos de dureza e frieza pera as cousas de Deus e de vossa salvação.

Disse mais o Senhor a seus discípulos que a segunda casta de homens, em que não faz fruito a palavra de Deus, são os inconstantes e mudáveis, os quais, dado caso que, no princípio, alegremente ouçam a doutrina de sua salvação, e comecem a viver segundo ela, e emendar sua vida, não perseveram nisso, mas, com qualquer tentação ou perseguição que sobrevém, logo deixam o bem começado e se

---

([4]) Psal. 118,11. — ([5]) Psal. 39,9. — ([6]) Cf. Jer. 31,33; Ad Hebr. X,16. — ([7]) Psal. 118,97.

tornam à vida primeira, de maneira que se seca neles a divina semente como trigo que de novo nascido se secou por falta de humor. E, por isso, são comparados à semente que caiu em terra de lájea, a qual não pode fazer firmes e fundas raízes, porque a terra é pouca, e, assi, qualquer réstea de sol basta pera a secar. Assi vemos muitos que, despois de ouvida ũa pregação ou feita ũa boa confissão, alguns dias têm mão em si, e parece que alegremente servem o Senhor; mas, sobrevindo ũa forte tentação ou ocasião pera pecar, logo são vencidos e tornam a cair. E nisso descobrem que a palavra de Deus e seu santo temor não tinha neles criadas raízes firmes e fundas.

Ó irmãos, entendei que só a vertude da perseverança é a que alcança coroa. Não está escrito : *quem bem começar ou quem bem aproveitar, será salvo;* senão: *quem perseverar até o fim, será salvo.*

A terceira e derradeira sorte de gente em que se perde a semente da divina palavra, são os que buscam deleites carnais ou riquezas, porque, como o Senhor declara, as riquezas e as deleitações da carne são as espinhas que afogam o trigo da divina doutrina que não venha a luz. E com rezão, diz S. Gregório, se chamam as riquezas espinhas, porque com os aguilhões dos cuidados, que consigo trazem, ensanguentam e espedaçam o coração do cubiçoso. E não com menos rezão se chamam também os deleites carnais espinhas, porque duramente picam e mordem a consciência, e afligem o espírito, além dos tormentos eternos a que obriga.

E, finalmente, a quarta parte da ditosa terra em que a divina semente se logrou, são as pessoas que, ouvida a doutrina, a retêm e conservam assi na memória como no amor, e por ela dão fruito com paciência e sofrimento. Grandemente nos encomenda o Senhor aqui a vertude da paciência e sofrimento, pois diz que sem paciência não é possível a divina doutrina gerar em nós fruito de glória eterna. Por isso, irmãos, se desejamos alcançar este fruito, armemo-nos de

paciência, pois não há-de faltar que padecer e sofrer enquanto neste mundo vivemos. E, portanto, o Senhor comparou Sua doutrina à semente que o lavrador lança na terra pera colher fruito, porque assi como aqueles grãos de trigo, que se na terra lançam pera deles se vir a fazer pão delicado e sabroso, é necessário que primeiro passem per mil mudanças e tormentos, assi tem Deus ordenado que não alcancemos fruito de salvação sem passar por várias adversidades e tribulações interiores e exteriores.

Na eira deste mundo, diz o Senhor (8), estão os bons e maus de mistura, como está na eira a palha com o trigo. E, como na eira assi a palha como o trigo são pisados com os pés dos bois, e ambos são comovidos e alevantados no ar, mas, porém, o trigo sofre e fica na eira, e a palha o vento a leva e a lança fora, assi neste mundo os verdadeiros cristãos, ainda que trilhados e perseguidos de muitos, e ainda que combatidos do demónio, carne e mundo, todavia não saem da eira de Deus, mas perseveram em fé, esperança e caridade. Mas os inconstantes e impacientes, leves como palha, com qualquer bafo de vento e tentação se saem fora da eira, perdendo ou a fé, ou a caridade. Mas virá o dia derradeiro, diz o Senhor, e apartar-se-á a palha do trigo, e a palha se lançará no fogo eterno, e o trigo se recolherá no celeiro celestial.

(8) Cf. Matth. 3,12.

PRÁTICA

no Domingo da Quinquagésima

Por quanto, na quarta-feira seguinte, havemos de começar o sagrado tempo da Coresma e penitência, quer-nos a santa Madre Igreja, neste Domingo, aparelhar para isso. E isto faz, ensinando-nos de que maneira havemos de fazer nossa penitência pera ser valiosa e aceita diante de Deus. E assi também incitando-nos e esforçando--nos a fazê-la.

Na Epístola nos ensina como o havemos de fazer, *scilicet*, que há-de proceder de caridade e amor de Deus e do próximo, sem o qual nem jejum, nem qualquer outra obra tem valor. E no Evangelho nos incita e esforça grandemente a castigar e afligir nossa carne por nossos pecados, trazendo-nos à memória a paixão de Nosso Senhor, porque ninguém pode começar verdadeira penitência sem especial favor e ajuda do Senhor todo poderoso: portanto, antes destas cousas, no princípio da Missa, afectuosìssimamente pede e implora a divina ajuda, dizendo assi: — Ó Senhor, sede meu defendedor, sede meu socorro e valhacouto pera que me salve: porque Vós só sois minha fortaleza e amparo, e por amor do Vosso nome me guiareis e esforçareis; porque em Vós só tenho posta minha esperança, confio que não ficarei corrido e afrontado no que espero.

Na *Epístola* nos ensina S. Paulo a excelência e valor da caridade

e como sem ela nenhũa cousa tem valia diante de Deus. E, portanto, se queremos que nossa penitência, jejuns, esmolas e orações valham algũa cousa, é necessário que proceda de espírito ou movimento da caridade, *scilicet,* que nelas pertendamos principalmente aprazer e contentar a Deus, e, juntamente com isso, estê a nossa vontade sã e limpa de todo ódio e rancor do próximo; porque, doutra maneira, nenhũa cousa valerão nossas obras diante de Deus. E começa o Apóstolo S. Paulo ([1]) decrarar isto, dizendo assi: — *Ainda que eu pregue em toda-las línguas e a todas as gentes, se o fizer sem caridade, nada mereço, mas fico feito semelhante a um sino,* o qual chama e esperta a gente sem sentir o que faz nem tirar disso proveito.

E assi também, ainda que tenha dom de profecia e conheça todo-los mistérios divinos, e saiba toda-las ciências, e ainda que tenha tão grande fé e confiança que com ela mude os montes de ũa parte a outra, se com estes dões não tiver caridade, fico nada. E dado caso que distribua toda a minha fazenda per pobres, e ainda que entregue meu corpo para arder em fogos, se isto fizer sem caridade, nenhũa cousa me aproveitará.

E porque entendamos que cousa é esta caridade de que fala, descreve-lhe as condições, dizendo ([2]) assi: — Se quereis conhecer que cousa é caridade, conhecê-la-eis polos efectos e fruitos que na alma em que mora gera, que são os seguintes: *A caridade* primeiramente *é paciente* e sofrida nas tribulações, e assi também sofre as franquezas e faltas dos próximos. *A caridade é benigna* e maviosa. A alma em que ela mora *não é invejosa, nem é vã, nem é soberba ou inchada, nem ambiciosa; nem nas cousas que faz tem respeito a si mesma, a seu proveito ou honra ou gosto,* senão à glória de Deus; *nem é provocada fàcilmente a ira; não é maliciosa ou suspeitosa; não folga com o mal, mas alegra-se com toda a verdade* e virtude: *tudo sofre, tudo crê* — mas não a todos; fàcilmente crê a quem deve dar crédito, como a Deus e à Igreja, etc. —; *tudo espera* da mão de Deus,

---

([1]) I Cor. 13,1-13. — ([2]) Ibid.

nem cansa de aguardar ainda que Deus tarde no remédio de seus trabalhos e necessidades.

E, finalmente, conclui que de todas aquelas três altíssimas e teologais vertudes, que são fé, esperança, e caridade, ela é a principal delas e assi de todas as outras vertudes. Ela só é a forma, a alma, e vida de todas, sem a qual são mortas. Ela só é a que endireita a intenção em toda-las obras vertuosas, pondo-lhe o verdadeiro fim e alvo a que hão-de atirar, polo qual, com ela, todas ficam vivas e resplandecentes, e, sem ela, todas ficam escuras e murchas. Pelo que, disse o Senhor ([3]), se o teu olho, *scilicet,* a tua intenção, for pura e limpa, toda-las tuas obras serão claras; e se a intenção for viciosa e corrupta, todas as tuas obras serão escuras.

A qual pureza e rectificação da intenção, só a caridade a faz. Por isso, irmãos, nesta arreigados e fundados, comecemos a fábrica de nossa penitência, endireitando nossa intenção por ela, e dizendo com verdadeiro coração: — Eu quero esta Coresma castigar minha carne, e emendar minha vida, e ocupar-me em santas obras por amor d'Aquele Senhor, o qual eu, devendo sobre tudo amar e servir, ofendi e desobedeci.

E porque não basta ter boa vontade e boa intenção pera fazer penitência, mas é necessário animosamente lançar mão à obra e execução; porque muitos, tendo boa vontade e intenção, afloxam e enfraquecem na execução, por tanto, a santa Madre Igreja, despois que, na Epístola, nos ensinou a endireitar a intenção, no *Evangelho* nos incita eficazmente a começarmos com grande fervor penitenciar e afligir nossa carne, trazendo-nos à memória, sumàriamente, a morte e paixão do nosso Redentor, a qual é o mais forte argumento que se pode trazer pera amolentar nossa dureza, pera aquentar nossa frieza, e pera despertar nossa negligência. Diz o glorioso Evangelista S. Lucas ([4]) que, subindo, um dia, nosso Salvador pera a cidade de Jerusalém, tomou de parte os seus doze discípulos e lhe descobriu o segredo da morte e paixão que havia de sofrer em Jerusalém. E disse-lhe

---

([3]) Matth. 6,22; Luc. 11,34. — ([4]) Luc. 18,31-43.

desta maneira: — *Ex aqui agora subimos pera Jerusalém e nela se cumprirão em Mim todas as cousas que os Profetas escreveram. Serei entregue pelos Judeus aos gentios, e serei escarnecido, e açoutado, e cuspido, e despois que me açoutarem, matar-me-ão, mas, ao terceiro dia, resurgirei.*

Se estas novas, irmãos meus, não bastam pera renunciardes e deixardes torpes deleites e vaidades, não sei que poderá bastar. Se isto vos não obriga a macerar e castigar vossa carne polos desonestos e perversos contentamentos que lhe destes, não sei que outra cousa vos possa a isso obrigar. E, por isso, a santa Madre Igreja quis pôr esta lembrança na frontaria deste sagrado tempo como a mais furiosa bombarda que tem pera combater a dureza de nosso coração, sabendo certo que, se a memória e consideração da paixão do Senhor não nos quebra o coração pera deixar de pecar e pera, polos pecados feitos, penitenciar nossa carne, nenhũa outra cousa no-lo poderá quebrar.

Teve também respeito em acudir neste Domingo com Evangelho da paixão pera poer taxa à dissolução e demasia de comer e beber e outras vaidades em que muitos, que se chamam cristãos, se costumam ocupar neste Domingo e nos dous dias seguintes. Quer ver se lhe pode aguar seu maldito fervor com a memória da paixão do Senhor, e se, com a lembrança do fel e vinagre que, na Cruz, gostou por nós, pode, em algũa maneira, refrear as gulas e bebedices destes dias.

E, ainda que sumàriamente e em poucas palavras se trate aqui o mistério da paixão, contudo são elas profundíssimas e veementíssimas, e, consideradas, nos põem em grande admiração e pasmo. E pera que entendais que é assi, fingi que, estando todo o mundo junto em um grande campo, e não sabendo nada das traças de Deus acerca da salvação do género humano, viesse um profeta da parte de Deus, e lhe dissesse desta maneira: *Sabei que é chegado o tempo em que se hão-de cumprir toda-las promessas e profecias que foram escritas da glória e majestade d'Aquele grande Messias que Deus prometeu ao mundo e especialmente aos Judeus. Agora é tempo que aquelas gló-*

rias e triunfos, reinos e poderios que d'Ele estão escritos se cumpram e manifestem ao mundo. Dizendo isto, que vos parece que poderiam os ouvintes esperar? E estando todos assi suspensos, aguardando que lhe decrarassem a maneira como se haviam de cumprir estas grandezas e gloriosos triunfos profetizados do Messias, o tal profeta desse fim à sua embaixada, dizendo: — *Sabeis como se hão-de cumprir em o Messias toda-las glórias e grandezas profetizadas? Há-de ser escarnecido e cuspido como um sandeu. Há-de ser açoutado como um negro, e, finalmente, crucificado como um ladrão.* Parece-vos que teria aquela gente rezão de ficar pasmada, não tendo entendido os segredos e traças da divina sabedoria? Por isso acabai de entender, ó irmãos, que o melhor deste mundo são afrontas, deshonras e aflições, e que este é o caminho e a verdadeira escada que Deus ordenou pera subirmos às honras e deleitações eternas.

E, se ainda estais tão cegos que não vedes esta verdade, mas desejais muito as glórias e deleites deste mundo, ao menos conhecei vossa cegueira, e aprendei do cego de que, neste Evangelho, se faz menção, a pedir ao Senhor vista com muita instância e importunação e dizei: — Senhor, os olhos de minha alma estão cegos, porque não vejo qual é o bom e qual é o mau. Os falsos bens deste mundo me parecem verdadeiros e grandes, e os verdadeiros do outro não estimo nem desejo com eficácia, e por isso, alumiai meus olhos pera que veja as cousas como elas são: as vãs, como vãs, e as verdadeiras como verdadeiras, pera que, desprezando as vãs e amando as verdadeiras, mereça chegar à luz eterna.

PRÁTICA

no Primeiro Domingo da Coresma

Pois que este é o primeiro Domingo deste sagrado tempo penitencial que começamos, será cousa proveitosa ensinar-vos a traça e ordem que haveis de guardar em vossa penitência pera que seja aceita a Deus. Primeiramente convém decrarar-vos qual é o fundamento da verdadeira penitência, porque não aconteça que, edificando sem fundamento, caia tudo quanto edificarmos e fizermos. Polo qual haveis de saber que o fundamento e verdadeiro alicerce do jejum, e de todas as mais obras penitenciais, é mudança de nossa vontade: que pouco aproveitará mudarmos os manjares não mudando as vontades.

Mudança de vontade não é outra cousa senão determinar-se cada um consigo, mui devagar, e dizer com todo o coração: — Eu, até agora, vivi à minha vontade; daqui por diante determino viver à vontade de Deus. Até agora fazia o que me bem parecia e o que desejava; daqui por diante quero renunciar toda minha vontade e apetites e conformar-me com a vontade de Deus, só a ela tendo por regra e medida de toda-las minhas obras, palavras, e desejos, porque quem assi não endireita sua vontade, mas persevera nela torta e desobediente à vontade de Deus, quantas obras faz não são aceites a Deus, como craramente diz o Senhor polo Profeta Isaías. O qual diz que, aquei-

xando-se os Judeus porque o Senhor não aceitava seus jejuns, e os não livrava das suas tribulações, diziam assi ([1]): — *Senhor, se nós jejuámos, porque não olhastes com bons olhos pera nossos jejuns? E se nós nos humilhámos com obras de penitência, porque não atentastes para isto?* Respondeu-lhe o Senhor, dizendo ([2]): — *Porque no dia de vosso jejum permaneceis em vossa própria vontade.* O estámago jejua e a vontade fica em sua desobediência e contumácia.

De maneira, irmãos, que a primeira pedra que havemos de lançar nesse edifício de nossa penitência, é um quero mui determinado, *scilicet,* quero daqui por diante viver como cristão, e com o favor divino, guardar todo-los preceitos e mandamentos de meu Deus, quebrar e esmiuçar a dureza de minha vontade, resistindo a todo-los apetites que se nela alevantarem contra a vontade e lei de meu Senhor. E isto é o que cada dia pedimos na oração do *Pater noster,* dizendo ([3]): — *Senhor, faça-se na terra Vossa vontade assi como se faz nos Céus.* E David não cessava pedir ([4]): — *Senhor, ensinai-me fazer Vossa vontade.*

E pera esta mudança da vontade não vos pareça que há mister muito tempo, porque, suposta a ajuda do Senhor (a qual nunca falta), em um momento pode cada um mudar sua vontade, e dizer antre si: — *Eu quero daqui por diante o que Deus quer.* E, por isso, como vos disse, esta é a primeira cousa em que vos haveis de determinar.

E, posto este fundamento, a segunda cousa que haveis de fazer é entrar no deserto, como o Senhor fez, pera jejuar, como se diz no *Evangelho* do presente domingo. Não é outra cousa entrar no deserto senão meter-vos por dentro e recolher-vos convosco na câmara de vosso coração, e ali, diligentemente, escudrinhardes, e trazerdes à memória todo-los vossos pecados grandes e piquenos, interiores e exteriores, pera de todos vos doer e arrepender e deles fazer ũa inteira e verdadeira confissão, imitando o santo Profeta que dizia ([5]): — *Eu me pus a cuidar nos caminhos que andei, nas obras que fiz, e, achando*

([1]) Is. 58,3. — ([2]) Ibid. — ([3]) Matth. 6,10. — ([4]) Psal. 142,10. — ([5]) Cf. Psal. 118,1-16.

que em muitas me havia desviado de Vossa vontade e mandamentos, Senhor, tornei a endireitar meus passos em o caminho de vossos preceitos. E em outro Psalmo dizia (6): — *De noite me pus a cuidar comigo, e exercitava-me em varrer e alimpar o cisco de minha consciência.*

Isto fazia este santo Profeta em tempo que ainda Deus não tinha ordenado e mandado a confissão sacramental, quanto mais nós que somos obrigados pôr toda a diligência que em nós é pera fazer ao sacerdote confissão inteira de todos nossos pecados. Por isso, irmãos meus, se determinais de vos confessar, não por cumprimento senão de verdade e como é necessário pera a salvação de vossas almas, deste dia começai a entrar no deserto mental de vossa alma, trazendo à memória todas vossas culpas e sobre isso gastando muitas horas ou dias. E, despois de juntas as que vos puderem lembrar, trabalhai muito de ter desprazimento e arrependimento de todas elas não sòmente com medo do inferno, mas muito mais por amor daquele Senhor Criador e Redentor vosso, o qual, havendo de amar sobre tudo e servir, ofendestes e desprezastes. E assi, com os pecados cuidados e chorados, vinde aos pés do Sacerdote com aquela reverência, temor e confiança que iríeis aos pés do mesmo Senhor Jesu Cristo se dos Céus descera e estivera na vossa Igreja pera ouvir vossa confissão e vos absolver, vista vossa contrição; porque, neste alto sacramento, não haveis de atentar que homem é aquele a que vos confessais, senão quem representa e em cujo lugar está e por cuja autoridade vos absolve e perdoa vossos pecados.

E assi, mudada a vontade e feita ũa verdadeira confissão, convém perseverar em frutos de penitência, fazendo obras dignas de pessoa que professou vida nova e estado penitencial. E quais sejam estas obras nos decrara S. Paulo na *Epístola* do presente Domingo, dizendo assi (7): — *Irmãos, amoesto-vos que não recebais de balde a graça* e favor *que Deus vos oferece* neste sagrado tempo. *Este é o tempo aceito a Deus, mui aparelhado pera alcançardes* perdão de vossos

(6) Psal. 76,7. — (7) II Cor. 6,1-10.

pecados e *salvação de vossas almas*. E, por isso, o que haveis de fazer é, primeiramente, *não ofendendo nem escandalizando algũa pessoa pera que não seja vituperado nosso ministério, antes em tudo nos mostrando como ministros e servos de Deus, em muita paciência e sofrimento de tribulações, de necessidades, angústias,* e quaisquer outros trabalhos que o Senhor ordenar que venham sobre nós. E assi nos exercitando *em vigílias, e jejuns, em castidade, em procurar de saber o que convém a nossa salvação; aguardando com paciência o socorro da divina misericórdia,* ainda que se dilate; pondo nossa salvação sòmente na *suavidade que o Espírito Santo* comunica aos corações dos seus servos; com os próximos tendo *caridade não fingida, com todos falando verdade;* e, nas adversidades que nos acontecerem, confiando não em nossas forças senão no poderio e *vertude de Deus; andando armados de inteireza* e vigor assi *nas cousas adversas como nas prósperas,* passando por tudo sem cairmos ou pecarmos, passando *per honras e desonras, per boa fama e per má fama, ora nos tenham por enganadores ora por verdadeiros, ora desprezados, ora estimados, passando por perigos de morte, por açoutes; toda vida vivendo atribulados no corpo, mas sempre alegres no espírito;* nos bons temporais *pobres* e necessitados, *mas* nos espirituais *enriquecidos a muitos; nada tendo de nosso, e em tudo tendo o coração tão largo como se tudo fosse nosso.*

Esta é a doutrina da presente Epístola, em que o Apóstolo S. Paulo, em poucas palavras, nos pinta a vida e obras em que se hão-de exercitar os verdadeiros penitentes. Mas porque não pareça a algum deles que por mudar a vida e se exercitar em obras vertuosas está mais seguro das tentações e laços do demónio, tendo necessidade então mais que nunca de se aperceber pera elas, por quanto então o demónio o há-de combater mais amiude e fortemente; por tanto, no presente *Evangelho* se nos traz à memória o que aconteceu a nosso Capitão e Salvador [8]. O qual, despois que entrou no deserto e nele jejuou quarenta dias e quarenta noites, foi tentado e combatido do

(8) Matth. 4,1-11.

demónio. E quis o Senhor dar esta licença ao diabo pera o tentar, pera que com Seu exemplo nos ensinasse vencê-lo e desprezá-lo. E por isso quis ser tentado três vezes e em cousas em que ele nos costuma tentar.

Tentou primeiro ao Senhor dizendo (9) que, pois que morria de fome despois de tão largo jejum, que, *se era Filho de Deus, fizesse das pedras pão* e comesse. Esta é ũa tentação mui geral com que traz este tentador enganados a muitos, solicitando-os e induzindo-os a trabalhar muito polo mantimento e tratamento do corpo. Não se escusa comer, mas escusam-se tão demasiadas diligências como os homens fazem pera tratar bem e regalar seu corpo. Daqui vieram tantas invenções de iguarias, inventadas não pera conservação do corpo mas pera sua destruição. E, assi como o demónio aconselhava ao Senhor que fizesse milagre pera comer, assi aconselha aos gulosos e mimosos que inventem e façam espantosas e maravilhosas composições de manjares, as quais não tanto servem pera deleitar como pera apodrentar a triste carne que os come.

E, ainda que a tentação da gula seja contínua e prepétua, especialmente neste santo tempo, trabalha o demónio de nos combater per mil maneiras pera que caiamos em pecado de gula e quebremos a abstinência e jejum que nos é mandado.

Com os mais fracos e frios cristãos acaba o demónio que totalmente deixem o jejum, ainda que pera isso não tenham algũa legítima escusa, sòmente por mera gula e deleitação do comer.

A outros com qualquer leve achaque mete em cabeça que não têm disposição pera jejuar, ou que não podem escusar comer carne.

A outros que têm forças e desposição pera jejuarem toda a Coresma como são obrigados, faz-lhe parecer que não poderão com tamanha cárrega, e que bastará jejuar dous ou três dias na somana.

Com outros que comem sòmente ũa vez no dia de jejum, acaba que naquela vez comam o que houverem de comer em duas, fartando-se de maneira que nada sentem a aflição do jejum, nem sentem

(9) Matth. 4,3.

sua carne mais mortificada e quebrada nos torpes apetites que quando comiam duas vezes, e assi não alcançam o fim do jejum, que é reprimir os apetites carnais, e despor a alma pera a oração e santas meditações.

A outros vence e engana nas consoadas, acabando com eles que sejam tais que ficam em ũas ceias moderadas, sendo a verdade que nas consoadas não é lícito comer por comer, sòmente tomar um bocado de qualquer cousa como mezinha e remédio pera que o beber não faça dano à saúde corporal.

Finalmente, neste tempo e nos outros em que a Igreja manda jejũar, arma o diabo mais laços no negócio de comer e beber, porque nos traga a pecado mortal de desobediência aos mandamentos da santa Madre Igreja.

A segunda tentação com que o demónio tentou o Senhor foi de glória e favor popular: porque, como diz o santo Evangelista ([10]), levando-O a um alto eirado, que estava sobre o Templo, lhe disse que se lançasse dali abaixo e não temesse de perigar porque Deus mandaria Seus Anjos que O tomassem nos braços ([11]). E nisto parece que não pertendia outra cousa senão induzi-lo a apetite de fama e glória e louvores do vulgo, vendo todos que caía de tão alto sem lhe empecer.

Laço este com que o demónio caça muitas almas, pondo-lhe diante dos olhos quanto é pera estimar e desejar boa fama e opinião, ser louvado de todos. E isto pera que lhe faça perder todo o valor e merecimento das boas obras. Porque, assi como um pé de vento mete no fundo ũa nau que vem próspera e rica, assi o vento da vã glória lança a perder a alma com toda-las riquezas espirituais, quando, no que faz, pertende principalmente glória e louvor diante dos homens.

Por isso, irmãos, atentai muito que não leve o vento vossos trabalhos, vossos jejuns e vossas esmolas: e cuidai bem que não pode ser mor vileza e baixeza de coração que aquelas obras que não se podem pagar senão com o mesmo Deus, tomarmos por prémio e galardão delas o vento da glória mundana, a qual, além de incerta e incons-

([10]) Matth. 4,5. — ([11]) Psal. 90,11.

tante, é tão falsa que muitas vezes se louva o que se havia de vituperar, e se vitupera o que se havia de louvar.

O terceiro e derradeiro combate com que o demónio cometeu ao Senhor foi de cobiça de senhorios e riquezas: porque diz ([12]) que o levou a um monte alto, e, mostrando-lhe os reinos do mundo com toda sua glória e riquezas, lhe disse que tudo aquilo lhe daria se o adorasse. E porque nesta se atreveu o demónio dizer ũa palavra tão descortês contra Deus, pedindo ser adorado, não quis o Senhor que mais fosse por diante, mas, mostrando que o conhecia, o lançou de Si com áspera reprensão, dizendo ([13]): — *Vai-te daqui, Satanás, porque escrito está que sòmente o Senhor Deus há-de ser servido e adorado.*

Ao presente não quero tratar de quantos vassalos o demónio tem por esta via de ambição, de senhorios e poderios ou dignidades; bastará dizer ũa palavra sobre quantos tem ganhados não sòmente por vassalos, mas escravos, com a cobiça de riquezas e dinheiro.

S. Paulo ([14]) chamou a cobiça de riquezas idolatria: porque, assi como o gentio idólatra adora por Deus um ídolo de ouro ou de prata, assi o cobiçoso adora o dinheiro ou as peças de prata e ouro, e aquilo tem por seu Deus. Porque todos seus cuidados e diligências estão em o acrescentar e conservar: e, por isso, vende a alma mil vezes, caindo em muitos pecados mortais, e em suas alegrias ou tristezas todo depende e está pendurado deste seu Deus: porque, segundo o dinheiro se perde ou se ganha, cresce ou mingua, assi se muda seu coração de triste em alegre ou de alegre em triste. E, por isso, o Apóstolo S. Paulo com tanto eficácia amoesta os homens a fugirem esta cobiça, dizendo ([15]): — *Aqueles que pretendem enriquecer, caem em muitas tentações e laços do diabo, e em muitos desejos danosos e perniciosos que lançam os homens em perdição e morte eterna, porque a raiz de todo-los males é a cobiça pola qual alguns se enlaçaram em muitas dores e angústias, e cegaram-se tanto até que vieram perder a fé.*

E, concruindo esta prática, vos quero lembrar o que diz a divina

([12]) Matth. 4,8-9. — ([13]) Matth. 4,10. — ([14]) Eph. 5,5. — ([15]) I ad Tim. 6,9-10.

Escritura ([16]): que a vida do homem sobre a terra não é outra cousa senão ũa contínua tentação e guerra, porque Deus não nos lançou neste mundo senão pera nele nos tomar à prova, pera que, se pelejássemos varonilmente contra o demónio e a carne e o mundo, nos tomar por seus criados perpétuos e coroar-nos de glória e honra diante de Sua Majestade. E, sendo efeminados e vencidos nesta guerra, nos lançar no cárcere e fogo infernal. E S. João, assomando as tentações e combates que neste mundo padecemos, diz ([17]) que tão três, *scilicet:* cobiça de deleites carnais, cobiça de riqueza, e cobiça de honra, glória e excelência. E com estes mesmos cometeu o demónio a nosso capitão. Por isso, nós, sabendo já as armas com que nos comete, andemos alerta e nos esforcemos pera resistir e pelejar, porque está escrito que ninguém será coroado senão quem legìtimamente pelejar.

Neste Domingo e nos seguintes, também se leia a doutrina que acima fica posta quando tratámos do Sacramento da confissão.

([16]) Job. 7,1; 14,1. — ([17]) I Joa. 2,16.

PRÁTICA

no Segundo Domingo da Coresma

Prosseguimos este santo tempo da guerra espiritual, porque Coresma não é outra cousa senão um tempo especialmente deputado pera pelejar contra os inimigos da nossa alma, e particularmente contra nós mesmos: porque o homem não tem maior inimigo de sua salvação que a si mesmo. E, por isto, o principal exercício deste sagrado tempo há-de ser repugnar, contrariar e quebrantar nossas más inclinações e desejos, e a este intento se endenreça a doutrina que a santa Madre Igreja nos dá neste domingo, trabalhando de esforçar e acender nossos corações a pelejar fortemente esta celestial peleja té alcançar vitória.

E, porque isto principalmente depende da ajuda e favor da divina Misericórdia, por isso começa no *princípio* da presente Missa falar com o Senhor, pedindo-lhe Sua ajuda por estas palavras: — *Lembrai-vos, Senhor, da vossa Misericórdia e das mercês que sempre nos fizestes* (1); *não permitais que neste tempo nossos inimigos prevaleçam contra nós* (2), *mas livrai-nos de todas nossas angústias* (3). *Senhor, a Vós levantamos nossas almas, em Vós confiamos: por isso, não*

(1) Psal. 24,6. — (2) Psal. 24,3. — (3) Psal. 24,22.

fiquemos afrontados e confundidos (4), mas alcancemos o que pedimos, que é vitória contra nós mesmos.

E, na *Epístola*, o excelente Apóstolo e capitão do exército de Cristo, S. Paulo, nos exorta e excita a pelejarmos fortemente, e em especial contra dous vícios de que somos mais frequente e bravamente combatidos, que são luxúria e cobiça. E diz desta maneira (5): — *Irmãos, rogamos-vos muito em o Senhor Jesu Cristo que persevereis na doutrina que vos tenho ensinado de como haveis de contentar a Deus e viver à Sua vontade, e nisso aproveitando de cada vez mais.*

Primeiramente lembro-vos que vos tenho dito que a vontade de Deus é que sejais castos e limpos, e vos refreeis e aparteis de toda a fornicação e luxúria, e se contente cada um com sua legítima mulher, e ainda desta use moderadamente, com toda limpeza e honra, não pera satisfazer aos desordenados e torpes desejos, como fazem os gentios que não conhecem a Deus, e assi vos cavidando de todo o dano que a cega cobiça vos faz fazer aos próximos, levando-lhe o seu forçosa ou enganosamente: porque, como vos tenho dito, é testemunhado que todas essas cousas há o Senhor de vingar e castigar àsperamente.

No sagrado *Evangelho* (*) nos é ensinada e posta diante dos olhos a principal arma com que havemos de pelejar se queremos alcançar vitória assi contra a luxúria e cobiça como contra todo-los outros vícios. Esta arma é oração humilde e perseverada. E traze-nos o santo Evangelho (6) por exemplo, não algum grande santo ou santa, mas ũa mulherinha gentia, a qual, com perfiada e humilde oração, alcançou do Senhor quanto quis. E assi como, no domingo passado, em a contenda e disputa que o príncipe da soberba teve com o Senhor, ele ficou vencido, e nosso Senhor vencedor, assi, na disputa que hoje Ele tem com esta humilde e fervente oradora ainda que gentia, o Senhor se dá por vencido. Porque, como os Santos dizem, *a oração ou lágrima humilde vence Aquele que é invencível, e ata o todo poderoso.*

---

(4) Psal. 24,1-2. — (5) I Thess. 4,1-7.

(*) Segundo o *Rito Bracarense.*

(6) Matth. 15,21-28.

Conta-nos o Evangelista a história, dizendo: — *Que ũa vez, caminhando* o Senhor contra a comarca das cidades de Tiro e Sídon, que eram de gentios e infiéis, e aqui saíu daquelas partes ũa mulher, a qual, seguindo o Senhor, bradava após Ele, dizendo (7): — *Há misericórdia de mim, Filho de David: minha filha é muito mal, atormentada do Demónio.* Daqui aprendemos que não há terra ou gente tão danada e estragada donde se não ache algum bom espírito, qual foi Job em a terra de Hus, o qual confessa (8) que vivia antre homens semelhantes a dragões. E naquelas malditas cidades, que Deus com fogo do Céu abrasou, se achou um santo Loth (9).

Assi esta pobre mulher, antre os perversos cananeus, resplandeceu como rosa antre espinhas, tanto que a nós-outros é posta esta cananeia por mestra da humildade e fervente oração. Ela pedia instante e perfiosamente que o Senhor livrasse o corpo de sua filha atormentado polo demónio. Com quão mais fervente e perfiosa oração nos convém humildemente pedir que o demónio não vexe e atormente nossas almas, *scilicet,* que não nos induza e faça cair em pecado mortal, o qual maior dano e estrago fez em ũa alma do que podem mil demónios fazer em a alma ou em o corpo. Oh! se tivéssemos os olhos da alma abertos e alumiados pera enxergar os danos e desbarato que um pecado mortal faz em ũa alma que estava em graça com Deus! Matéria é esta larga e profunda, em que, ao presente, me não quero meter. Baste dizer, em soma, que não há bem em nossa alma que per um pecado mortal não fique ou de todo destruido, ou ao menos ferido e diminuido. Ficamos, como dizem os Santos, pola culpa mortal despojados dos bens e dões sobrenaturais, e aleijados e chagados nos naturais.

Quanto aos bens espirituais e sobrenaturais, perdemos a graça do Espírito Santo com todo-los seus sete dões; perdemos a caridade e amor de Deus; perdemos toda a cópia das vertudes morais que, juntamente com a divina graça, sobrenaturalmente nos eram infundidas.

(7) Matth. 15,22. — (8) Job. 30,1-8. — (9) Gen. 19,29.

E, ainda que nos fique fé e esperança, ficam mortas, como diz o Apóstolo Sant'Iago ([10]), e sem valor nem vigor pera por elas nos salvarmos.

Os bens e perfeições naturais, ainda que não fiquem de todo destruidas, ficam quebradas e diminuidas: porque o lume da rezão natural fica em algũa maneira escurecido. A inclinação que pera a vertude a nossa vontade tem, fica diminuida. A consciência fica cheia de mordeduras e queixumes. E, se algum é tal que, permanecendo em pecado mortal, não sinte em si estas mordeduras e estímulos da consciência, é muito pior sinal, porque mostra estar já a alma como paralítica e quase insensível, e, como diz o Profeta ([11]), *ter já feito pacto com o inferno, e liança com a morte eterna.*

E, da parte da carne, tudo se empeora: porque, quanto crecem os pecados, tanto crece a rebelião da sensualidade, fazendo de cada vez mais crua guerra contra o espírito. E, finalmente, fica a alma, per qualquer pecado mortal, obrigada ao fogo infernal e condenação perpétua: e filha de Deus tornada em filha do demónio e da morte eterna. E, per cima de todos estes males, fica inpossibilitada pera, per suas forças, se alevantar da cova e atoleiro em que, por sua vontade, se lançou: porquanto, se Deus, sobrenaturalmente, lhe não der a mão per vertude do Sangue e Morte de Jesu Cristo, nunca se alevantará nem cobrará outra vez a luz e graça que perdeu.

De maneira, irmãos, que com muito maior instância devemos pedir ao Senhor que livre a nossa alma do cativeiro e tormento do pecado mortal do que rogava esta cananeia polos tormentos que o demónio dava ao corpo de sua filha. Diz o sagrado Evangelista ([12]) que, ouvindo o Senhor os clamores e gritos de cananeia, não lhe respondia, mas dissimulava, como que não dava por eles. E isto fazia a divina Misericórdia porque se descobrissem, de cada vez mais, as riquezas de humildade e fervor que estavam escondidas no peito dela. E, por isso, quanto o Senhor mais dissimulava, tanto ela mais alto bradava, *Filho de David, remedeai minha filha.* De maneira que, enfadados

([10]) Jac. 2,20. — ([11]) Is. 8,15. — ([12]) Matth. 15,23.

os Apóstolos com seus importunos brados, disseram ao Senhor ([13]): — *Despedia-a já, Senhor, e fazei-lhe o que Vos pede e deixará de bradar após nós.* Aos quais respondeu o Senhor ([14]): — *Eu não vim,* pessoalmente, *a fazer milagres aos gentios, senão aos Judeus e ovelhas que pereceram da casa de Israel.*

E todas estas dilações, como disse, fazia o Senhor pera que ela dissesse e fizesse o que se segue. Porque, vendo ela que nem o Senhor a ouvia nem aos que rogavam por ela, confiada e ousadamente se veio lançar a Seus pés, dizendo ([15]): — *Senhor, ajudai-me, secorrei-me.* E, contudo, ainda o Senhor a despediu com áspera resposta, dizendo ([16]): — *Não é cousa conveniente dar aos cães o pão que é pera os filhos:* no que queria dizer que mercês e benefícios milagrosos eram pão devido aos Judeus, que eram filhos de Deus, e, por isso, não se haviam de lançar aos gentios, que eram cães.

Mas nem com esta tão rigorosa e afrontosa resposta quebrou a prudentíssima cananeia, mas, perseverando em sua confiança e dobrando sua humildade, respondeu sapientìssimamente, dizendo ([17]): — *Senhor, é verdade que nós, gentios, somos os cães, e os Judeus são os filhos, e assi confesso que não é rezão que o pão, que está guardado pera os filhos, se dê aos cães; mas, porém, Senhor em nenhũa mesa se negam aos cães, ou aos cachorrinhos, as migalhas que dela caem. E, por isso, Senhor, eu não peço pão, não peço grandes milagres, quais são os que fazeis antre vossos filhos ressuscitando mortos, dando vista a cegos, todos os mais: sòmente peço ũa migalha, um milagrinho, que livreis minha filha endemoninhada. Pois sois meu Senhor e eu cadelinha, não me negueis a migalha que nenhum senhor nega aos seus cachorrinhos.*

Com esta divina retórica venceu a cananeia a fonte de misericórdia, de maneira que lhe respondeu, dizendo ([18]): — *Ó mulher, grande é tua fé! Seja-te feito quanto queres.* E naquela hora foi sua filha sã e salva.

([13]) Matth. 15,23. — ([14]) Matth. 15,24. — ([15]) Matth. 15,25. — ([16]) Matth. 15,26. — ([17]) Cf. Matth. 15,27. — ([18]) Matth. 15,28.

Ora, pois, nós-outros que há tantos anos que vivemos em a luz da fé católica, não nos afrontemos tomar por mestra esta gentia mulher, de cuja grande fé o Senhor se maravilhou. Muito temos que aprender dela: especialmente fazer verdadeira oração e confissão.

Primeiramente, aprendamos dela a orar e pedir a Deus remédio em nossos trabalhos e necessidades, guardando as condições que ela guardou em sua petição e requerimento, que foram fervente fé e confiança. Assi nós, em nossas orações, tenhamos firme confiança de alcançar o que pedimos, não por nossos merecimentos, mas sòmente pola bondade e misericórdia do Senhor. Portanto procuremos ajuntar humildade com a confiança, reputando-nos indigníssimos de alcançar da divina mão a mais pequena mercê que Ele pode fazer: imitando o publicano ([19]) que, pedindo ao Senhor perdão de seus pecados, não se atrevia a levantar os olhos ao Céu, conhecendo ser indigno, de sua parte, do perdão que pedia, sòmente estribando na divina largueza e benignidade, e, portanto, alcançou o que pedia, e foi justificado pera sua casa. Polo qual está escrito ([20]) que *a oração do que se humilha penetra os Céus, e não perderá sua força até não alcançar do Senhor o que pertende.*

Aprendamos também desta mulher orar com perseveração e perfia incansável, não cessando de nossas orações e requerimentos com Deus, nem perdendo a esperança, ainda que tarde a mercê que requeremos: confiando certamente que, ainda que se dilate, finalmente virá ou a mercê que pedimos, ou outra melhor e que, com mais rezão, deveremos pedir. Pera isto trouxe o Senhor, como diz S. Lucas ([21]), o exemplo da viúva, a qual, com muita importunação, pedia ao Juiz desalmado que lhe fizesse justiça, e sòmente por ser importuna alcançou o que queria. Quanto mais valerá sermos importunos diante da Eterna Bondade, que mais deseja nosso bem que nós mesmos? E ainda que dilate os benefícios que pedimos, fá-lo pera alcançarmos Sua familiaridade, que é maior benefício que quantos podemos pedir. Invenção é maravilhosa da Divina Piedade trazer-nos muitas vezes à perlonga

---

([19]) Matth. 18,13. — ([20]) Eccli. 35,21. — ([21]) Luc. 18,2-7.

em nossos requerimentos, pera que, assi, aparecendo muitas vezes diante d'Ele, tratando e falando com Ele, pouco e pouco nos vamos fazendo Seus familiares, e alcancemos a doçura de Sua amizade e conversação.

Podemos também aprender desta mulher fazer humilde e verdadeira confissão. Confessava ela humilmente ser cadela, da casta dos cães gentios e infiéis, reconhecia por seus pecados açoutava e atormentava o demónio sua filha, e assi pedia socorro. Assi nós façamos a confissão de nossos pecados com humildade e confusão de nosso coração. Não os digamos ao sacerdote como quem conta história, mas apresentemo-nos diante dele como doente mui perigoso diante do médico, com desejo e esperança de saúde, descobrindo-lhe todas nossas chagas sem esconder algũa, com dor e amargura do coração: porque esta é a confissão que alcança certa saúde do médico celestial per ministério da absolvição sacramental.

PRÁTICA

na Terceira Dominga da Coresma

Ainda que na Igreja católica estê apregoada e denunciada aos fiéis cristãos perpétua e contínua guerra contra o demónio e suas vaidades e carnalidades, a que todos renunciaram em o Bautismo, particularmente neste tempo se acende mais esta guerra e se apregoa com mais diligência. Polo qual nos três primeiros domingos deste santo tempo nos canta a santa Madre Igreja evangelhos em os quais se contêm algũas vitórias que o Senhor teve contra o Demónio, destruindo suas obras: como se manifestou no primeiro domingo, no qual se cantou a vitória contra suas tentações, e no domingo passado se contou como livrou a filha da cananeia que era vexada do mesmo demónio. No presente domingo também se nos representa o livramento de outro endemoninhado o qual o demónio fazia ser mudo, e também era cego, como nos conta S. Mateus (1). De maneira que três milagrosos benefícios fez juntamente o Senhor a um homem, *scilicet,* livrá-lo do demónio, restituir-lhe a fala, e dar vista a seus olhos.

Este mísero homem, com rezão, é ũa imagem expressa do pecador que está possuido

(1) Matth. 12,22.

que está possuido do demónio e vive em pecado mortal, porque o tal nem fala nem tem vista espiritual. E que todo o que vive em estado de condenação tenha os olhos da alma cegos, manifestamente se prova e convence, porque nem a Deus nem ao mundo nem a si mesmo vê.

Primeiramente não vê quem é Deus, nem quanto lhe deve, nem quão abominável e perigosa cousa é ofendê-Lo e quão proveitoso e bem-aventurada cousa é amá-Lo e servi-Lo, e assi também não vê a verdade e firmeza das cousas espirituais e eternas, e a falsidade e vaidade das corporais e transitórias. De maneira que tem o juízo intelectual todo pervertido: reputando as pedras preciosas por cisco, e o cisco por pedras preciosas; desprezando as cousas preciosíssimas, e estimando as vilíssimas.

E, finalmente, nem a si mesmo vê, não enxergando nem pesando a nobreza e fermosura de sua alma e a vileza e fealdade de sua carne. Não querendo entender que o mor inimigo que tem é seu corpo e que lhe não foi dado pera o animar, senão pero o domar, enfrear e mortificar sua rebelião: porquanto seu ofício não é outro senão contìnuamente, com suas más inclinações e torpes desejos, combater o espírito, procurando por mil maneiras sua condenação. E isto basta pera amostrar que não há tão verdadeiro cego como aquele que vive em ofensa e desobediência de Deus. E, portanto, com muita rezão dizia o Senhor polo Profeta (2): — *Quem é cego senão o meu povo e quem verdadeiramente surdo senão a quem eu mandei meus messageiros e pregadores?*

E não sòmente é cego o pecador, mas também é mudo, pois que não sabe nem falar aquilo pera que lhe foi dada língua, que é pera devotamente louvar a Deus e humilde e contritamente confessar suas culpas e pecados.

Ora, vendo a santa Madre Igreja muitos dos seus filhos estarem nesta cegueira e mudeza espiritual, presos nos laços do diabo, por

(2) Is. 42,19.

cada um deles e em pessoa de cada um deles, com maternal afeito começa no *princípio* desta Missa bradar e gemer ao Senhor, dizendo (3): — *Os meus olhos sempre estão alevantados ao Senhor, porque Ele livrará meus pés do laço. Ó Senhor, olhai pera mim e havei misericórdia de mim, porque pobre e desamparado sou.*

E, despois, * canta aquele ardentíssimo salmo, dizendo (4): — *A Ti alevantei meus olhos, que moras em os Céus. Senhor, assi como os olhos dos servos estão postos em as mãos de seus senhores, e assi como os olhos das servas estão pendurados das mãos de suas senhoras, donde lhe há-de vir todo o mantimento e repairo, assi nossos olhos estão fitos em Vossa misericórdia, Senhor, até que Vos amerceeis de nós.*

E assi, também, pera espertar estes cegos e mudos a ver e fazer as obras de luz e falar como convém aos que vivem em luz, nos envia o Apóstolo S. Paulo, o qual na *Epístola* do presente domingo nos amoesta a viver, obrar e falar como convém a filhos de luz, dizendo assi (5): — *Irmãos, sede imitadores de Deus como convém a filhos caríssimos: em todas vossas obras resplandeça o amor de Deus, assi como Cristo nos amou e se entregou por nós à morte, oferecendo-se a Deus em sacrifício de suavíssimo cheiro por nós. Polo qual a fornicação e toda a luxúria, torpeza e avareza estê longe, não sòmente de vossas obras, mas também de vossas línguas porque assi convém a cristãos. Por isso não se ache em vossa língua palavra torpe nem desatinada, nem chocarrices que não quadram com a gravidade cristã: mas todas vossas falas sejam tais em que Deus seja louvado. Ninguém vos engane: tende por certo e sabei que todo fornicador ou sujo ou avarento, que é semelhante ao idólatra adorando ouro e prata, não tem herança nem quinhão no Reino de Cristo e de Deus. Polos quais pecados vem ira de Deus sobre os filhos desobedientes de cuja salvação se há-de desconfiar. Por isso, vós-outros*

---

* No RITO BRACARENSE, *Missale Bracarense*, ed. 1924, o versículo é tirado do mesmo Psal. 24,1-2, e não do Psal. 122. É igual no *Rito Romano.*

(3) Psal. 24,15-16. — (4) Psal. 122,1-2. — (5) Eph. 5,1-9.

não sejais companheiros deles. Lembre-vos que nos tempos passados éreis trevas e agora sois luz em o Senhor: por isso vivei como filhos de luz, e vossas obras sejam fruitos de luz, scilicet, claras e frutuosas *o que cumprireis se fordes bons e limpos no coração, justos nas obras e verdadeiros nas palavras.* Até qui é a letra da Epístola.

No *Evangelho* se mostra onde pode chegar a maldade da má língua: porque nos conta o Evangelista S. Lucas (6) que, despois que o Senhor livrou aquele endemoninhado mudo e ele começou de falar e muitos, que presentes estavam, se maravilharam, não faltaram ali diabólicas línguas que, em lugar de louvores e agardecimentos polo milagre, começaram a desparar e dizer desatinos e espantosas blasfémias. E, como o Evangelista diz (7), acharam-se ali duas castas de línguas pestíferas: porque uns começaram a desprezar o milagre e pedir outro maior na altura do Céu, desejando de ver algũa milagrosa novidade nos corpos celestiais com que cevassem seus olhos. Outros, desatinando ainda mais, disseram que o Senhor fizera aquele milagre com favor e ajuda de Berzebub, príncipe dos demónios: cujas blasfémias o Senhor, com eficazes rezões, convenceu e desfez: as quais, ao presente, não posso tratar por serem largas. Bastará sòmente, pera nossa doutrina, entendermos que, ainda que não tivéramos outra mostra e prova pera conhecer quão armado de paciência Deus entrou no mundo senão a ingratidão dos homens que neste Evangelho se manifesta, não era pequena. Quem pode, sem pasmo, considerar esta infinita paciência? Vir Deus pessoalmente ao mundo vestido em carne humana pera salvar os homens e fazer-lhe milhares de milagrosos benefícios, e deles não receber não tão sòmente nem aguardecimentos de palavras, mas ainda atribuirem ao Diabo suas obras, e julgarem que ao príncipe dos demónios se havia de atribuir o poderio e louvor delas!

---

(6) Luc 11,14-28. — (7) Luc. 11,15-16.

Aqui vereis, irmãos, onde pode chegar a miséria e malícia humana, e o dano que pode fazer ũa má língua. Ó línguas más! Ó pestes do mundo! Com rezão vos comparou o Profeta David ([8]) a *setas agudas e carvões abrasadores*. Ó Senhor, dizia ele ([9]), *livrai minha alma dos beiços malvados e língua enganosa*. Então pergunta ([10]): — *A quem compararemos as palavras da língua maldizente?* E responde que se hão-de comparar às setas lançadas de valente braço, e a carvões abrasadores.

Assi como também o Apóstolo Sant'Iago ([11]) compara a má língua a fogo que se ateou em ũa grande mata. E o mesmo Profeta David em outros Salmos dizia: — *Não há espada mais aguda que a língua maldizente, nem há outras setas e armas mais ofensivas que os dentes e a boca do homem* ([12]). *Aguçaram suas línguas como serpentes e a peçonha que lhes fica no coração ainda é muito maior* ([13]).

Ó quão melhor fora a todos blasfemadores, arrenegadores, juradores, infamadores e desonradores nascer mudos, ou não nascer!

Mas pode ser que pergunteis donde procede que um homem venha a tanta cegueira e desatino que blasfema das cousas divinas, como estes faziam e como ainda agora alguns fazem, cortando com sua língua não sómente pola honra dos homens, mas pola de Deus e dos Santos? Como é possível desenfrearem-se em blasfemar, donde não tiram nem deleite de sua carne, nem proveito da sua bolsa?

Do fim do presente Evangelho se pode colher a resposta. Não vem nenhum pecador a se dissolver em blasfémias, senão por ser dissoluto nos outros vícios e pecados, e haver primeiro recaido muitas vezes neles, polo qual merece ser desemparado da mão do Senhor, e deixado em poder do demónio que usa de sua língua como espada pera cortar por onde quiser. Tanto que um homem se deixa vencer e cativar do Demónio em um pecado, aquele o traz a outro pior, e aquele a outro

([8]) Psal. 119,4.—([9]) Psal. 119,2.—([10]) Psal. 119,3.—([11]) Jac. 3,5. — ([12]) Psal. 56,5. — ([13]) Psal. 139,4.

muito pior [14], até que o poço da morte eterna tape sobre ele sua boca.

Guardai-vos, irmãos, de recaídas espirituais, porque são muito mais perigosas que as recaídas nas doenças corporais. Isto é o que o Senhor nos quer ensinar no fim deste Evangelho, dizendo [15]: — Que, se um homem tinha agasalhado o demónio em sua alma, vivendo em pecado mortal, e despois, fazendo penitência, pola misericórdia de Deus o lançou fora: se despois, recaindo em pecado mortal, o torna a recolher, já então o diabólico hóspede não se contenta tornar só, mas, como diz o Senhor, traz outros sete demónios piores que si, que quer dizer, que não se contenta fazer em aquela alma o dano e estrago que dantes fazia, mas muito maior, tentando-a em outros mais feios e enormes pecados, e em todos a vence. Porque o triste do homem se deixa vencer e vem a isto? Porquanto, crecendo a cegueira espiritual e obstinação da vontade, vão minguando as forças espirituais pera resistir às tentações; e assi vem o miserável homem a ser pior do que nunca foi, e morrer cega e mal-aventuradamente: senão se algum com o lume do Céu, tornando em seu acordo, chora sua doudice e desatino, dizendo com David [16]: — *Ai de mim, que, tendo no tempo passado as feridas dos meus pecados curadas, tornaram-se, por minha necessidade, a corromper e apodrecer! Tornai-me a curar e sarar, ó médico eterno, ao qual nenhũa doença nem recaída é incurável.*

Por isso, irmãos, andemos alerta, e resistamos fortemente às tentações dos pecados nos princípios, porque, se nos primeiros encontros nos deixamos vencer, depois com grão dificuldade alcançamos vitória. Porquanto, depois de vencidos, crece contra nós o fervor dos maus desejos, e minguam as forças pera lhe resistir; assi como

---

(14) Cf. Matth. 12,43-45; Luc 11,24-26.—(15) Luc. 11,24-26.—(16) Cf. Psal. 29,3; 6,3; 40,5; 50,6. — É uma citação bastante geral e livre, difícil de localizar.

acontece aos doentes, que, estando com febre e não querendo resistir à sede, bebem água, o qual gosto despois pagam com lhes vir a febre dobrada. Assi acontece aos pecadores, que, quantas mais vezes consiguem e cumprem seus maus desejos, e gozam de seus falsos deleites, tanto cresce mais depois neles o ardor e fúria dos mesmos desejos, até, finalmente, os lançarem nos ardores eternos, de que a divina graça nos livre.

PRÁTICA

no Quarto Domingo da Coresma

Todo Ofício do presente Domingo é cheio de alegria e consolação, porque todas as espirituais cantigas que se cantam assi no ofício de noite como de dia na presente Missa, são festivais e tratam matéria de prazer. No ofício das Matinas nos traz a Igreja à memória aquele maravilhoso livramento do povo dos Judeus do cativeiro no Egipto (1) e assi aquele alvoroço e grande prazer com que passaram a pé enxuto o Mar Vermelho (2) e, despois de passado, com seus olhos viram nele afogados aqueles que os tiveram cativos (3). E assi cantou a Igreja o que eles então cantaram, dizendo (4): — *Cantemos ao Senhor gloriosamente, porque grande honra alcançou neste dia, afogando no mar os cavaleiros e os cavalos.*

E assi, em a presente Missa, colhe a santa Igreja de toda a Escritura palavras e histórias de prazer e consolação, que pareciam mais quadrar a tempo de Páscoa que de Coresma, como vereis.

Mas perguntareis, porque faz isso? Que novidade é essa? Sabei que a Igreja é mãe piadosíssima, e conhece que, ainda que tenha muitos filhos falsos, *scilicet*, carnais, revéis e contumazes, com os

(1) Ex. 3-15.—(2) Ex. 14,21-22.—(3) Ex. 14,23-28.—(4) Ex. 15,1.

quais em nenhũa maneira se pode acabar que venham a verdadeira penitência, e emendem e melhorem sua vida, antes, deixando de comer carne, não deixam a vida carnal, e, ainda que jejuem no comer, não jejuam no pecar; todavia, juntamente com isso, sabe que não faltam muitos verdadeiros penitentes, os quais, até o presente Domingo, têm mudada e emendada sua vida, e examinada sua consciência e cuidado em seus anos e dias passados em amargura de sua alma. E muitos deles têm já feitas mui verdadeiras confissões de todos seus pecados, contritas, chorosas, e descobertas com humildade e simplicidade, e têm firme propósito de emenda ao diante, e insistem forte e varonilmente em obras satisfatórias e penitenciais, ocupando-se em orações, esmolas e jejuns, segundo sua possibilidade; procurando jejuar de maneira que consigam o fruito do jejum, que é mortificação e repressão dos vícios e más inclinações da carne, e alevantamento da alma a Deus.

E, finalmente, trabalha neste santo tempo oferecer a Deus contino e cheiroso sacrifício *de espírito humilhado, contrito e atribulado* (5). E estes são os verdadeiros e leais filhos que a santa Madre Igreja pretende consolar neste meio Domingo da Coresma. E a estes enderença as alegres cantigas que neste Domingo canta, mandando-lhe que se alegrem muito no Senhor pola penitência começada, e assi animando-os e esforçando-os a irem por diante e prosseguirem o bem começado. E por amor destes começa a presente Missa com suavíssimas palavras cheias de todo espiritual alvoroço, dizendo assi: — *Alegra-te, Jerusalém,* alegra-te, santa Igreja Católica. *Ajuntai-vos em um todos os que a amais. Recebei grande alegria todos os penitentes que até gora vos entristecestes por vossos pecados: porque justo é que os que até o presente tomastes santa tristeza* e justa dor por vossas culpas, *agora abundantemente bebais o leite da celestial consolação dos peitos da divina Misericórdia* (6). — *Alegrai-vos nas cousas que por Deus*

(5) Cf. Psal. 50,19. — (6) Is. 66,10-11.

vos são ditas e prometidas, que é que todos os verdadeiros penitentes caminham pera casa de Deus ([7]), e a ela, perseverando, chegarão.

E em pessoa destes mesmos se diz à Missa a seguinte *oração: — Ó Senhor, todo poderoso, fazei-nos esta mercê que os que, por merecimento de nossas culpas, até gora nos afligimos, com a consolação de vossa graça um pouco respiremos.*

E, despois, os anima a proceder na emenda de vida e penitência com muita confiança na divina Misericórdia, cantando aquela cantiga de David, que diz ([8]): — *Os moradores de Jerusalém e do santo monte de Deus* (quais são todos os verdadeiros filhos de Igreja Católica) *confiam muito no Senhor que não serão comovidos, nem cairão de Sua graça: porque* a Igreja Católica *está toda rodeada, guardada, e fortalecida de altos montes,* que são Anjos, Apóstolos, e todos os santos e apostólicos varões, *e, sobretudo, emparada e defendida de Deus.*

Também na *Epístola* ([9]) grandemente alvoraça a Igreja os fiéis e penitentes, trazendo-lhes à memória sua grande nobreza e dignidade, e dizendo-lhes que se lembrem que não são filhos de escrava, como eram os Judeus, filhos da Lei Velha que, com temor de penas, continha seus súbditos em obediência; mas que são filhos da verdadeiramente livre e senhora, *scilicet,* da santa cidade de Jerusalém celestial, que é a companhia dos bem-aventurados, em a qual já estamos com as esperanças, saudades e amor, ainda que, quanto ao corpo mortal, peregrinemos na terra.

E, finalmente, pera consolação dos mesmos penitentes se canta neste Domingo um *Evangelho* ([10]) mui festival e alegre, em que se conta aquele magnífico e milagroso convite que o Senhor fez fartando em um dia cinco mil homens, afora mulheres e meninos, com cinco pães de cevada e dous peixes, e isto pera significar o convite das celestiais consolações que Deus dá aos verdadeiros penitentes. A suma

---

(7) Psal. 121,1. — (8) Psal. 124,1 e 7. — (9) Gal. 4,22-31. — (10) Joan. 6,1-14.

do Evangelho consiste que, um dia, passando o Senhor ũa lagoa de Galileia, que estava junto da cidade de Tiberias, e entrando em terra despovoada, muita gente O seguiu vendo os milagres que fazia. E subindo o Senhor em um monte e levantando seus olhos, vendo que toda aquela gente se vinha pera Ele, disse a S. Felipe: — *Onde compraremos pão pera que comam estes?* Isto dizia pera que se manifestasse quanto era a fé que tinha, porque Ele já sabia o que havia de fazer. Respondeu Felipe: — *Ainda, Senhor, que gastássemos duzentos dinheiros em pão, não bastaria pera que viesse um bocado a cada um.* Ali acudiu Santo André, dizendo: — *Aqui está um moço que tem cinco pães de cevada, e dous peixes; mas isto que é pera tanta gente?*

Finalmente mandou o Senhor assentar toda a gente sobre o feno que naquele lugar estava muito. E dando graças e benzendo os cinco pães, mandou-os repartir e assi os dous peixes. E comeram quanto quiseram, e ficaram fartos, e sobejaram doze alcofas de pedaços. E, visto o milagre, começou a gente a louvar e dizer: — *Este é o verdadeiro Profeta polo qual o mundo esperava.*

Este convite corporal é imagem do convite das consolações espirituais que o Senhor dá aos penitentes que, cansando e macerando sua carne, O seguem: primeiramente subindo após Ele ao alto monte das vertudes. E, ainda que subir este monte e viver vertuosamente seja cousa dificultosa aos principiantes, todavia, quando chegam ao alto e começam já gozar da vista e conversação de Cristo, tudo lhe parece doce e suave. E, por isso, diz a Escritura ([11]) que trazer a consciência quieta é um contino e deleitoso convite, assi como com consciência inquieta e trovada não pode estar verdadeira alegria: porque só a consolação espiritual enche o peito. E quando Deus não consola não há cousa que possa consolar. E tanto que a alma acha sabor em Deus, todos os deleites e cousas da terra ficam enxabidas, como dizia Santo Agostinho.

([11]) Cf. Prov. 12,18; 1 Petr. 3,21; Eccli. 13,30; Ro. 2,15.

Polo qual David não cessa, em seus Psalmos, falar nas alegrias e doçuras que os santos têm: — *Ó quão grande,* diz ele ([12]), *é a multidão de vossa doçura, Senhor, que tendes guardada pera os que vos temem!* Diz também ([13]): — *Alegrai-vos e consolai-vos em o Senhor, ó justos, e gloriai-vos todos os que tendes direito coração.* Diz também ([14]): — *Voz de salvação e de prazer não se acha senão nas moradas dos justos.*

Mas atentai, irmãos, que, se quereis ser convidados no convite das consolações da alma, há mister que imiteis os convidados neste convite, em vos assentar sobre o feno das consolações carnais e terreais, pisando-as aos pés, e tendo-as em nenhũa conta, porque impossível é gozar de ũas e de outras.

Ora sus, irmãos, se aqui há alguns que não mereceram hoje ter quinhão nas consolações e benções que a Igreja lançou aos penitentes, porque ainda não começaram fazer penitência, ainda se não alevantaram do torpe atoleiro de pecados em que jazem, ao menos de hoje por diante comecem e tornem em seu acordo, porque, já que careceram das alegrias e benções deste domingo, não careçam das de Páscoa.

Considerai, irmãos, bem quão brevemente passa o tempo, e quão pouco ou quão maldito fruito colhestes do tempo passado, que em pecados gastastes. Passou o tempo com suas vaidades e torpes deleites, e a alma ficou cheia de mágoas, de mordeduras, e tormentos de consciência, e obrigada às penas eternas, e tendo sempre que gemer até à hora da morte. E ai dela se não gemer! E polo contrário, o tempo gastado em penitência e boas obras, além da coroa eterna que se alcança, deixa na alma um doce sabor, ũa contínua alegria e suavidade, de maneira que já aqui começa gozar e comer fruito de seus trabalhos até que chegue à fartura do convite celestial.

([12]) Psal. 30,20. — ([13]) Psal. 31,11. — ([14]) Psal. 117,15.

PRÁTICA

no Quinto Domingo da Coresma

Este presente Domingo se chama Domingo em a Paixão do Senhor, porque nele começa a santa Madre Igreja tratar o mistério da Morte e Paixão de seu Salvador e Redentor. E gasta nisso estes quinze dias, até chegar aos prazeres da Ressurreição.

E com muita rezão antecipa esta memória e se ocupa nela tantos dias, porque, pera a cura e limpeza dos pecados que neste santo tempo da Coresma pretende, não há mezinha mais eficaz que a lembrança e meditação da paixão do Senhor, porque em só ela achamos o treslado e espelho de toda-las vertudes, a destruição de todo-los vícios e a mortificação de todas as paixões. Que cousa mais eficaz pera resistir a todos os torpes desejos, e macerar e mortificar nossa carne, que cuidar como foi castigada e atormentada a inocentíssima carne do Filho de Deus?

E, por isso, nas Vésporas de ontem mandou a santa Igreja lançar um pregão em todo o universo mundo, dizendo: — *Vexilla Regis prodeunt;* que quer dizer: *Sai a bandeira do Rei celestial.* Quase dizendo: *Saibam todos os cristãos que hoje se alevanta a bandeira do*

Rei da glória, que é ũa Cruz. Todo aquele que conhece a Jesu Cristo por seu Deus e Senhor, acuda à sua bandeira, ponha os olhos nela e faça o que ela lhe amoestar e pregar.

Certo não pudera a santa Madre Igreja achar outro meio mais eficaz pera amolentar a dureza dos contumazes e impenitentes, que alevantar tal bandeira, e dar tal pregão. Porque, se este não proveitar, que pode aproveitar? Quem até gora esteve em sua dureza e não quis emendar sua vida e fazer penitência por suas culpas, se hoje, esconjurado pola Morte e Paixão de seu Deus, ainda fica duro e surdo, que remédio se poderá achar pera sua conversão? Bem podemos dizer que o tal é um daqueles a que S. Paulo chamava filhos de desconfiança, que quer dizer: homem de cuja salvação se pode desconfiar. Basta que a santa Madre Igreja, como prudentíssima médica, traz quase no cabo da Coresma à memória a seus filhos a paixão e sangue do Filho de Deus por derradeira e eficacíssima mezinha: porque, se esta não aproveita aos doentes e impenitentes, não se lhes pode mais fazer.

No *Epístola* se decrara a vertude e eficácia da Paixão e Sangue do Senhor. No Evangelho se toca a causa por que O mataram, que foi por falar verdade. Na *Epístola* substancialmente diz S. Paulo (1) que nosso Senhor Jesu Cristo é o verdadeiro e Sumo Sacerdote, o qual, per vertude de Seu próprio sangue, entrou na cidade e morada celestial, ganhando-a pera Si e pera todos os Seus membros e verdadeiros cristãos. E sòmente per vertude de Seu sangue podem ser nossas almas e consciências limpas das mágoas e culpas mortais.

No *Evangelho* (2) se contém ũa prática que o Senhor teve com os Judeus em que lhes provou Sua inocência e inteireza de Sua doutrina, e os convenceu de sua malícia, dizendo-lhes desta maneira: — *Qual de vós-outros me poderá repreender de algũa culpa e pecado?*

(1) Hebr. 9,11-15. — (2) Joan. 8,46-59.

E qual haverá que em minha doutrina possa compreender algum erro ou falsidade? Pois, se Eu na vida sou inocente, e na doutrina verdadeiro, porque Me não credes? Perfeito mestre é aquele em cuja vida se acha toda a santidade, e em cuja doutrina se acha inteira verdade. Pois, se Eu tal sou, porque Me não credes? Porque Me não recebeis por Mestre?

Estas palavras, irmãos meus, *quem de vós-outros me poderá repreender de pecado?*, ainda que, absoluta e perfeitamente, não as possa de si dizer senão a fonte de toda a limpeza que de Si as disse; todavia os verdadeiros penitentes que, deixada a vida velha, e chorados e confessados os pecados passados, ficaram novas creaturas em Jesu Cristo, membros vivos, a Ele unidos e encorporados, em algũa maneira podem usurpar pera si a voz de sua cabeça, e dizer aos homens: — *Quem de vós me poderá repreender de algum pecado?*, porque, se alguns pecados fiz nos tempos passados, já este homem pecador é defunto, já per vertude do Sangue de Cristo sou novo homem, novamente nascido pelo Spírito Santo: ao qual se não devem atribuir as maldades e carnalidades que já com o velho Adão estão crucificadas e destruidas.

E daqui julgai, irmãos, com quanta diligência deveis procurar fazer verdadeira penitência e confissão, pois por ela ficais feitos novas criaturas e não se tem conta com quem fostes antes que fizésseis penitência.

Diz mais o Senhor aos Judeus: — *Se vos Eu digo verdade, porque não me credes?* Nós-outros prezamo-nos de nos chamarem discípulos e filhos de verdade. Oh! se o fôssemos na realidade como o somos no nome! Aqueles são verdadeiros discípulos da verdade que cordialmente amam a luz da verdade e segundo ela vivem e per ela são guiados em toda-las suas obras. A verdade é comparada à luz, a qual é deleitosa aos olhos sãos e odiosa aos doentes.

E, especialmente em nossas confissões, procuremos ser filhos da verdade: porque os tais fazem verdadeira e legítima confissão. Verdadeira chamo: não sòmente sem mentira e sem encobrir algum pecado lembrado, mas também sem hipocrisia e fingimento. Digo isto, porque confessar-se ũa pessoa de todo-los seus pecados, mas porém não trazer dor deles nem propósito de emenda, a tal confissão não carece de fingimento e dobreza: porque, confessando-se com a boca, dá a entender que tem por abomináveis as cousas que confessa, e que lhe pesa delas, e, não o tendo assi no coração, é convencido vir a ela dobrado e fingido. Quem há-de sofrer um falso cristão que se não vem a confessar por outro respeito senão porque o não excomunguem e infamem? Este tal não é discípulo da verdade, senão da vaidade, pois que, esquecido de sua salvação, faz confissão, não pera alimpar sua alma, senão pera cumprir com o mundo. Ora, pois nossos corações andam contìnuamente descobertos diante da verdade, que é Deus, façamos nossas confissões e toda-las nossas obras de maneira que sejam aprovadas e galardoadas pola verdade, não no-las leve o vento da vaidade.

E porque quais sejam os filhos e discípulos da verdade e quais não, é cousa encoberta e não podemos manifestamente discernir uns de outros, dá-nos o Senhor em o Evangelho um sinal principal per que em algũa maneira possamos conhecer se somos filhos de Deus e da verdade, ou não. E diz assi [3]: — *Quem é de Deus, folga de ouvir as palavras de Deus: e por isso vós-outros não gostais de ouvir minhas palavras, porque não sois de Deus.* Ó Senhor, quem poderá saber se é da parte de Deus, se tem algũa cousa da celestial geração, algũa faísca de espírito de Deus? Ó mestre celestial, dai-nos algum sinal per que possamos conhecer se temos vosso espírito e amor, se somos perfilhados em filhos vossos? Responde-nos o Senhor com as ditas palavras, dizendo: — *Quem é de Deus, gosta de ouvir as palavras de Deus e doutrina celestial.*

(3) Joan. 8,47.

Irmãos, cada um se examine e escudrinhe sua consciência, e veja se sente em si afeição à doutrina espiritual que Deus nos deixou escrita pera nossa salvação. Porque ter fastio à tal doutrina e conselhos, manifesto sinal é da morte espiritual. Qual é a mulher que, estando longe, apartada de seu marido, ou mãe, do filho, não folgue de ouvir novas dele sem se nunca enfadar? Pois como é possível ter amor a Deus, de cuja vista estamos tão alongados, e não folgar muito de ouvir novas d'Ele? Não são outra cousa as santas doutrinas e pregações, senão ũas novas que nos dão de Deus e da glória celestial e dos que nela com Deus reinam.

E, por isso, ter fastio quando se pregam e ensinam as cousas de Deus e do outro mundo, é sinal que a alma não tem quinhão em o outro mundo, nem é da parte de Deus. Por isso, irmãos, ouvi com ferventes desejos o que da parte de Deus vos diz e ensina o vosso Sacerdote e Reitor, qualquer que ele seja: porque ele é a boca per que Deus vos fala. E não haveis de tomar suas palavras como suas, senão como de Deus. E isto quando vos ensina conforme à fé e doutrina católica.

Nem tenhais respeito à pessoa do messageiro que vos traz recados de Deus, senão aos mesmos recados. Assi como, quando ũa pessoa valerosa vos manda um recado por um moço, recebei-lo com reverência e estima, ainda que quem o traz seja pessoa vil, assi todo-los santos conselhos e doutrina são recados de Deus e por isso se hão-de receber com grande reverência e alegria, ainda que as pessoas per que Deus no-los mande sejam fracas e pecadoras. Porque, assi o fazendo, sereis da banda de Deus, como diz o Evangelho, filhos e discípulos da verdade, e alcançareis o Reino da Verdade.

PRÁTICA

no Domingo de Ramos

Celebramos hoje aquele glorioso e solene recebimento que em tal dia como hoje foi feito a nosso Redentor na entrada da cidade de Jerusalém, seis dias antes de Sua sagrada Paixão. Quis o Senhor esta vez entrar em Jerusalém com festa e triunfo, indo a padecer, pera mostrar quão voluntàriamente e alegremente por nós padecia e morria: porque claramente nisto demonstrava que Suas festas e pompas eram ir à Cruz por nossa salvação. Quis entrar com geral alvoroço e prazer de todo o povo, porque assi aprendêssemos e entendêssemos que Sua Morte e Paixão era o fundamento de todos os nossos prazeres e glórias, e nossa verdadeira festa.

Quis também per isto significar que Seu sacratíssimo Corpo polo caminho de Cruz havia de ser exalçado e alcançar glória de imortalidade, como S. Paulo nos diz na *Epístola* do presente Domingo per estas palavras [1]: — *Irmãos, nosso Senhor Jesu Cristo, sendo verdadeiro Deus, tomou nossa natureza, e nela se humilhou tanto, que foi feito obediente ao Eterno Padre até morte, e morte de Cruz. Polo qual Deus o alevantou e exalçou, e lhe deu nome que é sobre todo*

(1) Phil. 2,5-11.

nome, de maneira que em o nome de Jesu todo o giolho se dobre e lhe faça reverência, assi dos moradores do Céu, como da terra, como do inferno: e toda a língua confesse que nosso Senhor Jesu Cristo está em a glória de Deus Padre. E, por isso, entrou hoje tão triunfante e glorioso a buscar a Cruz, pois por ela havia de conseguir o eterno triunfo.

E esta é a causa por que neste Domingo faz a santa Igreja ũa tão nova mestura: que, despois de fazer procissão tão festival, ajunta o Ofício da Paixão, mesturando cousas alegres com tristes e chorosas, para nos manifestar e ensinar que assi nosso Redentor, como nós, per paixões e tribulações havemos de alcançar as festas e honras eternas e que, se nos atrai e deleita a glória e honra eterna, não nos espante a pena.

E, finalmente, por esta mestura nos quer avisar que nos apercebamos e armemos a passar pelas variedades e mesturas deste mundo, ora per adversidades, ora per prosperidades, ora per honras e glórias, ora per desonras e abatimentos, não nos ensoberbecendo nem alevantando nas cousas prósperas, nem perdendo paciência nas adversas; lembrando-nos que nosso capitão hoje é festejado com ramos verdes e flores [2], e sexta-feira seguinte é coroado de espinhos [3]. Hoje despem os Judeus suas vestiduras e as lançam no caminho por onde havia de passar o Senhor assentado em um asno [4], e sexta-feira Lhe despirão a Sua própria vestidura [5], e nú o açoutarão [6] e pregarão em ũa Cruz [7]. Hoje Lhe chamam Rei de Israel enviado polo Senhor [8]; sexta-feira dirão que não conhecem outro Rei senão a César [9]. Estas mudanças e inconstâncias do mundo deviam de bastar pera nosso desengano, pera não lhe crermos quando nos honra e afaga.

E, portanto, o Senhor, no meio do alvoroço e festa que Lhe hoje foi feita, derramou lágrimas e chorou sobre a cegueira de Jerusalém [10], ensinando-nos nisto que, quando tivermos maiores rezões

---

(2) Joan. 12,13. — (3) Matth. 27,29; Joan. 19,2. — (4) Matth. 21,7. —(5) Matth. 27,35; Marc. 15,24; Luc. 23,34; Joan. 19,23.—(6) Matth. 27,26; Marc. 15,16; Joan. 19,1. — (7) Matth. 27,33; Marc. 15,22; Luc. 23,33; Joan. 19,18. — (8) Joan. 12,13. — (9) Joan. 19,15. — (10) Luc. 19,41.

e causas de nos alegrar, então nos esqueçam as cousas e causas que nos devem dar tristeza: porque, aguando o gosto das cousas alegres com a memória das cousas tristes, conservemos a humildade, e escapemos da soberba e vaidade.

Se queres que as bonanças e prosperidades que vêm por tua casa não te façam perder o siso nem prejudiquem a tua alma, tempera sempre o gosto delas com a lembrança da morte, do Juízo de Deus, e do Inferno.

A maneira de como o Senhor foi recebido e festejado nos conta o Evangelista S. Mateus [11], dizendo que, chegando o Senhor a um lugar que estava um pedaço antes da cidade de Jerusalém, mandou per dous Seus discípulos buscar ũa asna que tinha um filho, na qual, ajaezada com as capas dos Apóstolos, se assentou, e, caminhando pera Jerusalém, na descida do monte Oliveti, antes que chegasse à Cidade, muita gente, assi dos moradores da cidade como dos de fora que haviam concorrido à festa da Páscoa, ouvindo como aquele grande Profeta e Jesu de Nazaré vinha daquela maneira, inspirados e espertados por Deus saíram da cidade com grandíssimo alvoroço e fervor, e Lhe fizeram o mais amoroso e honroso recebimento que nunca no mundo foi feito a outro príncepe, mostrando com grandes sinais de fora os ferventíssimos desejos que tinham de O honrar e festejar. Porque uns despiam suas vestiduras e as lançavam no chão por onde o Senhor havia de passar: outros subiam nas árvores, esgalhando-as e cortando ramos, e juncando o caminho. E assi uns como outros e toda a multidão popular e de moços, uns diante, outros de trás, a grandes vozes O louvavam, dizendo: — *Bento é o que vem em nome do Senhor Rei de Israel. Prosperai, Senhor, o Reino deste nosso Rei.*

Esta triunfal entrada do Senhor em Jerusalém é ũa clara figura e imagem daqueloutra muito mais gloriosa quando, no fim do mundo, no dia da ressurreição e juízo geral, entrará na celestial Jerusalém com

(11) Matth. 21,1-9.

todos os seus escolhidos, alcançada perfeita vitória do reino do pecado e da morte. Alevantemos os olhos da alma, e consideremos esta gloriosíssima e última procissão, pera acendermos em nós desejos de nos achar nela, e, juntamente, contemplando que só aqueles se acharão nela que, neste mundo, se acham na procissão que hoje representamos, imitando o fervor e serviços com que hoje as companhas honraram ao Senhor.

Primeiramente convém que dispamos nossas vestiduras velhas, nosso velho e carnal homem ([12]) com todas suas obras e desejos, pera que debaixo da Cruz de Cristo seja sopeado e mortificado, e se espremam suas más inclinações, seus torpes desejos e rebeliões, e, lançados no chão, se pisem debaixo dos pés da alma em que o Senhor vai assentado, *scilicet,* debaixo da paciência de nosso Senhor Jesu Cristo conforme ao que pedia S. Paulo, dizendo ([13]): — *O Senhor enderence vossos corações e corpos em a caridade de Deus e paciência de Cristo, pera que em vossos corações resplandeça Seu amor:* em a vossa carne, penitenciada e mortificada, resplandeça a paciência que o Senhor teve nas penas e tormentos da Sua.

Dize, carnal porque poupas e amimas a mortal vestidura de tua carne, pois que vês que é saco de esterco? Entende que te não foi dada pera a pores sobre a cabeça, curando-a milhor que a alma, mas pera a pisares aos pés, e trazeres sujeita à rezão e lei divina; não pera a recreares, mas pera a castigares e macerares. Enxerga já, cego, que, ainda que pese, a hás-de despir algũa hora, e entregá-la pera que seja manjar de bichos, e oxalá não do fogo eterno!

Sê, logo, discreto, e, enquanto vives, oferece-a e sacrifica-a a Cristo, matando nela não a carne, senão a carnalidade: refreando e afogando suas carnais concupiscências.

E, despois que despires esta suja vestidura e renunciares a vida carnal, imita os que esgalhavam as árvores e com os ramos nas mãos,

([12]) Cf. Rom. 6,6; Eph. 4,24. — ([13]) Cf. Eph. 4,1-2.

glorificavam o Senhor: assi tu lança mão dos ramos dos exemplos e excelentes obras de vertudes das altas árvores de Deus, que são os Santos e pessoas espirituais que Deus mandou ao mundo, pera que, per seus exemplos e doutrinas, seguisses a Cristo. Uns são comparados a oliveiras carregadas de azeitona, *scilicet,* aqueles em que resplandece caridade e misericórdia, dos quais diz a divina Escritura ([14]): — *Estes são os varões de misericórdia, cujas vertudes ficam em prepétua memória.* Nós-outros pecadores então colhemos os ramos destes, quando nos ocupamos em cumprir as obras de misericórdia segundo nossa possibilidade.

Outros são comparados a palmeiras que conservam prepétua verdura e nunca perdem a folha; assi eles conservam a verdura da castidade, e são constantes em as vertudes. E, assi como a palmeira no alto é larga e, no pé, estreita, assi eles alargam seus corações pera as cousas celestiais e eternas, e das cousas da terra tomam pouco, apertando-se e estreitando-se no uso das cousas terreais. E quando nisto os imitamos, colhemos ramos de palma pera honrar ao Senhor.

Outros Santos são comparados aos aciprestes que, mui direita e altamente, se levantam ao céu. E, por isso, com rezão os devotos e contemplativos das grandezas de Deus e mistérios divinos são significados per aciprestes, e nós, baixos e terreais, que não podemos voar tão alto, todavia, em algũa maneira, os arremedamos, colhendo seus ramos, quando fazemos algũa oração devota e nos ocupamos em meditar e considerar, segundo nossa fraqueza, a Paixão e os outros mistérios de nosso Redentor.

E, finalmente, quando nos ocupamos em louvar e dar graças a Deus de todo o coração por Seus infinitos benefícios, fazemos o ofício daqueles que, neste recebimento, com grandes clamores deziam ([15]): — *Bento é o que vem em nome do Senhor! Salva-nos, Senhor, em as alturas do Céu!* Assi nós, fazendo pouco caso da vida e saúde de nossa carne, peçamos e procuremos, contìnuamente, a eterna saúde e salvação de nossa alma.

([14]) Sap. 5,16.—Cf. Is. 60,21.—([15]) Matth. 21,9.—Cf. Marc. 21,10; Luc. 19,38; Joan. 12,13.

SERMÃO

no Sacratíssimo dia da Ceia do Senhor

Celebramos aquele sacratíssimo tempo, aquelas últimas e felicíssimas horas, quando o Senhor se despediu deste mundo e deu remate ao negócio de nossa salvação. Aquelas derradeiras vinte e quatro horas, *scilicet,* des nas três despois de meio dia da presente quinta-feira, quando, pouco mais ou menos, se começou de aparelhar e celebrar a ceia do Cordeiro pascoal, até as três despois de meio dia da seguinte sexta-feira, quando o Senhor expirou na Cruz, foram as mais proveitosas pera nós que outras nenhũas que des no princípio o mundo teve, assi como foram mais ricas de grandíssimos benefícios.

Assi como se ia pondo e despedindo deste mundo aquele Sol de justiça, assi ia lançando de si maiores raios de claríssimos benefícios e altíssimos mistérios. Quem poderá contar as mercês que recebemos des na tarde do dia presente até a tarde do dia seguinte? Verdadeiramente que tais são, que, assi como calá-las parece grande ingratidão, assi falar nelas parece grande atrevimento e persunção. Porque parecia que, ouvindo nós tão espantosos e tremendos mistérios, havíamos de responder, não com palavras, mas com pavores e pasmos, considerando como foi possível que, a tão indignos, fizesse Deus tão inestimáveis benefícios. Polo qual a Igreja, no Ofício de a manhã, traz as palavras daquele Profeta, o qual com as novas que Deus lhe revelou

dos mistérios deste dia, pasmado, começou a bradar, dizendo (1): — *Senhor, ouvi os altos mistérios que me descobristes, e temi;* considerei vossas façanhas, e pasmei quando me disseram que haveis de ser visto em ũa Cruz no meio de dous ladrões e debaixo de tão grande fraqueza e confusão havia de estar escondida vossa fortaleza.

Quem poderá falar, diz David (2), *as grandezas e poderios do Senhor? E quem poderá entender Suas misericórdias?* Pois que faremos? Calar-nos-emos ou atrever-nos-emos a falar nos mistérios deste dia?

Ora, antes nos arrisquemos a ser atrevidos e presuntuosos que ingratos, e, gaguejando, falemos algũa cousa das cousas inefáveis: não pera as penetrar com o entendimento, mas pera, em algũa maneira, as sentir com afecto.

Qual é aquele tão frio e regelado que neste dilúvio de fogo de amor divino não arde? Qual é o pobre nos bens da alma que hoje não enriquece, lançando o Céu de si neste dia e alagando a terra com riquezas espirituais? Que digo? Alaga-se a terra com o Sangue de Deus humanado!

Qual é aquele que não recolhe pera sua alma sequer ũa gota? Em o Horto, como diz S. Lucas (3), está correndo o sangue que o Senhor em Sua agonia suava. A casa de Pilatos está tingida de sangue que corria e saltava dos açoutes. Polo caminho da casa de Pilatos pera o monte Calvário, vão caindo gotas de sangue. E, finalmente, o monte Calvário se alaga de sangue, que, por cinco bicas, corria da fonte da divina Misericórdia. Não nos caberá sequer ũa gota?

Sus! acudamos e corramos com os vasos de nossos corações, alimpando-os primeiro, e metamos este tão claro e rico dia todo em nossa casa.

E, porque os benefícios e mistérios deste dia são tantos que se não pode falar muito de todos, digamos ũa palavra de cada um dos principais deles.

---

(1) Hab. 3,2. — (2) Psal. 106, 15, 21, 31. — (3) Luc. 22,44.

Conta-nos o glorioso Evangelista S. João, no Evangelho deste dia, que, acabando o Senhor de celebrar, com Seus discípulos, aquela ceia do Cordeiro pascoal, e querendo instituir o Santíssimo Sacramento de Seu Corpo e Sangue, antes disso quis aparelhar Seus discípulos, exercitando aquele ofício de infinita humildade, lavando-lhes os pés. E começa com ardentíssimas palavras pintar-nos e descrever-nos os altos segredos de amor deste dia, dizendo assi [4]: — *Um dia antes da festa da Páscoa,* a qual, então, caiu em sexta-feira, *sabendo Jesu que era chegada Sua hora em que havia de passar deste mundo ao Padre, como quer que sempre houvesse muito amado aqueles Seus discípulos que escolhera, em o fim da vida mais especialmente os amou mostrando-lhes maiores sinais de amor.*

Nestas palavras notai, irmãos, que chama a hora da morte e paixão hora Sua, sendo pera Ele tão injuriosa, tão penosa e dolorosa, sòmente porque era pera nós proveitosa: de maneira que nossos ganhos, nossa bem-aventurança e glória chama Sua, chamando particularmente Sua aquela hora em que havia de gostar morte pera que nos desse vida.

E, juntamente, pera que nos ensinasse não avorrecer a morte, não quer chamar à Sua morte, morte, mas passamento deste mundo ao Padre; e pera que, daqui, aprendêssemos que a morte dos verdadeiros cristãos não era acabamento de vida, mas passamento de desterro e peregrinação à presença e vista do Padre celestial, acabamento de vida triste e cheia de misérias, à vida imoral e gloriosa.

Ora, porque determinava o Senhor mudar aquela ceia da Lei Velha em que se comia um cordeiro em outra nova ceia de Seu Corpo e Sangue, da qual aquela ceia velha havia sido até o presente dia como ũa figura e imagem pera mostrar a alteza deste nova ceia e com quanta limpeza espiritual se haviam de assentar à mesa os convidados a ela, determinou o Senhor lavar os pés de Seus discípulos: per cujo lavamento queria significar que os que hão-de receber o preciosíssimo manjar de Seu Corpo, primeiramente hão-de procurar alimpar-se e lavar-se até do pó dos pecados leves e veniais que ũa hora por outra

(4) Joan. 13,1-15.

não podem deixar de se pegar aos pés de nossa alma, que são os afeitos e desejos com que ela procede e caminha às cousas que ama.

Pois, diz o Evangelista que se levantou o Senhor da ceia, despois de comido o cordeiro, e, tirando a vestidura de cima, cingiu-Se com ũa toalha, e Ele, per Si, lançou a água em ũa bacia, e começou de lavar os pés de Seus discípulos, e alimpá-los com a toalha que tinha cingida. Ó espantoso espectáculo! Ó segredo de infinita humildade! Concorram todos os homens e todos os Anjos, e finalmente todas as creaturas celestiais e corporais a estas vistas, e verão estar Deus de giolhos diante dos homens, o Criador diante das creaturas, a fonte da bondade e santidade diante dos pecadores, a luz diante das trevas, o Rei da glória diante de pobres pecadores! E não sòmente diante dos discípulos e amigos, mas também diante de Seu inimigo mortal, diante daquela besta fera, diante de Judas, que já o tinha vendido, e, esta noite, o havia de entregar aos judeus! Ouvindo isto, qual é o vilíssimo bicho da terra que ainda se atreva ser soberbo e pertinaz em ódio, duro em perdoar as injúrias, dificultoso pera falar a quem o agravou? Se este exemplo de infinita humildade e mansidão não basta pera arrombar um tal coração, bem podemos desconfiar de sua salvação.

Diz o Evangelista que, chegando o Senhor a S. Pedro pera lhe lavar os pés, pasmado Pedro de ver seu Mestre e seu Deus a seus pés e pera tal ofício, deu um brado: — *Senhor, vós me haveis de lavar os pés!*

Respondeu o Senhor: — *Pedro, o que Eu faço, ainda que agora não entendas porque o faço, despois o entenderás.*

E Pedro, ainda perseverando em seu espanto, disse: — *Senhor, nunca pera todo sempre consinterei que me laveis os pés.*

Ao qual respondeu o Senhor: — *Pedro, vê o que dizes: se te não lavar, não terás parte em Mim.*

Temorizado Pedro com tão grande ameaça, respondeu: — *Livre-me Deus, Senhor, de tão grande maldição! Se não posso ter em Vós*

parte se me não lavardes, não sòmente os pés, mas as mãos e a cabeça me lavai.

Respondeu-lhe o Senhor: — *Aquele que anda lavado, não tem necessidade que lhe lavem, pera ficar de todo limpo, senão os pés: os quais, se andam descalços, não se pode escusar qualquer pó. De vós-outros sei Eu que todos andais limpos no principal, ainda que não todos* (isto dizia por Judas), e nisto queria o Senhor dar a entender que todos os Apóstolos (tirando Judas), estavam em estado de graça e sem pecado mortal, ainda que lhe não faltasse algum pó de leves e veniais pecados, cuja limpeza, como tenho dito, queria o Senhor significar ser necessária em a hora que o homem há-de receber o Corpo e Sangue do Senhor pera proveito e melhoramento de sua alma.

Despois que o Senhor lavou os pés a todos, tornou a tomar Sua vestidura superior, e, tornando-se a assentar, lhes disse ([5]): — *Sabeis porque vos fiz isto? Vós chamais-me Mestre e Senhor, e dizeis bem:* porque verdadeiramente Eu o sou. Pois se *Eu, sendo Mestre e Senhor vosso, vos lavei os pés, quanto mais deveis vós uns aos outros lavar os pés? Porque pera isso vos dei exemplo que assi como Eu fiz, assi vós façais.*

Acabado este maravilhoso auto, procedeu a outro muito mais espantoso, que foi a instituição do Santíssimo Sacramento ([6]). Querendo dar cabo aos velhos sacrifícios da Lei, institue novo e altíssimo sacrifício de Seu Corpo e Sangue. E, como diz S. Leão Papa, pera que as sombras dos sacrifícios dos cordeiros e bezerros cedessem e dessem lugar ao verdadeiro sacrifício do Corpo do Senhor que figuravam as antigas observâncias e cerimónias são excluidas com novo Sacramento: sacrifício se muda em sacrifício: sangue de brutos animais se muda em Sangue do Filho de Deus.

E, chegando-se o tempo que havia de tirar Seu Corpo das terras e levá-lo pera as estrelas, primeiramente per Seu infinito poderio e

([5]) Joan. 13,12-15. — ([6]) Matth. 26,26-28; 1 Cor. 11,24.

sabedoria achou um singular meio polo qual, ainda que tresladasse Seu Corpo e O colocasse sobre os Céus, todavia pera nossa consolação ficasse nas terras sacramentalmente e realmente, pera que neste desterro tivéssemos um tão singular penhor de Seu amor e um vivo memorial de Sua Paixão.

E, pois, era necessário que a lei da graça tivesse algum sacrifício, como tiveram todas as leis e religiões ainda que falsas, não se sofria a religião cristã ter sacrifício de menos valor que o que o Senhor ofereceu na Cruz. E, por isso, ordenou que esse mesmo sacrifício ficasse perpètuamente antre nós, não visìvelmente, senão invisível e espiritualmente, debaixo de semelhanças e acidentes de pão e de vinho, mudada per Sua omnipotência a substância de pão em substância de Seu Corpo, e a substância de vinho em substância de Seu Sangue. E assi, debaixo destas figuras, se pudesse, sem horror, comer e beber como manjar celestial que esforçasse nossa alma, e alumiasse na fé, e afervorasse na caridade, e, finalmente, nos fosse como o penhor, que nos deixava, até que nos desse glória e bem-aventurança que nos prometia.

E o que é mais pera espantar é que naquela mesma noite que o mundo estava urdindo o maior malefício que contra Ele podia cometer, tratando de Sua morte, então lhe estava o Senhor fazendo este tão alto benefício! E isto considerava S. Paulo, quando dezia (7): — *O Senhor Jesu, naquela noite em que havia de ser traído e preso, então deu aos homens este dom de infinito valor, o sacramento de Seu Corpo e Sangue, então lhe ordenava este pão de vida quando os homens actualmente estavam tratando de Sua morte.*

Baste isto quanto à instituição do Santíssimo Sacramento hoje feita. Acima, na matéria dos Sacramentos, falámos mais largo deste Sacramento, e hoje se pode ler o que lá fica dito.

(7) 1 Cor. 11,23.

Acabado este sacratíssimo auto, fez o Senhor a Seus discípulos, por despedida, um largo e suavíssimo sermão (8), todo cheio de mistérios e amores celestiais, do qual algũas palavras brevemente tocarei. — *Filhinhos,* dezia o Senhor, *ainda que Me agora aparte de vós, Eu vos tornarei a ver, não vos deixarei órfãos: ainda que Me vá, eu tornarei pera vós* (9). — *Saí do Padre e vim ao mundo: agora deixo o mundo e torno ao Padre* (10). — *Sabei que a vós mesmos releva apartar-Me, por agora de vós: porque, se Me não apartar, não virá o Espírito Santo sobre vós; mas, apartando-Me, Eu Vos enviarei aquele Espírito* (11) consolador que vos alumie perfeitamente em Meus mistérios, que vos afervore em Meu amor, que vos console e confirme em todas as perseguições e tribulações que haveis de passar. E, por isso, *não vos torveis nem desmaieis. Confiai em Deus, confiai também em Mim* (12) que Eu Deus sou. — *Já vos não chamarei servos, porque o servo não sabe o segredo de seu senhor: mas chamar-vos-ei amigos, porque vos descobri os segredos de meu Padre* (13). *Vós não Me escolhestes por Mestre, mas Eu vos escolhi por discípulos, e vos deputei pera que vades polo mundo e façais muito fruito que dure pera sempre* (14). — *Apercebei-vos pera muitos trabalhos e tribulações que no mundo haveis de passar:* porque vos certifico *que vós-outros vos entristecereis e chorareis, e o mundo folgará e se alegrará: mas a vossa tristeza se tornará em prazer, e sereis semelhantes à mulher que, chegando a hora do parto, se entristece, mas, despois que vê um filho nascido, com o prazer que toma não se lembra do trabalho passado: assi vossas tristezas todas se converterão em grandes e verdadeiros prazeres* (15). — *Não tenhais por cousa estranha se o mundo vos tiver ódio e vos perseguir: lembre-vos que a Mim, que sou maior que vós, teve ódio* (16). — *Se vós fôsseis mundanos, o mundo como cousa sua vos amaria; mas porque vós não sois deste mundo, mas Eu vos escolhi e tirei dele, por isso vos quer mal o mundo. Lembre-vos da palavra que ũa vez vos disse, que não é o servo maior que seu senhor. E, por tanto, se me*

---

(8) Joan. 13,33-38; 14,1-31; 15,1-33.—(9) Joan. 14,3 e 18.—(10) Joan. 16,28. — (11) Joan. 16,6-7. — (12) Joan 14,1. — (13) Joan. 15,15. — (14) Joan. 15,16. — (15) Joan. 16,33 e 20-22. — (16) Joan. 15,20.

a Mim perseguiram, também a vós perseguirão ([17]). — *Mas confiai que eu venci o mundo* ([18]).

Exortou-os também à caridade e amor fraternal, dizendo: — *Mandado novo vos dou, que vos ameis uns aos outros assi como Eu vos amei. Nisto quero que conheçam todos que sois Meus discípulos, se vos amardes uns aos outros* ([19]). E, por isso, *este mandamento vos dou particularmente Meu, que vos ameis como vos Eu amei* ([20]). — *Perseverai também em Meu amor* ([21]); *e nisto se verá se Me amais, se guardardes Meus mandamentos. Quem guarda Meus perceitos aquele é o que Me ama: e quem Me não ama, não os guarda* ([22]). — *A Minha paz vos dou: não da maneira que o mundo costuma dar* ([23]), paz fingida e falsa, mas verdadeira, que consiste em ter a alma pacífica e quieta com Deus, e com todos os homens conservar amor e paz, inda que sejam inimigos da paz.

Acabado este Sermão, diz S. João ([24]) que, *levantando o Senhor os olhos ao Céu, fez ũa oração ao Padre nesta forma: — Padre, chegada é a hora de Minha paixão, de Minha morte e ressurreição: e por isso, glorificai Vosso Filho, pera que Vosso Filho Vos glorifique. Destes-Lhe poder sobre todos os homens pera que a todos os que Lhe destes por discípulos, Ele lhes dê a vida eterna: a qual vida eterna não é outra cousa senão conhecer-Vos a Vós, verdadeiro Deus e a Jesu Cristo, Vosso Filho, que ao mundo enviastes. Eu Vos glorifiquei sobre a terra, e acabei o negócio da salvação dos homens que Me encomendastes* ([25]): — *Eu lhes manifestei Vosso nome, e eles creram e conheceram que Vós me enviastes ao mundo. Eu por eles rogo: não rogo polos mundanos, senão por aqueles que escolhestes e me entregastes. Padre santo, guardai em Vosso nome aqueles que Me destes, para que eles sejam*

([17]) Joan. 15,19-20. — ([18]) Joan. 15,33. — ([19]) Joan. 13,34-35. — ([20]) Joan. 15,12.—([21]) Joan. 15,9.—([22]) Joan. 15,14; 14,15.—([23]) Joan. 14,27. — ([24]) Joan. 17,1-26. — ([25]) Joan. 17,1-4.

ũa cousa em amor e de caridade, como nós somos (26): — *Santificai-os per virtude da Vossa palavra, que é a verdade* (27): — *Não sòmente rogo polos discípulos Meus presentes, mas por todos aqueles que, pola doutrina e pregação destes, hão-de crer em Mim. E rogo que todos antre si e em Nós sejam ũa mesma cousa* (28), unidos em ũa mesma fé, esperança, e caridade.

Acabada esta oração, passou, como diz S. João (29), *o Senhor além do ribeiro, que se chamava Cedron, e entrou naquele horto ou cerrado de árvores,* porque, em pomar e lugar de árvores, queria o Senhor ser preso, e começar o exórdio de Sua paixão, pera significar e demonstrar que, ainda que padecia por todos os pecados do mundo, especialmente era polo pecado de Adão e Eva cometido no pomar e paraíso terreal.

Naquele horto, como contam os Evangelistas, *começou o Senhor de se angustiar e entristecer* (30), e foi posto em tanto extremo de agonia, *até suar gotas de sangue* (31) e afirmar a Seus discípulos *que estava triste até à morte* (32). Procedia esta grande e mortal tristeza da profunda e veemente imaginação de todas as penas e dores que havia de passar em todo o processo de Sua Paixão. E voluntàriamente quis tomar esta tristeza, soltando e deixando a carne em sua fraqueza, e desemparando-a de toda ajuda sobrenatural, pera que assi mostrasse quão voluntàriamente padecia, e bebesse todas as penas e dores por nossos pecados, sem mestura de consolação algũa.

Àquele horto *veio ter Judas com grande multidão de homens armados* (33), aos quais, como a lobos, *voluntàriamente se entregou o manso Cordeiro de Deus* (34), e per eles *foi levado polas casas de diversos juízes, apresentado diante muitos tribunais* (35). E porque

(26) Cf. Joan. 17,6-11.—(27) Joan. 17,17 e 19.—(28) Joan. 17,20-21.—(29) Joan. 18,1.—(30) Matth. 26,37; Marc. 14,33; Luc. 22,43.—(31) Luc. 22,24. — (32) Matth. 26,38; Marc. 14,34. — (33) Matth. 26,47; Marc. 14,43; Luc. 22,47; Joan. 18,3. — (34) Matth. 26,50; Marc. 14,46; Luc. 22,51-54; Joan. 18,11-12. — (35) Matth. 26,57 s.; 27; Marc. 14,53 s.; 15; Luc. 22,54 s.; 23; Joan. 18,12 s.; 19.

agora não determino falar largamente da Paixão do Senhor, basta sumàriamente dizer que o Senhor, em Sua sagrada Paixão, veio ao extremo assi das dores e tormentos, como das desonras e afrontas. E quanto às desonras, claramente consta dos Evangelistas, quantas blasfémias contra Ele disseram, e quantos falsos testemunhos Lhe levantaram ([36]). Grandes e pequenos, sacerdotes e leigos, gentios e judeus: todos contra Ele conspiraram. Não sòmente os seus capitais inimigos, mas também o povo meúdo, por eles induzido, pediam a Pilatos que O crucificasse, e que antes lhes soltasse Barrabás, ladrão, que Ele ([37]).

E, finalmente, não sòmente de Seus inimigos, mas também de Seus especiais amigos e discípulos foi desemparado e injuriado, porque, além de todos o deixarem e fugirem d'Ele, um O vendeu ([38]) e outro O negou ([39]).

Quanto às dores e tormentos, manifestamente chegou ao extremo padecendo bravíssimas penas em todos os membros e sentidos, açoutados crudelìssimamente em todo o corpo ([40]), coroado de espinhos na cabeça ([41]), esbofetiado e cuspido no rosto ([42]), e lançando-lhe a Cruz sobre os ombros ensanguentados pera que a levasse ([43]), os pés e mãos rasgados com pregos pregados na Cruz, e o lado passado com lança ([44]). E, porque a língua não ficasse sem pena, Lhe davam a beber fel e vinagre ([45]). É crucificado entre ladrões como capitão de malfeitores ([46]). Finalmente perde a fama e a vida, pera que nos alcançasse a vida e fama eterna ([47]). Chega ao extremo das dores, das desonras, das afrontas, pera que nós chegássemos ao extremo dos prazeres, das honras, e das glórias.

([36]) Matth. 26,60-67; 27,17 s.; Marc. 14,55 s.; 15,1 s.; Luc. 22,63 s.; 23,2 s.; Joan. 18,21 s.; 19. — ([37]) Matth. 27,17-23; Marc. 15,6-15; Luc. 23,18--25; Joan. 18,39-40. — ([38]) Matth. 26,14-16; Marc. 14,10-11; Luc. 22,3-6. — ([39]) Matth. 26,69-75; Marc. 14,66-72; Luc. 22,54-62; Joan. 18,25-27. — ([40]) Joan. 18,1-3; Matth. 27,26; Marc. 15,16.—([41]) Matth. 27,29; Joan. 19,2. —([42]) Matth. 26,67; Marc. 14,65; Is. 50,6.—([43]) Joan. 19,17.—([44]) Joan. 19,34. — ([45]) Matth. 27,34; Marc. 15,23. — ([46]) Matth. 27,38; Marc. 15,27; Luc. 23,33; Joan. 19,18. — ([47]) Matth. 27,50; Marc. 15,37; Luc. 23,46; Joan. 10,30.

Despois que os homens lhe fizeram quantos males lhe podiam fazer, e o tiveram pregado em ũa Cruz, ainda nela escarneciam d'Ele ([48]), ali roga por eles, ali faz especial oração ao Padre por Seus crucificadores ([49]), ali se mostra tão largo aos pecadores que a um ladrão, primeiro que a ninguém, promete o paraíso ([50]); ali estando, alagado de dores e desonras, ainda brada que tem sede de beber maiores penas por nossa salvação ([51]). Mas porque o mundo tinha chegado ao cabo em lhas dar, deu outro brado e disse: — *Acabado é* ([52]). Padre celestial, pois se acabou e cumpriu tudo, e não há mais de minha parte que fazer nem que sofrer, em Vossas mãos encomendo meu Spírito ([53]). E, isto dizendo, expirou ([54]).

([48]) Matth. 27,39-44; Marc. 15,29-32; Luc. 23,35-37.—([49]) Luc. 23,34. ([50]) Luc. 23,43. — ([51]) Joan. 19,28; Psal. 68,22. — ([52]) Joan. 19,30. —([53]) Luc. 23,46; Psal. 30,6.—([54]) Matth. 27,50; Marc. 15,37; Luc. 23,46; Joan. 19,30.

PRÁTICA

No Santíssimo Dia de Páscoa

Eis aqui somos presentes na claríssima festa da Páscoa da Ressurreição do Senhor, a qual com muita rezão nos deve alvoroçar e alegrar sobre todas as outras festas do Senhor: porque nela, assi da parte do Senhor como da nossa, concorrem mais rezões de alegria e consolação. Porque, ainda que muito nos alegremos no dia de Seu nascimento, todavia aquela não pode deixar de ser mesturada com algũa compaixão e dor, considerando as necessidades e pobrezas em que nasceu, o frio que padeceu, e outras misérias humanas a que, nascendo, se someteu; e, finalmente, considerando a Morte e Paixão pera que nasceu, e como do Presépio havia de passar à Cruz. Também, quanto ao que toca a nós, em Seu nascimento ainda não vemos as perfeições de nosso corpo, as quais d'Ele esperamos e grandemente desejamos, porque nasce em carne mortal e passível, semelhante à nossa, suspirando nós, do íntimo do coração, por ter carne imortal e impassível.

Mas nesta esclarecida festa, que hoje celebramos, tudo quanto nela vemos nos consola sem mestura de tristeza ou compaixão, assi polo que a Ele toca, como a nós. Hoje, com olhos de fé O vemos levantar-se do sepulcro, ressurgindo em carne imortal e impassível, seguro de nunca mais morrer ou padecer, triunfando da morte e do inferno.

E, também, quanto ao que a nós toca, tudo o que n'Ele vemos confirma nossas esperanças, e dilata nossos corações com alegria e prazer: porque n'Ele vemos hoje a glória que hão-de alcançar os filhos de Deus, e o bem-aventurado estado da vida que esperamos no dia da ressurreição geral. Ele Se propõe hoje diante de nossos olhos, e nos mostra Sua carne gloriosa e imortal, e nos diz: — *Eis aqui o treslado e a amostra da glória que há-de ter vossa carne, se fordes Meus verdadeiros discípulos. Assi como esta carne, em que hoje ressurgi, é imortal, assi o será a vossa. Assi como é impassível e incapaz de toda a corrupção, pena, e de toda outra miséria que se puder imaginar, assi o fará a vossa. Assi como é sutil e ligeira, não perdendo de ser verdadeira carne e ter verdadeiros ossos, e assi como é clara e resplandecente e estremadamente fermosa: assi o fará a vossa, se, de coração, Me servirdes e andardes unidos e pegados Comigo per fé, esperança e caridade.*

Ó irmãos, há aqui algum que não deseje que sua carne alcance estas glórias, estes dotes e perfeições? Manifesto é que todos, com entranháveis gemidos dizendo com Paulo (1): — *Nolumus expoliari, sed supervestiri,* que quer dizer: *Não desejamos de deixar este corpo e que as nossas almas estejam apartadas dos corpos, mas desejamos de vestir corpos reformados, corpos que nunca moiram, que nunca adoençam, que não possam ter pena nem desgosto nem outro qualquer achaque.*

Este desejo esprementava em si mesmo David quando dizia (2): — *Senhor, não sòmente minha alma há sede de vós, mas também a carne per mil maneiras suspira a vós,* desejando e esperando a gloriosa reformação que lhe tendes prometida. *Está minha carne neste mundo rodeada de mil misérias e faltas, e, por isso, contìnuamente geme polo dia de sua restauração e glorificação.*

(1) 2 Cor. 5,4. — (2) Cf. Psal. 62,2-3.

Mas porque tem Deus ordenado que ninguém alcance, assi a bem-aventurança da alma como da carne, sem trabalhos e merecimentos, por tanto neste dia em que nos é proposta a imagem e amostra de nossa gloriosa ressurreição, nos traz a santa Madre Igreja, em a Missa, ũa breve receita daquele grande médico e mestre, S. Paulo, que, em poucas palavras, nos diz o que nos convém fazer pera chegarmos à glória da ressurreição, dizendo desta maneira ([3]):

— Irmãos, se quereis gloriosamente ressurgir em o número dos santos, convém-vos que, neste mundo, *lanceis de vossa alma todo formento velho,* alimpando-a de toda a malícia, ódio, e rancor, inveja, indignação, e de toda a mais corrupção e podridão espiritual, *pera que fiqueis como ũa massa asma fresca e limpa. Porque haveis de saber que o nosso Cordeiro Pascoal não é outro senão Jesu Cristo,* Nosso Senhor, que por nós foi sacrificado no altar da Cruz: o qual, como seja fonte de toda a limpeza e santidade, não mora senão em almas limpas. *E, por isso, convém que pascoemos* e festejemos Sua ressurreição, *não com pão formentado,* mas com pão asmo, *scilicet,* não com coração malicioso e maligno, *mas verdadeiro, sincero* e limpo.

Também pera isto mesmo no *Evangelho* ([4]) que ouvistes à Missa, nos é posta diante dos olhos a devação daquelas três santas mulheres Marias que hoje, ante-manhã, partiram de suas casas com unguentos preciosos pera que ungissem o Corpo do Senhor, que estava sepultado. Mas, quando chegaram ao sepulcro, acharam que era ressurgido, porque, chegando ao moimento, viram um Anjo em figura de mancebo, vestido de ũa roupa branca e resplandecente, o qual estava sentado à mão direita do moimento, e, vendo-o elas, ficaram pasmadas e disse-lhes o Anjo: — *Não tenhais pavor; bem sei que buscais Jesu de Nazaré, que foi crucificado. Já ressurgiu, não está aqui. Ex aqui o lugar onde O puseram. Mas i e levai estas novas a Seus discípulos e a Pedro, que em Galileia O verão, como Ele havia dito.*

([3]) 1 Cor. 5,7-8. — ([4]) Marc. 16,1-7.

Per esta sagrada história nos quis o Senhor ensinar que, se queremos chegar a ver e gozar a glória da ressurreição, que esperamos no fim do mundo, convém que, enquanto vivemos, nos apercebamos de unguentos aromáticos e cheirosos, não corporais, senão espirituais, com os quais unjamos o Senhor, cousa que Ele de nós principalmente requere.

Estes unguentos são três, como diz o glorioso S. Bernardo, *scilicet,* contrição, devação e misericórdia.

O primeiro unguento com que Deus quer ser ungido espiritualmente do pecador, é verdadeira contrição dos pecados feitos. E ainda que pecados sejam ũas ervas e matérias mui fedorentas, todavia, cozidos na panela de nosso coração com o fogo de dor e amor de Deus, fazem um unguento preciosíssimo, que recende até diante dos Anjos. Em cuja figura se diz que o cheiro do unguento, com que a Madalena ungiu o Senhor, encheu toda a casa. O qual bem-aventurado unguento de contrição e arrependimento perpètuamente há-de perseverar na botica de nosso coração, nem o havemos de lançar fora ainda que venha a Páscoa, porque, como os Santos dizem, ainda que o jejum e abstinência de carne tenha tempo taxado, pera contrição não há tempo taxado, mas o seu tempo é toda a vida; porque, como diz S. Agostinho, faltando a contrição, falta o perdão. Porquanto do pecado ũa vez cometido, sempre convém ter desprazer e pesar quando quer que vem à memória; ao menos nunca é lícito comprazer e aprovar o mal ũa vez feito.

Despois dos pecados e chagas da alma curadas com o unguento da contrição, convém com toda a diligência procurarmos fazer suavíssimo unguento da devação, a qual não é outra cousa senão ũa prontidão e fervente inclinação da alma pera as cousas divinas. E, como S. Bernardo diz, este unguento é mais excelente e precioso que o primeiro, assi como os materiais, de que se faz, são mais nobres, os quais são todos os benefícios que Deus fez ao género humano. Porque da

meditação e consideração deles se gera em nosso peito aquela nobilíssima afeição que chamamos devação.

E não basta qualquer frio pensamento deles pera espertar em nós, mas é necessário que os trilhemos e os esmiucemos com frequente meditação, e assim também os cozamos com o fogo do santo desejo, porque assi se compõem esta divina confeição, que chamamos devação.

Não se escuse algum, dizendo que não é leterado, e que, por isso, não pode colher as ervas necessárias (que são principalmente os mistérios de Cristo considerados) pera fazer estes unguentos. Esta escusa não vale nada, porque pera isto, não são necessárias letras, senão humildade, simplicidade, e boa vontade. Quanto ũa pessoa é mais humilde e fora de malícia e dobreza, tanto está mais desposta e capaz pera alcançar dom de devação. E, por isso, S. Gregório e a Santa Madre Igreja dizem que o género das mulheres é devoto, porque, regularmente, não sabendo letras, têm o coração desinchado e humilde e, portanto, capaz de Deus lhe comunicar graça de devação.

De maneira que este divino unguento não é cousa sòmente de letrados, mas de todos os cristãos, porque todos somos obrigados cuidar nos benefícios e grandezas de nosso Deus e, especialmente, nos mistérios que obrou nascendo em carne por nossa salvação, e, por eles, louvá-Lo e dar-Lhe muitas graças contìnuamente.

E ainda que todos os cristãos não cheguem a ter igual devação, igual fervor e prontidão nas cousas do Senhor, baste que cada um trabalhe de fazer este unguento o mais perfeito e fino que puder, não confiando em suas forças e diligência, mas na graça e ajuda do Senhor, polo qual há-de chamar instante e contìnuamente, dizendo: — *Senhor, dai-me fervor, prontidão e vontade pera as cousas de Vosso serviço; dai-me lume pera conhecer Vossos mistérios; dai-me dom de douta e quieta oração.*

O terceiro unguento é misericórdia e piedade, com a qual, ungida, a alma piedosa e misericordiosa unge e remedeia, quanto em si é, as necessidades de seus próximos, assi espirituais como corporais, sempre

de si destilando e lançando as catorze obras de misericórdia, ora as espirituais, ora as corporais.

Com este unguento estava o coração de Job todo tenro e brando, pois que de si deu testemunho, dizendo [5]: — A porta de minha casa sempre esteve aberta aos peregrinos e caminhantes: *eu era pai dos pobres, olho dos cegos, e pé dos mancos. Não neguei aos pobres o que me pediam, nem permetia que as viúvas estivessem esperando polo remédio de suas necessidades, nem comia meu bocado só sem dele partir com o órfão.*

Quão excelente seja este unguento, manifestou o Senhor naquelas palavras que disse aos Judeus [6]: — *Mais quero misericórdia que sacrifício.* E nas outras que disse [7]: — *Bem-aventurados os mesiricordiosos porque eles alcançarão mesiricórdia.*

Portanto, irmãos, se queremos chegar à glória da bem-aventurada ressurreição, que hoje nos é mostrada e prometida, convém com as santas Marias provermo-nos destes celestiais unguentos, por que estes são com os quais o Senhor quer de nós ser ungido.

Também nesta festa se pode ler a prática que acima fica feita na Doutrina Cristã sobre o quinto artigo, scilicet, Creio que nosso Senhor Jesu Cristo desceu aos infernos, e, ao terceiro dia, ressurgiu dos mortos.

Em a festa da Ascensão do Senhor se leia a prática que atrás fica posta sobre o sexto artigo da fé em que se trata do mesmo mistério.

---

(5) Job 29: 16, 15, 13, 12.—(6) Matth. 9,13; 12,7.—(7) Matth. 5,7.

PRÁTICA

No Santíssimo Dia do Pentecoste

Ainda que todos os mistérios da nossa santa fé se devam celebrar e festejar com todo o fervor de espírito e de devação, especialmente este que hoje celebramos requere isto de nós: pois hoje festejamos aquele dia em o qual o fogo do divino amor, e o lume da divina sabedoria foram copiosamente derramados na terra, e os corações apostólicos alumiados e abrasados, cheios de toda alteza e perfeição de devação.

E, por isso, convém que todos os que nesta casa de Deus nos ajuntamos para celebrar a festa do divino amor, venhamos já tocados d'Ele, ou, ao menos, despostos e capazes pera O receber. Porque não há cousa mais fora de propósito, que neste dia entrar na Igreja com coração carnal, cheio de ódio ou rancor do próximo, ou contaminado com torpes pensamentos e desejos, com cobiça, soberba ou qualquer outro depravado afecto. Não é menos entrar no templo de Deus a festejar a festa do Spírito Santo com espírito maligno e vicioso, que entrar onde se celebram bodas de algum rei com vestido de dó, com loba muito comprida, e carapuça metida até os olhos.

Ora sús, irmãos, se algum aqui está que tenha o coração vestido de dó negro de algũa culpa, logo se dispa e aparelhe seu coração pera receber os dões do Spírito Santo, pera receber aqueles tesouros de

lume espiritual e amor divino que hoje o Céu mais largamente que nunca comunicou à terra. E não sem causa tinha o Céu até agora estes tesouros em si escondidos e fechados, e hoje tão magnìficamente os abriu ao género humano: porque também até o presente não tinha a terra enviado ao Céu algum fruito seu digno de se nele receber. Mas, tanto que o fruito que deu a terra virginal de nossa Senhora, *scilicet*, a sacratíssima humanidade do Redentor, foi dada ao Céu no dia de sua Ascensão, que hoje faz onze dias, logo o Céu, com prazer e alvoroço do riquíssimo presente que da Terra recebia, não pôde mais ter suas riquezas cerradas ao género humano, mas abundantìssimamente lhas comunicou hoje, enchendo as almas daqueles primeiros cristãos de todos os dões celestiais, assi como nos conta o glorioso Evangelista S. Lucas, na Epístola deste dia, dizendo assi, em suma (1): — *Que, cumprido* o sagrado *número de cinquenta dias* desna Ressurreição do Senhor, *estavam todos os discípulos juntos em ũa casa* esperando já este bem-aventurado dia que lhe era prometido, estavam em perfeita paz e concórdia, com limpeza de corações como convinha pera receberem as graças celestiais. E estando assi, milagrosamente e *sùbitamente se fez um grande som à semelhança de um grande pé de vento, encheu toda a casa em que estavam. E logo sobre eles apareceram muitas línguas como de fogo, e foram todos cheios do Spírito Santo, e começaram de falar* das grandezas e mistérios divinos *em diversas linguagens, assi como o Spírito Santo os inspirava a falar. E rompendo-se logo isto pola cidade de Jerusalém, e concorrendo homens de diversas nações* a ver esta maravilha, *pasmavam de os ver contar* as grandezas de Deus *em suas línguas.* Aquelas línguas de fogo que de fora apareciam, mostravam e testemunhavam a luz e fervor que em sua alma era derramada, porque, assi como o fogo é claro e quente, assi aos Apóstolos foi dado lume e claridade pera conhecimento dos segredos e mistérios divinos, e quentura de amor pera os amar e viver segundo eles. E com rezão o fogo que de fora apareceu era *cortado e partido à maneira de línguas,* pera significar que o lume da sabe-

(1) Act. 2,2-11.

doria e fervor do amor não era dado aos Apóstolos sòmente pera eles, mas pera que, com suas línguas e encendidas pregações, alumeassem e inflamassem todo mundo.

Daqui, irmãos, aprendei e levai na memória que os dões e riquezas espirituais, que contìnuamente haveis de pedir ao Spírito Santo, são lume de entendimento e amor da vontade. Lume pera conhecer a verdade e amor pera amar e seguir a verdade conhecida.

E, pera que entendais que lume é este, sabei que aquela alma se diz ter lume divino e espiritual, a qual não sòmente crê firmamente quanto crê a Santa Madre Igreja, mas também no que se há-de fazer ou deixar de fazer tem pareceres acertados, e julga direitamente de todo bem que se há-de fazer, e de todo mal que se há-de fugir, *scilicet*, quem tem este lume, julga afirmadamente que as cousas eternas e espirituais se hão-de estimar e amar sobre tudo, e as terreais se hão-de desprezar, nem ter em conta; e que sobre tudo se há-de procurar estar bem com Deus e não O agravar, e trazer a consciência limpa e quieta. E, assi, per este lume julga que o inimigo perseguidor se há-de amar por amor de Deus, e se há-de fazer bem a quem nos faz mal; e que ninguém, com sua mão ou per sua autoridade, há-de tomar a vingança das injúrias que lhe fazem, por grandes que sejam.

Estes e outros santos pareceres mostra este lume à alma em que mora. Os quais são estranhos aos filhos deste mundo, porque suas almas carecem deste lume e andam em trevas.

O dom do amor está assentado na nossa vontade, e a inclina a amar a Deus sobre todas as cousas e ao próximo como a si mesmo, e seu próprio ofício é, sobre tudo, fugir de ofender ou descontentar a Deus. E, por isso, a santa Madre Igreja, nesta festa do divino amor, nos traz um *Evangelho* em que se declara este ofício e propriedade do amor, e começa assi [2]: — *Disse o Senhor a Seus discípulos: Se alguém Me amar, guardará as Minhas palavras e mandamentos. Quem*

(2) Joan. 14,23-31.

Me não ama, não guarda Minhas palavras. Como se dissesse: Ninguém se engane! Ninguém, pera julgar se ama Deus, tome falsos sinais por verdadeiros, porque nem falar santas palavras, nem dizer boas orações, nem derramar lágrimas cuidando em Deus, são certos sinais de Seu amor: mas o certo sinal é fazer boas obras e cumprir os mandamentos de Deus.

E, por isso, diz S. João na sua Canónica [3]: — *Se algum disser que ama a Deus, mas não guarda seus mandamentos, é mintiroso:* porque, então, verdadeiramente amamos quando Seus mandamentos guardamos; porque, como está dito, o próprio ofício do amor é fugir de dar descontentamento ao amado.

Polo qual, quando queremos mostrar que um filho ama muito seu pai, ou ũa mulher seu marido, costumamos dizer: aquela mulher faz de si mil manjares por não dar um desgosto a seu marido. E assi só aquele se chama bom cristão e amigo de Deus, que faz de si mil manjares por não cair em um pecado, sabendo certo que per todo o pecado se descontenta e ofende Deus.

E cada um tanto é mais santo, quanto mais foge de pecar. Por isso, irmãos, se quereis que vossas almas sejam moradas do Spírito Santo e de Seu amor, arrependei-vos e confessai-vos dos pecados que até o presente cometestes, e assentai firmamente convosco não cometer outros: e isto com perseverança. E assi sereis prepétuas moradas do Spírito Santo, per graça e per glória.

Em o Domingo da Santíssima Trindade se leia a prática que acima está escrita sobre o oitavo artigo da fé, que diz: Creio em o Spírito Santo.

Em a quinta-feira seguinte, quando se celebra a festa do Santíssimo Sacramento, se leia o Sermão que na matéria dos Sacramentos acima fica escrito quando tratamos do mesmo Sacramento do Corpo e Sangue do Senhor.

---

(3) 1 Joan. 2,4.

PRÁTICA

Na Festa da Purificação de N. Senhora

Nesta tão alumiada e clara festa celebramos aquele glorioso dia quando a verdadeira luz do mundo, o Deus Menino por nós nascido, foi apresentado no Templo, quarenta dias depois de Seu nascimento [1], e nele, per mãos da Virgem Sagrada, oferecido a Seu Eterno Padre, e, juntamente, tomado nos braços do Santo Velho Simeão [2], o qual, cheio do Spírito Santo [3], conhecendo quem tinha nas mãos, começou logo a cantar e pergoar que Aquele era o verdadeiro lume do mundo [4].

Polo qual nós, ajuntando-nos com o Santo Velho, e com o Profeta David, começamos a Missa do presente dia, confessando e dizendo [5]: — *Hoje, Senhor, recebemos vossa misericórdia no meio do vosso templo.*

E, com candeias acesas nas mãos, representamos e confessamos que esta Luz foi hoje por nós no Templo presentada. As quais candeias benzemos pera significar que todas as bênções e santificação procedem desta Luz.

Mas por que causa a Virgem Sagrada aguardou que se acabasse o termo de quarenta dias despois de seu parto [6] pera vir ao Tem-

---

(1) Luc. 2,22.—(2) Luc. 2,25 e 28.—(3) Luc. 2,26.—(4) Luc. 2,32. (5) Psal. 47,10-11. — (6) Luc. 2,22.

plo e trazer seu Filho, lume do mundo? Por ventura era ela ũa das sujeitas e compreendidas debaixo daquele mandamento da Lei de Moisés ([7]), que defendia as de novo paridas entrar no Templo antes de acabados quarenta dias, se pariam macho, e antes de acabados oitenta, se pariam fêmea?! Em nenhũa maneira. Porque a mesma Lei expressamente ([8]) a excluia, explicando que não era feita a tal Lei senão pera as mulheres que, per semente de varão, haviam concebido.

Pera entendimento do qual deveis saber que, em detestação e horror do pecado, ordenou Deus esta Lei, evitado da igreja e ofício divinos toda a mulher que, naturalmente, concebia e paria. E isto, por rezão do pecado original em que nasce todo o homem filho de Adão, gerado de homem e mulher. E porque o primeiro pecado (que foi a raiz do pecado original em que nascemos), começou em a mulher, porquanto ela foi a que induziu Adão a pecar, portanto dobrou Deus a pena na mulher que paria filha, estabelecendo que a que paria filho, ficasse evitada da entrada do templo per espaço de quarenta dias e a que paria filha, per espaço de oitenta ([9]).

O que tudo o Senhor fazia e ordenava pera que nos comovesse e incitasse a estranhar e abominar o pecado, e conhecêssemos que não há cousa mais abominável e horrível que ofender a Deus. O que claramente mostrava nesta Lei penal, castigando a mulher parida, a qual parecia dever-se antes por isso honrar e previligiar. Cousa maravilhosa parece que a mulher, que, com os fruitos de seu ventre, ajuda a conservar o mundo, fique, por isso, desonrada e abatida diante de Deus: e diga Deus ([10]): — *Não apareça diante de Mim nem entre em minha casa tantos dias mulher parida.* Mas, como digo, era isto pola culpa original, por aquela mascarra e nódoa que herdam e trazem todos os nascidos, filhos daquele primeiro tredor Adão.

---

(7) Lev. 12,2-8.—(8) Lev. 12,2.—(9) Lev. 12,5.—(10) Lev. 12,4.

Aqui vereis, irmãos, quanto Deus avorrece e estranha, e vós deveis fugir um pecado mortal, pois que o Senhor tanto abomina e castiga o pecado original dos novamente nascidos; o qual é muito menos pecado que o mortal, quase como ũa nódoa e raça do pecado mortal que Adão cometeu.

E daqui fica claro quão longe estava a Virgem Sagrada de lhe tocar a pena desta Lei, pois concebeu polo Spírito Santo e pariu aquele que é fonte de toda a limpeza e santidade. Mas, sem ser obrigada, ela, voluntàriamente, se someteu à Lei geral das paridas pera nos dar exemplo de obediência e humildade, assi como seu Filho, sem ser obrigado, se someteu à Lei da circuncisão ([11]).

Mandava a Lei ([12]), quando a mulher parisse o primeiro filho, passados quarenta dias, não sòmente o presentasse e oferecesse no Templo, mas também o entregasse a Deus como Seu, e não o tornasse a trazer pera sua casa, senão comprando-o primeiro a Deus, e resgatando-o por certo preço ([13]), porque Deus havia pera Si reservado e tomado todos os primogénitos dos Judeus em recompensação do benefício que lhes fez quando, por amor deles, matou todos os primogénitos do Egipto ([14]).

Ora, Senhora, vinde e trazei vosso Filho ao Templo, e oferecei-O a Deus por todos nós-outros, porque nós não temos cousa digna que Lhe ofereçamos. Se lhe quisermos oferecer nossas almas, ai! que temos deformada e afeada aquela beleza e fermosura que no baptismo alcançámos! Lavou-nos o Senhor em água baptismal das mascarras que herdámos de Adão, e fez em nós resplandecer Sua imagem que do ventre de nossas mães trouxéramos escurecida e suja. E nós, ingratos e cegos, tornamo-la a destruir e sujar, e figurar em nós a imagem

---

([11]) Lev. 12,3; Luc. 2,21; Joan. 7,22. — ([12]) Exod. 13,2; 34,19; Num. 8,16; Lev. 27,26; Luc. 2,23. — ([13]) Lev. 12,6-8. — ([14]) Num. 8,17.

do diabo! E, por isso, Senhora, não nos atrevemos oferecer nossas almas.

Se Lhe quisermos oferecer nossos corpos, vilíssima oferta faremos. Porque, se S. Paulo ([15]) dezia que *não havia cousa boa em seu corpo* (o qual andava mais espiritualizado que nossas almas), que será dos nossos?

Pois, se Lhe quisermos oferecer nossas obras, tais são que mais nos convém bradar com David ([16]): — *Senhor, afastai vosso rosto de meus pecados.*

E, se Lhe quisermos oferecer as boas obras que fizemos, tão misturadas andam as mais delas de faltas e imperfeições, que mais nos convém, com Isaias ([17]), compará-las a *pano manchado de sangue.*

Por isso, Senhora, oferecei por nós essa oferta de infinita limpeza e valor, a qual, só per si, é infinitamente agradável ao Padre celestial, e só ela pode purificar e fazer grata diante d'Ele a oferta de nossos corações e obras.

Polo qual, na Epístola do presente dia, traz a igreja a profecia de Malaquias ([18]), em a qual se compara este Menino, por nós hoje oferecido, a fogo que funde e purifica o ouro e a prata, e a erva de lavandeiros: porque só Ele pode alimpar as escórias e mágoas de nossos corações e obras.

Finalmente, Senhora, entregai hoje, por nós, vosso Filho ao Padre Eterno em reféns até que Ele por nós mesmos Se ofereça na Cruz.

E, ainda que a Senhora trazia oferta de infinito valor, e em tudo igual Àquele a Quem se oferecia, não deixa, por isso, de trazer a oferta temporal que a Lei ordenava ([19]), *scilicet,* duas rolas, ou dous pombinhos. Oferta certo mui misteriosa. Rolas ou pombas são aves cujo cantar não é outro senão gemer, em o que nos queria

([15]) Rom. 7,18.—([16]) Psal. 50,11.—([17]) Is. 64,6.—([18]) Mal. 3,1-4. —([19]) Lev. 12,6-8.

o Senhor ensinar qual deve de ser nossa vida e ocupação neste desterro e vale de lágrimas, a qual não deve de ser outra senão gemer por nossos pecados e polos alheios; polas tentações e perigos em que vivemos; pola incerteza de nossa salvação. E, juntamente, gemer com saudades do Padre e Pátria celestial, de cuja vista estamos tão alongados e desterrados.

E, especialmente, quando entramos no templo do Senhor, havemos de exercitar esta maneira de canto, orando com gemidos assi polas culpas, como com desejos do Céu. E, pera isto nos significar e ensinar, escolheu o Senhor as ditas aves entre as outras, que Lhe fossem em o templo ofertadas.

Diz mais o Evangelista ([20]) que, trazendo a Senhora seu Filho ao Templo, *ex aqui havia um homem velho em Jerusalém por nome de Simeão, o qual era justo, e temente a Deus, e desejoso da consolação* e salvação do povo; e, finalmente, era tal que o *Spírito Santo morava em sua alma.* Nas quais palavras manifesta o Evangelista ser Simeão cumprido em toda a santidade.

Primeiramente lhe chamou justo, que quer dizer: homem que vivia sem querela e perjuízo de ninguém. E, pera mostrar que em sua alma era limpo e sem mágoa, disse que era cheio de temor de Deus. E, pera significar a largueza de sua caridade, ajuntou que com ferventes desejos esperava que Deus consolasse seu povo, e enviasse o Salvador e verdadeiro consolador do mundo.

Ai de nós que, enquanto nossas próprias cousas estão bem e sucedem à nossa vontade, pouco se nos dá polas calamidades da república e males do mundo! O que é manifesto sinal quão resfriada está em nós a caridade, cujo natural ofício é *chorar com quem chora, e alegrar-se com quem se alegra* ([21]): sobretudo arder em desejos do bem comum e salvação de todos. Polo qual mereceu este Santo Velho *que o Spírito Santo lhe revelasse que não passaria desta pre-*

([20]) Luc. 2,25. — ([21]) Cf. Rom. 12,15; Eccli. 7,38.

sente vida até que não visse em carne o Salvador do mundo que tanto desejava ([22]). E neste presente dia lhe foram cumpridos seus desejos, *dizendo-lhe o Spírito Santo viesse ao templo* ([23]), e que nele veria o Consolador do mundo por quem aguardava. E assi, vindo-se ao Templo, estava com os olhos longos e desejos accesos, atentando por quantos entravam, até que entrou a Estrela do Mar com o Sol da Justiça em seus braços. E logo lhe revelou o Spírito Santo em seu coração que aquela era a Virgem per Deus escolhida; que parira e trazia o Redentor em seus braços.

E despois que a Senhora fez sua oferta, ele lho tomou nos braços, sustentando-o nos seus: e, todo renovado e transformado em Deus, começa de cantar com grande prazer ũa suavíssima cantiga, dizendo ([24]) : — *Senhor, já agora morrerei consolado e em paz, já agora, Senhor, podeis deixar e soltar o vosso servo dos atamentos do corpo: já não há porque mais deseje viver, pois já meus olhos viram o Salvador que mandastes ou mundo: Já vi aquele lume que pusestes diante do acatamento de todos os povos, pera alumiamento de todos os gentios, e pera glória e honra do vosso povo dos judeus.*

Não me quero mais alargar, irmãos, senão sòmente encomendar-vos que vos fique muito na memória esta palavra do Santo Simeon: que Jesu Cristo é lume posto por Deus diante dos olhos de todos os homens, pera que, pondo todos os olhos n'Ele, ouvindo Sua doutrina, e imitando Sua vida, não errem nas trevas deste mundo, mas, atinando e endereçando seus passos pola candeia e lume da doutrina evangélica, venham ter à Pátria da claridade eterna. Ai daqueles que põem este lume de trás das costas, que o Senhor pôs diante da face de todas as gentes! Necessário é que andem em trevas e dêm muitas quedas os que desprezam o lume que Deus lhes pôs diante, e regem sua vida, e enderençam suas obras assi como os instiga o fogo da concupiscência carnal, até chegarem ao fogo infernal.

---

(22) Luc. 2,26. — (23) Luc. 2,27. — (24) Luc. 2,29-32.

SERMÃO

Em a Festa da Anunciação de N. Senhora

Celebramos hoje o solene Mistério da Encarnação do Filho de Deus em o ventre virginal de Nossa Senhora. E é tanto a resplandor e claridade desta presente festa e mistério, que todas as outras festas e mistérios de nossa Redenção que, per o discurso do ano, celebramos, desta tomam seu valor e claridade. Porque hoje celebramos o primeiro milagre, o principal mistério e fundamento de todos os outros mistérios: porque fazer-se Deus homem e tomar carne humana, foi a primeira e mais alta maravilha, da qual dependem toda-las outras maravilhas de Seu Nascimento, de Sua Paixão, de Sua Ressurreição e Ascensão, e assi todas as mais.

De maneira, irmãos, que hoje solenizamos e festejamos aquele felicíssimo dia, aquela santíssima hora, aquele sacratíssimo momento em o qual *Verbum caro factum est* (1): em o qual o Verbo Divino se ajuntou pessoalmente a nossa carne, fabricando e organizando um corpo pera Si dos puríssimos sangues da Virgem e nele criando alma racional, e ajuntando à Sua Pessoa toda a natureza humana perfeita, assi alma como corpo. De maneira que ficou ũa pessoa, verdadeiro Deus e verdadeiro homem: tendo duas naturezas perfeitas, humana e divina em ũa só pessoa. E, no mesmo momento de Sua Encarnação,

(1) Joan. 1,14.

foi Sua sacratíssima alma cheia de toda a sabedoria e graça, infinitamente.

O exórdio e traça, como se este mistério celebrou, nos conta S. Lucas, no Evangelho (2), suavìssimamente. Começa a dizer que *enviou Deus um embaixador às terras* (3).

Certo, ouvindo isto e não entendendo pera que o mandava, devia ser temerosa nova para o mundo. Porque em tal estado estavam em aquele tempo, que, ouvindo que mandava Deus um Seu embaixador às terras, não se podia esperar senão castigo e condenação. Andavam os homens todos de guerra contra Deus, obstinados em contínuas desobediências e rebeliões, multiplicando cada dia ofensas e abominações, entesourando e acrecentando de cada vez mais no tesouro da ira de Deus contra si. Que misericórdia se podia, em tal tempo, esperar do Céu? Havia David lamentado e dito que Deus do Céu se pusera a olhar e considerar sobre todos os filhos de Adão a ver se havia algum que tivesse siso e entendimento pera buscar a Deus: e que vira que todos rebelavam contra Ele, todos eram corrutos e abomináveis em seus cuidados e obras: nem havia quem fizesse vertude nem escassamente um.

De maneira que, em tempo que os homens mereciam ser todos lançados no inferno, ouvindo que mandava Deus um Anjo a fazer ũa certa diligência às terras, não se podia presumir senão cousa de justiça e castigo, especialmente porque, já das outras vezes, tinha mandado Anjos à terra a fazer grande estrago e mortindade nos homens. Como foi o Anjo que, em tempo de David, matou de peste setenta mil (4); e, em tempo de Ezequias, outro Anjo cento e oitenta e cinco mil do exército de Senaqueribe, Rei dos Assírios (5).

Mas vejamos. Este embaixador, mandado por Deus, a que província e cidade é enviado? Diz o Evangelista (6) que o enviou o

(2) Luc. 1,26-38. — (3) Luc. 1,26. — (4) 2 Reg. 24,15. — (5) 4. Reg. 19,35. — (6) Luc. 1,26.

Senhor *à província de Galileia, a ũa cidade por nome Nazaré.* Graças a Deus. Algũa boa esperança podemos conceber, pois que tal messageiro não é enviado a outras cidades do mundo de que estava de posse o diabo, reinando nelas idolatria com todos outros vícios e pecados. A província de Galileia é povoada de gente fiel, que conhece a Deus. Especialmente na cidade de Nazaré, hai muitas pessoas santas e tementes a Deus. Pode ser que a algũa delas mande o Senhor algũas boas novas e recado de misericórdia.

Qual é a pessoa a que vem dirigido este angélico messageiro? Diz o S. Evangelista (7) que a *Virgem per nome Maria, novamente desposada com um homem per nome José.* Agora temos maior confiança que esta embaixada há-de ser pera algum grande bem do mundo. Porque esta Virgem parece a mais santa que há naquela terra.

Oh! saibamos já a sustância desta divina embaixada e recado! A sustância do negócio e do recado é : *Que Deus Eterno manda Seu Unigénito Filho tomar carne humana no ventre da Virgem Maria, pera que, nascido homem, converse com os homens, e lhes ensine o caminho da salvação: e, finalmente, padeça e moira por eles, e, per vertude de Seu Sangue, lhes sejam perdoados todos seus pecados, e alcancem glória e bem-aventurança pera sempre.* Quem não se maravilha? Quem não fica atónito com esta nova? Quem pode ficar em seu acordo, cotejando a grandeza da mercê com as calidades daqueles a quem se faz?

Ouvindo em espírito um Profeta este recado, dezia (8): — *Senhor, ouvi ũas novas que me fizeram temer e tremer: Considerei Vossas maravilhas, e pasmei.* E outro dezia (9): — *Quem nunca ouviu tal? Ou quem viu cousa semelhante a esta?*

S. Agostinho confessa de si que, no princípio de sua conversão, nenhũa cousa o punha em tanta admiração, como cuidar no mistério da Encarnação, nem se fartava considerar, com maravilhosa doçura, este meio que a divina sabedoria inventou pera salvação do género humano.

(7) Luc. 1,27. — (8) Cf. Hab. 3,2 e 16. — (9) Isai. 66,8.

Nenhum meio se pudera achar mais conveniente, como os santos dizem, pera firmar nossa fé, pera esforçar nossa esperança, pera inflamar nosso amor, que fazer-se Deus homem. Vem a mesma Verdade encarnada a nos ensinar os mistérios e segredos invesíveis e eternos. Quem Lhe não dará crédito? Quem poderá duvidar ou vacilar no que afirma ou promete?

E também nenhũa cousa pudera assi erguer e fortificar nossa esperança acerca da bem-aventurança que na outra vida nos é prometida, como este ajuntamento da natureza divina à humana em ũa pessoa, porque, se foi possível ajuntar-se Deus ao homem em ũa pessoa, muito mais possível é ajuntar-se Deus intelectualmente à alma do homem pera que claramente O veja.

E, sobretudo, per nenhũa via pudera Deus tanto obrigar nosso amor e inflamar nossa caridade, como em se fazer homem por nós, e, na humanidade recebida, tanto padecer por nós. Nem se pudera achar outra mais poderosa rezão pera nos persuadir a fugir de pecados e viver santa e limpamente, como foi exalçar tanto nossa natureza, ajuntando-a à sua. Quem se atreve já sujar sua alma e sua carne com pecados, considerando que é da mesma natureza com a alma e carne que Deus tomou?

Sem dúvida os pecados que se fazem despois do mistério da Encarnação, per especial rezão são mais graves que os que se cometeram antes do tal mistério: porque, em algũa maneira, enjurias a natureza humana que Deus tem, pois que é substancialmente semelhante à tua que tu sujas e contaminas com mil abominações. E, por isso, dezia o glorioso S. Leão, Papa : — *Ó cristão, lembra-te da honra e dignidade que alcançaste despois que Deus encarnou. E, pois és companheiro e parente de Deus em a natureza, não degeneres de tão alto parente, tornando às antigas vilezas e carnalidades.*

Diz mais o glorioso Evangelista que, entrado o Anjo S. Gabriel na câmara donde a Senhora estava recolhida, A saudou dizendo [10] :

---

(10) Luc. 1,28.

— *Deus te salve, cheia de graça, o Senhor é contigo, benta és tu antre as mulheres.* Alta e maravilhosa saudação! Estando o mundo em grandíssima desgraça com Deus, diz o Anjo à Senhora que estava cheia de graça diante de Deus, ou que era graciosíssima a Deus. Oh! quem achasse, ao menos, ũa mui piquenina graça diante de Deus! Mas, pera milhor dizer: Oh! se, de verdade, desejássemos achar graça diante de Deus!

Sem dúvida que, desejando-a verdadeiramente, a procuraríamos diligentemente, e, procurando-a, impossível seria não a alcançar. Se tu procurasses tanto ser aceito a Deus como procuram os homens achar graça diante dos príncipes e senhores da terra, sem dúvida não te faltaria. Uma contrita e chorosa confissão basta pera te pôr em graça com Deus. E, contudo, nem isso procuras fazer pera que a alcances!

Diz o Anjo à Senhora : — *O Senhor é contigo* (11). Oh! rico peito em que Deus está! E, ó pobre e miserável, em quem Deus não está! Atenta por ti que não se pode dar meio antre estas duas cousas: O teu coração é morada de Deus, ou dos demónios. Vê qual destes moradores escolhes. Foi feita Babilónia, diz S. João no Apocalipse (12), *morada de todo-los espíritos sujos.* Babilónia é toda a alma carnal, à qual, em lugar de, *O Senhor é contigo,* se diz: *A ira de Deus é contigo; a morte eterna e o inferno é contigo; o diabo é contigo.* Estes são os tesouros, ó pecador, que entesouras no cofre de teu coração. E assi como à Senhora disse o Anjo (13): *Benta és antre as mulheres,* assi a ti se diz: *Maldito és antre os nascidos e antre todas as creaturas, e milhor te fora nunca nascer.*

Ficou atónita e torvada a Virgem, diz o Evangelista (14), ouvida tão nova e desacostumada saudação, e tão fora da conta em que se ela tinha. E por isso estava cuidando qual seria tal saudação. O que vendo o Anjo, lhe disse (15): — *Não temas, Maria, porque alcançaste graça diante de Deus. Ex aqui conceberás em teu ventre, e parirás*

(11) Luc. 1,28. — (12) Apoc. 18,2. — (13) Luc. 1,28 — (14) Luc. 1,29. — (15) Luc. 1,30-33.

um filho e por-lhe-ás nome Jesus: o qual será filho do mui alto Deus, e reinará pera sempre sobre a família dos servos de Deus: e o Seu reino não terá fim.

A isto respondeu a Senhora ([16]): — *Como quer Deus que se faça isto, porque eu determinado tenho não conhecer homem?* Ao que lhe respondeu o Anjo: — Este negócio, não homem, mas *o Spírito Santo e a vertude do altíssimo, o há-de fazer: porque Aquele que de vós há-de nascer santo, há-de ser chamado filho de Deus* ([17]): *a quem não há cousa impossível* ([18]). *O qual também agora fez que vossa parenta, Isabel, sendo mui velha e estéril, há seis meses que é prenhe de um filho* ([19]).

A isto respondeu a Virgem com as derradeiras palavras cheias de humildade e obediência, dizendo ([20]): — *Ex aqui a serva de Deus: seja feito em mim segundo tua palavra.* Acabando a Senhora de pronunciar estas palavras de perfeita fé e humildade, logo foi celebrado em seu sagrado ventre este mistério de infinita humildade e caridade: ajuntando-se o Verbo Divino, como disse, à humanidade formada per vertude do Spírito Santo de seu puríssimo sangue.

Acabemos esta prática com aquele suspiro que um santo deu sobre este passo, dizendo: — *Ó Senhor, apraze-vos que, assi como o Verbo Divino se vestiu de carne, assi meu coração de pedra se torne de carne, se faça mole pera que o penetrem as setas de vossas inspirações. Oh! Senhor, que meu coração não é coração de carne, mas é seixo que faz saltar pera fora as setas de vossos movimentos e inspirações. Amolentai-o, Senhor, pera que me possa gloriar com Job, dizendo* ([21]): — O Senhor me amolentou o coração. *E ai do coração duro, que dele está escrito* ([22]): — Mal polo coração duro no dia do Juízo!

([16]) Luc. 1,34. — ([17]) Luc. 1,35. — ([18]) Luc. 1,37. — ([19]) Luc. 1,36. — ([20]) Luc. 1,38. — ([21]) Job. 23,16. — ([22]) Eccli. 3,27.

SERMÃO

Na festa do Nascimento de S. João Bautista

Celebramos e festejamos o nascimento do gloriosíssimo Bautista do Senhor. E, sem dúvida, não convém que passe este dia sem algũa memória de suas façanhas, de sua vida e doutrina: pois foi tal que mereceu que o Salvador do mundo dele pregasse [1]. Como se sofrerá não dizer algũa cousa em louvor daquele do qual o Senhor tão magnìficamente pregou, e tantos louvores disse? Qual foi nunca o orador ou pregador que tão gloriosamente louvasse algum de estremado em santidade e merecimentos, como o Senhor louvou S. João Bautista?

Um dia, diz S. Matheus [1], estando junta grande multidão de gente, começou o Senhor apregoar as grandezas do seu Bautista, e dizer: *Vós-outros quando,* os dias passados, saíeis de vossas casas e lugares e *vos íeis ao deserto* a ver e ouvir João Bautista, *quem vos parece que saíeis a ver?* Por ventura *algum homem semelhante a cana verde que, com qualquer vento* de favor popular ou perseguição, *se move* [2] e muda de vertude? Não é cana movidiça, não: mas firmíssima e constantíssima coluna em toda a vertude. Pois, *quem vos parece que saíeis a ver? Homem vestido de holanda e seda?* [3] Não, sem dúvida: senão de áspero cilício de cabelos de camelos. *Pois,*

---

(1) Matth. 11,7-14; Luc. 7,24-28.—(2) Matth. 11,7;—(3) Matth. 11,8.

quem saíeis a ver? Algum Profeta? Sem dúvida Eu vos afirmo que é mais que Profeta ([4]). *E mais vos digo que ele é aquele Anjo do qual está profetizado* por Malaquias que *havia de ser precursor, aparelhador do caminho do Messias* ([5]), e quase seu apousentador-mor nas terras. *Ele é o termo e remate da Lei e Profetas* ([6]). *Ele é outro Elias* que estava prometido ao mundo ([7]). *E, finalmente, antre os nascidos das mulheres, não apareceu no mundo outro maior* ([8]).

Que vos parece: Podia-se mais dizer que isto que o Senhor dele disse? Ora, pois que ele mereceu ter por coronistas os mesmos Evangelistas que escreveram a história de Deus humanado, não será necessário dele dizer outra cousa senão brevemente assomar algũas das que o Evangelho dele poem.

Todo o processo de sua vida foi milagroso e misterioso, e suas maravilhas começaram antes de nascido, estando ainda em o ventre de sua mãe. Ele mereceu ser denunciado a seu pai, Zacarias, polo mesmo Anjo S. Grabiel que anunciou a Encarnação do Filho de Deus à Virgem ([9]). O qual o Anjo disse a Zacarias que, ainda que ele e sua mulher, Isabel, já não podiam, naturalmente, gerar por serem mui velhos e ela estéril, todavia *deles nasceria um filho por nome João* ([10]), *o qual seria grande diante de Deus* ([11]), *e seu nascimento daria alegria e prazer a todos* ([12]); *e, ainda estando no ventre de sua mãe, seria cheio do Spírito Santo* ([13]). O qual foi cumprido quando a Virgem Sagrada, *tendo novamente concebido o Filho de Deus, foi visitar a mãe de S. João Bautista prenhe de seis meses* ([12]). Na qual Visitação o minino encerrado no ventre de santa Isabel foi cheio do Spírito Santo ([14]), e lhe foi dado, sobrenaturalmente, conhecer quem era aquela Senhora que vinha visitar sua mãe, e quem trazia no ventre. Polo qual *se alegrou e deu saltos de prazer no ventre de sua mãe* ([14]).

([4]) Matth. 11,9. — ([5]) Matth. 11,10; Mal. 3,1. — ([6]) Matth. 11,13. ([7]) Matth. 11,14. — ([8]) Matth. 11,11. — ([9]) Luc. 1,5-25. — ([10]) Luc. 1,13. —([11]) Luc. 1,15.—([12]) Luc. 1,14.—([13]) Luc. 1,26 e 39.—([14]) Luc. 1,41.

E porque, como digo, no ventre de sua mãe começaram suas maravilhas, começa ele hoje na Epístola (*) ([15]) desta festa apregoar de si e dizer, o que primeiro havia dito Isaias: — *Ouvi todos os moradores das ilhas e todos os povos que viveis nas regiões mui longe postas. Sabei que o Senhor do ventre de minha mãe me chamou: e, ainda encerrado em suas entranhas, se lembrou de mim: e fez minha língua semelhante a espada aguda,* pera pregoar sua vinda e doutrina da salvação, e pera livremente encrepar os vícios cortando polos carnais e pecadores, e zelando a obediência e cumprimento da vontade de Deus. E pera isto *o Senhor me esforçou e emparou com a fortaleza de Sua mão: e fez-me como seta escolhida e espedida de seu arco,* pera ferir os corações dos homens e convertê-los ao caminho da salvação.

As maravilhas que aconteceram em seu nascimento nos conta o santo Evangelho que ouvistes à missa ([16]): — *Onde se diz que, cumprindo o tempo de parir, pariu Isabel um filho. E, ouvindo os vizinhos e parentes estas novas de tão magnífica misericórdia que com ela Deus obrara, folgavam e alegravam-se com seu bem. E, passados oito dias do nascimento do menino, ajuntaram-se todos à sua Circuncisão, e queriam-lhe pôr nome Zacarias como seu pai. Ao qual contradizia sua mãe, dizendo: — Não se pode chamar senão João. E replicavam os parentes: — Como lhe quereis pôr um nome novo que não há em toda vossa geração?* E porque o pai estava mudo havia nove meses ou mais em castigo porque duvidara do que lhe o Anjo Grabiel dissera da parte de Deus, denunciando-lhe o nascimento deste filho, *per acenos perguntaram seu parecer. E, per escrito, respondeu, dizendo: — Joãne é o seu nome. E, espantados todos, o Spírito Santo logo lhe abriu sua boca, e começou de louvar a Deus. E divulgadas*

(*) Há duas missas no *Rito Bracarense*. Esta Ep. é da *Missa Maior*. (*Missale* de 1924).

([15]) Is. 49,1-3 e 5-7. — ([16]) Luc. 1,57-68.

estas novas por todas as montanhas da Judeia, todos, com grande espanto, deziam: — Quem vos perece que há-de vir a ser este moço cujo nascimento resplandece com tantas maravilhas? E seu pai, Zacarias, cheio de Spírito Santo, começou a cantar ũa suavíssima cantiga, dizendo : — *Bento seja o Senhor Deus de Israel, porque visitou e trouxe a redenção ao seu povo, etc..*

Este foi o seu nascimento. Pois que direi das maravilhas de sua mocidade? Ainda mui moço se foi pera o deserto, como se tira de S. Lucas ([17]), e ali fez vida angélica de ermitão e virgem perfeitíssimo. As covas do ermo eram suas casas. Nos jejuns e abstinências e áspero tratamento de sua carne foi tal que dele disse o Senhor que não comia nem bebia ([18]). Porque tal era o seu comer, que se podia dizer que não comia: sustentando-se sòmente de uns gafanhotos ou raízes de ervas e algum mel montesinho ([19]).

Finalmente, tão grande castigador e penitenciador foi de sua inocente e virginal carne, que o pôs o Senhor por claro exemplo e treslado de todos os penitentes e mortificadores de sua carne, dizendo ([20]): — *Des os dias de João Bautista até o presente, o reino dos Céus per força se toma: e os valentes mortificadores de sua carne o alcançam.* Qual é o pecador carnal que se não confunde e afronta de tratar mimosamente sua carne e fugir de penitência, vendo que o inocentíssimo virgem tão àsperamente tratava a sua?

Pois, da alteza de sua oração e contínua contemplação no mesmo deserto, quem poderá dignamente falar? Não nos metamos neste pego que é mui fundo. Basta saber que perseverou em o ermo até idade quase de trinta anos, fazendo em tudo vida mais angélica que humana. E, chegando à dita idade, incitado per Deus, saiu do deserto e começou de se mostrar aos homens e exercitar o ofício pera que era escolhido: como fermosamente nos conta S. Lucas, dizendo assi ([21]):

([17]) Luc. 3,2. — ([18]) Matth. 11,18; Luc. 7,33. — ([19]) Matth. 3,4. — ([20]) Matth. 11,12. — ([21]) Luc. 3,1-9.

— *Aos quinze anos do Império de Tibério César, sendo Pôncio Pilato governador de Judeia, e Herodes príncipe de Galileia, e Filipe, seu irmão, príncipe da região de Iturea e de Traconítidis, e Lisânia príncipe de Abilina; sendo Anás e Caifás Sumos Sacerdotes, disse Deus a João, filho de Zacarias, que andava no deserto, que saísse às gentes* a exercitar o ofício de precursor do Messias pera que era escolhido. Ao qual mandado, obedecendo logo, *saiu por toda a comarca do Rio Jordão, pregando penitência,* e dizendo a todos que emendassem as vidas que era chegado o Reino dos Céus; que era chegado o tempo da manifestação do Messias e Salvador do mundo, em no qual Deus havia de reinar espiritualmente nas almas dos homens, destruindo o reino da carne, do mundo, do demónio, e dezia: — *Eu sou aquela voz de que profetizou Isaías* ([22]) *que havia de bradar no deserto e dizer: Aparelhai o caminho ao Senhor: endireitai suas carreiras: sejam todos os caminhos direitos, planos e lisos, não haja altos e baixos, não haja caminhos tortos nem escabrosos:* porque chegado é o tempo de o Messias aparecer antre os homens.

E porque os caminhos que vem andar, e as moradas em que há-de pousar, são os corações dos homens, por isso não haja coração alto per soberba e presumpção, nem baixo per desconfiança e pusilanimidade, nem escabroso e áspero per ira, per braveza, per descaridade e desumanidade: mas em todos resplandeça caridade e humildade. *E vendo muitos Fariseus vir a ouvir sua pregação, e receber seu bautismo, dizia-lhes:* — *Filhos de víboras, peçonhentos como vossos pais, quem vos aconselhou que viésseis buscar remédio pera escapar da ira que cedo há-de vir sobre os incrédulos e endurecidos?* Ora nisto se verá se vos converteis de coração, *se fizerdes obras dignas de gente que professou penitência e emenda de vida,* e não vos fundeis em vãs confianças, cuidando que, *por serdes filhos de Abraão, não vos há Deus de castigar: porque vos certifico que, quando Deus*

([22]) Is. 40,3.

quiser, de pedras poderá alevantar filhos pera Abraão. Não confieis em outra cousa senão em dardes fruito de boas obras: *porque* sabei que *já o machado está levantado pera cortar todas as árvores que não fazem bom fruito, pera serem lançadas no fogo infernal.*

Irmãos, nem tenhamos as orelhas surdas à voz desta divina trombeta, porque connosco fala. Nós somos as árvores estériles, dignas de sermos mantimento do fogo eterno: pois que, despois de regadas com o sangue de Jesu Cristo, com a vertude e eficácia de Seus Sacramentos, sustentadas e amimadas com tantas doutrinas e exemplos de Santos, como tantas orações da igreja e divinas inspirações, ainda permanecemos em nossa esterilidade. E já que os desejos do fruito celestial da bem-aventurança não acabam connosco frutificar boas obras. acabe ao menos o temor do machado da morte e juízo de Deus, que tão perto está pera nos cortar e tirar deste mundo e lançar no fogo e ardores eternos.

PRÁTICA

Na Festa da Visitação de Nossa Senhora

Celebramos aquele glorioso dia quando a Virgem Sagrada, logo despois que concebeu o Filho de Deus, foi visitar santa Isabel, a qual havia seis meses que estava prenhe de S. João Bautista (1). Nesta visitação primeiramente havemos de aprender a humildade que a Senhora nos ensina. Porque, ainda que, de novo, exalçada e consagrada em Madre de Deus, não se desprezou ir visitar e servir sua parenta, santa Isabel, que já lhe ficava em lugar de serva, inteiramente cumprindo aquilo que está escrito (2): — *Quanto maior és, humilha-te em toda-las cousas, e acharás graça diante de Deus.* E isto pera confusão dos filhos deste mundo, os [quais], tanto que sobem um pouco em honra e dignidade, logo perdem o conhecimento de si e dos outros seus iguais, logo se esquecem de quem foram e se desprezam dos parentes de baixa sorte, e não enxergam senão cousas altas. Este é o fruito que trazem consigo as falsas honras deste mundo. Mas as honras, que Deus dá, e as dignidades pera que Ele chama, não incham: mas alumiam a pessoa pera se conhecer milhor, e, conhecendo-se, someter-se e humilhar-se a toda-las creaturas por amor de Deus.

E esta é a razão por que a Madre de Deus, em confirmação de sua humildade, tanto que recebeu a embaixada do Anjo Grabiel

(1) Luc. 1,26 e 39. — (2) Eccli. 3,20.

e juntamente o Filho de Deus em seu ventre, partiu logo de sua casa a exercitar este ofício de humildade, e não sòmente ela, mas também Deus, seu Filho, que em seu ventre encerrado e humanado estava, ia fazer o mesmo ofício, e dar-nos lição de humildade antes de nascido.

A Virgem ia visitar santa Isabel pera falarem em os mistérios divinos: e o Filho de Deus, escondido no ventre da Virgem, ia visitar o seu precursor, que estava escondido no ventre da mesma santa Isabel, pera que, escondidamente e espiritualmente, o benzesse e santificasse. Estava o minino João com a nódoa e mágoa do pecado original: entrou a fonte da limpeza e luz eterna coberta no ventre virginal, e alimpou e lavou a mágoa do minino, e encheu a sua alma de luz celestial.

Ó pecador, se te parece mui grande misericórdia e especial favor vir Cristo visitar e alumiar S. João: não te pareça que estás longe de receber semelhantes misericórdias da mão de Deus! A S. João veio o Senhor visitar e alimpar de todo o pecado três meses antes que nascesse: e a ti veio-te visitar e alimpar oito dias despois de nascido. Quando fostes bautizado na mininice, então foste de Deus previndo em visitação e bênção de doçura, lavando-te primeiro, per Seu Sangue, da mascarra original, que a tu pudesses conhecer.

E mais te digo, pera que conheças tua ingratidão, que, em parte, foste mais previlegiado em divinas visitações do que foi S. João: porque a ele só ũa vez o visitou o Senhor com o lume de Sua graça: o qual, ũa vez recebido, sempre conservou. E tu, muitas vezes desprezando o mesmo lume, apagando-o com pecados mortais, não te desemparou, mas tornou-te a visitar muitas vezes com misericordiosas inspirações, chamando-te e convidando-te que quisesses tornar à luz. Ai de ti que caiste em pecado mortal despois do Bautismo! Se o Senhor te não viesse buscar e visitar, em teu pecado morrerias pera sempre: porque tu a Ele não o podes visitar primeiro. O sol da justiça e bondade é aquele que primeiramente, com seus raios, vai visitar aqueles que estão em trevas de culpas e sombra da morte: porque doutra maneira nunca tornariam ao lume.

Ele é o que vai buscar seus inimigos e revéis à Sua lei, e lhe vai oferecer perdão, e rogar com ele. Bravo ia S. Paulo [3], e determinado de ofender a Deus, quando, com luz celestial, foi sùpitamente visitado. Em suas trevas estava S. Mateus [4] quando o Senhor, olhando pera ele, o alumiou interiormente. Nunca S. Pedro [5] chorara haver negado seu Mestre, se o Senhor não olhara pera ele e não o visitara primeiro interiormente.

Portanto, bradava o Profeta David [6]: — *Ó Senhor, enviai vossa luz; Deus meu, alumiai minhas trevas.* O que de ti, pecador, quere Deus, é quando te Ele vem visitar com seus raios, Lhe abras as janelas da alma, tires as aldrabas e trancas de tua dureza e O deixes entrar. E isto é o que o Senhor dezia por Isaías [7] a Jerusalém: — *Alevanta-te, Jerusalém, pera seres alumiada:* Alevanta-te de tua negligência, de tua frieza, de tua contumácia; não resistas ao lume que te quero dar; consinte ser alumiada.

Ó espantosa ingratidão e cegueira nossa, que, quando nos vem visitar esta luz, quando Deus nos chama com suas inspirações que nos convertamos a Ele, não sòmente não abrimos as janelas, mas atrancamo-nos e fazemo-nos fortes contra Ele, acumulando rezões e escusas per ainda dormir mais no estado da culpa, lançando a emenda da vida pera outro tempo! Semelhantes àqueles que, quando querem ainda mais dormir, bradam com quem lhe quer abrir as janelas ou trazer candeia, dizendo: — *Não abras essa janela, tira lá essa candeia, deixa-me dormir a meu prazer.* Assi, aos pecadores obstinados, suas trevas são os seus deleites, não podem gostar a luz do Céu.

O lume por onde encaminham seus passos e obras é o fogo dos desejos e apetites carnais. Polo qual, justamente polas trevas que amaram, serão passados às trevas eternas e, polo fogo de torpes desejos em que arderam, serão tresladados ao fogo eterno.

Tudo isto disse, irmãos, porque estemos atalaiados pera quando Deus nos visitar agradecermos e aproveitarmo-nos de Suas visitações

---

(3) Act. 9,3-4. — (4) Matth. 9,9; Marc. 2,14; Luc. 5,27. — (5) Luc. 22,61. — (6) Psal. 42,3. — (7) Is. 60,1.

como S. João Bautista ficou santificado e alumiado com a visitação do Senhor, e a santa velha Isabel ficou melhorada nos dões espirituais com a visitação da Senhora.

Agora digamos as palavras do Evangelho. Diz o glorioso Evangilista S. Lucas ([8]), que despedido o Anjo Gabriel da Virgem, ficando ela já cheia de Deus assi no ventre como na alma, *alevantou-se com presteza, e partiu pera as montanhas de Judeia a visitar santa Isabel.* Pera onde podia caminhar, diz Santo Ambrósio, a Virgem cheia de Deus, senão pera a altura dos montes? Certo sinal é de alma em que mora o Spírito Santo, sempre pretender e suspirar a maior perfeição: sempre deseja subir e crescer em vertude. Nunca diz: *Basta o que está feito.* Antes sempre diz: — *Não está feito nada, mas está ainda tudo por fazer.* No caminho de Deus, diz S. Bernardo, o não ir por diante é tornar pera trás. Por perfeito que um seja, se não deseja maior perfeição, já não é perfeito, nem menos merece dizer-se dele que aproveita: pois, não querer aproveitar, é já desfalecer. Ninguém tinha mais subido em perfeição que a Virgem Sagrada: mas, porque, contìnuamente, pera consigo ia melhorando e crecendo mais, por isso parte de sua casa e anda com presteza o caminho das montanhas em que vivia Santa Isabel, para exercitar ofício de alta humildade. *E entrando em casa de Zacarias, saudou santa Isabel. E tanto que soou nas orelhas de Isabel sua suavíssima saudação, alegrou-se sobrenaturalmente o menino, e começou de dar saltos com prazer no ventre da mãe: e juntamente alumiada* e inflamada *santa Isabel,* conhecendo a hóspeda que lhe entrava em casa, e quem era o filho que no ventre trazia, *deu um brado grande e disse: — Benta és tu antre as mulheres, e bento é o fruito de teu ventre. E donde mereci eu que a mãe de meu Senhor me viesse visitar? Ex aqui verdadeiramente que, tanto que a voz de tua saudação soou em minhas orelhas, logo o menino que no ventre trago, deu saltos com prazer. E bem-aventurada és tu*

([8]) Luc. 1,39-56.

que creste a embaixada que te o Anjo trouxe da parte de Deus: *porque toda-las cousas que per ele te foram ditas, em ti serão cumpridas.*

Vendo a sacratíssima Virgem que já os segredos que ela só sabia, eram por Deus descobertos àquela santa sua parenta, e já não havia porque encobrir, começa de cantar um suavíssimo cântico dando graças ao Senhor polas maravilhas que em ela havia obrado e disse: — *A minha alma magnifica ao Senhor,* quase dizendo: Vós, prima, louvais-me por benta antre as mulheres: e a minha alma louva ao Senhor, do Qual procedem toda-las bênçōes e merecês. As cousas maravilhosas que Deus obrou, assi no meu ventre como na minha alma, mostram quão grande é Deus.

Ainda que toda-las creaturas manifestem a glória de Deus e mostrem Sua grandeza, especialmente a alma santa é certa testemunha do poderio e misericórdia de Deus. E, por isso, diz o Profeta ([9]): — *Que Deus é maravilhoso em seus santos.*

E, assi como o Senhor é engrandecido em a alma vertuosa, cuja imagem e semelhança de Deus está reformada pola graça e dões sobrenaturais, assi, polo contrairo, em a alma viciosa, quanto em si é, é Deus abatido, porque Sua imagem está nela afeada e escurecida. Ó miserável pecador, isto devia bastar pera te confundir e fazer tornar em teu acordo! Como podes dizer estas palavras da Virgem: *Minha alma manifica o Senhor?* Com mais verdade poderá dizer: *Minha alma abate e despreza o Senhor!*

E muito menos poderás dizer o que logo a Senhora disse: — *Alegrou-se meu espírito em Deus meu Salvador.* Com mais razão poderás dizer o que o Profeta David dos tais como ti disse ([10]): — *Alegram-se quando fazem mal, e tomam muito prazer com cousas perversíssimas.* Assi tu, se quiseres confessar a verdade, dirás: — *Meu coração se alegra em cousas torpes e vãs, e não em Deus minha salvação.* Ora torna

([9]) Psal. 67,36. — ([10]) Psal.

já em teu acordo, e conhece tua insensibilidade, e, ao menos, instantemente ora e pede ao Senhor, que, assi como Ele fez que o menino S. João (o qual ainda a si mesmo não sintia) sintisse e se alegrasse com sua visitação, e no ventre da mãe desse saltos com prazer, assi faça que tu sintas as cousas de tua salvação, e te alegres com elas, e abras logo a porta ao Salvador quando te vier visitar com suas santas inspirações, pera que Ele, na hora da morte, te abra a porta da vida eterna.

SERMÃO

Em a festa da Assunção de N. Senhora

Celebramos hoje, amados irmãos, o gloriosíssimo dia quando a Rainha dos Céus passou deste desterro e foi tomar posse do mesmo Reino celestial, tirada deste malvado mundo, indigno de ter tão precioso tesouro, e tresladada a reinar sobre os Anjos, e a receber as coroas e prémios conformes a seus altos merecimentos e vertudes.

Recebe de Deus seu Filho tais glórias e honras, quais convinha tal mãe de tal Filho receber: ao qual sobre todos convinha cumprir o mandamento que dera aos homens de honrar o pai e mãe.

E ainda que a Virgem hoje, naturalmente, morreu (como também seu Filho) e foi sua santíssima alma realmente apartada da carne, e no mesmo momento bem-aventurada, todavia, logo despois foi per seu Filho ressuscitada em corpo e em alma, e assi, no corpo como na alma, glorificada e exalçada sobre todos os coros dos Anjos. A qual a santa Madre Igreja, em espírito e fé vendo subir aos Céus, canta suavíssimas cantigas, dizendo: — *Eu vi ũa fermosa como pomba, que subia de sobre os rios das águas, toda banhada e lavada* [1] em todas as águas e graças celestiais; *e de seus vestidos, scilicet,* de suas obras e vertudes exteriores, *saía um cheiro excelentíssimo* [2]; *e rodeada de lírios* [3] e rosas, *scilicet,* de toda a diversidade de Santos. Esta

(1) Cf. Cant. 5,12. — (2) Cant. 4,11. — (3) Cant. 2,2.

é a mais bela antre as filhas de Jerusalém celestial; cheia de toda a perfeição de caridade e amor; cumprida a todas as delícias espirituais; E sobe arrimada sobre seu amado; e *vai-se parecendo com a manhã clara quando se alevanta, e com o sol quando, nascendo, vai subindo até o meio dia; fermosa como a lua* [4]; *terrível* e espantosa aos espíritos malignos *como escoadrões* [5] de cavaleiros mui ordenados. E assi vai recendendo nos cheiros de todas as vertudes e merecimentos, que *se parece com a vareta de fumo que sai de pivete composto de todas as espécies aromáticas e cheirosas, e como mirra e bálsamo muito escolhidos* [6]. Em a alteza da contemplação é *semelhante a alto cedro do monte Líbano, e acipreste do monte Sião* [7]. E na conservação da perpétua verdura das vertudes, é semelhante à palma [8]. Largueza da caridade com os pecadores, parece-se com as folhas do plátano [9]. E na grossura e brandura da misericórdia com todos, é semelhante a formosa oliveira carregada de azeite [10]. E, finalmente, sua fermosura espiritual parece-se com a fermosura de toda a cidade de Jerusalém celestial [11], porque só nela concorrem todas as graças e prerrogativas espirituais que por todos os outros Santos estão repartidas.

Nela se ajuntaram todos os fervores e resplandores dos Santos contemplativos, e todas as misericórdias dos misericordiosos e ocupados em a vida activa. E esta é a razão por que a santa Madre Igreja canta na presente festa aquele Evangelho em que S. Lucas [12] conta os exercícios e ocupações daquelas duas santas irmãs, Madalena e Marta. Das quais a Madalena toda se entregava à alteza da contemplação dos mistérios e maravilhas de nosso Senhor Jesu Cristo: e Marta principalmente se ocupava em obras de misericórdia com os necessitados, antre os quais era o Senhor com Seus discípulos. A qual

---

[4] Cant. 6,9. — [5] Cant. 6,3. — [6] Cant. 3,6. — [7] Cf. Eccli. 24,17. — [8] Cf. Psal. 91,13. — [9] Cf. Eccli. 24,19. — [10] Cf. Eccli. 24,19. — [11] Cf. Judith, 15,10. — [12] Luc. 10,38-42.

história nos traz a Madre Santa Igreja nesta festa, porque entendamos que esta Senhora, que hoje se aparta de nós pera os Céus, é a mestra de todas as vertudes, e em si recolheu os merecimentos e prerrogativas de Marta e Madalena, e de todas as Santas e Santos. A letra do Evangelho diz assi [13]: — *Que entrando o Senhor, um dia, em ũa aldeia ou lugar, ũa mulher, per nome Marta, O agasalhou em sua casa. E esta mulher tinha outra irmã, per nome Maria, a qual, tanto que o Senhor entrou em casa, se foi assentar a seus pés pera ouvir suas palavras e doutrinas,* descuidada do corporal gasalhado e refeição do *Senhor* e Seus discípulos, deixando esses cuidados *a Marta, a qual, com grã diligência e fervor, ministrava todo o necessário.* E, vendo que sua irmã estava tão descansada aos pés do Senhor sem se lembrar de a vir ajudar, *veio-se ao Senhor, dizendo: — Senhor, não atentais que minha irmã me deixe só servir? Mandai-lhe que* se alevante e *me venha ajudar.* E respondeu-lhe o Senhor: — *Marta, Marta, andais mui solícita e afadigada, distraindo-vos per muitas cousas: como quer que seja verdade que só ũa cousa é necessária. Sabei certo que a ocupação e parte que escolheu vossa irmã, essa é a melhor: e nunca lhe será tirada.* Como se mais claro disssese: Ainda que esse trabalho e ocupação que vós, Marta, movida de amor e misericórdia, tomais em Me fazer de comer e agasalhar a Mim e a Meus discípulos, seja boa e santa, todavia sabei que melhor e de maior merecimento é a ocupação de vossa irmã em estar a meus pés ouvindo minha doutrina, e cuidando em meus mistérios. Aqui assentada e descansada (como vós dizeis), me serve mais que vós com toda a vossa fadiga e suor. Porque haveis de saber que ũa só cousa é necessária, que é conhecer e amar um Deus. E esta é a gema e tutano de tudo, e a isto se ordena tudo. E assi, porquanto vossa irmã aqui assentada mais perfeitamente se exercita em Meu conhecimento e amor, por tanto a sua parte é a melhor e nunca perderá esta vida que escolheu, como vós perdereis a que escolhestes. Porque, acabado este mundo, não haverá mais exercício de obras de misericórdia, pois não haverá

(13) Luc. ibid.

misérias a que socorrer. Mas, porém, a contemplação e divinos amores em que se vossa irmã exercita, perpètuamente durarão, porque neste mundo se começam, e despois da morte se perfeicionam, alcançando sua perfeição.

É trazida, como disse, esta história na presente festa, porque entendamos que a Virgem Sagrada foi estremada em ambas as vidas e ocupações, assi de Marta como de Maria. E escolheu as partes de ambas, que é melhor que cada ũa per si. Boa parte escolheu Marta em servir e acudir às necessidades corporais do Filho de Deus. Melhor parte escolheu Madalena em se dar ao repouso da contemplação da divindade e mistérios do Filho de Deus. Mas muito melhor parte escolheu a santa Madre de Deus, lançando mão de ambas as vidas e santas ocupações. Ela melhor que Marta e que nenhũa outra creatura serviu e socorreu às necessidades corporais de seu Filho, não sòmente na meninice, mas em todo o processo de Sua vida, especialmente até a idade de trinta anos quando se manifestou ao mundo. E muito mais altamente que a Madalena se ocupava contìnuamente em ferventíssima contemplação da Divindade de seu Filho e Seus segredos : os quais todos, como diz S. Lucas [14], Ela conservava em sua memória, e meditava neles de dia e de noite. E, ainda que ocupada nas mais excelentes obras de vida activa que podia ser, não se tornava por isso, nem distraia, como Marta, da alteza e pureza de sua contemplação.

Todo o dito serve, não sòmente pera declarar as excelências da Virgem Sagrada, mas também pera ensino de nossa salvação. Aprendemos daqui que, se nos queremos salvar, é necessário que lancemos mão de ũa destas vidas e ocupações, ou de ambas. Ou, ao menos, de ser activos, ou contemplativos: ou ambas estas cousas.

[14] Luc. 2,19.

Vida activa é empregar-se ũa pessoa no exercício das obras de misericórdia, assi corporais como espirituais, socorrendo ao que padece fome ou sede; vestindo o nu; curando ou servindo os doentes; repreendendo os pecadores; ensinando e aconselhando os ignorantes; consolando os tristes e as outras mais.

Mas, antes que haja misericórdia dos outros, convém que primeiro haja misericórdia de si mesmo, emendando sua vida, e curando as chagas de sua alma, e quebrantando e mortificando as más inclinações e desejos de sua carne. Porque grande desordem é haver dó dos males e misérias alheias, e não das de sua própria alma; socorrer às misérias alheias pequenas, e não às suas grandíssimas, quais são os vícios e pecados. Polo qual os verdadeiros misericordiosos primeiro acodem aos males e doenças de sua alma, e despois abrem suas entranhas pera aproveitar e ajudar os outros espiritualmente e corporalmente.

E, por isso, no primeiro Psalmo ([15]), são comparados à árvore frutuosa, a qual não guarda as maçãs pera si, mas toda se despende em proveito e consolação dos homens. Estes com rezão se podem chamar coadjutores de Deus na conservação do mundo. Aos quais correm todos os necessitados como a um geral socorro, como correm as aves pera descansar em os ramos das árvores e os moradores dos montes pera as Cidades insignes e abastadas, a buscar provisão em suas necessidades.

A vida contemplativa é daqueles que, ainda que no coração retenham o amor do próximo em grande perfeição, porém cessam regularmente dos cuidados e obras exteriores, e, recolhidos consigo sós, gastam a vida em consideração e contemplação das cousas eternas, ardendo contìnuamente em saudades e amores divinos; não tendo na terra mais que o corpo, com os pensamentos e desejos totalmente conversando na Pátria celestial; sofrendo com fastio e pena o pre-

([15]) Psal. 1,3.

sente desterro e dilação da morte; desejando já verem-se desatados da pesada carne de seu corpo, e verem o seu amado Cristo Jesu; e viver e conversar antre aqueles que já não ofendem, nem podem ofender.

Estes perfeitos filhos de Deus já neste mundo começam sua bem-aventurança, ocupando-se em considerar e amar, em conhecer e arder, obras que nunca lhe serão tiradas, como o Senhor disse a Marta. Ai da pobreza do mundo! quão poucos tem destes ricos moradores! E muito mais ai por aqueles que nem são activos nem contemplativos, não resplandecendo neles nem amor de Deus nem do próximo; não se ocupando nem em gozar de Deus, nem em aproveitar aos próximos. Os quais compara o Apóstolo S. Judas Tadeu ([16]) *a árvore sem fruito, e a nuvem sem água.* Homens que em balde receberam suas almas: nem devotos a Deus, nem proveitosos aos próximos; nem são Martas nem Madalenas. Em cuja oficina não se acha nem lume de contemplação, nem óleo de misericórdia.

Ora, pois não há mais que estes dous caminhos que levem à Cidade Celestial pera onde a santa Madre de Deus hoje foi treslada-dada, esforcemo-nos e empreendamos algum deles, ou andemos um pouco por cada um deles, ora cuidando nos mistérios de nossa salvação e na glória que esperamos, ora ajudando e aproveitando a nossos próximos. Que bem pouco sentimos desta festa, se os desejos de vir ao lugar pera onde a Senhora hoje passou não nos obrigam e convencem assi o fazer.

Finalmente, parece que, insensìvelmente, passa por esta festa todo aquele que nela se não confessou. Porque justo é que neste dia lavemos as mágoas e mascarras de nossa alma, pois ninguém com mascarra ou nódoa poderá entrar em o lugar pera onde a Senhora passou, e todos confessamos e desejamos ir após ela pera perpètuamente morar em sua companhia.

([16]) Judae, 12.

SERMÃO

Em a festa do Nascimento de N. Senhora

Celebramos hoje aquele glorioso dia quando a Virgem Sagrada entrou neste mundo, naturalmente nascendo de sua mãe Santa Ana. Dia verdadeiramente esclarecido. Em o qual, aos que moravam em trevas, primeiramente apareceu a Estrela da alva claramente prometendo que não tardaria muito o nascimento do Sol da Justiça, Cristo Nosso Senhor. E, por isso, é dobrada a alegria deste dia, assi por vermos a Estrela da alva nascida, como pola certa esperança do verdadeiro sol que após ela vem nescendo de seu sagrado ventre virginal. E por isto a Santa Madre Igreja, em as cantigas que neste dia canta, em ũa dela convoca todos os fiéis, dizendo : — *Concorrei com a grande alegria, ó fiéis cristãos,* a ver o divino lume que neste dia aparece: porque hoje nasce aquela Estrela do Mar que há-de parir o sol da justiça. *Quem é esta,* diz Salomão [1], *que sai como manhã clara?* Comparando com muita rezão o nascimento da Senhora ao nascimento da clara manhã. E isto por duas cousas que tem a luz da manhã.

A primeira é que a luz da manhã, des que começa a romper, sempre vai crescendo e se vai perfeicionando, assi em resplandor como em fervor, té ser luz de meio-dia, claríssima e ferventíssima: assi

(1) Cant. 6,9.

a Virgem Sagrada, desde o dia em que nasceu até o dia que foi tresladada e exalçada sobre os coros dos Anjos, sempre foi crescendo em claridade e perfeição espiritual, em resplandores do conhecimento de Deus, e em fervores de seu amor, té que chegou ao ponto e resplandor e fervor meridiano. O que se cumpriu quando, no dia de seu passamento, lhe foi dada claríssima vista de Deus, e perfeitíssimo gozo sobre todas as puras criaturas.

A segunda cousa que tem a luz da manhã, é ser cabo e termo das trevas da noite. Assi, nascendo a Virgem Esclarecida, começou dar cabo à noite de todo tempo passado, que foi desno pecado de Adão té seu nascimento. E com muita rezão se chama todo aquele tempo noite, pois que nem o sol nem a estrela de alva eram nascidos, e assi, polas mui espessas trevas de errores e vícios em que o mundo estava, não sòmente a gentilidade, mas também o povo dos Judeus per Deus escolhido, no qual havia muitos e grandes pecadores e cegos idólatras.

Dos quais não careceu ainda a linha da linagem e avoengo da mesma Virgem hoje nascida, assi como nos conta S. Mateus no Evangelho da presente festa ([2]), onde, referindo os Patriarcas, Reis e Duques de que a Senhora procedeu, antre eles põem muitos e graves pecadores que em suas vidas não foram outra cousa senão ũas noites ou nuvens mui escuras. Ainda que antre eles não faltarão alguns Santos que, como estrelas, em algũa maneira, com sua vida e doutrina, alumiavam a noite de seus tempos.

Estrelas foram na noite dos erros e vícios os três Patriarcas, Abraão, Isaac e Jacob, e assi os Reis David, Ezequias e Josias. Os quais, como estrelas da noite, antre tantos pecadores resplandeciam e alumiavam os seus escuros tempos.

E assi era verdade. E assi o afirma o Apóstolo S. Paulo ([3]), que os verdadeiros servos de Deus são, neste mundo, como estrelas que, antre os pecadores como antre névoas, resplandecem. E não há cidade nem lugar onde Deus não tenha algũas destas estrelas, cujos mereci-

([2]) Matth. 1,1-16. — ([3]) Phil. 2,15.

mentos e orações alumiam e conservam o mundo, ainda que muitas vezes não são conhecidas dos carnais e filhos deste mundo, porque não curam vender sua santidade, antes escondem em seu peito a glória de sua luz, dizendo com o Profeta ([4]): — *O meu segredo pera mim, o meu segredo pera mim.* E contudo, em suas obras e palavras, não pode deixar de tresluzir o lume de sua alma, ainda que os cegos mundanos não fazem caso disso.

Ó mal-aventurado de ti, pecador! De que serves neste mundo? Não serves de outra cousa senão de ser ũa nuvem negra e escura, que vive para escurecer a luz do conhecimento de Deus, e vida evangélica. Maldita é a cidade, vila ou aldeia em que vives, quanto é de tua parte, pois que nela, com tua vida, com tuas obras e palavras, não fazes outra cousa senão impedir que não apareça aos homens a luz da vida e doutrina de Cristo.

És um treslado nas terras de vida carnal e infernal.

Provocas a teus vezinhos que andem em trevas como tu, e, finalmente, contigo caiam nas trevas eternas. Oh! cegueira, oh! ingratidão dos cristãos carnais, que, despois de nascida a manhã, que é a Santa Madre de Deus, e despois de nascido dela o Sol, que é Jesu Cristo Nosso Salvador, despois que lançou os raios de Seus mistérios, de Sua vida e doutrina, ainda não querem ser alumiados, ainda suspiram pola noite e trevas passadas, ainda pera eles nem o sol nem a manhã são nascidos! Porque ainda vivem daquela maneira que viviam os antigos pecadores antes que a Sagrada Virgem e seu Filho fossem nascidos!

Ora sus! irmãos, se sois devotos do nascimento da Virgem esclarecida, acabe-se já a noite da vida carnal, e tornai nesta festa a nascer com ela em filhos da graça e luz eterna.

Ela nasceu santa, porque primeiro foi santificada que nascida (*). Nós-outros todos nascemos pecadores, e nas trevas do pecado original

---

([4]) Is. 24,16.

(*) Pelo Dogma da Imaculada Conceição, sabemos agora que Nossa Senhora não foi só *santificada,* mas *isenta* da mancha original.

que herdamos do primeiro pecador, Adão. Mas o verdadeiro Sol, nosso Senhor Jesu Cristo, nos chamou à Sua luz e conhecimento, e, em nossa meninice, antes que pudéssemos conhecer e agradecer tão grande benefício, alumiou nossa alma a sagrada água do Bautismo, nela lavando as mágoas e nódoas em que nascemos, e, juntamente, aclarando nosso entendimento com fé, e nossa vontade com caridade, e, assi, enchendo as potências de nossa alma dos raios e resplandores de todas as vertudes per vertude do Bautismo em nós infundidas. De maneira que, escuros e filhos da morte eterna nos mergulham em a sagrada fonte bautismal, e dela saímos claros e resplandecentes, novamente nascidos em filhos de Deus, e herdeiros do Reino dos Céus.

Mas ai de nossa ingratidão e perversidade! Quando chegamos à idade de uso de rezão, em a qual convinha agradecer as riquezas que em nossa meninice, sem o saber, nos foram dadas, e procurar de as acrescentar e melhorar, vivendo vertuosa e santamente, não sòmente as não melhoramos, mas as perdemos, desobedecendo a Deus, caindo em pecado mortal, perdendo a nobreza e alteza de nascimento espiritual, tornando a ficar filhos da ira de Deus, e herdeiros do inferno, com muito maiores penas do que merecíamos quando nascemos.

Mas, ainda que tais, indignos de todo perdão por tão grande ingratidão, não nos desempara a divina piedade; mas ainda nos deixou remédios per que tornássemos a recobrar o perdido, deixando-nos composta e ordenada a sagrada mezinha de confissão, e aquele divino bocado do Santíssimo Sacramento do Corpo e Sangue do Senhor, per cuja vertude é restaurada em nós a graça que no Bautismo nos foi dada. Tornamos a nascer em filhos de Deus, e recuperamos o dereito da herança celestial.

Ora sus, todos os a que acusar a consciência de algum pecado mortal, o maior serviço que podemos fazer à Virgem, neste dia de Seu esclarecido nascimento, é procurarmos nascer com ela: confessando-nos e comungando, e, assi, recobrando a claridade da graça, pera que merçamos a claridade da glória.

SERMÃO

Em a festa de Todos os Santos

Esta soleníssima festa de Todos os Santos, que hoje celebramos, por muitas rezões deve ser de nós com mui especial devação e fervor venerada.

Primeiramente porque celebramos pera satisfazer e suprir as negligências e faltas que na celebração de cada festa em especial, polo discurso do ano, cometemos. Pois que cousa mais desarrezoada pode ser que friamente e indevotamente honrar aquela festa que foi ordenada pera recompensar as negligências e friezas cometidas nas outras festas, e alcançar perdão delas?

Mais, justa cousa é que com toda a diligência e devoção junta festejemos o dia em que todos os Santos se ajuntam. Se a festa da Santa Trindade per si deve ser devotamente celebrada, e assi as festas de Nossa Senhora, dos Apóstolos, dos Mártires, dos Confessores, e das Virgens, quanto mais esta em que todas as sobreditas concorrem?

Pera o qual haveis de saber, irmãos, que, querendo a Santa Madre Igreja dedicar este dia e solenidade a toda a cidade e corte celestial, levantada em espírito e vendo-a toda com lume de fé, descorrendo por todos os seus estados, faz particular estação a cada sorte e preeminência de Santos, fazendo-lhes suas devidas reverências, dizendo a cada

estado seus louvores, e cantando a cada um sua espiritual cantiga, como no ofício das Matinas (*) se manifesta. E porque o criador e santificador de todos os Santos é Deus Todo Poderoso, Padre, e Filho, e Spírito Santo, princípio e fim de todas as cousas, portanto com muita rezão Lhe dá o primeiro lugar nesta festa, e Lhe oferece a primeira cantiga, dizendo assi: *Demos glória e louvor à Santíssima Trindade, Um só Deus, Padre, e Filho, e Spírito Santo, que é ũa divindade, ũa eterna majestade que rege e governa todo o mundo: ela nos dê Sua graça sem a qual não podemos alcançar santificação nem salvação.*

Depois que desta maneira adorou a Deus eterno, se passa a louvar a santa Madre de Deus e Rainha dos Anjos, à qual, de juro, estava devida a segunda estação, e lhe oferece ũa tal cantiga, dizendo: — *Bem-aventurada és, sagrada Virgem Maria, e digníssima de todo louvor, porquanto de ti nasceu o Sol da justiça, Cristo nosso Deus. Roga neste dia polo povo, polo estado ecclesiástico, polo devoto género das mulheres. Sintam todos tua ajuda os que neste dia celebram tua solenidade.*

A terceira estação faz a santa Madre Igreja aos Anjos, e, juntando com eles sua vós, diz: — *Louvamos-te, Senhor, juntamente com todos os coros dos Anjos, os quais nunca cessam de Te louvar e glorificar, bradando:* Santo, Santo, Santo Senhor, Deus dos exércitos de todas as creaturas: cheios estão os Céus e Terra de tua glória e manifestação de tua bondade.

Despois dos Anjos, faz a quarta estação ao grande Bautista do Senhor, oferecendo-lhe aqueles grandíssimos louvores que o Filho de Deus dele dissera [1]: — *Este é o maior antre os nascidos das mulheres:* homem enviado por Deus ao mundo: o qual, em o ermo, Lhe aparelhou o caminho: cujo nome era João.

Após o Bautista do Senhor, se passa ao coro dos Apóstolos, e os louva, referindo as maravilhosas obras e façanhas que fizeram, rodeando, alumeando, e convertendo todo mundo. *Quem são estes,*

(*) Nos Responsórios.

[1] Matth. 11,11.

diz, *que voaram por todo o mundo como nuvens cheias de águas de sabedoria celestial, todos claros e resplandecentes, todos inflamados e ardentes em divino amor?*

Após os Apóstolos, a sexta estação se faz ao coro dos Mártires, os quais, com derramamento de seu sangue, testemunharam e assinaram a verdade da fé católica. E, por isso, lhes apresentam aquela cantiga de seus triunfos: — *Estes são aqueles que vieram do mundo passando por grandes tribulações, e lavaram suas vestiduras, e as fizeram alvas em o sangue do Cordeiro de Deus, Redentor do mundo.*

A séptima estação se faz à bem-aventurada companhia dos Confessores, os quais, ainda que não passaram desta vida per cutelo de tiranos, porém toda sua vida foi um contino martírio, porquanto todo seu cuidado foi pelejar contra os inimigos da alma, mortificando e martirizando sua carne, ardendo contìnuamente em desejos e esperanças de ver a Deus. E, por isso, lhe cantamos hoje aquela suave cantiga: — *Estes são aqueles servos leais e diligentes que toda sua vida velaram e estiveram alerta, esperando por seu Senhor quando havia de tornar das bodas celestiais a recebê-los na hora de sua morte, e, por isso, sempre estiveram apercebidos e com tochas na mão de viva e ardente fé.*

A última estação se faz à esclarecida companhia das sagradas Virgens, as quais, neste mundo, enjeitaram e desprezaram esposos terreais, e escolheram o Esposo celestial, só a Ele se ajuntando e entregando per alteza de contemplação, e pureza de santos e ardentes amores. E, por isso, lhe canta a Santa Madre Igreja aquela doce cantiga: — *Estas são aquelas virgens sapientíssimas que neste mundo contìnuamente vigiaram, e tiveram suas lâmpadas acesas, de cada vez mais esclarecendo e ardendo em caridade do seu Esposo celestial por quem aguardavam.*

Esta é a suma do ofício deste dia. E, por isso, não se sofre, irmãos, que tragamos hoje os corações baixos e arrastados pola terra, mas, com todo o afeito, subamos espiritualmente àquela cidade, e an-

demos todas estas estações, visitando todos os coros dos Anjos e Santos, excitando e espertando em nós saudades e desejos de ir pera sua companhia, dizendo com todo coração, com Agostinho: — Ó pátria e cidade nossa celestial, pátria segura e bem-aventurada, de longe te vemos, deste vale de lágrimas te saudamos, suspirando se algũa hora te veremos. Navegamos neste perigoso e amargoso mar, contìnuamente rodeados de infinitos perigos e tentações. Polo qual, a cousa, que nos mais aflige, é a incerteza que temos se escaparemos e chegaremos a teu bem-aventurado porto da salvação eterna. E, contudo, muita consolação nos dá a esperança que temos de chegar a ti. Polo qual devotamente, com o Profeta David, cantamos aquela suavíssima cantiga, dizendo ([2]): — Grandemente *me alegrei com as cousas que me disseram, e com as novas e esperanças que me deram, que caminhávamos e íamos pera a casa de Deus,* pera a santa cidade de Jerusalém celestial. Ó bem-aventurada cidade! Já com os pés de nossos desejos e afeitos estamos em ti! Tu só és digna de ser chamada cidade, porque em ti só há unidade e concórdia de cidadãos, porque toda estás cheia de Deus, toda transformada em aquele que é a verdadeira paz e caridade.

A ti já subiram grandes exércitos de Santos pera em ti perpètuamente descansarem e louvarem o Senhor. E estes são os exércitos de que te fala S. João Evangelista na Epístola que ouvistes à missa ([3]), onde diz que lhe foi, em visão, mostrado grande número de santos e bem-aventurados, assi das doze Tribos de Israel como de todas as nações do povo gentílico. Mas saibamos qual é a escada por onde subiram a esta celestial Cidade todos os que lá estão.

Esta escada nos presenta a santa Madre Igreja no Evangelho que ouvistes à Missa, no qual nos conta S. Mateus ([4]) como o Senhor, logo como começou de se manifestar ao mundo, depois que escolheu seus discípulos, subiu com eles a um monte, e ali lhes pôs e ergueu

([2]) Psal. 121,1. — ([3]) Apoc. 7,2-12. — ([4]) Matth. 5,1-12.

aquela escada pela qual, assi eles como todos os verdadeiros cristãos, haviam de subir ao monte celestial. Em a qual bem-aventurada escada pôs nove degraus, assi como são nove as ordens dos Anjos, às quais os Santos, passando desta vida, são ajuntados e incorporados.

Os nove degraus são estes: pobreza voluntária, mansidão, vida chorosa e acompanhada com lágrimas, fome e sede de perfeição espiritual e santidade, misericórdia, limpeza de coração, diligência em reformar a paz e tirar discórdias, padecer perseguição pola vertude, ser perseguido, desonrado, e injuriado pola fé e confissão de Nosso Senhor Jesu Cristo. Todos estes degraus chama o Senhor bem-aventuranças, chamando bem-aventurados os que sobem por eles, não sòmente porque levam seus subidores à verdadeira e eterna bem-aventurança, mas porque, já aqui, neste mundo, começam ser bem-aventurados os que por eles sobem, porquanto, subindo, andam livres da servidão e cativeiro dos vícios e pecados, das paixões carnais, e afeições terreais, e das mordeduras de sua consciência, gozando da bem-aventurada liberdade de filhos de Deus.

De maneira que, se, na terra, pode haver algũa bem-aventurança, não é outra senão aquela de que gozam aqueles que sobem estes degraus. Em os quais isto devemos muito considerar e maravilharmo-nos da divina bondade, que naquelas cousas constituiu a bem-aventurança que se pode ter neste mundo, e o merecimento da bem-aventurança eterna, as quais todos podem alcançar e ter, se quiserem.

Quero dizer, que, se a bem-aventurança na terra consistira em saber muita ciência, em fermosura, em saúde, em fortaleza, em poderio, em riquezas ou honras, manifesto é que não puderam todos ser bem-aventurados, por quanto não podem todos alcançar estas cousas. Mas, porém, pobreza voluntária, mansidão, limpeza de coração, grande desejo de vertude e santidade, paciência nas perseguições e tribulações, e assi as mais bem-aventuranças que tenho ditas, estão propostas a todos os estados e diferenças de homens, e não as deixam de ter senão os que as enjeitam, não querendo fazer o que em si é pera as alcançar com ajuda da divina graça. Quero-vos dizer brevemente ũa palavra sobre cada um destes degraus.

Pobreza voluntária não é outra cousa senão um desprezo de toda a riqueza. De maneira que, ainda que o homem seja rico, todavia não tem o coração pegado e gurdado com sua fazenda, mas livre e solto. E isto nasce de ter posto seu coração e afeição em outras riquezas maiores, *scilicet,* nas espirituais e celestiais. E, por isso, diz o Senhor: — *Bem-aventurados os pobres de espírito* (5), *scilicet,* de vontade espiritual movida ao desprezo das riquezas terreais polo amor que tem às espirituais e eternas.

E neste primeiro degrau é muito pera considerar quão contrária é a divina sabedoria à mundana. Os homens mundanos chamam míseros e mal-aventurados aos pobres e necessitados; e a divina sabedoria dá o primeiro lugar antre os bem-aventurados aos amadores da pobreza e necessidades, e lhes promete os tesouros e glórias do Reino celestial, dizendo: — *Bem-aventurados os pobres de espírito, porque seu é o Reino dos Céus.*

O segundo degrau é mansidão. E diz o Senhor: — *Bem-aventurados os mansos, porque eles possuirão a terra* (6). E chama mansos àqueles que se não deixam vencer de sanha, ira, ou qualquer perturbação e tristeza vã, mas são senhores de si mesmos. E, ainda que, algũas vezes, sejam dos maus injuriados e mal tratados, não perdem por isso a quietação e repouso de seu coração, nem perdem a suavidade e afabilidade com os que os injuriam, mas, vencendo com bem o mal, tão brandos e proveitosos se mostram a seus injuriadores, como estavam antes que fossem injuriados. E porque neste mundo foram possuidores de si mesmos, não se deixando senhorear dos ímpetos e furores de sua carne, promete-lhe o Senhor que possuirão a firme terra da herança celestial.

(5) Matth. 5,3. — (6) Matth. 5,4.

O terceiro degrau é dos chorosos. E diz o Senhor: — *Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados* (7). Que quer dizer: Bem-aventurados são aqueles que dedicam e gastam a vida em lágrimas, assi polos seus pecados como polos alheios; bem-aventurados aqueles que não passam como insensíveis polos males que contìnuamente vêem com os olhos, vendo tantos pecados própios e alheios, tantas tentações e perigos, considerando o desterro em que vivemos alongados do Pai e Pátria celestial, com incerteza se algũa hora viremos a Ele. E, porque estes santamente choram e se entristecem, por isso, com muita rezão, lhes são prometidas as consolações eternas.

O quarto degrau é ardente fome e sede de crescer em bondade e santidade, dizendo o Senhor: — *Bem-aventurados os que andam famintos e sequiosos de justiça* (8), *scilicet,* de serem justos e perfeitos, nada se fartando do que já têm alcançado, antes, por muito santos que sejam, têm pera si, movidos de profunda humildade, que pouco ou nada têm medrado no caminho das vertudes e perfeição. E, por isso, de cada vez mais cresce neles a sede e fome de aproveitamento espiritual. E porque, neste mundo, nunca perderam esta bem-aventurada fome e sede, com rezão lhes promete o Senhor que, na outra vida, serão totalmente perfeicionados e fartos.

O quinto degrau é os misericordiosos, os quais não sòmente procuram ser bons em si pera si, mas ainda estão cheios de entranhas de misericórdia pera todos os próximos, compadecendo-se cordialmente de suas necessidades espirituais e corporais, socorrendo-lhes com toda a sua possibilidade. E, por isso, lhes promete o Senhor que alcançarão perpétua misericórdia diante de Deus, dizendo: — *Bem-aventurados os misericordiosos porque eles alcançarão misericórdia* (9).

---

(7) Matth. 5,5. — (8) Matth. 5,6. — (9) Matth. 5,7.

Após este se segue o alto degrau da limpeza de coração, no qual subirão aqueles que, depois de alcançarem limpeza nas obras e nas palavras, com o divino favor põem toda a diligência possível pera chegarem à limpeza dos desejos e afeitos, quanto possível é nesta presente peregrinação, *scilicet,* não se deixando senhorear de algũa afeição carnal ou terreal. E, por isso, lhes é prometido *que verão claramente a fonte da limpeza que é Deus* (10).

E, por quanto estes limpos de coração gozam de ũa maravilhosa paz interior, e também, quanto é de sua parte, perfeitamente conservam paz com todos os homens, assi amigos como inimigos, daqui procede que nasce neles um ardente zelo de fazer paz antre os próximos, procurando de concertar e concordar com todos os desavindos e diferentes. E, por tanto, o séptimo degrau é dos pacíficos, dos quais diz o Senhor: — *Bem-aventurados os pacíficos ou negoceadores de paz, porque eles serão chamados filhos de Deus* (11), que é Deus de paz e amor.

Os dous derradeiros degraus desta celestial escada são dos que padecem perseguições por amor de Deus (12). E com muita rezão se põem estes no cabo, porquanto necessário é que todos os vertuosos, que constantemente sobem esta escada, tenham contra si muitos perseguidores e escarnecedores de seus caminhos e obras; os quais convém pacientemente e alegremente sofrer. E, por tanto, estes últimos degraus pertencem à tolerância e paciência de quaisquer perseguições e tribulações que contra nós se levantam, ou seja pola fé e confissão do Nosso Senhor Jesu Cristo, ou seja pola constância em qualquer outra vertude.

(10) Matth. 5,8. — (11) Matth. 5,9. — (12) Matth. 5,10-11.

Ora sus, irmãos, esta é aquela santa escada pola qual subiram ao Céu todos os Santos de quem hoje fazemos memória, e todos os mais que lá hão-de subir té o fim do mundo. Quem por esta não sobe, necessàriamente desce pela maldita e infernal escada dos vícios e pecados que leva ao fogo eterno, do qual Deus, por Sua misericórdia, nos livre.

SERMÃO

Em a festa da Conceição de N. Senhora

A festa do presente dia, ao menos, portanto, merece celebrada solenemente com todo o alvoroço e alegria, porque é a primeira festa da religião cristã. As primeiras boas novas que se podiam dar ao mundo e as primeira alvíçaras que se podiam pedir ao género humano, eram dizer-se-lhe: — *Sabei certo que já é concebida aquela Bem-aventurada Virgem da qual Deus tem determinado tomar carne humana e nascer pera vossa salvação.* E, por tanto, esta é a primeira festa que a Santa Madre Igreja celebra; e, após esta, se seguem todas as outras, assi do Senhor como da Senhora e de todos os outros Santos.

E nela somos obrigados dar ferventíssimas graças a Deus, pois hoje começa a reformação e alumiamento do mundo. Hoje é posta no mundo a primeira pedra pera o edifício da nossa salvação, pois que é concebida aquela santa e virginal carne, da qual Deus há-de tomar carne pera a redenção e salvação do mundo.

Cousa maravilhosa é que se houvesse no mundo de celebrar e festejar o dia da conceição de ũa creatura humana, sendo dia sobre o qual grandes Santos choraram, prantearam, e alcançaram grandes maldições. O primeiro dos quais foi Job, que começou a maldizer o dia em que nascera, e a noite em que fora concebido,

dizendo assi [1]: — *Pereça o dia em que nasci e a noite em que fui concebido. Aquele dia houvera de ser muito escuro, nem o devera o sol alumiar. A noite em que eu fui concebido houvera de ser escuríssima, tempestuosíssima, e triste; não houvera de aparecer nela estrela, nem houvera de ver a luz da manhã, pois não fechou as portas do ventre que me concebeu. Ó porque não morri no ventre de minha mãe? Ou, nascendo, porque não pereci logo? Pera que me tomavam sobre os giolhos? Porque me deram de mamar?*

O mesmo fez o santo Profeta Jeremias [2].

Fizeram estes Santos este pranto em sua pessoa e de todos os filhos de Adão, herdeiros da lepra do pecado original em que são concebidos e nascem, considerados os tristes juros da sua conceição e nascimento, que são nascerem todos filhos da ira de Deus, herdeiros da morte eterna e inferno, se a misericórdia de Deus e sangue do Redentor lhes não valer e os fizer ser de novo concebidos e nascidos em filhos de Deus e herdeiros do Céu. E, porque todos nascem incertos de sua salvação, não sabendo se hão-de escapar das tentações e perigos deste mundo, e onde hão-de ir parar, portanto com muita rezão se pranteia o concebimento e nascimento de todos os pecadores.

Mas o concebimento e nascimento da Virgem Sagrada não entra neste conto. É dia de festa e de alegria, e não de pranto, por quanto, como foi concebida, foi logo santificada (*), e cheia de toda a graça, ornada de todos os dões espirituais, concebida não sòmente pera glória de sua pessoa, pera vir ser Rainha dos Anjos, mas também pera glória de todo mundo, pera reparação e salvação do género humano. E, por isso, digno é o presente dia ser celebrado com toda a solenidade e prazer, pois nele se edifica o templo de Deus, e o paço em que há-de morar o Rei da glória.

E porque havia de morar nesta virginal casa não sòmente em alma, mas também na carne, portanto hoje não sòmente foi sua alma cheia de todas as graças e dotes espirituais, mas também sua carne

---

[1] Cf. Job, 3,3-12. — [2] Jer. 20,14-18.

(*) Ver nota na pág. 315.

livre e limpa de toda a má inclinação e rebelião contra o espírito. O qual milagroso privilégio a nenhum outro santo nascido de homem e mulher foi dado. Porque, dado caso que no Bautismo sejam todos lavados de toda a mágoa e pecado, porém não são livrados da rebelião e contradição que a carne tem contra o espírito.

Verdade é que a graça alcançada polo Bautismo e polos outros sacramentos, em algũa maneira mitiga e quebra a fúria das más inclinações e apetites da carne; mas não os arranca de todo, porque assi o ordenou o Senhor pera que tivesse o espírito com quem pelejar, e, vencendo, alcançasse coroa.

E assi esta é a principal peleja que está proposta a todos os cavaleiros cristãos, em a qual Deus prova todos, em a qual se conhecem quais são os valentes e quais os fracos, e em a qual se esmeraram e assinalaram todos os Santos, e, portanto, foram Santos. Todos se queixavam da perpetuidade e continuação desta guerra. Mas, porém, não cansavam de guerrear. Até o santíssimo Apóstolo Paulo bradava e dizia: — *Ó desventurado de mim homem! Quem me já livrasse deste corpo mortal* (3) e malvado, em o qual não há cousa boa! *Vejo nele ũa inclinação que repugna à inclinação de meu espírito, que me tem cativo* (4) e dele (em que me pez) saltam como faíscas uns *súbitos movimentos e apetitos contra aquilo que em minha alma está firmamente assentado* (5). Mas, porém, consola ele a si mesmo e a todos os valentes cavaleiros cristãos, dizendo que não temam serem condenados por estas rebeliões e más inclinações que em sua carne sintem, se não consintem nelas (6), antes confiem que, quanto a guerra for mais brava, tanto a vitória será digna de maior coroa.

De maneira, irmãos, que a principal empresa pera que somos chamados debaixo da capitania de Jesu Cristo, é pera fazermos guerra perpétua e contínua a nós mesmos. Pera a qual a primeira

(3) Rom. 7,24. — (4) Rom. 7,23. — (5) Cf. Rom. 7,15-22. — (6) Cf. Rom. 7,25.

cousa necessária é que nos conheçamos a nós, e entendamos nossa compostura, não lhe parecendo a ninguém que é só, mas sabendo certo que dentro em si traz dois inimigos mortais de que é composto. Um deles é um espírito imortal e belo como os Anjos, feito à imagem e semelhança de Deus, inclinado às cousas espirituais e eternas; outro é ũa carne bestial e brutal, cheia de torpíssimas e vilíssimas inclinações e desejos. Finalmente em seus pensamentos e apetitos semelhante à carne dos cavalos e das bestas. E, sendo tal, os filhos deste mundo principalmente empregam seus cuidados em a amimar e recrear, fazendo-lhe a vontade, não querendo entender a traça de Deus, que lhe deu sua carne, não por amiga com quem tivesse paz e bem tratasse, mas por inimiga com quem pelejasse e a quem castigasse.

Ai de ti, carnal, que, recreando tua carne, esforças e fortificas teu inimigo contra ti! Ó cego, trazendo em tua carne, des no ventre de tua mãe, ũa faísca de fogo pestilencial, e sendo-te mandado que ponhas todos os teus cuidados e diligências em a apagar, ou ao menos refrear pera que te não queime a alma, e te não lance em o fogo eterno, tu, polo contrairo, em vez de a apagar e resfrear, a hás tanto assoprado, e lhe hás lançado tanto azeite e alcatrão, comprindo com seus maus desejos, e relaxando-te em todas as vaidades e deleitações carnais, que de ũa faísca tens feito ũa grande fogueira e todo andas ardendo em desordenados ímpetos e viciosos desejos, ora de luxúria, ora de gula, ora de ira, ora de inveja, ora de cobiça, ora de ódios, ora de amores torpes. De maneira que padeces ũa febre contínua que tem assada tua alma e entranhas.

E o pior é que és como tísico que já não sinte a febre, que contìnuamente traz, por lhe ser já como natural. Assi tu, ardendo contìnuamente em vários apetitos de todas as vaidades e deleites, não sintes tua infernal febre, nem choras sobre teus ardores, nem curas de bradar ao Céu e pedir àquela fonte de bondade e misericórdia, que lance sobre ti algũas gotas de água de sua graça que refriem teus torpes fervores, e fiques capaz de receber ũa faísca de fogo de Seu amor que destrua o fogo de amor própio que em ti acendeste.

Ora, irmãos, neste dia de bem-aventurados concebimento da Virgem, chora cada um os males em que foi concebido e nascido, e despois, vivendo, acrescentou, e diga cada um por si: — *Ó miserável de mim, que, além dos males em que minha mãe me concebeu e pariu, toda a vida gastei em acrescentar e me sujar de outros maiores! Todo o meu cuidado foi acrescentar a rebelião de minha carne, dobrar as forças de meu inimigo, e enfraquecer as do meu espírito.*

Polo qual, sendo quase chegado às portas da morte eterna e do inferno, todavia vivo tão seguro, como, bebo e durmo tão descansado, como que já tivesse passado o dia da morte, e houvesse escapado do dia do Juízo e dos tormentos do Inferno. Assi rio e jogo, e me dou a todo o prazer que posso, como que já estivesse no Céu reinando com Cristo.

Enquanto faço, penso, e falo, ajunto matéria conveniente pera se queimar no fogo do outro mundo. As faltas que repreendo nos outros, não me afronto cometê-las. Sou esforçado pera fazer injúrias, e fraco pera as sofrer. Sou temerário em julgar, soberbo em falar, molesto aos vizinhos, ingrato aos benefícios. Nem sou doce pera o próximo, nem devoto pera Deus.

Não procuro aparelhar e quietar meu coração pera que Deus nele repouse. Antes, com o contino arruído de distraimentos e tumulto de pensamentos vãos, não permito que ele ache repouso em mim.

Ai! de mim, que sem causa vivi té o presente: e afronto-me porque assi vivi: e mais quisera não ser, que ser tal. Era bom pola graça de Deus, que recebi no Bautismo, e de minha própia vontade me fiz mau. E justo é que sempre seja mísero, pois que de minha vontade me fiz mísero.

E o pior que é, que, sofrendo-me e esperando-me a misericórdia de Deus té o presente dia, ainda não torno inteiramente em meu acordo, nem cuido a grandeza do benefício que é dar-me Deus tempo de penitência, e quantos há que agora, nesta hora, estão no verdadeiro artigo da morte, aos quais, se o Senhor desse esta mesma hora pera fazer penitência, nenhũa cousa deixariam de fazer pera alcançar perdão de seus pecados. Nem cuido quantas almas estão

agora no inferno, sem esperança de salvação, que cometeram menos e menores pecados do que eu tenho cometido té presente dia.

Digamos estas palavras, não com a boca, mas com o coração, pera que, conhecendo que a vida passada toda foi perdida, ao menos ganhemos e aproveitemos este pedaço que nos fica e não percamos a vida eterna.

Hoje entrou a Virgem neste mundo, hoje foi criada sua santa alma, e, criada, logo foi santificada (*), e logo começou a viver pera Deus, e, até o dia de sua Assunção e Coroação, nunca se desviou do celestial caminho, nunca pecou. Nós que em pecado fomos concebidos e nascidos, e, além disso, muitas vezes, por nossa vontade, nos temos desviado do caminho do Céu, ao menos neste dia tornemos em nosso acordo, tomemos o caminho nas mãos, cumpramos os divinos Mandamentos, pera que, acabada nossa jornada, mereçamos ir reinar com a Virgem Sagrada.

Na festa da comemoração da Anunciação de Nossa Senhora, que vem a oito dias ante Natal, se leia o mesmo Sermão que atrás fica escrito em a mesma festa da Anunciação, que vem em Março.

Embora o autor não afirme aqui expressamente a doutrina da Imaculada Conceição como se veio a defenir, por escrever o Catecismo para doutrinar o povo só de doutrina certa num tempo em que o Dogma não estava defenido, encontrámos nas suas *Annotationes* à Suma de S. Tomás rigorosamente explicada e afirmada a possibilidade desta doutrina.

(In *Annotationes in I-II D. Th. Q. 83).*

(*) Ver nota na pág. 315.

PRÁTICAS

Nas festas dos Santos Apóstolos, a qual se há-de fazer em qualquer festa deles, ora se celebre de um, ora de dous

Celebramos hoje a festa dos príncipes dos Santos e principais mestres do mundo. Nenhũa cousa parece mais devida em todo rigor de justiça que pregarmos daqueles que, por nossa salvação, per todo mundo pregaram. E assás bem pouco fazemos, vivendo em paz e em descanso, pregar daqueles que, com sumos trabalhos e perigos até sobre isso morrerem, nos ensinaram.

São Paulo, contando a vida que ele e os outros Apóstolos passavam polo mundo, exercitando o ofício da pregação, dezia : — *Até presente hora, padecemos muita fome e sede, andamos nus* [1]; *trabalhamos por nossas mãos o que havemos de comer* [2]; *continuamente andamos de um lugar pera outro, afrontados e esbofeteados* [3]; *dizemos bem a quem nos maldiz, somos perseguidos e sofremos, somos blasfemados, e rogamos a Deus por quem de nós blasfema. Finalmente somos reputados por fezes e rebotalho de todo mundo* [4].

Estas são as rendas que tinham por nos pregar e ensinar. Mas, assi como eram os mais injuriados e desprezados do mundo, assi diante de Deus eram e são os mais exalçados e estimados. Dos quais canta

(1) 1 Cor. 4,11. — (2) 1 Cor. 4,12. — (3) 1 Cor. 4,11. — (4) 1 Cor. 4,12-13.

a Igreja: — *Estes são aqueles varões santos, os quais o Senhor escolheu em caridade não fingida* (5), *e deu-lhes glória eterna* (6); *com a doutrina dos quais resplandece a Igreja como a lua com a claridade que do sol recebe. Estes são os verdadeiros triunfadores e amigos de Deus* (7). *Estes são os que passaram per grandes tribulações, e lavaram suas vestiduras no Sangue do Cordeiro de Deus* (8). *Estes são os que o Senhor, pessoalmente, no rosto, disse:* — Vós sois luz do mundo. *Vós sois cidade edificada sobre alto monte, que se não pode esconder* (9). Vós sois tocha acesa posta no *alto castiçal pera que alumieis a todos os que estão na casa de Deus,* e, por isso, *assi resplandeça a luz da vossa vida e doutrina diante dos homens, que, vendo as vossas obras boas, dêem glória ao vosso Padre que nos Céus está* (10).

Estes são aquelas nuvens prenhes de água de doutrina celestial: os quais vendo Isaías em espírito, espantado, dezia; — *Quem são estes que voam como nuvens* (11), correndo, e chovendo: lançando em todas as partes do mundo água de sabedoria e salvação? E nisso tão determinados e constantes até antes derramarem seu sangue, que deixarem de derramar a doutrina celestial.

Sobre isso S. Pedro, despois de regadas e alumiadas muitas partes do mundo, veio ser crucificado em Roma. S. Paulo, despois de encher o mundo com sua pregação, na mesma cidade foi degolado. Santo André, em Acaia, foi crucificado. Sant'Iago Maior, despois de ter alumiada a Espanha, tornando a Jerusalém, per mandado de Herodes lhe foi cortada a cabeça. S. João, seu irmão, ainda que em paz passou desta vida, todavia grandes tribulações passou pola pregação do Evangelho, até, em Roma, por mandado de Domiciano, Imperador, ser metido em ũa caldeira de azeite fervente, mas divinamente livrado. S. Filipe, em Frígia, apedrejado e crucificado. Sant'Iago Menor, em Jerusalém, do pináculo do Templo precepitado,

---

(5) 2 Cor. 6,6. — (6) 1 Petr. 5,4. — Cf. Eccli. 31,9-10. — (7) Resp. V de *Matinas* do Comum dos Apóstolos. — (8) Apoc. 7,14. — (9) Matth. 5,14. — (10) Matth. 5,15-16. — (11) Is. 60,8.

e, depois, apedrejado, e a cabeça esmiuçada. S. Bartolameu, na Índia, açoutado e esfolado vivo. S. Mateus, em Etiópia, alanceado. S. Tomé, em outra Índia, despois de queimado com láminas de ferro ardentes e lançado em um forno, finalmente, passado com lanças. S. Matias, em Judeia, apedrejado e descabeçado. S. Simão e Judas, em Pérsia, em um templo de ídolos, foram polos infiéis martirizados. S. Barnabé, em Salamina queimado. S. Marcos, em Alexandria, atada ũa corda ao pescoço, foi arrastado pola cidade até espirar. Assi acabaram estes messageiros enviados per Deus.

Estes são os verdadeiros mestres da vida, que, por nos dar vida, morreram, por nos ensinar a viver, perderam sua vida. Com muita rezão, diz S. Bernardo, lhe chamamos mestres da vida, pois nos ensinaram a saber viver, e ter vida. Não nos ensinaram as vertudes das ervas ou das pedras, nem os cursos dos planetas, nem as propriedades dos animais, mas ensinaram-nos a viver.

Grande cousa é saber viver. Não sabe viver o pecador. Não tem vida o carnal, antes sua vida é destruição da vida. Dizem os filhos deste mundo, que boa vida é tratar um homem bem seu corpo, e não padecer trabalhos ou tribulações. Mas, como diz o mesmo santo, os mintirosos a si mesmo mentem. Boa vida, diz ele, não é outra cousa senão, neste mundo, muitos bens fazer e muitos males com paciência padecer, e nisto té a morte perseverar e permanecer. Isto é verdadeiramente levar boa vida, pois que é o direito caminho que leva a sempre viver: porque não se deve chamar viver, senão àquele que alcança sempre viver. E o que, vivendo, caminha pera a morte eterna, já se deve julgar por morto antes que a ela chegue.

Quando levam um ladrão à forca, quem julgará por vida o espaço que lhe dão da cadeia té à forca? Claro está que aquelas horas não se podem chamar horas de vida. Assi quem, carnalmente vivendo, contìnuamente caminha pera a morte eterna e fogo infernal, não se pode dizer que tem vida, senão dos cegos e sandeus que não sabem que cousa é vida, os quais, em seus pecados vivendo, tanto siso

têm quanto teria um malfeitor que, levando-o pera a forca, fosse cantando e bailando.

Ora, pois, irmãos, ouçamos com muita atenção e devação a doutrina dos santos Apóstolos, pois nos ensinam cousa tão necessária como é saber viver. E quero-vos aqui assomar algũas principais palavras suas que nos deixaram escritas, pera que aprendêssemos a viver.

Primeiramente o príncipe dos Apóstolos, S. Pedro, na sua primeira Epístola canónica, nos ensina, dizendo: — *Que,* se queremos viver, *sejamos filhos da obediência, e deixemos já os desejos passados da nossa ignorância: e, pois somos discípulos do santo, nos santifiquemos em toda nossa conversação* (12), *lembrando-nos que não somos comprados e resgatados per ouro nem por prata do cativeiro de nossas carnalidades e vaidades, senão polo Sangue do Cordeiro sem mágoa, Jesu Cristo* (13). E que também nos lembre *que somos neste mundo estrangeiros e peregrinos,* e, por isso, como passageiros que caminham pera sua terra, que é a Pátria celestial, *não nos embaracemos nos desejos e obras da carne, que contìnuamente guerream contra nós* (14); mas, resistindo-lhe fortemente, prossigamos nosso caminho té chegar *à herança incorruptível* (15) que nos está guardada nos Céus; apercebendo-nos juntamente *pera várias tribulações e tentações,* que nunca faltam neste caminho, *polas quais nossa fé é examinada e provada como ouro no fogo* (16).

O outro principal mestre da vida, o Apóstolo S. Paulo, antre muitas regras de vida que nos dá, nos diz: — Conhecei, irmãos, todos os que sois bautizados, *que não é outra cousa ser bautizado, senão ser morto quanto à vida velha e carnal, e ficar obrigado começar vida nova espiritual* (17). Porquanto, quando nos bautizamos e *metem debaixo da água, ali, per vertude do sangue de Cristo, que obra naquela água, ficam mortos e apagados todos os nossos pecados. E, quando nos levantam fora da água, ressurgimos com Cristo em*

(12) 1 Petr. 1,14-15. — (13) 1 Petr. 1,18-19, — (14) 1 Petr. 2,11. — (15) 1 Petr. 1,4. — (16) 1 Petr. 1,6-7. — (17) Cf. Rom. 6,3.

filhos de Deus e novas creaturas ([18]). E, por isso, ficamos obrigados a *viver e obrar como convém a filhos de Deus* ([19]) e homens celestiais: *e fazer que, assi como, no tempo passado, os membros de nosso corpo eram instrumentos que serviam à maldade e à sujidade, assi convém que agora sejam instrumentos que sirvam à justiça e santidade* ([20]).

Porque haveis de saber *que os que segundo a carne vivem, em nenhũa maneira podem aprazer a Deus* ([21]): porque *a sabedoria da carne é inimiga a Deus* ([22]). E, por isso, *fugi de viver segundo a carne*: porque, *se segundo a carne viverdes, prepètuamente morrereis. Mas, se, polo vigor do espírito, mortificardes os afectos e feitos da carne, vivereis* ([23]).

E, por isso, *não vos conformeis com este mundo; reformai-vos dentro em vós, e procurai de conhecer qual é a vontade de Deus, e como Lhe mais podereis comprazer* ([24]): exercitando-vos em todas as obras santas, segundo a graça e ministério que Deus a cada um deu ([25]); *amando uns aos outros sem fingimento* ([26]); *exercitando as obras de misericórdia com alegria* ([27]); *solícitos e ferventes no espírito em todo serviço de Deus* ([28]); *persistindo em oração com muita instância, pacientes nas tribulações, alegres com a esperança da coroa* ([29]); bendizendo a quem vos maldiz e persegue ([30]); *e a ninguém dando mal por mal* ([31]), *nem vos vingando* ([32]). Antes, se *padece fome vosso inimigo, dai-lhe de comer; e, se há sede, dai-lhe de beber* ([33]). *Alegrai-vos com os que se alegram: chorai com os que choram* ([34]).

Finalmente, *pois que a noite é já passada, e já apareceu o sol da justiça, Jesu Cristo Nosso Senhor, despidamos de nós todas as obras de trevas; e, pois andamos em dia claro, vistamos vestiduras,*

---

(18) Cf. Rom. 6,4.—(19) Rom. 6,11.—(20) Rom. 6,19.—(21) Rom. 8,8.—(22) Rom. 8,7. — (23) Rom. 8,12-13. — (24) Rom. 12,2. — (25) Cf. Rom. 12,6-8. — (26) Rom. 12,9. — (27) Rom. 12,8. — (28) Rom. 12,11. — (29) Rom. 12,12 (citado em ordem inversa). — (30) Rom. 12,14. — (31) Rom. 12,17. — (32) Cf. Rom. 12,19.—(33) Rom. 12,20.—(34) Rom. 12,15.

que são as vertudes limpas e claras: não gastando a vida em demasiado comer e beber; não em tropezas e desonestidades; não em invejas e diferenças; mas vesti-vos dos costumes de Nosso Senhor Jesu Cristo, e não ponhais vosso cuidado em satisfazer aos desejos de vossa carne (35).

Mas dai-vos por mortos quanto à carne, e sòmente vivos quanto a Deus, não vivamos pera nós, senão pera Deus. Porque justo é que Àquele entreguemos toda nossa vida, e em Seu serviço a empreguemos, o Qual se não morrera, nós não pudéramos ter vida (36).

Todas aquelas palavras são daquela trombeta de vida, o Apóstolo S. Paulo.

Digamos também, sobre o mesmo ponto, algũas palavras da outra divina trombeta, S. João Evangelista. O qual, na sua primeira Epístola, nos ensina a conhecer se vivemos ou se andamos mortos diante de Deus, dizendo: — *Quem não ama, não tem vida* (37). A vida da alma, é amor de Deus e do próximo. E, por isso, *quem não ama, dai-o por morto* (37).

Deus é caridade, e, por isso, quem permanece em caridade, permanece em Deus, e Deus nele (38).

E este amor, se está na alma ou não, nas obras se conhece. *E se algum disser que conhece e ama a Deus, e não cumpre seus mandamentos, é mintiroso* (39): porque a prova do amor é não ofender o amado.

E assi quem tem ódio a seu próximo, em trevas está, e em trevas anda (40) *e é homicida* (41). *E, se disser que ama a Deus, minte* (42). *E o que ama o seu próximo, vive e anda em lume* (43); *e nós-outros nisto conhecemos que estamos tresladados da morte à vida, porque amamos os próximos* (44).

---

(35) Rom. 13,12-14. — (36) Cf. Rom. 14,7-8. — (37) 1 Joan. 3,14. (38) 1 Joan. 4,16. — (39) 1 Joan. 2,4. — (40) 1 Joan. 2,11. — (41) 1 Joan. 3,15. — (42) 1 Joan. 4,20. — (43) 1 Joan. 2,10. — (44) 1 Joan. 3,14.

Mas *o verdadeiro amor do próximo não consiste na língua e palavras amorosas, senão em as obras* ([45]). E, por isso, *se algum tem dos bens deste mundo, e, vendo o seu próximo padecer necessidade, cerra suas entranhas e não lhe acode, este tal não tem amor a Deus* ([46]).

Filhos, diz, *não queirais amar o mundo, nem as cousas que nele há* ([47]): porque *o mundo cedo há-de passar e acabar com todas as suas cobiças e desejos* ([48]): que são ou desejos de deleites, ou de honra, ou de riqueza: porque todos estes apetitos não procedem do Padre celestial, mas da carne e do mundo.

E, porque não se engane nenhum, cuidando que, por sintir em si que está firme na fé católica, e querer tudo aquilo que crê a Santa Madre Igreja, que, por isso, tem vida espiritual, desengana-o o Apóstolo Sant'Iago em sua Epístola ([49]), afirmando-lhe que está morto, dizendo que, assi como o corpo sem alma está morto, assi a fé sem obras é morta, e nenhũa cousa aproveita pera alcançar a vida eterna.

Ora sus, irmãos, pois todos confessamos e nos prezamos de discípulos dos Apóstolos e filhos da fé e Igreja Católica e Apostólica, procuremos sermos filhos nas obras e costumes, como somos na fé e conhecimento: e assim mereceremos ir pera a sua companhia.

([45]) 1 Joan. 3,18. — ([46]) 1 Joan. 3,17. — ([47]) 1 Joan. 2,15. — ([48]) 1 Joan. 2,17. — ([49]) Iac. 2,14-26.

Fim da Doutrina Cristã
e Práticas Spirituais

Alguns avisos gerais para Reitores e Curas

Grande miséria e cegueira é, e raiz de muitos males, não entenderem os Reitores parroquiais os grandes encarregos e obrigações de seu ofício, parecendo a alguns que não é mais seu ofício que dizer missa nos domingos e festas de guarda, e ministrar os sacramentos a seus fregueses quando a Igreja manda: não entendendo que estão postos em suas parróquias como especuladores e atalaias que estão velando e guardando que Deus não seja ofendido em suas freguesias; e, despois que o é, estão como médicos em enfermarias e espritais de doentes, pera acudir com toda-las mezinhas e remédios possíveis, com que as almas sejam curadas e restituidas à saúde espiritual.

De maneira que o próprio ofício dos ditos Reitores é obviar aos pecados, que se não façam, e, despois de feitos, poer todo-los meios pera que sejam curados e emendados, amoestando, repreendendo, rogando, ameaçando. E, pera que isto millhor se entenda, determinei poer aqui, brevemente, alguns avisos.

Primeiramente convém que o médico e cura more e resida antre suas ovelhas, no lugar que for mais cómodo pera ser fàcilmente achado delas. E isto polas necessidades e casos repentinos que cada dia acontecem, como são súpitas e perigosas doenças, em as quais, se tarda

o Cura, quando chega, tem já o doente perdida a fala, ou está fora do seu juízo.

E, sobretudo, tragam os Reitores das parróquias diante dos olhos o Decreto do Sagrado Concílio Tridentino, em o qual se determina e declara que está em pecado mortal o Reitor que não faz residência pessoal em sua igreja. E também se determina que o que não reside pessoalmente não vence os fruitos, *pro rata,* do tempo que não reside. Nem os pode com boa consciência levar e reter, ainda que, sobre isso, não haja nova condenação ou decreração do Prelado, antes é obrigado restitui-los aos pobres ou fábricas da Igreja em que não residiu.

O *segundo* aviso é que, porquanto o Cura tem particular obrigação de conhecer especialmente e nomeadamente suas ovelhas e fregueses, portanto convém que tenha um livro em o qual tenha escrito toda-las casas da sua parróquia e quem vive em cada ũa, pondo os nomes do marido e mulher (se são casados), dos filhos, dos criados, e escravos, e a ordem de viver que cada um tem, que ofício, que fama. E, finalmente, escrevendo no livro todas as mais circunstâncias que necessárias lhe parecem pera bem fazer seu ofício. As quais fàcilmente poderá saber, ou dos vizinhos, ou na Coresma, quando se vêm a confessar.

O *terceiro* aviso é a vigia que há-de ter sobre as casas de sua freguesia em que Deus é ofendido, como são: onde vivem amancebados, e onde vivem estrangeiros que estão com título de casados, não o sendo; casas de jogo, tavernas, onde se joga; estalagens onde entram más mulheres e se cometem outros delitos; e, finalmente, vele sobre toda-las outras culpas que se cometem na sua freguesia.

O *quarto* aviso é a obrigação que tem de amoestar e repreender, em espírito de lenidade e mansidão, os sobreditos e quaisquer outros pecadores que lhe vierem à notícia, e vendo que, com suas palavras e repreensões, muitas vezes repetidas, não aproveita, denuncie ao Bispo ou seu Vigário semelhantes pessoas, pera que eles também com elas façam seu ofício.

E, acontecendo que alguns amancebados se passam a outra paróquia, procure saber pera onde, pera que disso dê aviso ao Prelado, ou ao outro Cura.

O *quinto* é avisar diligentemente seus fregueses sobre o cuidado que hão-de ter de suas famílias, no castigo e na doutrina, e sobre os fazer receber os santos Sacramentos em os tempos dividos, e assi cumprir os outros mandamentos da santa Madre Igreja. E especialmente tenha vigilância sobre vida e costumes dos mestres que ensinam os moços.

O *sexto* é ter grande solicitidão e superintendência nas obras de misericórdia, assi espirituais como corporais, *scilicet,* pacificando e reconciliando os que estão em ódio, aconselhando os que têm necessidade, procurando de amansar e tirar de seu mau propósito os que determinam matar, ou espancar, ou per qualquer outra via se vingar; e, assi, consolando os tristes e afligidos.

E, quanto às obras de misericórdia corporais, é obrigado vigiar sobre os espirituais, e ver se estão os pobres bem providos, e avise o Prelado do que for necessário.

Vigie sobre os presos, assi pera os confessar como pera saber das suas necessidades, e se etão presos por dívidas.

Os moços órfãos procure pôr com amo. Visite os envergonhados, e dê ao Prelado em rol os muito necessitados a quem ele nem per si, nem pedindo na freguesia, pode socorrer.

E, finalmente, procure pera seus fregueses tudo o que tiverem necessidade do Bispo, assi pera a alma como pera o corpo.

O *sétimo* é que tenha lembrança de avisar em geral os pregadores que vêm pregar à sua freguesia das cousas em que Deus mais se ofende nela, pera que saibam contra que vícios hão-de enderençar sua pregação. E porque hái muitas Igrejas, especialmente nos montes, em as quais não há outros pregadores senão Curas, lembre-se que em as tais a eles especialmente incumbe o ministério da palavra de Deus, o qual hão-de exercitar o melhor que puderem e entenderem, ensinando a doutrina cristã da maneira que acima está dito, fazendo práticas doutrinais e espirituais, cujo fito seja exortar às vertudes e a temor de Deus, e retraer dos pecados, convidando com os prémios eternos e ameaçando com as penas eternas.

Porque, além dos sobreditos encarregos que aos Reitores parroquiais competem, há outro mais principal e assi também mais dificultoso, e perigoso, que é dignamente ministrar o Sacramento da Penitência e santa Confissão; por isso, sumàriamente, porei aqui algũas lembranças gerais que os confessores diante dos olhos hão-de trazer.

A *primeira* é, que, quando algum penitente vem a seus pés, despois de feito o sinal da cruz e dita a confissão geral, se não tem conhecimento dele de outras confissões, antes de entrar em o auto de confissão procure de saber o estado e modo de sua vida, e isto pera que o espida logo se vir que não está capaz de absolvição, ou seja por estar obstinado em algum pecado mortal (*scilicet:* porque não quer deixar algũa conversação desonesta, ou porque não quer restituir fazendo ou fama, ou qualquer outro), ou seja por estar embaraçado em algũa excomunhão ou caso reservado ao superior. E convém fazer esta diligência antes da confissão, porque se não queixe o peni-

tente, dizendo: — *Pera que me ouvistes toda a minha confissão se me não podes absolver?*

Isto feito, a *segunda* diligência é saber do penitente se pôs algum cuidado e fez algũa mediana diligência em examinar sua consciência e trazer seus pecados à memória. E isto porque, achando que alguns sem exame se vieram aos pés do confessor, os despida pera que vão cuidar em seus pecados, excepto quando, provàvelmente, lhe parecesse que eram tão fracos que nunca mais tornariam, e juntamente lhe parecesse que, com lhe fazer diligente e larga pregunta de todos os pecados, bastaria pera lhos trazer à memória e se fazer confissão inteira; porém desta exceição use as menos vezes que for possível.

A *terceira* cousa que há-de fazer o confessor é, por todas-las vias que puder, provocar o penitente a conhecimento e arrependimento de seus pecados: mostrando-lhe quão abominável cousa é ofender a Deus, desprezar Sua Lei e mandamentos, estimar mais um deleite, um pouco de interesse ou honra mundana, que a graça e amizade com Deus e Seu reino e glória.

E, sobretudo, trabalhe de o incitar a contrição e dor fundada em amor, e não sòmente em puro medo das penas do inferno, de maneira que lhe pese dos pecados porque ofendeu a quem tanto devera de amar, e não sòmente por medo dos tormentos que estão aparelhados pera os pecadores.

A *quarta* diligência é, quando o penitente for rudo ou ignorante, ensiná-lo como há-de começar sua confissão, acusando-se, no princípio, de não vir àquele sacramento tão contrito e arrependido como convinha, não trazer sua consciência tão diligentemente examinada como devera, nem haver cumprido as penitências das confissões passadas com tanta inteireza e fervor como era justo.

Feitas estas quatro diligências, mande ao penitente que ele per si comece a dizer seus pecados: e deixe-o dizer assi como ele puder e souber, sem o interromper ou per qualquer maneira torvar, contanto que, das cousas de que se vai acusando, procure reter na memória aquelas sobre as quais convém, despois, tratar com ele, como são: casos de restituição, e outros quaisquer casos intrincados e embaraçados, e assi pecados perseverados, etc.. Mas, contudo, se arreceasse muito que, despois, não lhe lembraria, seria necessário falar-lhe logo e concruir no remédio necessário.

Despois que o penitente diz tudo quanto lhe vem à memória, a *sexta* diligência é suprir o confessor naquilo em que ele podia faltar, fazendo-lhe as perguntas que lhe parecerem necessárias e conformes a seu estado. E, porque também o confessor poderá ter fraca memória, proveitoso remédio é ter na mão, escondido, quaderninho em que estejam brevemente escritas toda-las preguntas necessárias pera que delas pudesse escolher as que lhe parecessem a propósito pera o estado e qualidades do penitente.

A *última* lembrança é sobre o que há-de mandar fazer, e a penitência medicinal que há-de impor ao penitente. E, pera que isto faça com a devida prudência, trabalhe diligentemente de alcançar quais foram as ocasiões polas quais caiu, pera lhas mandar tirar, como são: entrar em casas perigosas, conversar más companhias, e conservar amizades prejudiciais, etc.. Por isso, procure que a penitência seja contrária ao pecado: como é o jejum e castigo da carne contrário à gula e luxúria; e esmola contra a avareza; e a oração e frequência das Igrejas contra a acídia e fastio das cousas espirituais. Lembrando-se juntamente aqui que ao púbrico pecador, por mui arrependido que venha, não lhe há-de dar o Santíssimo Sacramento antes que mostre pública emenda, e tire o escândalo que dele havia.

E, finalmente, se lembre o pastor parroquial, a quem tão frequentemente incumbe ministrar os divinos sacramentos a seus fregueses, quão resguardado e limpo há-de andar em sua consciência, pois certa verdade é que peca mortalmente ministrando qualquer sacramento em pecado mortal, e tantas vezes peca mortalmente quantas vezes

o faz, *scilicet,* se está em pecado mortal, quantas crianças baptiza, quantas pessoas confessa, quantas comunga, quantos enfermos unge, quantos casamentos celebra, tantos pecados mortais comete.

LAVS DEO.

ACOBOU-SE DE EMPRIMIR O PRESENTE CATECISMO NA CIDADE DE BRAGA, EM CASA DE ANTÓNIO DE MARIS, EMPRESSOR DO SENHOR ARCEBISPO. AOS iiij DE NOVEMBRO. 1564.

1. FONTES BÍBLICAS (*)

ANTIGO TESTAMENTO

(*) Reconhecemos e até anotámos a deficiência de indicação de algumas fontes. — Em caso de dúvida entre a citação no texto e neste índice, prevalece o índice. Mesmo para o uso das citações anotadas no texto, aconselhamos prévio confronto com este índice.

PROVÉRBIOS

ECLESIASTES

CANTICOS

NOVO TESTAMENTO

MATEUS

MARCOS

ACTOS DOS APÓSTOLOS

AOS ROMANOS

I AOS CORÍNTIOS

II AOS CORÍNTIOS

I DE S. JOÃO

S. JUDAS

APOCALIPSE

2. ÍNDICE DE MATÉRIAS

3. BREVE VOCABULÁRIO

Aborrecimento, detestação
acêrca de, em
a.har-se, existir
acinte, propositadamente
aciprestes, ciprestes
acrecentar, acrescentar
adúbio, *adubo*
afermosentar, aformosentar
afloxar, afrouxar
agardecer, agradecer
agardecimento, agradecimento
aguar, estragar o paladar
aguardar, adiar
aguardecer, agradecer
aguardecimento, agradecimento
algûa, alguma
alicece, alicerce
alienados, alheados
antre, entre
até gora, até agora
avogados, advogados
avorrecer, aborrecer

Bailhos, bailes
bautismo, baptismo,
bautista, baptista,
bautizar, baptizar
benções, bênçãos
bento, bendito
benzer, abençoar
Bernaldo, Bernardo
Bezebub, Belzebú
bòfé, à boa fé, em verdade
bota, embota

Calidade, qualidade
çarração, cerração
cárrega, carga ou peso
cedo, de pressa
concruir, concluir
confeição, confecção
contino, contínuo
contrairo, contrário
coresma, quaresma
craramente, claramente
crecer, crescer

Danado, condenado
dantes, antes
decer, descer
decrarar, declarar
decreração, declaração
des, desde
desna, *desno*, desde a, desde o
desagardecido, desagradecido
desalivado,
despois, depois
devação, devoção
dões, dons
donde, onde

Efecto, efeito
ensanha, ira
escoadrões, esquadrões
escodrinhar, esquadrinhar
escoldrinhador, esquadrinhador
escoldrinhar, esquadrinhar
escudrinhador, esquadrinhador
escudrinhar, esquadrinhar
esprementar, experimentar
espritais, hospitais
estámago, estómago
estê, esteja,
estemos, estejamos

estériles, estéreis
estrologias, astrologias
ex aqui, eis aqui
exceição, excepção

Fermoso, formoso
fermusura, formusura
festivais, festivas
formento, fermento
freimas, impaciência
fruita, fruta
fruito, fruto

Giolho, joelho
graveza, gravidade

Herdade, herança
homem, alguém, aquele
humor, húmus

I, ide
inda, ainda
indinação, indignação
indinos, indignos

Joãne, João
Jesu, Jesus
juro, direito

Leterado, letrado
liança, aliança
loba, pequena capa
luita, luta

Manifica, magnifica
maiormente, mormente
merçamos, mereçamos
messageiro, mensageiro
moira, morra
mortindade, mortandade

Naça, nasça
nenhũa, nenhuma
nós-outros, nós
nuez, nudez

Padre, pai
paralácticos, paralíticos
parco, estádio, campo de jogos
parróquia, paróquia,
parroquial, paroquial
pera, para
perfeicionada, aperfeiçoada
perfeicionam, aperfeiçoam
perfia, porfia
perfiosamente, à porfia
piadoso, piedoso
poer, por
pola, polo, pela, pelo
prea, presa
púbrico, público

Quaderninho, caderninho
quoresma, quaresma

Reção, ração
reitórica, retórica
retraer, retrair
rezão, razão
rezoado, arrazoado

Sabroso, saboroso
simpres, simples
solicitidã, solicitude
somana, semana
someter-se, submeter-se
Spírito, Espírito
súpito, súbito

Távoas, tábuas
té, até
Tiberias, Tiberíedes
todo-los, todos os
tredor, traidor

Ũa, uma

Valeroso, valoroso
verão, primavera
véspora, véspera
visives, visíveis

4. ÍNDICE GERAL